DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

Governo Regional dos Açores toma posse esta tarde

. Em cerimónia a realizar esta tarde, às 18 horas locais, no Palácio da Conceição, em Ponta Delgada, o general Galvão de Figueiredo confere posse ao Governo Regional dos Açores, presidido pelo dr. João Bosco Mota Amaral, que foi deputado da A. N. P. por aquele território e antes do 25 de Abril era apontado como um prestigioso discípulo de Marcelo Caetano.

Nos termos dos números 4 e 5 do Artigo 233.º da Constituição, Mota Amaral formou o elenco ministerial do seguinte modo: subsecretário-adjunto à Presidência — João Vasco Botelho de Paiva; secretário regional das Finanças — Raul Gomes dos Santos; da Administração Pública — dr. José Melo Alves; da Educação e Cultura — dr. Reis Leite; do Trabalho — António Lagarto; dos Assuntos Sociais — dr. Rui Mesquita; dos Assuntos Políticos — dr. Melo Alves; da Agricultura e Pescas — eng. Germano Rodrigues; do Comércio e Indústria — eng. António Manuel Medeiros Ferreira; dos Transportes e Turismo — José Pacheco de Almeida; do Equipamento Social — eng. João Bernardo Pacheco Rodrigues.

Críticas importantes ao projecto do decreto regional que estrutura a orgânica do Governo local foram apresentadas durante as discussões pelo grupo parlamentar do Partido Socialista. Como alternativa à proposta do P.P.D. da Constituição do Governo Regional por nove secretarias e uma secretaria regional o P.S. propunha a formação de um Governo com apenas seis secretarias o que resultaria apenas uma despesa anual de 4500 contos com 11 000 do projecto do P.P.D. que todavia veio a ser aprovado.

Já no respeitante aos vencimentos a atribuir aos membros do Governo Regional dos Açores o grupo parlamentar do P.S. viu a sua proposta prevalecer.

Num projecto inicial o P.P.D. pretendia que o presidente do Governo, secretários e subsecretários regionais recebessem, respectivamente, os vencimentos base dos ministros, secretários e subsecretários do Governo Central. A Câmara Legislativa acabou por decidir que os membros do Governo Regional vencerão pela letra A, acrescendo para o subsecretário regional a quantia de 1000 escudos e de 4000 escudos para o presidente.

Quanto às ajudas de custo a proposta do P.P.D. pretendia atribuir aos membros do Governo Regional ajudas de custo equivalentes às dos membros do Governo Central mas a Câmara decidiu que eles terão direito a transportes quando em serviço na região e a ajudas de custo correspondentes à letra A.

Jornalistas abandonam reunião do Sindicato

. Em face do comportamento da Direcção, imbuída, por assim dizer, do espírito do VI Governo Provisório («Este Governo veio para ficar...»), metade dos jornalistas presentes ontem à Assembleia Geral Extraordinária do seu Sindicato abandonaram a reunião após o presidente da mesa, indo atrás da posição dos membros directivos, ter obstado, no decurso do período de informações, a admissão, discussão e votação de moções relativas a alguns dos problemas que, no momento actual, preocupam a classe, como, por exemplo, o encerramento do «Jornal do Comércio» e da revista «Flama», a reestruturação da Imprensa estatizada, as negociações do novo Contrato Colectivo de Trabalho e a participação do Sindicato no Congresso dos Sindicatos sem consulta à classe.

Uma das moções entradas na mesa, e que não chegou a ser discutida pela assembleia, considerava atentatória da classe a participação da Direcção do Sindicato no «encontro de Coimbra», encontro a que estiveram presentes alguns dos Sindicatos subscritores da «Carta Aberta», e propunha o reiteramento da desconfiança da classe na Direcção.

Uma outra moção, repudiando as consequências do encerramento do «J.C.» e da revista «Flama» não chegou sequer a dar entrada na mesa, uma vez que o respectivo presidente obstou que o sócio proponente usasse da palavra, afirmando ter-se esgotado o tempo de período de esclarecimentos.

Entretanto, o presidente da mesa afirmava marcar uma assembleia dentro de 48 horas para que fosse discutida a posição assumida pelo Sindicato face ao anunciado Congresso dos Sindicatos. Uma intervenção de um membro da Direcção tornou a marcação dessa assembleia de forma muito vaga, pelo que metade dos jornalistas, de todas as tendências, abandonaram a sala.

Quem ficou, aprovou o Código Deontológico, sobre o qual oportunamente nos debruçaremos, dentro do espírito do Governo Constitucional.

APESAR DE KISSINGER

A luta continua em África

. «A Tanzânia não convidou o secretário de Estado americano Henry Kissinger para empreender uma missão de mediação em negociações entre dirigentes negros e brancos da África Austral» — declarou um porta-voz do presidente Julius Nyèrere no termo da Cimeira de Dar-es-Salam. Kissinger tinha afirmado que a Tanzânia lhe solicitara que iniciasse uma missão diplomática com vista a acelerar o advento do regime maioritário negro na Rodésia e da independência da Namíbia. Contudo, o porta-voz presidencial afirmou a propósito do secretário de Estado: «Ele não vem a nosso convite. Pediu para vir e nós respondemos: «Está bem, venha daí».

E Kissinger vai mesmo à África Austral, a convite do primeiro-ministro sul-africano e com «a boa vontade» de Julius Nyèrere. Data da partida: em princípio a próxima segunda-feira. Depois de contactos com os Governos de França, Inglaterra e Alemanha, o secretário de Estado norte-americano afirmou neste último país que «o problema sul-africano não é apenas dos Estados Unidos, mas igualmente da Europa».

Sabe-se entretanto (telex da France Press) que «os cinco chefes de Estado africanos reunidos em Dar-es-Salam chegaram a acordo quanto à necessidade de se intensificar a luta armada na Rodésia e manifestaram a opinião de que Ian Smith deveria *render-se*, como condição prévia para que se efectuem conversações constitucionais.»

. Descendo a pormenores, pode dizer-se que a Cimeira terminou hoje sem ter conseguido alcançar o seu principal objectivo: a reconciliação das facções desavindas do Movimento Nacionalista Rodesiano.

Os representantes dessas facções foram ontem deixados sós na sala de conferências para tentarem aplainar as suas divergências. Após duas longas sessões durante a manhã, reuniram-se-lhes os representantes de Moçambique, Angola, Tanzânia, Botswana e Zâmbia. Contudo, quando a Cimeira terminou, ao fim de dois dias de trabalho, um dos dirigentes rodesianos, Robert Mugabe, da chamada Ala Externa do Conselho Nacional Africano, disse que não se tinahm registado progressos na questão da unidade.

«Houve um grande problema — o da reunificação das facções. Não se assinalaram progressos na unidade, mas progrediu-se quanto à continuação da luta armada» — frisou.

Prosseguem, neste meio tempo os conflitos na África do Sul, com gases, disparos e mortos. «Mais cinco homens negros perderama vida nos distúrbios» — noticia-se. Além disso, nos bastidores políticos, mantém-se de pé a questão da Namíbia: independência ou alastramento da guerrilha.

Explosão na Setenave mata dois operários

Por causas ainda não esclarecidas, um violento incêndio atingiu, cerca das 15 horas de ontem, os tanques do petroleiro «Montemuro», em reparação nos estaleiros da Setenave, em Setúbal, vitimando o soldador Álvaro Manuel José, de 30 anos, natural de Palmela, e o montador Ismael Lever Cardoso, de 39 anos, casado, nascido no Barreiro.

De acordo com informações colhidas junto dos serviços médicos daquela empresa, os dois malogrados operários, que foram recolhidos já sem vida nas escadas do porão do navio, onde teriam procurado escapar às chamas, encontraram a morte por asfixia dos gases dimanados após a explosão.

Durante o combate ao fogo no «Montemuro», que é propriedade da Soponata, ficou ferido com graves queimaduras o bombeiro, António Augusto Pereira, de 29 anos, que teve de ser transportado com urgência para o Hospital de Santa Maria, num helicóptero da Força Aérea.

A hora em que decorreu o sinistro encontrava-se reunida uma assembleia de delegados sindicais e comissões de trabalhadores daquela empresa, que decidiu exigir o rápido apuramento de todas as responsabilidades pela tragédia.

Vítimas das Lajes homenageadas em Caracas

As urnas contendo os corpos das vítimas do desastre de aviação que ocorreu na passada sexta-feira no aeroporto das Lajes, chegaram ontem de manhã ao Aeroporto de Maiquetia, em Caracas, onde eram aguardadas pelo presidente da República e sua mulher, bem como membros do Governo e entidades oficiais. A multidão, calculada em muitos milhares de pessoas, que aguardava a chegada do avião, rompeu a cantar o hino nacional quando o «C-141» tocou na pista. As urnas foram transportadas para um hangar onde o bispo de La Guaira, monsenhor Francisco Guruceaga, celebrou missa. Do hangar, seguiram para a praça da Reitoria da Universidade Central onde ficaram expostos até à saída do cortejo fúnebre que se dirigiu para o cemitério do leste da cidade.

As urnas que continham os corpos dos tripulantes seguiram para o cemitério da cidade de Maracay, de onde as vítimas eram naturais.

Impasse na questão dos ardinas

Continuação da pág. 1

neralizadas ao Governo, durante a Assembleia realizada nas instalações dos Vendedores de Jornais Futebol Clube, incidiu sobre o facto de os ardinas não terem sido ouvidos antes de anunciadas decisões que lhes diziam respeito.

O Governo, na sua proposta, já admitia a discussão da questão da Previdência social dos vendedores de jornais caso estes aceitassem a taxa de um escudo.

MANUEL ALEGRE: «O GOVERNO NÃO CEDERÁ»

Falando aos jornalistas, ao entrar para o Conselho de Ministros de ontem à tarde, o secretário de Estado Manuel Alegre garantiu que o Governo não cederia «ao boicote dos ardinas». Para resolver a situação — disse — podem ser criados novos postos de venda enquanto não entrar em funções a distribuidora nacional».

O secretário de Estado da Comunjcação Social aflorou um dos problemas principais que está subjacente à discussão das percentagens da venda dos jornais e que se relaciona com a forma como ela está organizada. «A opinião pública está mal informada e pouco esclarecida sobre o problema. Essa situação necessita de algumas clarificações. Nomeadamente, os patrões, ou os grandes patrões, que os há — 10 por cento dos vendedores de jornais são grandes patrões — devem agrupar-se numa associação patronal e os empregados num sindicato. O que não está certo é que no mesmo sindicato estejam misturados patrões e empregados».

P.P.D. não se aliará ao C.D.S. nas eleições para as autarquias

. O secretário-geral do P. P. D., Francisco Sá Carneiro, desmentiu ontem rumores segundo os quais o seu partido poderia aliar-se ao C. D. S. nas eleições para as autarquias locais. O dirigente «popular-democrático» fez o desmentido durante uma conferência de Imprensa dada em Londres, onde se encontra na companhia de Francisco Pinto Balsemão, destacado membro do P. P. D. e director do semanário «Expresso».

No decurso do encontro com os jornalistas, Sá Carneiro e Pinto Balsemão deram a saber que se encontram na capital britânica por motivos de natureza política e partidária. Do programa constam um encontro com o ministro inglês dos Negócios Estrangeiros Anthony Crossland e bem assim contactos com emigrantes portugueses afectos ao P. P. D. e radicados na Inglaterra, onde o P. P. D. poderá criar um núcleo.

VENDEDORES — ACEITAM-SE

Para venda de jornais, aceitam-se interessados. Oferecem-se boas condições.

Resposta indicando nome, morada e outras referências de interesse a este Jornal ao n.º 1654.

Bomba H

QUE «DIA»!

O sr. José Sampaio, que se notabilizou na Imprensa a «fazer» touradas, «faz» agora, em «O Dia», epigramas, política, crítica de costumes, sociologia, pedagogia, enfim, tudo quanto traz o correr dos dias. Está certo; se pensarmos nos dias em que «O Dia» amanhece com «fundos» dos srs. Pina e Vitorino (um, de cá, a alinhar palavras como quem arrasta pedregulhos; outro, das ilhas a gesticular no nevoeiro, tentando ligar ideias como quem ata fios de aranha), chegamos mesmo a convir em que ao talento do sr. José mingua espaço no jornal.

O sr. Sampaio, porém, é dado a aventureirismo, do género do que os literatos românticos quiseram atribuir aos navegadores portugueses. E vai daí, deixou as touradas, deixou os epigramas, deixou a crítica de costumes, e começou a «fazer 'D.L.».

Todo podado, todo ortodoxo, todo conforme, persegue-nos como a lobos desde que revelámos nenhuma complacência para com os descomandos de alguns paranóicos de caserna, e a sua fixação persecutória agravou-se quando demonstrámos continuadamente a ausência de pendor para a benevolência em relação aos cruzados da bomba e do incêndio.

Isto de trocar (sem assomo de vantagens...) a mania das touradas pela fúria da «democracia», não será para o sr. José Sampaio «tarefa ciclópica»?

Rede bombista

Continuação da pág. 1

da polícia aduaneira.

Apanhada de surpresa, a Guarda Fiscal acabaria por ser alvo de tiros. Foi elaborado um relatório, pela G.F., que deverá constar do processo de Monsanto, cuja existência foi recentemente posta em causa por uma fonte de informação do «DL». Tal processo, mesmo que não tenha desaparecido, caiu no esquecimento.

Voltando ao Ângelo (que continuou a entrar e a sair do País a seu bel-prazer), recorda-se que chegou a ser detido em Chaves, pela população. Entregue às autoridades, esteve em Caxias cerca de um mês.

Vem a propósito lembrar que, quando do rapto dos «pides», o «Ângelo da peixeira» se serviu de um automóvel «Audi» cedido por Herminio Venâncio, proprietário de uma estação de serviço um Mangualde.

Quanto à relacionação que fizemos na edição de ontem, dos bombistas com os falsários: sabe-se que entre os detidos, há indivíduos acusados, também, de tentativa de fuga de divisas,. Entre estes, o agente Regadas da Polícia Judiciária.

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA NO MÊS ANTERIOR: 46.796 EXS.

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO E-1

ATÉ ÀS 22 HORAS

ALVALADE
Belo, Avenida de Roma, 53-A (Telf. 776314).
AVENIDAS NOVAS
Vale, Avenida Marquês de Tomar, 45-49 (Telf. 773043).
BAIRRO ALTO
Gonçalves, Rua da Rosa, 176-178 (Telf. 362687).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça Norte, 11-A (Telf. 311216).
BAIXA
Simões Pires, Rua da Prata, 115 (Telf. 362350).
BENFICA
Macedo, Estrada do Poço do Chão, 69-C (Telf. 703697).
CAMPOLIDE
Imparcial, Rua General Taborda, 28 (Telf. 80931).
ESTRELA
Linaide, Rua Ferreira Borges, 30 (Telf. 660955).
GRAÇA
Mourão, Largo da Graça, 63 (Telf. 860700).
LUMIAR
Douro, Alameda das Linhas de Torres, 93-A/B (Telf. 791131).
SANTO AMARO
Teles, Rua João de Barros, 2, frente (Telf. 638176).
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
S. Sebastião, Largo de S. Sebastião da Pedreira, 1-9 (Telf. 48642).

TURNO E-2

TODA A NOITE

ALTO DE S. JOÃO
Vitalis, Rua Morais Soares, 69 (Telf. 841779).
ANJOS
Guerra, Rua Andrade, 32-36 (Telf. 845513).
ALVALADE
Marbel, Avenida de Roma, 131-A (Telf. 776235).
AMEIXOEIRA
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (Galinheiras-Charneca) (Telf. 790969).
ANJOS
Magalhães, Avenida Almirante Reis, 4-D/F (Telf. 49479).
AREEIRO
Garantia, Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 5-A/B (à Praça do Areeiro) (Telf. 727300).
AVENIDAS NOVAS
Saldanha, Avenida Praia da Vitória, 53 (Telf. 43938).
BENFICA
S. João, Estrada da Luz, 124-A (Telf. 783179).
CAMINHOS DE FERRO
Frazão, Rua de Santa Apolónia, 90 (Telf. 847019).
ESTRELA
Andrade Ribeiro, Avenida Infante Santo, 66-B (Telf. 666971).
PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-A/C (Telfs. 720703-728395).
OLIVAIS SUL
Antunes Rosa, Praça da Cidade do Luso, lote 199 (Telf. 313610).
REGO
Universitária, Rua Alfredo Roque Gameiro, 29-D (ao Hospital de Santa Maria) (Telf. 778953).
RESTELO
Tanara, Rua Rodrigo Reinel, 3-A (à encosta do Restelo, próximo dos Moinhos) (Telf. 611814).
S. PAULO
Central, Rua de S. Paulo, 108 (Telf. 320389).

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Grassol, R. Elias Garcia, 17-C (Telef. 974161); **Dias**, Av.ª Marquês de Pombal, lote 9 (Telef. 934589); **Campos**, R. Elias Garcia, 185 (Telef. 930072); **Clabel**, R. António Sardinha, 23-D (Telef. 938551)
DAMAIA
Confiança, Est. Militar, lote D (Telef. 9710231)
QUELUZ
Simões Lopes, Av.ª Elias Garcia, 51 (Telef. 950123)
CACÉM
Rodrigues Garcia, Av.ª dos Bons Amigos, lote 5-D
MEM MARTINS
Miranda Garcia, Est. de Mem Martins, 173-B (Telef. 2914103)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Telef. 980456)
SINTRA
Simões, Estefânia (Telef. 2930832)
COLARES
Abreja (Telef. 299088)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Almeida Nifo, Av.ª Comb. G. Guerra, 64 (Telef. 2112070)
CAXIAS
Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Pargana, Av.ª Eng.º Bonneville Franco (Telef. 2435147)
OEIRAS
Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro (Telef. 2430485)
NOVA OEIRAS
Leal
OEIRAS
Central, R. Conde Ferreira, 29 (Telef. 2430058)
PAREDE
Grincho, Av.ª da República, 87 (Telef. 2471204)
S. DOMINGOS DE RANA
Av.ª Saboia, 29-B (Telef. 260085)
S. JOÃO DO ESTORIL
S. João, Quinta da Carreira, 29-A (Telef. 261186)
ESTORIL
Amoreira
CASCAIS
Marginal, Av.ª Marginal (Telef. 280078); **Nova**, Estrada de Alvide-Fontainhas (Telef. 281044)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, R. António dos Santos Jorge, 15 (Telef. 234100)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Telef. 204020)
ALMADA
Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 21-A (Telef. 2750076)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Estrada Nacional, 178-B (Telef. 2040302)
BARREIRO
Higiene, R. D. Manuel I, 178 (Telef. 2073017)
COVA DA PIEDADE
Louro
MOITA
União Moitense, Av.ª Dr. Teófilo Braga (Telef. 239025
MONTIJO
Higiene, R. José Joaquim Marques, 142 (Telef. 2310370)
SESIMBRA
Leão, Av.ª da Liberdade, 13 (Telef. 2233471)
SETÚBAL
Rosado Pinto, P. do Bocage (Telef. 22484); **Nova**, R. Gen. Gomes Freire (Telef. 22052)
SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Telef. 2218560)

PORTO

TURNO 20

ATÉ ÀS 22 HORAS

Batalha, P.d. Batalha, 26; **Campo**, P.da República, 118; **Costa Cabral**, R.de Costa Cabral, 1832; **Fonte da Moura**, R.de Tânger, 1463; **Invicta**, R.do Bonfim, 330; **Mira Paulo**, R.Castelo de Numão, 37; **Sá**, R.Vale Formoso, 181; **Sarabando**, L.dos Lóios, 36

TODA A NOITE

Barros, R.d. Bonjardim, 1292; **Fátima**, R.Oliveira Monteiro, 475; **Garantia**, R. Fernandes Tomás, 696

COIMBRA

Cruz viegas, Rua do Brasil, 154 (Telf. 22961);
Donato, Rua Ferreira Borges, 2 (Telf. 22603);
Rainha Santa, Rua Figueira da Foz, 11 (Telf. 24737).

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

LAURA ALVES
20.30 (18 anos)
«Vamos trocar de Mulheres»

MARIA MATOS 21.30 (18 anos)
«O Director da Ópera»

MONUMENTAL
21.15 (13 anos)
«As coisas que o padre faz»

TEATRO ABERTO
21.15 (13 anos)
«O Círculo de Giz Caucasiano»

TEATRO VASCO SANTANA
21.30 (13 anos)
«Fanshen»

LISBOA/Cinemas

SATÉLITE
19.00 e 21.15 (13 anos)
«EramosDeusesAstronautas?»

CINEBOLSO
19.00 e 21.30 (18 anos)
«Salão Elizabeth»

PARIS
21.15 (18 anos)
«Kermosse Erótica»

PROMOTORA
21.15 (18 anos)
«Toda a nudez será castigada»

JARDIM
21.15 (18 anos)
«Eu e Ele»

OLÍMPIA
21.00 (18 anos)
«As aventuras eróticas dos 3 Mosqueteiros»

EUROPA
21.30 (13 anos)
«Os canhões de Navarone»

CAPITÓLIO
20.30 e 22 (18 anos)
«Garganta Funda»

LUMIAR
21.15 (18 anos)
«Cerimónia Sangrenta»

RESTELO
21.00 (13 anos)
«Pato com laranja»

CALEIDOSCÓPIO
21.00 (13 anos)
«E Tudo o vento levou»

CINEARTE
21.15 (18 anos)
«Irmaos de sangue»

RESTELO
21.00 (18 anos)
«História de um Pecado»

LINHA DE CASCAIS

ESTORIL
Palácio
21.15 (13 anos)
«Papillon»

CASCAIS
S. José
21.15 (13 anos)
«Breve Paixão»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Lido
21.15 (18 anos)
«Soldado Azul»

AMADORA
Cinestúdio
21.30 (18 anos)
«Emmanuelle Anti-Virgem»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Histórias Extraordinárias»

ALMADA
Academia
21.15 (18 anos)
«Simão o engatatão»

PORTO/Cinemas

PASSOS MANUEL
21.15 (13 anos)
«Trinitá cow-boy insolente»

SÁ DA BANDEIRA
22.00 (18 anos)
«Garganta Funda»

ÁGUIA DE OURO
21.30 (13 anos)
«Passado Inesquecível»

RIVOLI
21.15 (13 anos)
«O Último Adeus»

TRINDADE
21.15 (18 anos)
«História d'O»

S. JOÃO
21.15 (18 anos)
«História d'O»

VALE FORMOSO
21.15 (18 anos)
«Sexo-Porno»

BATALHA BEBÉ
21.30 (13 anos)
«Os violinos do Baile»

COLISEU
21.30 (13 anos)
«Robby»

ESTÚDIO FOCO
21.15 (18 anos)
«Chove em Santigao»

ESTÚDIO
21.15 (18 anos)
«Restos de um Pecado»

BATALHA
21.15 (18 anos)
«Os Inocentes de Mãos Sujas»

CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«História de um Pecado»

OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«Mr. Hércules Contra Karate»

JÚLIO DINIS
21.15 (6 anos)
«Os Malucos Vão à Guerra»

COIMBRA

TIVOLI
21.15 (18 anos)
«História d'O»

S.TEOTÓNIO
21.15 (18 anos)
«Um Toque de Classe»

AVENIDA
21.15 (18 anos)
«Loucura Sexual»

GIL VICENTE
21.15 (13 anos)
«Caça ao Canudo»

cinemas

CASTIL
Tel. 630194 — 15.00, 17.00, 19.00, 21.15

Se gostou da Helga não perca

MICHAEL E HELGA

c/ Ruth Gassmann, Felix Franchi

Não acons. menores 13 anos

IMPÉRIO
Tele. 555134/5 — 15.15, 18.30, 21.15

O filme imortal que lançou Barbra Streisand!
FUNNY GIRL
(Uma rapariga endiabrada)

com Omar Shariff

Um filme de William Wyler
Óscar melhor actriz — 70 mm écran gigante

Grupo C 14 anos

POLITEAMA
Tel. 323805 — 14.15, 16.30, 19.00, 21.30

Interdito a menores 18 anos
3.ª semana — lotação esgotada
ÊXTASE SEXUAL DE MACUMBA
ESTE FILME PODE SER CONSIDERADO PORNOGRÁFICO

ROMA
Tel. 727778 — 15.30, 18.30, 21.15

Não acons. menores 18 anos
HITOIRE D'O
2.ª semana

com Corine Glery, Udo Kier

MUNDIAL
Tel. 538743 — 15.15, 18.30, 21.15

Interdito a menores de 18 anos
SALÓ OU OS 120 DIAS DE SODOMA
Contém cenas eventualmente chocantes

PALACIO FOZ

Cinema de animação
Filmes da
Pantera-Cor-de-Rosa
Sessões: 15.00, 18.00 e 21.00
Bilhetes: Esc.: 5$00
Iniciativa da Direcção-Geral de Acção Cultural

CALEIDOSCÓPIO
Tel. 795093 — 15.00, 21.00

Não acons. a menores de 13 anos

Uma história imortal!
um filme eterno!

E TUDO O VENTO LEVOU

com Clark Gable, Vivien Leigh, Leslie Howard

14.ª semana

EDEN
Tel. 320768 — 14.00, 16.30, 19, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

O primeiro grande filme de artes marciais e terror!

KUNG FU CONTRA OS 7 AMPIROS DE OURO

um filme de Roy Ward Baker

ODEON
Tel. 326283 — 15.15, 18.15, 21.15

Maiores de 14 anos

4.ª SEMANA DE ENCHENTES

Um filme que revive o drama das mães solteiras

O DIREITO DE NASCER

com Aurora Bautista e Julio Aleman

5.ª SEMANA DE ENCHENTES

APOLO 70
Tel. 763311 — 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Não acons. menores 18 anos

YAKUZA

4.ª semana

Hoje às 24 h (Grupo D m/18 anos)

CHISUM, SENHOR DA GUERRA

CASINO ESTORIL
Tel. 264521/264996 — 17.00, 21.15

Não acons. menores de 13 anos

DELÍCIAS FRANCESAS

S. JORGE
Tel. 554153 — 15.15, 18.15, 21.15

Não acons. menores de 13 anos
George C. Scott
E TUVO O BANCO LEVOU

(Bank Shot) Colorido-Panavision

RESTELO
Tel. 610376 — 21.00

Interdito a menores de 13 anos

HISTÓRIA DE UM PECADO

AVIS
Tel. 47163 — 15.15, 18.15, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos
17.ª semana
BOBBY
A projecção do filme começa 5 minutos após os horários

ESTÚDIO
Tel. 535134 — 15.30, 18.30 e 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

A INTENTONA
(O 6 de Julho)
Um grande documento histórico

ESTÚDIO 444
Tel. 779095 — 21.15

Interdito a menores de 18 anos

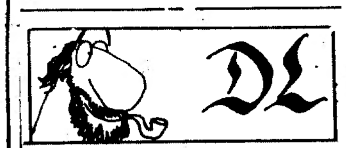
EMMANUELLE A ANTIVIRGEM

16.ª Semana

CARLOS MANUEL SINTRA
Tel. 2930304 — 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

A PRIMEIRA VEZ SOBRE A RELVA



UNIVER[illegible]
Tel. 774402 — 1[illegible], 20.30

CICLO EISENSTEIN [illegible] Setembro a 8 de Setem[illegible] (inclusive)
14.30 (não acons. m[illegible] anos)
GREVE
16.30, 22.30 (n/acons. [illegible]3 anos)
OUTUBRO
20.30 (Para to[illegible])
A LINHA GE[illegible]
Dia 4-9 às 0.[illegible]
Interdito a meno[illegible] anos
IREI COMO UM CA[illegible] LOUCO

CON[illegible]
Tel. 322523 — 14.00, 16.[illegible], 21.15

Não acons. meno[illegible]

A MULHER POL[illegible] FAZ CARREIRA

Com Mário Car[illegible]

BER[illegible]
Tel. 776098 — 15.15, [illegible], 21.15

Não acons. a meno[illegible] anos

Treine-os! Excite[illegible]
... Largue-os em [illegible] nazi!

DOZE INDOMÁV[illegible]FES

um filme de Rob[illegible]

3.ª Sem[illegible]

LONDR[illegible]
Tel. 801313 — 14.00, 16.30, 18.45, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

O filme de Igmar [illegible]

O AMANTE
(The Touch)
com Bibi Andersson e Eliott Gould

ROXY
Tel. 48550 — 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

Edwige Senech em

A ESPOSA VIRGEM

com Carol Baker

TIVOLI
Tel. 570595 — 15.15, 18.30, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

2.ª Semana

HISTOIRE D'O

Com Corine Clery, Udo Kier, Anthony Steel

ALVALADE
Tel. 897480 — 15.00, 18.00, 21.15

Para todos

O ESTRAVAGANTE DR. DOLITLE

O super espectáculo das férias em 70 mm

PATHÉ
Tel. 821933
14.15, 16.30, 18.45, 21.15, 24.00

Interdito a menores de 18 anos

O amor para além dos corpos

HISTOIRE D'O

2.ª semana

Com Corine Clery, Udo Kier, Anthony Steel, Jean Gaven

NIMAS
Tel. 574313/574313
14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Não acons. a menores 18 anos

8.ª Semana de lotações esgotadas

CHOVE EM SANTIAGO

O Chile de Allende a Pinochet

rádio

1.º PROGRAMA

16.00: Música variada; **17.00**: Música popular; **17.30**: Orquestras; **18.00**: Música portuguesa; **18.30**: Viva voz, prog. da Direcção Geral da Educação Permanente do M.E.I.C.; **19.00**: Cultura e actualidade, por Luis Pereira de Sousa; **19.30**: Música variada; **20.00**: Jornal da noite; **20.30**: Melodias; **21.00**: Contraponto: Editorial; **21.30**: Futebol: Transmissão do Estádio das Antas do relato do jogo F.C. do Porto-SCHALKE.

17.15: O cravista Rafael Puyana; **17.28**: Quintetó em lá menor, op. 81, de Kalkbrenner; **18.00**: Obras de Willem Pijper; **18.30**: Pequenas obras de grandes compositores; **19.00**: Duas versões da mesma obra; **19.40**: Madrigais, de Gesualdo de Venosa, pelo wquarteto Vocal Italiano; **20.00**: Solos de Piano; **20.35**: Pequena serenata nocturna k. 525, de Mozart; **21.00**: Obras de Antonin Dvorak; **21.20**: Duas cantatas italianas de Haendel; **22.00**: Fantasia em dó maior, op.17, de Schumann; **22.30**: Um solista, uma orquestra; **23.00**: Intercâmbio musical — temporada de concerto de 1975/76, da Radiodifusão austríaca; **00.23**: Solos de piano; **01.00**: Fecho.

3.º PROGRAMA Nacional e Regional (294 m)

16.00: Emissão nacional (Emissores de Porto Alto, Lisboa, Miramar, Porto, Coimbra, Lamego, Valença e Faro); **16.15**: Casos ao acaso, por Orlando Dias Agudo (repetição); **17.10**: Vamos ao médico, pelo Dr. José Matildes; **17.30**: Teatro em Variante, por Fernando Midões; **18.00**: Contacto; **21.00**: Música, só música; **21.30**: Quando o telefone toca.

4.º PROGRAMA

16.00: Música variada; **17.00**: Canções; **18.00**: Apenas música; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Orquestras; **21.00**: Concerto; **22.00**: Auditório; **24.00**: Prisma; **02.00**: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

16.00: Noticiário; **16.05**: Sequência da Tarde; **18.00**: Noticiário Regional; **1805**: Trechos Seleccionados; **18.15**: Igreja em Notícia-Palavra do Dia; 18.30: Transmissão do Terço; **19.00**: Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença; **19.25**: Leitura do programa; **19.30**: Noticiário; **20.00**: Objectivo; **21.05**: Gente grande; **21.30**: Relato do jogo Shalke-F.C.Porto; **23.30**: Trifónico; **23.40**: Textos e pretextos; **00.00**: Meditando; **01.45**: Flashnoticioso; **02.00**: Fecho.

Geral

Conversações luso-cubanas

Terão início amanhã, no Ministério dos Negócios Estrangeiros, as conversações luso-cubanas com vista a um acordo bilateral de trocas comerciais entre Portugal e Cuba.

A delegação portuguesa será presidida pelo secretário de Estado do Comércio Externo, António Celeste, e a delegação cubana pelo vice-ministro do Comércio Externo, Ricardo Cabrisas, que para o efeito chegará ainda amanhã ao nosso país.

A delegação cubana, que já visitou o estaleiro de S. Jacinto (Aveiro), a Setenave e a Lisnave, estará hoje no Porto de Lisboa, onde visitará o equipamento portuário da Mague, será recebida depois no Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

Nova administração para a Torralta

A Torralta tem nova comissão administrativa: o despacho, dos Ministérios das Finanças, do Comércio e Turismo e da Habitação, Urbanismo e Construção, datava de 31 de Agosto mas só hoje foi publicado no «Diário da República».

A nova CA da Torralta é composta por José Rodrigues Martins, em representação do Ministério do Comércio Interno e Turismo), António Pedro de Azevedo Ludovice da Paixão, e (em representação do Ministério das Finanças), Rui Preto Lobo (em representação do Ministério da Habitação, Urbanismo e Construção) e ainda José Luís de Carvalho Cardoso e Jaime Augusto Mesquita Alcobia, ambos em representação da Comissão Nacional de Investidores daquela empresa.

É necessário defender a qualidade do vinho do Dão

A Secretaria de Estado do Comércio Interno e a Federação dos Vinicultores do Dão dirigiram um apelo aos produtores de vinho da Região Demarcada do Dão para não virificarem as cepas das castas da z zona com cepas de castas europeias a fim de se manterem as caracteristicas do vinho do Dão. O apelo destina-se a chamar a atenção dos produtores para a necessidade de garantirem a qualidade do vinho da região demarcada, essencial ao fomento das exportações e à manutenção dos preços. Recorda-se, a propósito, que os importadores norte-americanos vão enviar para Lisboa uma comissão destinada a garantir que o vinho importado obedece aos requisitos legais do seu país e que tem a qualidade constratualmente exigida.

Ciclones causaram destruições nos Açores

PONTA DELGADA, 8 — Não é, ainda, possível avaliar os prejuízos causados pela passagem dos ciclones «Emmy» e «Francis» que fustigaram estas ilhas durante os últimos dias. O mau tempo cuasado pelo primeiro destes ciclones estará, segundo se presume, na base do trágido acidente de aviação em que perderam a vida 68 venezuelanos na sexta-feira. As plantações de milho estão praticamente destruídas em muitas ilhas e as uvas, arrancadas às cepas, começaram aí a apodrecer nas vinhas. No porto de Ponta Delgada, as vaas arrastaram para o mar uma das cinco torres com tapete rolante e destruiram mais três. O vento, por outro lado, atirou para o mar material de estiva, bidons e materiais diversos que se encontravam na zona portuária. Os navios «Corvo» e «Cedros» só ontem poderam entrar no porto, aguardando-se, para hoje, a acostagem dos navios estrangeiros «Penelope» e «American Bear».

BARES · BOITES
RESTAURANTES
STRIPS
DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13, (Tel.: 364859, 368197).**

CASINO DO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **T. 264621/264946.**

Virão mais mil refugiados de Timor

De acordo com uma informação colhida junto do Ministério dos Negócios Estrangeiros, devem regressar a Portugal, ainda este mês, cerca de um milhar de refugiados de Timor, numa série de quatro voos assegurados pela companhia aérea indonésia Garuda.

De acordo com a mesma fonte, os voos precedentes de Surabaia, têm chegadas previstas ao Aeroporto da Portela para os dias 13 15, 17 e 19, pelas 6 e 40.

Entretanto, vindos de Bali, chegaram ontem a Lisboa, mais 185 timorenses, aumentando assim para 596 o número de refugiados daquele território que já se encontram sob a dependência do I. A. R. N.

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental, o céu estava limpo e o vento era fraco.

TEMPERATURAS EXTREMAS

ALVALADE

Máxima..... 29,5º

RÉGUA

Mínima 7,5º

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	22º
COIMBRA	22º
LISBOA	20º
FARO	24º
FUNCHAL	24º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
3.51	4,1 m	9.25	1,0 m
16.06	4,3 m	21.46	0,9 m
DIA 9			
4.27	4,1 m	9.58	0,9 m
16.42	4,3 m	22.17	0,9 m
DIA 10			
5.01	4,1 m	10.30	0,9 m
17.16	4,2 m	22.48	0,9 m

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Continuação do tempo quente e sêco, com céu geralmente limpo e vento fraco. Neblinas matinais junto à costa ocidental. Possível aumento de nebulosidade para a tarde de amanhã

AMANHÃ

NASCER AS 7.12
OCASO AS 19.56

DIA 8 DIA 16 DIA 23 DIA 30

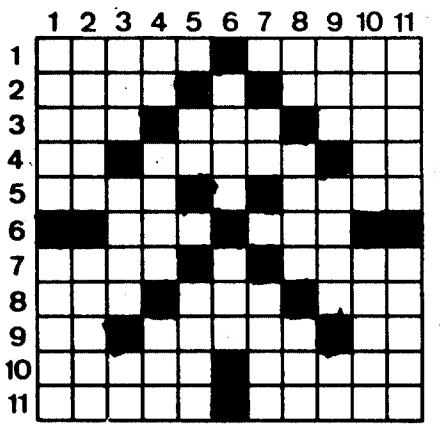
BOLSA DE LISBOA

VALORES	EFEC.	COMPRA	VENDA
OBRIGAÇÕES DO ESTADO			
Cons. 2 3/4 %	275$	275$	–
Cons. 3 %	–	300$	–
Cons. 3 1/2 %	–	350$	–
Centenários	–	800$	–
Tes. 5 %	780$	780$	505$
Tes. 10 %	500$	500$	–
Extern. 1.ª - s.	–	450$	–
Extern. 1.ª - c.	–	450$	–
Extern. 3.ª - s.	–	460$	–
Extern. 3.ª - c.	–	500$	140$
Caut. 3.ª - s.	–	–	
FUNDOS PÚBLICOS			
A. Lx. 6 %	730$	730$	–
C.M.L. 5 3/4 %	–	740$	–
C.P. 5 1/2 % — 67	–	600$	610$
C.P. 5 1/2 % — 68	–	590$	–
C.P. 5 1/2 % — 69	–	610$	–
Corr. 5 3/4 %	750$	750$	–
Metr. 5 3/4 %	–	810$	–
Tur. 5 3/4 %	–	850$	–
C.P. 6 3/4 %	–	750$	–
ELÉCTRICAS			
G. 5 % — 58	–	640$	–
G. 5 % — 59	–	–	–
G. 5 % — 62	–	–	–
G. 5 % — 63	–	–	–
G. 5 % — 64	–	–	–
G. 5 % — 65	–	700$	–
G. 6 % — 67	–	700$	–
G. 6 % — 69	–	850$	900$
G. 7 %	–	550$	–
H.E.A.A. 5 %	–	700$	–
H.E.C. 5 %	–	710$	–
H.E.C. 6 %	–	580$	–
H.E.D. 5 %	–	710$	–
H.E.D. 6 %	–	740$	–
H.E.N.P. 5 %	–	–	–
H.E.S.E. 5 %	–	670$	–
H.E.S.E. 6 %	–	630$	–
H.E.Z. 5 % — 57	–	730$	–
H.E.Zêz. 6 %	–	570$	–
N. Elec. 5 %	–	650$	–
N. Elec. 6 %	–	550$	–
Termoel. 5 %	–	–	–
U.E.P. 5 % — 60	–	–	–
U.E.P. 5 % — 63	–	700$	–
U.E.P. 6 %	–	700$	–
U.E.P. 7 %	–	–	–
DIVERSAS			
A.P.T. 5 % — 56	–	690$	–
A.P.T. 5 % — 58	–	670$	–
Lisnave 6 %	–	730$	–
Nitratos — 60	–	600$	–
Pet. 2.ª e 3.ª	–	–	–
Sacor 7 %	–	800$	–
Sacor 5 % — 54	–	–	–
Sacor 5 % — 60	–	750$	–
Sid. 5 % — 2.ª	630$	630$	–
Sid. 5 % — 3.ª	–	620$	–
Sid. 5 % — 4.ª	–	620$	–
Socel 5 %	–	–	–
R. Fabril — 67	–	720$	–
R. Fabril — 68	715$	715$	–
ULTRAMARINAS			
Carbonif. 5 %	–	–	–
Rev. 5 % — 57	–	–	–
Rev. 5 % — 59-60	–	–	–
Moçambique 5 %	–	–	–
Sonefe 5 %	–	–	–
FUNDOS DE INVESTIMENTOS			
Atlântico	–	–	–
F.I.D.E.S.	–	–	–

Palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11465



HORIZONTAIS:

1 **Freguesia do concelho de Boticas. Nome de um estofo indiano.**
2 Estavas. Acreditar.
3 Em as. Sapo do Amazonas. Empregue.
4 Cento e um em romano. Cidade de Portugal. Basta.
5 Catafalco. Artigo definido. Rio da China.
6 Capa sem mangas. Vende a crédito.
7 A totalidade das coisas. Rei da Baviera que atacado de loucura foi enclausurado no Castelo de Fustenried.
7 Esteiro. Uma das Espórades. Sapo do Amazonas.
9 Quarto. Filha de Neotpuno e amada por Júpiter (Mit). Érbio (s.q)
10 Cremes. O Arão da Bíblia.
11 Ave trapadora. Restos mortais.

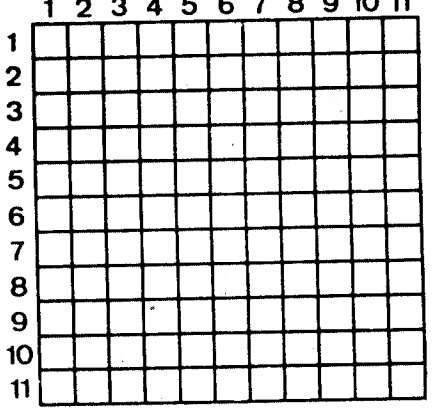
VERTICAIS:

1 Domina. Solta trinados.
2 encolerizais. Dar uivos.
3 Pelos de certos animais. Nome vulgarmente dado ao carbonato de sódio. Basta.
4 Artigo definido. Estômago. Família.
5 Preposição e artigo. Morada.
6 Bramido. Dádiva.
7 Nome antigo da nota muiscla dó. Juizo.
8 Antes de Cristo. Rio dos Estados Unidos. Suspiros.
9 Fava de um centímetro de diâmetro usada como condimento. Assassina. Reis.
10 Ligeiro. Limpo metais.
11 Enteontecer. Dás oiro a.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7625



HORIZONTAIS:

1 Ilha do mar das Antilhas, perto de Cuba. Antiga provincia de França.
2 Pedra de altar. Festa do Ano Novo ou «festa de todos» para a qual os negros se cotizam. Uma das Espórades.
3 Abastada. Em mais alto grau.
4 Região da África na Guiné setentrional entre a Nigepria inglesa e o Togo.
5 Género de pássaros dentirrostros, cujo tipo é o papamoscas do Senegal. Levas à sirga.
6 Possuir.
7 Tristes (fig).
8 Içais. Avarenta.
9 Cidade do Japão. Levantei.
10 Reme para trás. Paraiso. Sinal ortográfico.
11 Rio de França. Freguesia do concelho de Guimarães.

VERTICAIS:

1 Aguardente de medronho. Cidade de França antiga capital de Lorena.
2 Matizara. A ponta das vergas.
3 Pedaços de qualquer doisa. Que é do ar.
4 Estime. Dá mios.
5 Apelido. Pronome demonstrativo. Aqui.
6 Satélite de Júpiter. Érbio (s.q). Nome de letra.
7 Pronome pessoal. Liberdade. O mesmo que uma (ant. e pop).
8 Matemática. Antiga capital da Birmânia.
9 Aquele que foi vítima da sua própria ambição. Pulo.
10 Casar. Monarcas.
11 Pronome demonstrativo (pl). Dança.

SOLUÇAO DO PROBLEMA N.º 11464

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Quem. NADA.	1 Ob. Ano. Elas.
2 Brim. Broas.	2 Urano. MUITO.
3 Ar. Er. Os.	3 Eira. Gó. Mor.
4 Anal. Rimava.	4 Mm. Lar. Fala.
5 Nó. Asi. Elar.	5 Siva.
6 Grifo. Ira.	6 NB. Rif. Zaca.
7 Mo. Sa.	7 Arei. Os Dar.
8 Eu. FAZ. Ro.	8 DORME. Aroma.
9 Lima. Adorar.	9 Aa. Ali. Orar.
10 Atol. Câmara.	10 Sovara. Ara.
11 Sora. Araras.	11 Sara. Aras.

Provérbio: QUEM NADA FAZ MUITO DORME

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7624

HROZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Hango. Camas.	1 Honrarias.
2 Orão. Vagar.	2 Arau. Ais. Mi.
3 Nas. Mimar.	3 Nas. Psi. Ras.
4 Ru. Pilar. Ma.	4 Go. Pag. Peca.
5 Parar. Mar.	5 Miras. Mim.
6 Rasga. Afina.	6 Vila. Adia.
7 III. Sadia.	7 Camaradas.
8 As. Dão. Er.	8 Agar. Fio. Co.
9 Remis. Tri.	9 Mar. Mia. Tar.
10 Macia. Caim.	10 Ar. Man. Erin.
11 Pisam. Morna.	11 Tara. Rima.

Desporto

ESTA NOITE CONTRA O SCHALKE 04

Porto desfalcado e deslocado na Luz

. Impedido de jogar nas Antas (campo interdito para «europeus»), o Porto defronta esta noite no Estádio da Luz o Schalke 04. É a primeira mão da primeira eliminatória da Taça U.E.F.A. 75-76 e não se pode dizer que o sorteio tenha sido feliz para o representante português. Pelo menos, o Schalke 04 não é neste momento adversário que permita ao representante português encarar a eliminatória com alguma tranquilidade (já não diremos displicência) — o que sucederia se o adversário não fosse tão, digamos, «inquietante», como é.

E porque é, digamos «inquietante», este Schalke 04? Em primeiro lugar porque é uma equipa oeste-alemã e qualquer equipa oeste-alemã é, por características estruturais, inevitavelmente difícil para uma equipa portuguesa. Depois porque não é uma equipa oeste-alemã qualquer, mas nada menos do que o 6.º classificado no campeonato da R.F.A. na época passada. E, se mais não tivesse a credenciá-la, teria talvez o mais perigoso rematador oeste-alemão da actualidade: é ele Klaus Fischer (mais golos do que Müller no campeonato 75-76; Müller só o ultrapassou na Taça, e já depois do Schalke 04 ter sido eliminado.

Mesmo que esta equipa alemã não fosse «inquietante», o Porto não deixaria de ter outros motivos de inquietação. Dois, principalmente: primeiro, estamos no princípio da época e o escasso tempo que Pedroto teve para trabalhar com a equipa talvez não tenha sido ainda bastante para a organizar devidamente (se a equipa fosse «aquela máquina» poderia, por exemplo, ter tido um comportamento muito mais eficaz (sobretudo na primeira parte) no jogo de sábado passado com o Portimonense); depois, o Porto alinha esta noite contra os oeste-alemães sem Dinis, Tibi, Gabriel e Oliveira, a cumprirem pena de suspensão desde a «bronca» de Hamburgo no ano passado, onde o Porto perdeu as hipóteses que tinha para a eliminatória na mesma competição, frente ao Hamburguer, com um penalti nos últimos momentos, muito contestado. A ausência de Tibi pode não se sentir, porque estão lá Torres (efectivo) e Rui (suplente). Mas Dinis, Gabriel e Oliveira (sobretudo o terceiro), se não são imprescindíveis, podem fazer falta (se para mais não fosse, para eventuais substituições).

A inqueitação (ou falemos de apreensão, ou ansiedade, de preferência) com que se aguarda o jogo desta noite opõe-se uma certa confiança que o Porto nos merece: é actualmente, talvez, o conjunto português com melhores profissionais no seu elenco (Freitas, Octávio, Cubillas, Seninho — para falarmos apenas de alguns dos que vão trabalhar na Luz, e não seríamos excessivos se citássemos praticamente todos os elementos da equipa); e está a ser dirigida pelo mais credenciado técnico de futebol português, José Maria Pedroto, a propósito de quem podem lembrar-se alqumas felizes jornadas europeias do Vitória de Setúbal ainda não há muito, para fundamentar melhor uma certa confiança que o nome (aliado ao valor da equipa) credencia.

O facto de o jogo ser no Estádio da Luz pode impedir que o público do Porto se desloque como poderia deslocar-se às Antas para «ajudar» com o ambiente da casa a sua equipa. Mas não deve ser indiferente ao público lisboeta, que tem esta noite uma oportunidade de ver actuar aqueles que poderão muito bem vir a ser os campeões nacionais da época que há poucos dias começou. Vamos a ver. Também pode ser que se assista a um excelente espectáculo. Assim seja.

A equipa do F.C. do Porto encontra-se em Lisboa desde segunda-feira. A turma do Schalke chegou ontem. Desconhece-se a formação que os oeste-alemães vão apresentar, mas calcula-se que, em princípio o Porto deverá alinhar com Torres, Murça, Teixeira, Freitas e Tai; Octávio Rudolfo e Cubillas; Seninho, Gomes e Ademir. No banco de suplentes devem sentar-se Rui, Duda, Simões, Teixeira II e Júlio). Dirige a partida uma equipa de arbitragem galesa chefiada por W. J. Gow, auxiliado por G. C. James e K. Cooper. O pontapé de saída é às 21 e 30. Notícias que vêm do Porto falam de um comboio especial que vem à capital esta tarde com adeptos portistas.

Esta é a equipa do F. C. do Porto que, sábado, derrotou o Portimonense, na 1.ª jornada do «Nacional». Seja qual for a formação que inicialmente Pedroto faça descer ao relvado da Luz, é ponto assente que Oliveira, Dinis e Gabriel (Tibi não está na gravura) não defrontarão o Schalke 04

"MUNDIAL" DE HÓQUEI EM PATINS

Portugal sem Livramento na jornada inaugural (sábado)

. A selecção nacional de hóquei em patins, actual detentora do título mundial, parte amanhã para Oviedo, onde de 11 a 21 do corrente defenderá o troféu que o ano passado conquistou com brilhantismo. Como salientou o dr. Joaquim de Sousa, secretário de Estado da Juventude e Desportos, aquando da visita, anteontem, ao ministro da Educação, Investigação Científica e Cultura, dr. Sottomayor Cardia, o conjunto português, verdadeiro «quinteto de cordas harmónico e familiar», «é constituído por atletas de grande nome».

Serão esses atletas (Ramalhete, Reis, Rendeiro, Garrancho, Sobrinho, Fernando Pereira, Chana, Livramento, Cristiano e Salema) que de sábado a 21 do corrente, em Oviedo, entre uma multidão de espanhóis entusiásticos, amantes até à medula da modalidade, desejosos de que a sua equipa recupere o mais apetitoso troféu, evoluirão por forma — e animados dos melhores propósitos e ambições — a garantir os nossos pergaminhos e a reafirmar a actuação no Torneio Quadrangular, em Toronto, que ganharam com todo o mérito.

Esta edição do Campeonato do Mundo de Hóquei em Patins está a despertar, tanto em Oviedo, como em muitas outras terras espanholas, um interesse inusitado, facto a que não será alheio, porventura, as esperanças que «nuestros hermanos» alimentam de «reter» o troféu no seu território. A equipa portuguesa, já em excelente momento de forma, de acordo com um programa de preparação metódico e calculado, terá como formação-base Ramalhete, Rendeiro, Garrancho, Chana e Livramento, admitindo-se que o atacante do Banco Sottomayor não alinhe, sábado, no primeiro encontro (jornada inaugural), dado que se encontra ligeiramente tocado (rotura muscular de recuperação rápida).

Entretanto, está pratica e definitivamente constituída a selecção espanhola, que incluo, como a portuguesa, todos os seus melhores elementos, alguns deles de valor conceituado a nível mundial. Assim, para tentar «guardar» o troféu em Madrid, foram indicados os seguintes nomes: Trullols e Garcia, guardiões; Edo, Humberto, Ferrer, Ordeig e Villa, defesas e médios; Giral, Vila-Puig, Nogué e Juan Ferrer, atacantes.

PORTUGAL

BADMINGTON

Iniciados em 20 de Julho último, os treinos de «badminton» do Núcleo do Pavilhão das Cavaquinhas, em Arrentela, tem lugar, todas as terças e quintas-feiras, no pavilhão gimnodesportivo do Bairro das Cavaquinhas.

Não leve material, futuro atleta potencial do «badminton»: o núcleo fornece tudo o que for imprescindível. Mas, antes, inscreva-se se tiver 10 anos (ou mais, nunca menos), seja homem ou mulher (não há discriminação).

Fernando Simões, jogador da primeira categoria do Bairro das Cavaquinhas (leia-se núcleo) é o técnico.

SORTEIOS

A A.F.L., que ainda este mês tem em vista fazer disputar a sua Taça de Honra (Prova Regional), em futebol, efectuará amanhã, na sua sede, os sorteios referentes àquela iniciativa, bem como aos campeonatos distritais da I, II e III Divisões, que principiarão após a abertura da Taça de Honra, amrcada par 26 de Setembro.

Assim, as suas provas regionais (das três divisões) terão início em 7 de Novembro próximo, enquanto o Campeonato de Juvenis, que começa em 3 de Outubro, será sorteado em 14 do corrente. Os juniores, por seu turno, entrarão em liça em 17 de Outubro, efectuando-se o sorteio dos seus jogos em 17 do mês em curso. Os iniciados, com início marcado para 24 de Outubro serão sorteados em 28 do corrente.

PAIÕES

A comissão de festas (de Paiões) organiza, no próximo domingo (12), numa prova pedestre (partida às 9 e 30), com arranque e chegada junto ao recinto da comissão. A prova, já devidamente regulamentada, está aberta a todos os populares, que para nela participarem terão, naturalmente, de se inscrever (acto gratuito), quer seja rapaz ou menina.

Os escalões etários das diversas provas estão assim escalonados: Escalão A, dos 6 aos 7 anos; Escalão B, dos 8 aos 9; Escalão C, dos 10 aos 11; Escalão D, dos 12 aos 13; Escalão E, dos 14 aos 15; Escalão F, dos 16 aos 17; Escalão G, dos 18 aos 34; Escalão H, dirigentes terão pedido apreciável maquia pelo empréstimo.

LÁ FORA

LAUDA

Voltou ontem, quase dois meses após o acidente no Grande Prémio da Alemanha, que parecia tê-lo deixado às portas da morte, a conduzir um «Ferrari» de Fórmula 1, mas não o mesmo de que não logrou escapar-se a tempo, em Nurbuergring, de evitar as queimaduras que lhe marcam, ainda hoje, o corpo.

Um comunicado da firma italiana divulgava a convicção de que Lauda efectuaria — o que aconteceu ontem — um ensaio pessoal no circutio privado da empresa, em Modena, a fim de estudar a sua eventual (e da firma construtora) participação no Grande Prémio de Itália, que se efectuará, domingo, em Monza (onde também estará James Hunt, o seu mais próximo adversário, na liderança do Mundial).

BENFICA

. . Ganhou o III Torneio de Bordeus, ao vencer, na final, o Bristol (2-0), em encontro efectuado no relvado do Girondinos local, que constituiu, ao que referem as agências noticiosas, um espectáculo de futebol poucas vezes visto entre jogadores ou equipas juniores. Jose António e Jorge, este aos 60 minutos, lograram apontar os dois tentos, um em cada parte da melancia, enquanto Pereirinha, Nelson, José Luis Mendes prenderam a vasta assistência com actuações de irrecusável coturno.

Os encarnados formaram: Mendes; Artur, Bastos Lopes, Margaça e Peres; Mário Rui, José António e José Luis; Pereirinha, Nelson e Jorge (Ângelo Pedro).

QUEM É ROSA?

. . O checo Jiri Bartoisic [illegible]u, ontem, a 4.ª etapa da «Volt [illegible]turo» ao bater ao sprint o po[illegible] José Rosa, gastando o tempo [illegible]h. 6 m. 33 s., na distância de 166 [illegible] seguir classificaram-se: 3.º M[illegible]gheer, Bélgica, 4.06.44; 4.º Heck[illegible]rding, Holanda, 4.06.45; 5.º [illegible]Raccas, França, m.t.; 6.º Jiri Pe[illegible]checoslováquia, m.t.; 7.º Sig[illegible]sen, Dinamarca, m.t.; 8.º Jesus [illegible]ez, Espanha, m.t.; 9.º José Luis Mendez, Espanha, m.t.; e 10.º Charles Bernard, França, m.t.

O suecoS[illegible] chegou igualmente com 12 segundos de atraso do vencedor da etapa, mas mantem a camisola amarela.

Futebol em arranque

ANTECIPAÇÕES

Há já vários jogos nos diversos escalões nacionais, antecipados para sábado. Os pedidos que entretanto deram entrada no competente departamento da FPF foram-nos assim comunicados: Nacional da I Divisão (sábado) às 16.30, Belenenses-Estoril Praia; às 7 horas, Boavista-Académico e às 21.30 Benfica-Sporting de Braga; Nacional da II Divisão (Zona Centro(: sábado às 16 horas, Sanjoanense-Estrela de Portalegre; Nacional da II Divisão: Série A, sábado, às 16 horas, Vianense-Mondinense; Série B, sábado às 16 horas, Vildemoinhos-Lamego e Paços Brandão-Penalva do Castelo; Série D, sábado às 16 horas, Cartaxo-Alcobaça.

O desafio entre o Famalicão e o Paredes (Nacional de II Divisão — Zona Norte) realizar-se-á no domingo às 16 horas em Braga, Estádio 1.º de Maio enquanto que o jogo entre o Alcohetense e o Esperança de Lagos, igualmente se disputará no domingo, mas no Montijo (campo Luís Almeida Fidalgo).

MORTIMORE

Estará, sábado, em Dresden, para observar em termos de «espionagem futebolística» o Dínamo daquela cidade industrial, adversário do Benfica na 1.ª eliminatória da Taça dos Campeões Europeus de Futebol.

O encontro de sábado, que Mortimore verá ao vivo (e à vista desarmada) oporá a equipa do Karl-Marx-Stadt na segunda jornada do Campeonato de Futebol da RDA, após ter vencido por 4-0, os homens da equipa do Chemmie Halle.

TOMAR

Os dirigentes do União de Tomar, este ano na II Divisão Nacional (Zona Centro), após assegurarem a continuidade do atacante Camolas na equipa procuram reforçar os seus quadros, tendo feito viajar a Lisboa, nesse sentido, dois dirigentes, os quais parece terem acertado as agulhas quanto à transferência para o Nabão de dois jogadores do Sporting, o defesa Virgílio (elemento da ultima selecção nacional de juniores) e do atacante Garcês, promessa do Alvalade, que os

JOSÉ PEDRO

Teceram-se laudas em seu redor, chegou mesmo a ser visto como o perpetuador da incomparável classe de Eusébio. Mas não, José Pedro, humilde como poucos angolanos e moçambicanos que fizeram do chuto o seu modo de ganhar a vida (embora também estude), não se impôs na Luz, desiludiu mesmo, e foi transferido para o Chaves.

Esta temporada voltou a Lisboa e ao seu clube, para ser cedido, por mais uma época, aos flavienses, o que sucederá — em relação a outras equipas — a muitos dos jovens benfiquistas, logo que seja feita a triagem própria, nos grandes clubes, do limiar da época do chuto no couro, na canela e na saúde mental do adepto da bola com 22 gomos.

Geral

"Tambores na Noite" (Brecht) ensaiado pela Cornucópia - LEIPZIG 1977

. . O Teatro da Cornucópia encontra-se neste momento nos últimos ensaios de «Tambores na Noite», peça de Bertolt Brecht, que o grupo estreará durante a segunda quinzena de Setembro, na sua sala do Teatro do Bairro Alto, à Rua Tenente Raul Cascais, 1A (junto ao Rato).

Trata-se da segunda peça de Brecht, uma comédia escrita por este autor quando contava vinte e dois anos, pouco depois da revolução de 1918. Ainda sobre o acontecimento da insurreição espartaquista, na desilusão da derrota dos revolucionários, no momento em que a «ordem» estava restabelecida sob a autoridade de Ebert, um social-democrata que se tornou presidente do Reich, «Tambores na Noite» retrata o falhanço de um movimento revolucionário a partir das suas contradições internas.

A encenação é de Jorge Silva Melo e conta com a presença de dois novos actores no Teatro da Cornucópia: Rogério Vieira e Zita Duarte. A representação estará ainda a cargo de Alexandre Passos, Augusto Figueiredo, Gilberto Gonçalves, Helena Domingos, Jorge Nascimento, Jorge Silva Melo, Luis Lima Barreto, Luis Miguel Cintra, Márcia Breia, Orlando Costa e Raquel Maria.

Arte do Livro em exposição internacional na R.D.A.

Gráficos, técnicos e editores do Mundo inteiro estão já a mostrar grande interesse pela Exposição Internacional da Arte do Livro (I.B.A.) de 1977, que se celebrará de 6 de Maio a 5 de Junho em Leipzig, na República Democrática Alemã. Os primeiros livros começaram já a chegar à cidade.

A primeira I.B.A. realizou-se em 1927. A próxima exposição é subordinada ao lema «Tudo o que tenho de bom agradeço-o ao livro» (frase de Máximo Gorki), e o seu objectivo consiste em dar uma imagem do desenvolvimento geral da arte livreira.

Durante a I.B.A., efectuar-se-ão várias exposições especiais, como, por exemplo, «O belo livro infantil», «Manuais do Mundo inteiro», a exposição gráfica «Figura 2 — artistas imprimem» e outra, dedicada ao 60.º aniversário da grande Revolução socialista de Outubro.

Na exposição anterior (realizada em 1971) participaram artistas de 61 países vindos de todos os continentes Editoras e artistas livreiros da América Latina mostram também grande interesse pela exposição de Leipzig. O Instituto do Livro de Cuba, por exemplo, recebeu em 1971 uma medalha de prata como prémio do nível artístico da sua encadernação de manuais. A casa editora Universidade de Oriente da Venezuela recebe na mesma ocasião uma medalha de bronze.

Na exposição gráfica de 1971 participaram, entre outras personalidades, António Berni e Daniel Zelaya, da Argentina, Zoravia Bettiol do Brasil, Raul Martinez e Juan Moreiro, de Cuba, David Alfaro Siqueiros e Sarah Jimenez Vernis, do México, Júlio Augusto Zachrisson, do Panamá e Luis A. Solari, do Uruguai.

Editoras de Cuba e de outros Estados latino-americanos participaram também na exposição «Os livros mais belos do Mundo inteiro», que todos os anos se realiza em Leipzig. No ano passado, o Instituto Mexicano do Livro fez-se representar pela primeira vez (A.D.N).

Para ganhar...
tem que apostar!

TOTOBOLA

16ª época 1 X 2

no próximo domingo
o próximo concurso!

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto - Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/56487, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Buarcos, concelho de Figueira da Foz da linha aérea a 30 kV, com 203 metros, do apoio n.º 32 da linha para o posto de transformação da Mina e da Fábrica de Cimento da Companhia de Carvões e Cimento do Cabo Mondego, ao posto de transformação de Buarcos-Montalto da Câmara Municipal da Figueira da Foz.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 20 de Agosto de 1976.

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

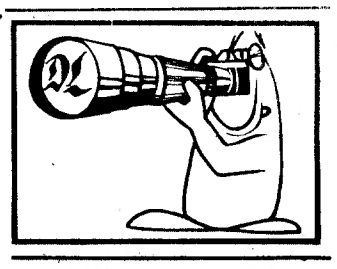
ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto - Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex.: União Eléctrica Portuguesa) a que se refere o processo 8/58146, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Santa Maria, concelho de Alcácer do Sal, de uma linha aérea a 30 kV, com 10 metros, do apoio n.º 329 da linha S. Sebastião-Alcácer ao posto de transformação da Câmara Municipal de Alcácer, no lugar de Majapoas.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 28 de Agosto de 1976.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins



Televisão

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

ESCURIDÃO EM TERÇA À NOITE

Havia uma esperança de que não voltassem mais os chatérrimos «momentos políticos» claro que emito isto na minha habitual frequência de onda, isto é, sem grande vontade de fazer ondas. Dou a minha opinião (refiro-me ao «chatérrimo»), muito embora admita que outros gostem. Os que lá vão, por exemplo. Deve ser uma satisfação na família...

Concordem que ouvir dissertar um fulano sobre seja o que for durante 30 minutos (à velocidade terrivelmente lenta de 60 segundos por minuto!) é qualquer coisa de insuportável. E de inútil. Dou um prémio e juro escrever aqui o nome por inteiro, para a posteridade, a quem for capaz de recordar duas ou três ideias expressas nos tais momentos políticos. Refiro-me, é bem de ver, àquelas intervenções que exprimiram ideias, com vossa licença.

Havia essa esperança. Mas a esperança esfumou-se. Os «momentos políticos» parece que voltaram. Pelo menos ontem.

ENERGIA: SEM FAÍSCA

«Terça à noite» encarregou-me desse frete executado, aliás, com os melhores sorrisos e uma delicadeza de diálogo que já se não usava certamente desde os tempos longínquos dos serões no salão de Alcipe.

Muito tempo, tempo demasiado para os momentos políticos geminados, o primeiro a cargo do secretário de Estado Rocha Cabral, o segundo para ouvirmos o coronel Garcia Leandro, governador de Macau.

Tempo demasiado por praticamente inútil. O secretário limitou-se a repetir o que tem sido dito e redito sobre a energia, a poupança, as divisas que se gastam, as albufeiras, as hidráulicas e as térmicas, etc, etc.

Nem sequer houve originalidade no conselho de gastarmos mais energia à noite, pois é quando existe maior potência disponível. Os portugueses sabem isso muito bem. A energia que mais gastam e à noite, característica, ao que dizem, muito conhecida em todo o mundo. Uma questão de potência? Mas claro! É para dizer isto que um secretário vai à televisão? Não valia a pena.

Em todo o caso, e já que estavam com a mão na massa, não teria sido nada mau aprofundar-se o caso das centrais atómicas.

Aqui fica a sugestão para «Terça à noite». Cartas na mesa. Mas sem salamaleques...

MACAU: MUITO LONGE...

Igualmente o coronel Garcia Leandro nada nos disse significativamente para além do que já tem exposto na Televisão portuguesa. Nem poderia fazê-lo com muita facilidade. Os cargos políticos impõem um recato, um arroz fingido incompatível com os efeitos sensacionais. Mesmo quando meio escondidos por uma certa facilidade em conservar, essas entrevistas acabam por passar despercebidas.

Assim, por exemplo, acabámos por ficar na mesma quanto à maneira como em Macau se viveu e se viu o 25 de Abril. Ficámos sem saber em que medida o 25 de Abril chegou a Macau. Ficámos sem saber (e a verdade é que também ninguém se lembrou de perguntar, o que prova que em televisão a gente só com sorrisos não se governa) por que razão, em Macau, se votara tão espectacularmente CDS...

Mesmo no que respeita à China as informações não poderiam deixar de ser extremamente cuidadosas. Ficámos sem saber porquê o governo de Pequim não reconheceu o governo de Salazar. Talvez porque a política de Pequim ainda, nesse tempo, pretendesse fingir algum pudor. Hoje, esse reconhecimento era mais que certo. Homessa!, em que é que Salazar era menos que Pinochet?

Outro pormenor deixou o entrevistador (que visivelmente não está em forma) passar em claro.

Houve nas declarações de Garcia Leandro algo com sabor a contradição. Diz-nos, por um lado, que o regime chinês deu resposta às necessidades elementares de 900 milhões de pessoas: saúde, habitação, alimentação; diz-nos, por outro lado, que Macau está implantado numa zona habitada por «dois terços da população mundial que tem fome».

Digamos que ocorreu um certo exagero. O regime chinês, sem dúvida, deu uma certa resposta às carências essenciais. Que, no entanto, estão bem longe da resolução conveniente. Aliás, no seu jeito cauteloso (nesse aspecto já um tanto orientalizado) de se exprimir, o coronel Garcia Leandro anotou que o povo chinês já dá mostras de insatisfação...

Ah, uma boa notícia: quem iver vinho encaminhe-o para Macau. Gostam por lá muito disso. Os japoneses, então! Quando por lá passam, levam consigo aos garrafões de cinco litros. E a gente a pensar que o «saké» resolvia tudo...

PACÓVIOS QUE AINDA SOMOS...

Deixemos isso, por hoje e apontemos um pormenor sem importância: a reportagem da chegada a Lisboa do cançonetista Dean Martin.

Fernando Pessa foi à chegada e inglesou correcto. Era a linguagem possível entre ambos, já que as grandes personalidades deste mundo têm prioridade na escolha da arma. Até porque, ao contrário de Eça que falava orgulhosamente mal o francês, Pessa fala orgulhosamente bem o inglês.

Já não se compreende aquela saudação que a Dean Martin foi pedida em castelhano. Castelhano e inglês são línguas bárbaras. Se o emprego do inglês, sujeito à competente tradução, se justificava, a que propósito veio o raio do castelhano? Se Dean Martin arranha a língua oficial de Espanha, é com ele e com os espanhóis. Na televisão aqui ao lado fará uso dela.

Mas aqui? A propósito de quê, santo Deus? Quando deixaremos nós de estar de cócoras diante do «nobre» falar dos estrangeiros? Quando se perderá, na Televisão, o desbarretar pacóvio?

Os "Cómicos" preparam uma peça de Musset

. «Os Cómicos» — Grupo de Teatro iniciaram a preparação do seu novo espectáculo, que vai basear-se na peça de Alfred de Musset «On ne badine pas avec l'amour», com tradução de Alexandre O'Neill, música de Carlos Zíngaro, cenografia de Jasmim Matos e técnica de movimento de Elisa Worm.

Esta peça de Musset (autor francês contemporâneo de Balzac e de Napoleão III) foi o último trabalho teatral do actor Gerard Philipe, em 1958, numa encenação de René Clair.

. Para além de preparar esta peça, ainda numa fase prévia aos ensaios, «Os Cómicos» dedicam-se, de momento, ao estudo das linhas básicas do seu trabalho para toda a temporada tendo já reunido o consenso de convidarem para dirigir espectáculos seus nomes portugueses: José Fonseca e Costa, Ricardo Pais, Jorge da Silva Melo e Mário Barradas.

TEATRO ABERTO
P. de ESPANHA metro PALHAVÃ telef. 77 09 69
grupo 4 apresenta
O CÍRCULO DE GIZ CAUCASIANO
bertolt brecht

(4.º MÊS em cena)
DE 3.ª A 6.ª FEIRA ÀS 21 e 15 H.
SÁBADO ÀS 15.30 e 21.15
DOMINGO só às 16 h.

Procuram-se sósias para "Entebbe"

. TELAVIVE — ANOP) — Uma casa cinematográfica norte-americana procura actores que se pareçam com o primeiro-ministro israelita, Itzhak Rabin, o ministro da Defesa, Shimon Peres e o brigadeiro Dan Shomron, que comandou o «raid» ao aeroporto ugandês de Entebbe para libertação de reféns, que é precisamente o tema do filme que se pretende fazer.

O realizador Frank Schaffrer encontra-se já em Israel à procura dos melhores locais para a rodagem da película e dos intérpretes mais parecidos com as personalidades indicadas.

A TELEVISÃO AMERICANA no CASINO ESTORIL
8 e 9/SETEMBRO * SALÃO RESTAURANTE, 23h.
TONY MARTIN & CYD CHARISSE SHOW
VEDETAS MUNDIAIS DO CINEMA E DA TV

NICHOLLS & HONEY
BLACKWITS
"BLUEBELL GIRLS"
300$00 (T.S.C.) p./pessoa c./direito a 100$00 de consumo (bebidas) JANTARES AOS PREÇOS NORMAIS
TODAS AS NOITES
NO WONDER BAR A 1.0 H
ESPECTÁCULO HABITUAL
(Interdito a m. 18 anos)

Hoje

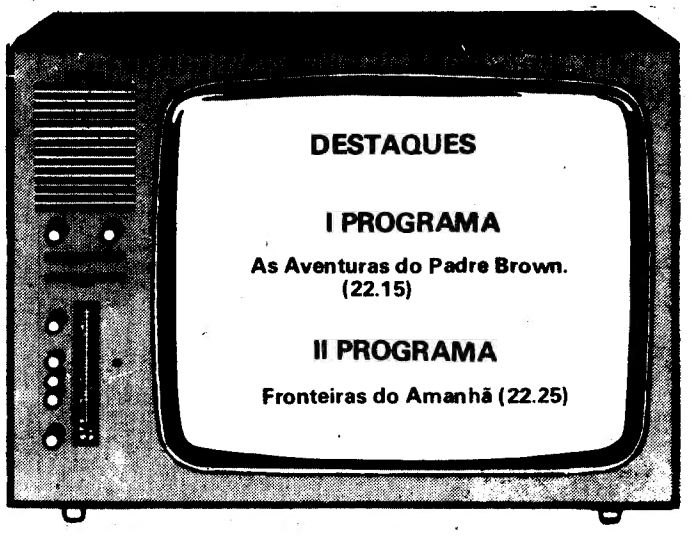
«As Aventuras do Padre Brown»

I PROGRAMA

19.00 Abertura e **«Volta ao Mundo em 80 Dias»**
19.25 Guerra Junqueiro
19.55 Educação Permanente
20.10 Vamos Jogar no Totobola
20.30 Telejornal — 1.ª edição
21.05 Comunicação ao País do Primeiro Ministro
22.15 Padre Brown
23.10 Telejornal — 2.ª edição
23.30 Fecho.

II PROGRAMA

20.00 Abertura
20.25 Fronteiras do Amanhã
20.40 Da Saúde e da Vida
21.00 «Sweeney»
21.15 Telejornal — em diferido
22.25 Sabe que há um Museu dos Fósforos?
23.30 Fecho.



Amanhã

I PROGRAMA

19.00: Abertura e programa juvenil; **10.30**: «Segredos do Mar Vermelho»; **20.00**: TV Palco; **20.30**: Telejornal — 1.ª edição; **21.00**: Momento Político; **21.20**: «O Anjo»; **22.50**: Telejornal — 2.ª edição; **23.05**: Fecho.

II PROGRAMA

19.30: Abertura; **20.25**: «O Regador Mágico»; **20.50**: Em Toda a parte Aprendemos; **21.05**: «A Mãe»; **22.45**; Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS - CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 722786-834271
Avenida S. João de Deus, 12-B - Rua Macau, 8

Espectáculos

"PROPOSTA" COM SEIS MESES DE VIDA

Teatro no meio operário exige condições materiais

DANIEL REIS

Teatro, cinema, convívios com crianças, intercâmbio humano e profissional com outros grupos de trabalhadores de teatro e actividades lúdicas diversificadas fazem parte do relatório do Grupo Teatro Proposta ao fim dos seus seis primeiros meses de vida numa sala preparada no Poço do Bispo, pelos próprios membros da cooperativa, à custa de um mês de salário. Junte-se-lhe uma constante procura de inserção no meio social e cultural dos bairros operários, a oriente de Lisboa, que levou o grupo às fábricas e às colectividades populares da zona oriental da cidade de Lisboa, para se ter uma ideia do trabalho desenvolvido e das intenções que animam os doze elementos do GTP com vista à próxima temporada, se a conjuntura política deste País permitir a continuidade do Grupo no seio dos trabalhadores onde nasceu e onde quer continuar a viver.

«Um grupo de trabalhadores de teatro juntou-se», diz-se no texto de apresentação da companhia, «para tentar uma experiência teatral e de exercício cívico inserida no processo da Revolução Portuguesa, tendo em vista as necessidades específicas da promoção cultural do povo português, entendida esta promoção como uma troca do que há de comum de vivências, desejos, insuficiências, etc., no sentido da alteridade e desalienação e, por consequência, da sua consciencialização para uma via socialista».

«Notícias do Poder»: Para falar do poder velho, um adequado jornal e uma consentânea bebida

TERÁ VALIDO A PENA?

Passados estes seis meses, e entrado que é o grupo em férias, terão sido cumpridos os propósitos iniciais e terá valido a pena o esforço geral de resistência durante todo este tempo?

Mais do que palavras — que pedimos — o Grupo de Teatro Proposta forneceu-nos os números da sua actividade e destacou o significado de algumas das iniciativas.

Temos assim que, para começar, a intenção de trabalhar num meio operário chocava com a falta de instalações. Foi encontrada uma garagem na Rua do Vale Formoso, ali ao Poço do Bispo, e desse espaço se fez uma sala, um palco, bancada e camarins, isto é, se preparou o terreno para a função teatro-convívio-troca cultural. As doze pessoas que formam a cooperativa — Álvaro Faria, Ângela Ribeiro, Fernando Gusmão, José António, José da Costa, José Pedro, Luís Alberto, Manuel Coelho, Marília Gama, Vitor Esteves, Teresa Dias Coelho e Jorge Mendes — sacrificaram o primeiro mês de salário (subsídio da Secretaria de Estado da Cultura) para construirem este espaço. E logo após foi posta em cena a peça «Notícias do Poder».

Aberta a actividade pública, como reagiu o meio circundante, isto é, o povo de Marvila-Poço do Bispo aos «artistas» que lhe vinham propor o intercâmbio cultural e a troca de experiências da vida de todos os dias?

«Devido aos horários de trabalho dos habitantes da zona, que os obriga a levantarem-se muito cedo», lê-se no relatório das actividades, «temos efectuado apenas três espectáculos por semana, nas noites de sexta, sábado e domingo. Nos outros dias foram programadas idas aos próprios locais de trabalho».

Foi assim que, tendo o teatrinho lotação de 100 lugares, assistiram aos 19 espectáculos 1100 pessoas. Fora do espaço próprio do Grupo, «Notícias do Poder» foram levadas ao Teatro da Trindade (15 espectáculos para o Inatel), a Coimbra, (dois espectáculos) e a Sacavém (outros dois). Isto durante Maio e Junho.

Já no mês de Julho e enquanto ensaiava o segundo espectáculo («Histórias...»), o Grupo de Teatro Proposta deslocou-se às fábricas EPAL, J. B. Fernandes, Covina, Fábrica de Material de Guerra, etc. e às localidades de Sarilhos Pequenos, Coina, Seixal e outras na margem Sul.

Veio então o segundo espectáculo, encenado por Fernando Gusmão sobre textos de Osvaldo Dragún, José Ruibal, Enrique Buenaventura, poemas de Bertold Brecht e Teatro Campesino. Com esta peça se ocupou o mês de Agosto, no Centro de Convívio Cultural, como o Grupo Proposta chama ao seu espaço cénico e de convívio.

Mas Marvila era um «deserto cultural», tal como outros bairros operários e zonas antigas da cidade onde os habitantes não têm dinheiro, disposição ou tempos livres para se deslocarem à cidade aos centros tradicionais de teatro e dos espectáculos culturais. Para combater isso, o Grupo abalançou-se a outras iniciativas, sempre com o objectivo da descentralização cultural.

«UM MEIO ERIÇADO DE DIFICULDADES»

«A zona de Marvila é um meio eriçado das maiores dificuldades para uma animação cultural», disse-nos Fernando Gusmão, encenador do último espectáculo e irmão mais velho e mais experiente dos cooperantes do «Proposta».

«Entre outras causas podem apontar-se ser uma zona essencialmente fabril com uma população composta na sua maioria por operariado com horários de trabalho e turnos muito diversificados o que dificulta a planificação, obrigando-nos a encarar de frente o problema da ocupação dos tempos livres. Tem uma população penetrada e alienada, no plano cultural, pelos meios de «comunicação de massas» e, por conseguinte, fruidora da chamada «arte de massas» que, como se sabe, é uma degenerescência da autêntica arte. Este facto remete-nos de imediato, com relação à desalienação e promoção cultural dessa mesma população, para as perguntas: Que fazer? Como fazer?»

Com estes condicionalismos a funcionarem de pano de fundo, foram convidados a deslocar-se ao Centro de Convívio Cultural o Grupo de Trabalhadores da Casa da Comédia, com o espectáculo «Os encantos de Medeia» (dias 7, 8 e 9 de Maio) e o Grupo «A Barraca», com o espectáculo «A cidade dourada» ou «Nem tudo o que luz é ouro» (nos dias 11, 12, 13, e 14 do mesmo mês). A 15 e 16 de Maio foi a vez do cinema amador ser trazido até junto da população de Marvila e Poço do Bispo. Lá foram exibidos os documentários «Mineiros da Ardósia» (José Manuel Lima), «Júlio de Matos, um hospital» (José Carlos Marques), «Agora é que são elas, Zé» (Júlio Bernardo), «Do pesadelo à realidade» (Fernando C. Matos), «Do 11 de Março às eleições para a Assembleia Constituinte» (Nuno Monteiro Pereira), «Lock out» (Joaquim Moreira de Pinho), «Panasqueira» (Nuno Monteiro Pereira) e «Viver por Gubemberg» (Fernando Correia Marques).

Um filme de Eisenstein («Alexandre Nevsky») foi passado três vezes no Centro de Convívio; «Shane», de George Stevens, duas vezes, depois do «Deus, Pátria, Autoridade», de Rui Simões, todos eles no mês de Julho. Nesse mesmo mês as actividades paralelas incluiram representações dos grupos amadores no Centro, no Instituto de Engenharia Civil, transporte de crianças até sessões de fantoches e outras actividades que reuniram crianças e adultos em convívios culturais que podem ajudá-los a olhar com outros olhos a realidade quotidiana.

As crianças encheram o Centro Convívio Cultural, do Grupo «Proposta», no Dia Mundial da Criança

ESFORÇO DE IMPLANTAÇÃO NO MEIO CULTURAL

Tudo isto representa um grande esforço para quem está implantado em terreno cultural que não conhecia e pretende ajudar a transformar. Os projectos que o Grupo Proposta transporta para o próximo ano englobam a apresentação de dois espectáculos teatrais («A excepção e a regra», de Bertol Brecht a dirigir por um encenador espanhol, e «Ritual», de Carlos Coutinho) e várias actividades paralelas na linha das prosseguidas já nos seis meses anteriores: organização de um Grupo Coral composto por moradores da zona, apresentação do espectáculo por outras companhias, convites a músicos, cantores, etc.

Da assistência ao último espectáculo podia depreender-se um certo desfasamento entre os actores e os destinatários das peças, entre o grupo e o meio onde se pretende inserir. Só com o tempo poderá ser conseguida uma aproximação mútua mais fecunda, o que implica um esforço progressivo de estudo e compreensão da textura social do meio proletário que é o dos bairros a Oriente da cidade de Lisboa.

Fernando Gusmão, ao tocar estas questões, que vão obrigar o Grupo a repensar a sua actividade, em cada momento, garantiu ao «DL» que «a real implantação do Grupo de Teatro Proposta na zona, com resultados mais concretos e de maior alcance, só poderá ser consequida a médio e a longo prazo e desde que sejam postas à nossa disposição condições materiais, de forma a ultrapassarmos esta curta (seis meses de actividade na zona) primeira fase da nossa experiência».

Crítica de Cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

FESTIVAL DA FIGUEIRA DA FOZ

Ainda a meio gás

Falar de um festival de cinema não é só falar de filmes mas também da forma como eles são exibidos e do enquadramento que lhes é dado. Cabe por isso referir brevemente o interesse que têm tido os debates realizados entre o público (e não **para** o público) e que constituem espaços de leitura e de confronto de que não é supérfluo realçar a importância. Na linha dos anos anteriores tem a organização fornecido ainda textos críticos sobre as diversas obras, para além de algum material de apoio (como entrevistas a realizadores) que ajuda de certo modo o público a reflectir sobre o que lhe é dado a ver no **écran**.

E o que lhe tem sido dado a ver tem chegado dos mais variados horizontes estéticos e ideológicos. Do Quebeque, por exemplo, chegou **O último noivado** de Jean-Pierre Lefebvre, rigorosa meditação sobre um tempo de velhice, que não passa senão nos relógios, pautado por um quotidiano gasto mas não isento de vida, à espera de uma morte inapelável que vai aparecer a qualquer hora.

Trabalhando de modo intimista, quase secreto, em longos planos-sequência em o que olhar se perde e o tempo se dilata até dele se diluir o sentido, Jean-Pierre Lefebvre aflora aqui alguns dos chamados pequenos problemas de um real quotidiano a que no entanto é necessário emprestar atenção. A morte, a pequena solidão de quem já nada espera, a presteza dos gestos de carinho, algum cansaço, enfim uma derradeira decisão de vida: a de decidir da própria morte.

De França também chegou uma obra, **Vicente atou o burro de Pierre Zucca**. O mínimo que se dirá é que se tratou de um equívoco da selecção. Filme de quem olhou Truffaut apressadamente sem saber que Léaud se não reinventa, que entretanto muita coisa se passou, e que nem Bernadette Laffont, sempre sublime, consegue salvar do descalabro.

Por intercâmbio com o Festival de Marnheim, viram-se na Figueira duas películas de interesse designal: **A água era tão clara** do japonês Yoichi Takabayashi e **O caminho do velho Reales para a morte** do argentino Gerardo Vallejo. E se o filme japonês não ultrapassa o olhar esteticista e contemplativo sobre duas formas de comportamento coexistentes e contraditórias (a do antigo Japão, representado por um monje budista, em equilíbrio consigo e com o mundo, equilíbrio que a intrusão de valores ocidentais vem destruir), o lhar não isento de algum fascínio mas definitivamente fossilizado, e improdutivo, já o filme de Vallejo, nos fala de um outro espaço. Espaço que tem a ver com um dia-a-dia dos trabalhadores da provincia argentina de Tucuman os seus problemas, a sua realidade colhida ao vivo e sem retoques, sem positivações nem moralismos. Não é uma realidade modelo mas uma realidade «real», por isso contraditória, vonvulsa, incómoda, esperançosa e desesperada. Mais do que um filme que ensina, este é o protótipo do filme que mostra, que constata, que enquadra, que não esconde nem mistifica, ou seja do filme qu aprende com o Povo a sua própria maneira de caminhar, mesmo se esse caminho não é exemplar, mesmo que ele não esteja conforme aos manuais da política, da esquerda.

Entretanto da Inglaterra vimos um filme de que se poderá desde já dizer constituir um dos pontos chave deste festival, **Winstanley** de Kevin Brownlow e Andrew Mollo, centrado na experiência comunitária (comunista?) vivida por um grupo de camponeses do Surrey em meados do século XVII. Trata-se de uma forma produtiva de ilustrar a História e só foi pena que uma tradução simultânea amadora e desastrosa tivesse provocado algumas deserções por parte do público.

Este um aspecto técnico que convirá tratar convenientemente em futuras edições do festival.

Estrangeiro

A Síria quer afastar Arafat da chefia da O.L.P.

. BEIRUTE, 8 — (ANOP) — A Síria pediu que Yasser Arafat seja afastado dos seus postos de decisão política e militar na Organização de Libertação da Palestina e que seja substituído por dirigentes pró-sírios — revelaram círculos diplomáticos árabes.

De acordo com estes círculos o presidente Hafez Assad da Síria pediu pessoalmente a demissão de Arafat da presidência da OLP. Assad gostaria que Arafat fosse substituído por um executivo formado por três elementos.

O pedido de Assad para a mudança na presidência da OLP faz parte de uma proposta global elaborada pelo presidente da Síria para pôr termo à guerra do Líbano.

Segundo círculos diplomáticos, o presidente da Síria propôs também que a OLP aderisse a uma reunião federal com o Líbano, a Síria e a Jordânia em troca de apoio material a fornecer por estes três países ao exército da OLP.

Como presidente da OLP, Yasser Arafat é também comandante-chefe da revolução palestiniana e do Exército de Libertação da Palestina, que conta com cerca de 8.000 homens.

Os mesmos círculos acrescentaram que Assad não se oporia a que Arafat mantivesse o comando da Fatah, a maior das organizações de guerrilheiros palestinianos, mas a menos importante ideologicamente.

O presidente sírio propôs a criação de um Executivo de três elementos presidido por Khaled Hassan, um dos oito fundadores da Fatah.

Segundo a proposta de Assad, Hassan partilharia as grandes decisões políticas com os ramos militares e legislativo do movimento.

Ainda de acordo com as mesmas fontes, Assad insistiria em que Zohair Mohsen, dirigente do grupo de guerrilheiros Saiqa, pró-sírio, assumisse a chefia do sector militar da OLP, e que Khaled-Fahoum, que vive normalmente em Damasco, mantivesse o seu posto de presidente do Conselho Nacional Palestiniano — o ramo legislativo da OLP. Fahoum seria assim um dos membros da «Troika» proposta por Assad.

Segundo se afirma, a Arábia Saudita, um dos principais apoios financeiros da Síria e da OLP, mostra-se a favor das alterações propostas por Assad, as quais foram apresentadas a mediadores árabes que tentam resolver as actuais divergências entre a Síria e os guerrilheiros palestinianos.

Os círculos diplomáticos que anunciaram as propostas de Assad representam um Estado Árabe do Norte de África que mantém relações amigáveis, tanto com a Síria como com os palestinianos. Esses círculos pediram que a sua identidade não fosse revelada.

Círculos fidedignos palestinianos confirmaram particularmente estas propostas, mas acrescentaram que as alterações propostas «são mais do que impossíveis nas actuais circunstâncias».

A DIREITA APELA PARA A SÍRIA

Com a reactivação da luta na maioria das frentes, os «leaders» cristãos renovaram o seu pedido para que a Síria empreenda uma acção militar decisiva que ponha termo à guerra civil antes de o presidente eleito, Elias Sarkis, tomar posse no próximo dia 23.

Ontem, morreram pelo menos 97 pessoas em Beirute, onde as tropas da Liga Árabe conseguem manter uma frágil zona neutra entre as metades na posse de cristãos muçulmanos.

Este mini-helicóptero dirigido à distância é uma das novidades apresentadas no Salão Internacional de Farnborough, em que participam 400 firmas aeronáuticas. Trata-se do Salão aeronáutico mais importante do Mundo. (Foto Keystone)

Comunicado rodesiano

. SALUSBÚRIA, 8 — (R.) — Guerrilheiros nacionalistas negros mataram uma mulher branca de idade avançada na sua residência, próximo da fronteira com o Botswana — anunciaram a noite passada as forças de segurança rodesianas.

A guerra contra o governo minoritário branco causou também a morte de 11 guerrilheiros e 13 civis africanos nos últimos cinco dias dizia um comunicado.

Quarenta brancos e 450 civis negros perderam a vida desde que os guerrilheiros começaram a sua luta em 1972.

De acordo com números oficiais, foram mortos 1.548 guerrilheiros, contra a perda de 153 membros das forças de segurança.

O Paquistão e a Índia disputam o "Koh-i-noor"

. LONDRES, 8 — (R.) — O Paquistão e a Índia iniciaram uma disputa diplomática sobre a posse do diamante Koh-i-noor», uma pedra de valor inestimável que faz parte das joias da coroa e se encontra em poder da Grã-Bretanha desde 1849.

Apenas algumas horas depois de surgir a notícia de que o primeiro-ministro paquistanês, Zulfikar Ali Bhutto, havia pedido ao primeiro-ministro James Callaghan a devolução da fabulosa gema — retirada do Punjab depois de este ter sido anexado pela Grã-Bretanha — também a Índia reclamou a pedra.

O vice-alto-comissário da Índia em Londres, Natwar-Singh, declarou a noite passada: «O diamante pertence à Índia, Bhutto pode fazer o pedido que quiser. Há outras pessoas interessadas nele».

Ao que o embaixador paquistanês na Grã-Bretanha, Mian Daultana, respondeu: «Pessoalmente, não vejo como podem reclamar este diamante. Ficaria surpreendido se o recebessem».

Entretanto, o diamante de 109 carates, reconhecido como o melhor do Mundo, encontra-se ainda em segurança na Torre de Londres onde constitui a gema central da coroa da rainha.

O único comentário do Governo sobre o pedido de Bhutto foi um delicado «será considerado».

Ontem, em Nova Deli, a agência noticiosa Samachar citava peritos de diamantes indianos como tendo afirmado que a joia era «absolutamente de origem indiana e apenas a Índia pode ser o seu pretendente legítimo».

Mas o último litígio sobre o fabuloso «Koh-i-noor», um nome que significa «Montanha de Luz», é apenas mais um capítulo nos turbulentos mil anos de história do diamante durante os quais se tornou troféu de numerosos conquistadores e numa altura ou noutra foi pertença das casas mais nobres do subcontinente indiano.

Peritos indianos dizem que o «Koh-i-noor», foi encontrado numa mina indiana. Pertenceu a uma sucessão de dirigentes de Moghul, na Índia, antes do imperador persa, Nadir Xá, saquear a capital Moghul em 1739 e levar a pedra como parte do seu espólio. Deu-lhe o nome de «Montanha de Luz».

Mais tarde a gema foi levada por qualquer razão para o reino Sikh, no Punjab, que é agora parte do Paquistão. Quando a British East Índia Company anexou o Punjab em 1849, a «Montanha de Luz» foi enviada para Londres onde se tornou parte das jóias da coroa da rainha Victória.

Sendo inicialmente um desajeitado diamante de 191 «carats», a pedra foi cortada em 1852, para ganhar a sua actual forma oval de 109 carates.

Foi usada pela última vez pela rainha-mãe durante a coroação do rei George VI em 1937.

Agora o «Koh-i-noor» aguarda na torre de Londres a próxima fase na luta interminável pela sua posse.

Avião francês destruído por separatistas corsos

. AJACCIO (CÓRSEGA), 8 — (R.) — Separatistas corsos fizeram ir pelos ares ontem, à noite um avião de carreira da Air France, pousando no solo, no aeroporto de Campo del Oro em Ajaccio. O atentado bombista foi seguido por rusgas da Polícia contra grupos separatistas devido às quais, segundo anunciou a rádio francesa, foram presas 80 pessoas.

Ninguém se encontrava a bordo do jacto Boeing 707 quando explodiu, incendiando-se, com as chamas atingindo grande altura.

Sete homens mascarados saíram sorrateiramente do meio de uma multidão de separatistas corsos e, após chegarem ao jacto, obrigaram a tripulação a deslocar o avião para uma área isolada do aeroporto antes de fazerem deflagrar, pelo menos duas bombas.

A Polícia, prendeu cinco indivíduos pouco depois da explosão. Mais 15 haviam sido detidos, antes, no dia de ontem, durante manifestações em Ajaccio.

A rádio disse ainda que o ministro francês do Interior, Michel Poniatowski, deu ordem para se efectuarem rusgas contra grupos separatistas, após o atentado bombista.

As 80 pessoas presas incluem, segundo se crê, elementos da «Comissão contra a Repressão», que tem organizado recentemente muitas das manifestações na Córsega — acrescentou a Rádio.

Antes da explosão, cerca de 400 manifestantes paralisaram o aeroporto, bloqueando as pistas com camiões e pedindo, aos gritos, a libertação do dirigente do Sindicato dos Camionistas, preso na semana passada.

O Sindicato manifestou-se recentemente em apoio do movimento separatista, que tem reivindicado maior autonomia para esta ilha francesa no Mediterrâneo, em que nasceu Napoleão.

Agitação separatista tem continuado acesa desde o Verão passado, quando morreram três polícias devido a recontros com grupos armados.

Espera-se que a destruição do jacto aumente a tensão na ilha.

A manifestação no aeroporto ontem, à noite, seguiu-se à manifestação na própria cidade, de Ajaccio, onde, além das 15 pessoas presas, ficou ferido um polícia.

Rapto e resgate na Califórnia

. MALIBU (CALIFÓRNIA), 8 — (R) — O produtor cinematográfico e de discos Lou Adler foi raptado, na semana passada, da sua residência junto ao litoral e obrigado a pagar um resgate de 25.000 dólares (cerca de 750 contos), segundo revelou a polícia de Los Angeles.

O rapto ocorreu em 1 de Setembro e não foi revelado senão até um homem e uma mulher comparecerem ontem perante o tribunal municipal.

As autoridades disseram que Adler fora levado da sua residência para outra casa que tem em Malibu, onde foi conservado como refém durante oito horas até entregar o dinheiro exigido.

marrocos
TANGER
· FIM DE SEMANA desde 2.390$ com banho
· UMA SEMANA
CIDADES IMPERIAIS
· UMA SEMANA
PARTIDAS SEMANAIS AOS SÁBADOS E SEGUNDAS-FEIRAS DE ABRIL A DEZEMBRO
· Avião da Royal Air Maroc
· Boas hotéis, quartos c/ banho
· Alojamento e peq. almoço ou 1/2 pensão, ou pensão comp.
· Transporte aerop./hotel/aerop.
· Qualidade + economia
RESERVE JÁ!
VIAGENS RAWES
Lisboa-Correspondência: R. Bernardino Costa 47
Expediente: Trav. do Corpo Santo, 15 Tel. 370231
Faro - Rua Conselheiro Bivar, 72 Tel. 23195/6

PUB
PORTUGUESES NA BULGÁRIA
Partiu para a Bulgária um grupo de oitenta portugueses de vários pontos do País que durante sete dias contactará com diversos aspectos da vida búlgara. A viagem, de iniciativa da **Associação Portugal-Bulgária**, inclui uma visita a um grande complexo agro-industrial de Plovdiv, a uma fábrica de têxteis e à sede dos Sindicatos Búlgaros, além de visitas a alguns monumentos importantes na história do povo da Bulgária. Durante a estada na capital, o grupo participará nas comemorações do 9 de Setembro, dia da Festa Nacional neste país.
A Associação Portugal-Bulgária prepara neste momento um programa de visitas específicas para o próximo ano, por sectores socio-profissionais, que permitirão um melhor conhecimento da vida do povo búlgaro. Esse programa será anunciado oportunamente.

nova remessa
super-jogo
Black & Decker
AP035
EM ATRAENTE ESTOJO DE PLÁSTICO
2195$
EQUIPADO COM
- POTENTE BERBEQUIM DE 13 m/m 2 VELOCIDADES
- SERRA CIRCULAR
- LIXADORA VIBRATÓRIA
- SUPORTE HORIZONTAL
- CATRABUXA TIPO TAÇA
- REBOLO DE ESMERIL + VEIO ADAPTADOR
- FLANGE DE BORRACHA
- 6 DISCOS DE LIXA + BÓINA DE POLIR
QUANTIDADE LIMITADA!
ALFREDO A. MOREIRA, LDA.
(a Casa dos Berbequins)
Venha já ou peça pelo correio à cobrança
sede: Rua Ferreira Borges, 16-18
Telfs.: 66 21 46 - 66 86 56 - LISBOA
Loja "HOBBY" no Drugstore Apolo 70
Av. Júlio Dinis, 10-A Telf.: 77 40 94 - LISBOA
Aberto todos os dias até à meia-noite
QUEIRAM ENVIAR-ME CONJUNTO SUPER - JOGO 2195$00 + 60$00 PARA PORTES
Nome _____
Morada _____

Nacional

OS DESPEJOS EM QUESTÃO

Continuação da pág. 11

na prática são só iguais perante a lei.

As rendas das casas sobem de uma maneira assustadora. Em proporção aos ordenados, os preços das casas praticados em Portugal talvez sejam os mais altos do mundo. Com o 25 de Abril, houve uma retracção do capital privado na construção «porque não se sabia que rumo político tomava este País». As perspectivas, de início não eram nada favoráveis às grandes negociatas dos terrenos, nas quais, muitas vezes, estavam envolvidas figuras do aparelho de Estado. E agora?

. Continua-se a tratar a casa como uma mercadoria. Aos capitalistas interessa que exista muita procura e pouca oferta. Que se construa a um ritmo reduzido para que a especulação, sobre a renda, seja possível. O ministro da Habitação diz que são precisas 600 mil casas. É verdade. Quanto a esse argumento da retracção do capital privado na construção civil eu penso que não é muito correcto. Antes do 25 de Abril havia condições favoráveis à iniciativa privada e as pessoas viviam nos bairros de lata. Isso não passa de ficção. Os capitalistas só se interessam em construir casas para gente com dinheiro. Gente que possa pagar rendas altas. Resolver o problema da habitação não é com eles. Os senhorios, pelo menos, pretendem um rendimento de 10 por cento sobre o capital investido.

Finalmente, segundo Hipólito dos Santos, o problema da habitação enquadra-se numa perspectiva mais vasta. Não depende das boas intenções deste ou daquele ministro. Insere-se, sim, na política do Governo. Num programa — sobejamente conhecido.

Hipólito dos Santos, presidente da Associação dos Inquilinos Lisbonenses

Este Governo propõe-se fazer a reconstrução do País com capitais estrangeiros. É evidente que os capitalistas estrangeiros só confiam no Governo se a propriedade privada continuar a ser sagrada. Com isto não quero dizer que o Governo defenda os capitalistas, mas a sua estratégia de acção assenta no capital estrangeiro. Evidentemente que esta política conduz ao sacrifício dos trabalhadores.

AS EQUIPAS SAAL ENTRARAM NOS BAIRROS DE LATA

O crescimento urbano originou a deportação das classes trabalhadoras para as periferias. Para os «galinheiros». Ou pior: para os «ghettos». Para os bairros de lata. Aí vivem isolados e segregados do tecido urbano. Surgiu a intervenção SAAL (Serviço Ambulatório de Apoio Local) que entrou pelos bairros da lata dentro, na tentativa de resolver a crise de alojamento. Essa operação, porém, implicava a colaboração das autarquias locais. Dificuldades de toda a ordem foram levantadas por esses organismos. O trabalho realizado está à vista, apesar de tudo. Traduz-se em 151 operações que envolvem 40 mil fogos, tendo em curso 35 operações com um total de 10 mil fogos.

O SAAL começou com um grupo de guedelhudos, como lhe chamavam, que apareceram nos bairros a «excitar» as populações. Partimos para o trabalho sem bases nenhumas. Pensámos, ao princípio, que podíamos arrancar com base em experiências efectuadas noutros países: socialistas e não socialistas. Depressa verificámos que essas experiências não nos serviam. Então atirámos com as brigadas para o meio dos bairros, tendo apenas como ferramenta um despacho ministerial e uma coragem muito grande. Cometeram-se erros, que tivemos o bom senso de medir e de circunstanciar. Ao fim de um ano e meio tivemos a coragem de apreciar os erros e encontrar uma nova forma de estar no trabalho. Dentro de um mês (o prazo que nos foi concedido pelo actual ministro) talvez estejamos reorganizados — diz Pais Branco, director da SAAL.

As brigadas recolheram dados a partir de auscultações feitas junto dos moradores. Funcionam 151 operações com 90 equipas que integram arquitectos, engenheiros, juristas, sociólogos, assistentes sociais, animadores, contabilistas, etc.

Em quase dois anos os «anarcas» que andavam pelos bairros conseguiram um conhecimento que lhes permite avançar para um trabalho baseado na experiência.

«Só não temos brigadas em Trás-os-Montes e na Beira Baixa, mas já recebemos, daí, pedidos de intervenção».

Pais branco refere-se à luta travada no sentido de demover os obstáculos burocráticos e de natureza política que o SAAL teve de enfrentar.

Um dos objectivos era conquistar terrenos onde havia os bairros da lata e alargar o espaço. Essa operação sempre foi discutida com os moradores. Aliás os moradores intervêm sempre. Aprenderam a intervir. O actual ministro mostrou dúvidas quanto a essa capacidade dos moradores, mas verificou com os seus próprios olhos que eles sabem falar com os ministros. Mesmo que não tivéssemos produzido casas, tínhamos criado quadros que se sabem organizar. Houve boicotes na conquista dos terrenos, vindos tanto das autarquias locais como de outros departamentos oficiais que intervêm no processo. O último boicote aconteceu no Algarve com uma fábrica de cimentos que se recusou a fornecer o material. Segundo consta essa fábrica, agora, está dependente de uma nova da administração financeira, ligada a Champallimaud.

Pais Branco refere-se à luta que as autarquias locais continuam a ter nos gabinetes técnicos pessoas comprometidas com as negociatas da construção civil que se faziam no antigo regime. Boicotam a intervenção do SAAL na medida em que os terrenos são expropriados. Citou, como exemplo de boicote, o comportamento da Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização.

Essas pessoas existem ainda nas câmaras municipais. O perigo está na facilidade com que elas se pintam. Pintar de vermelho é fácil. Depois no comportamento é que se vê qual a sua cor verdadeira. Curiosamente dizem que o SAAL é dominado pela extrema-esquerda. Pois eu sou do Partido Socialista e fui eleito para o cargo de director por todos os trabalhadores. Os tais guedelhudos de extrema-esquerda escolheram um socialista para os dirigir. Aqui não há gente de direita, mas não fazemos questão em saber quem está mais à esquerda.

Apesar das calúnias, o SAAL definiu os seus objectivos para o ano de 1977: propõe-se atingir a soma de 700 fogos por mês.

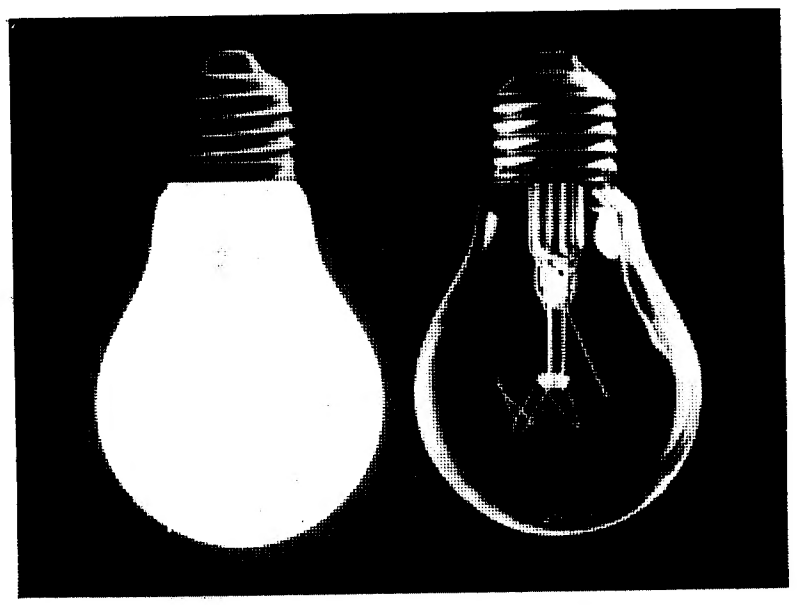
Estamos comprometidos com uma produção de 40 mil fogos. No fim de 1977 talvez tenhamos conseguido os 10 mil. Entretanto, o Governo deve decidir qual o critério que lhe interessa. Já temos pedidos para mais de 100 operações. Portanto a reestruturação impõe-se.

Os moradores dos bairros de lata quando apareceram as brigadas receberam-nas de maneira violenta. Não acreditavam que elas iam lá para lhes trazer benefícios. Calejados de promessas não cumpridas pensavam: *Estes vêm para nos tirar das barracas. O que eles querem é vender o terreno a 10 contos o metro quadrado para construirem prédios de rendimento.*

A resistência dos moradores dos bairros de lata foi vencida. Arriscaram. *Vamos experimentar.* Vieram as casas. Cento e cinquenta casas estão prontas e entregues. Nos bairros de lata começa-se a acreditar...

basta apagar uma lâmpada?...

é preciso poupar energia eléctrica



Basta apagar uma lâmpada? Não! Não basta, mas já é qualquer coisa.
Muita coisa mesmo.
Basta dizer-lhes que se todos nós apagarmos um lâmpada em nossas casas,
uma lâmpada de consumo médio,
estamos a poupar aproximadamente a energia que nesse tempo produz
uma barragem como a do Castelo do Bode.
Surpreendente, não é? Basta apagar uma lâmpada? Não!
Mais importante ainda é utilizar os electrodomésticos
(em especial máquinas de lavar roupa e loiça) entre as 11 da noite e as 8 da manhã,
no período de menor consumo.
Não vai ser difícil, e pouparemos a pouca água que ainda temos nas barragens.
Seja razoável! Contribua para que se não venham a tomar medidas que a todos prejudicam.
Em especial a Indústria. Mas a si também. E muito!

poupe hoje
para ter amanhã

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS — ELECTRICIDADE DE PORTUGAL

MADEIRA
Partidas semanais às Sextas, Sábados e Domingos de Julho a Outubro
VAP
Categoria superior de todos os quartos com banho
8 dias desde
2.890$
VIAGENS RAWES
Lisboa-Correspondência R. Bernardino Costa, 47
Expediente: Trav. do Corpo Santo, 15 Tel. 370231
Faro-Rua Conselheiro Bivar, 72 Tel. 23195/6

LONDRES
Férias e Negócios
Partidas TODAS as QUINTAS e DOMINGOS
4.650$
Inglaterra e Escócia
8 ou 15 dias — Partidas diversas de Junho a Setembro
PROGRAMAS e RESERVAS
VIAGENS RAWES
Lisboa-Correspondência R. Bernardino Costa 47
Expediente: Trav. do Corpo Santo, 15 Tel. 370231
Faro-Rua Conselheiro Bivar, 72 Tel. 23195/6

ção
ENTE
SA

Fotos de RUI PACHECO

O quarto onde a gente vivia era tão mau que até chovia lá dentro. Durante o Inverno tínhamos de colocar alguidares para aparar a água da chuva que caía do telhado. O meu marido antes de morrer tinha-me deixado. Eu sou portanto o chefe da família. Como posso pagar uma renda alta?

A mulher ocupou uma casa com duas divisões e casa de banho. Cozinha — nada. Uma das salas está praticamente inutilizada, pois o senhorio tirou-lhe o forro do tecto. *Dizem que foi no 11 de Março* — acrescentam os moradores.

Manuel da Fonseca, outro inquilino. Calceteiro, reformado. Uma reforma de dois contos. A mulher, auxiliar de limpeza, ganha (depois dos descontos) 3700$00. O casal tem um filho de 13 anos. Habitavam uma barraca, na Vila Dias, em Xabregas.

Nós queríamos que parassem com os despejos. Os senhorios têm casa para viver e nós não. Os ordenados não dão para as rendas que eles pe em.

Na cave da Rua Artilharia Um também moram pessoas. Duas famílias de retornados que vivem em condições degradantes. Numa promiscuidade terrível. *Andamos para lá a monte* — comenta Lourenço Freire, um dos nove moradores da cave. Qual a sua fonte de rendimento? Cinco contos do IARN para as duas famílias. Estes retornados não são daqueles que se hospedaram nos hotéis de luxo, e nunca auferiram seis mil escudos do subsídio. Também aqui há descriminações. Talvez porque em Moçambique nunca se dedicassem a explorar ninguém...

Eu trabalhava numa firma na Beira e a minha mãe estava empregada num hospital. Viemos de Moçambique porque tínhamos medo. Aquilo era confuso. Estávamos lá há quatro anos. Agora vivemos aqui. Desta maneira. Se eu arranjasse um emprego...

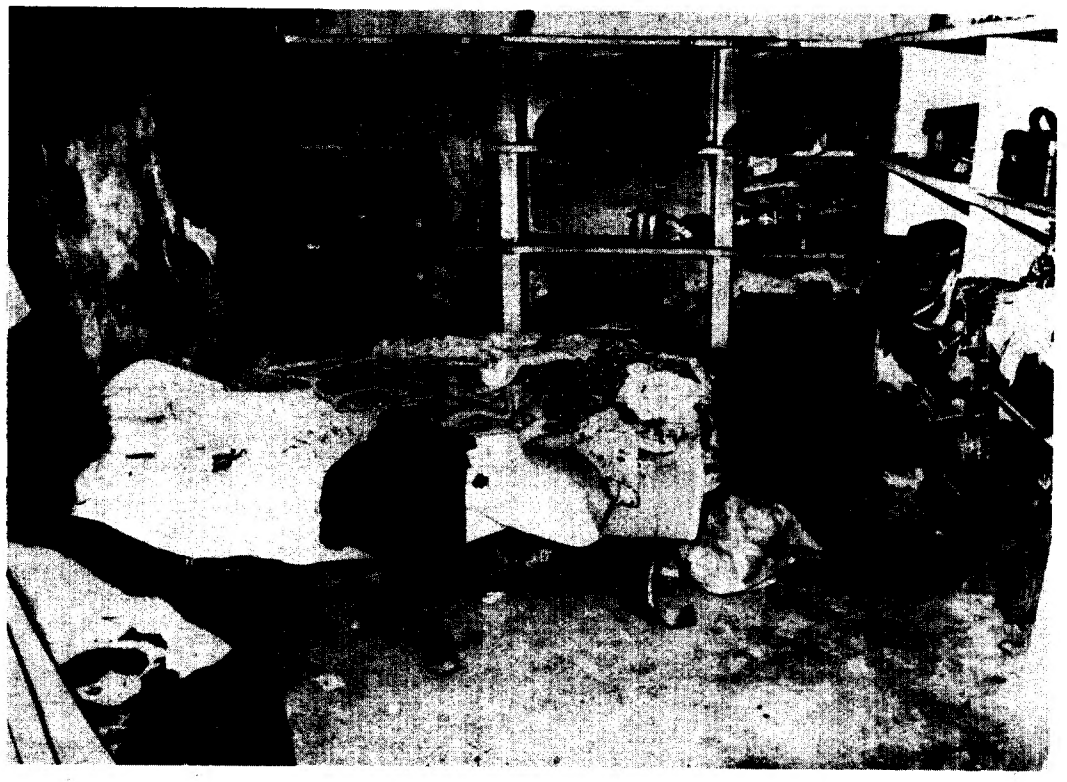
Na cave sombria da Rua Artilharia Um habitam duas famílias de retornados. Sem trabalho. Sem casa. Sem nada.

Entretanto os despejos continuam. Em nome da aplicação cega da lei. O CLOMP está disposto a discutir a rectificação de um ou outro caso de ocupação oportunista. Os moradores pobres que ocuparam casas querem pagar rendas de acordo com os ordenados que auferem. No entanto, os senhorios não se preocupam com isso. Eles só conhecem o lucro. Devoram («Eles comem tudo...») os frutos do trabalho de uma família. Fazem o que lhes apatece e ainda têm a cobertura da lei. Os inquilinos vêem-se enredados numa legislação maquiavelicamente fascista. Ao senhorio é concedido o direito de desalojar o inquilino com o pretexto de aumentar os fogos, dando-lhe uma miserável indemnização. Pode ainda desalojar os moradores desempregados que não pagam as rendas dentro dos prazos. Pode atirar para a rua um familiar de um inquilino já falecido. Um inquilino que viveu na casa uma vida inteira. Mas o familiar não tem contrato assinado... Pode fazer tudo. Impunemente.

Não são apenas os senhorios individuais que movem acções de despejo. Também a Companhia de Seguros Império, nacionalizada, segue essa via. Na Rua da Venezuela, em Benfica, os inquilinos de um prédio, propriedade da Companhia de Seguros Império, reivindicavam contratos com rendas mais baixas do que aquelas que pagavam: entre 3500$00 e 6000$00. Achavam que estes preços eram incompatíveis com o rendimento do agregado familiar. Depois de tentarem negociar com o senhorio, decidiram, em Fevereiro, depositar as rendas «justas» na Caixa Geral dos Depósitos, já que o senhorio se tinha recusado a aceitar as quantias estipuladas pelos próprios moradores. No mês de Julho, os inquilinos começam a receber notificações para se apresentarem no tribunal. Se os despejos não forem suspensos, as trinta famílias da Rua da Venezuela estão sujeitas a ir para o alcatrão.

É assim! O comportamento de uma companhia de seguros nacionalizada que entra no jogo capitalista da oferta e procura, leva os moradores a interrogarem-se: «Afinal que nacionalizações são estas?»

Emília Vieira: uma mulher que só conheceu a miséria



Nem todos os retornados habitam hotéis de luxo...

«CAMPANHA POR UMA HABITAÇÃO DIGNA»

A Associação dos Inquilinos Lisbonenses tem cumprido exemplarmente o seu papel: a defesa dos moradores. Ainda há bem pouco tempo, em estreita colaboração com as comissões de moradores e de trabalhadores, enviou uma exposição aos órgãos detentores do Poder: ao Presidente da República, Conselho da Revolução, Primeiro-Ministro, etc. O texto fala das famílias que estão sendo expulsas das casas que habitam pela PSP e pela GNR. Dos milhares de casas degradadas, sem condições de sanidade, exigindo obras urgentes que são mantidas nestas condições por inoperância das entidades estatais «que têm obrigação de fazer aplicar o Regulamento das Edificações Urbanas». Das casas devolutas, abrangidas pelos Decretos-Leis 445/74, de 12 de Setembro, e 198-A/75, de 14 de Abril, que os senhorios não arrendam, porque aguardam ocasião propícia à especulação. Dos preços praticados nas rendas das casas acabadas de construir. Rendas perfeitamente escandalosas. Falam de tudo isto. E pormenorizam ainda mais. Que lógica é esta — a de se aplicar uma lei fundamentada nas disposições do Código Civil de 1966 que estabelece princípios que submetem o interesse social ao direito da propriedade privada? Despejam-se famílias que vivem em quartos ou partes de casas com o alibi da lei. Por outro lado salienta-se, na exposição, que as câmaras municipais colaboram neste estado de coisas. No texto da Associação dos Inquilinos propõe-se: a suspensão dos despejos; que sejam satisfeitas as reivindicações dos moradores dos bairros da lata e «ilhas» no sentido de lhes serem proporcionadas casas dignas; que se elaborem leis, a curto prazo, no sentido do tabelamento das rendas de casa, tornando estas compatíveis com os rendimentos familiares, em obediência ao Artigo 65.º da Constituição; que se conceda às associações de inquilinos, associações e comissões de moradores, o direito de intervirem nos pleitos judiciais e administrativos; que sejam atribuídas às associações e comissões de moradores a competência e a autoridade para procederem à distribuição de casas devolutas, de acordo com as prioridades das famílias mal alojadas; que se proceda à elaboração de um projecto de Código do Inquilinato Urbano, em que a população participe por intermédio dos seus órgãos de base.

A este propósito, ouvimos Hipólito dos Santos, presidente da Associação dos Inquilinos Lisbonenses que se pronunciou sobre o problema da habitação. Começou por se referir ao papel desenvolvido pela AIL, na defesa dos interesses dos seus associados.

Durante o fascismo, a AIL teve de manter-se dentro do legalismo e tratar dos problemas apenas no âmbito da defesa individual. Com o 25 de Abril procurou-se que a Associação continuasse não só a assegurar a defesa individual, mas também a participar na dinamização das comissões de moradores. A nossa intenção era não nos limitarmos apenas a uma posição defensiva, mas também ofensiva.

Hipólito dos Santos definiu o objectivo da luta baseando-se no princípio de que todas as pessoas têm direito a uma casa.

Toda a lei que vai contra isso deve ser abolida. Quando a Polícia actua não está a fazer cumprir a lei, mas sim a impor leis caducas, ao serviço da burguesia, contra os interesses dos trabalhadores.

A Associação dos Inquilinos Lisbonenses lançou uma campanha nacional de abaixo-assinados, nos bairros e nas empresas. Objectivo: levar os trabalhadores a tomarem consciência dos seus direitos. Um deles e precisamente a habitação...

Não é uma campanha passiva. Permite a discussão. Já começam a aparecer, um pouco por toda a parte, pedidos de sessões de esclarecimento. Chegam adesões de todo o País. O Conselho Revolucionário de Moradores do Porto votou num plenário o apoio total à campanha. A Comissão de Trabalhadores da CUF também...

Quanto aos despejos a AIL tem manifestado uma oposição firme e radical...

Dizemos que são ilegais, anticonstitucionais. Podemos todavia, admitir que num caso ou outro tenha havido intimidação, mas de uma maneira geral os despejos afectam pessoas desempregadas ou que vem com dificuldades económicas. Nós pensamos que os senhorios estão a aproveitar-se de uma determinada situação em que os próprios juízes colaboram. O arsenal fascista é utilizado em força. Há uma lei que vem no Código de Antunes Varela que diz que o senhorio tem direito à restituição de posse provisória. Com base nesta disposição jurídica (que parte do princípio de que a propriedade privada é sagrada), fazem-se despejos. Segundo esta lei, o senhorio pode requisitar a casa que foi ocupada. As pessoas estão a ser despejadas não porque exista uma ordem assinada por um juiz, mas porque há uma lei constitucional provisória da propriedade.

A RÁBULA DOS SENHORIOS POBRES

Colocamos a questão dos senhorios pobres. Um argumento, aliás, muitas vezes utilizado. Porque são casos que devem ser analisados com cuidado — diz-se. Porque isto e mais aquilo.

A nossa posição é de que todas as pessoas têm o direito a uma habitação digna. Isto tanto serve para o morador como para o senhorio. Afirmamos, no entanto, que um não deve viver à custa do outro. O problema dos senhorios pobres tem de ser resolvido através da Caixa de Previdência ou da Caixa Nacional de Pensões. A legislação foi feita para proteger os senhorios ricos. Os pobres ainda que pretendam pôr na rua os inquilinos não têm dinheiro para mover uma acção e pagar aos advogados. Onde vai ele arranjar o dinheiro para pagar a concretização do despejo? Especula-se extraordinariamente com os senhorios pobres, mas não há uma legislação que os proteja. No fundo, estamos perante o jesuitismo burguês a funcionar. Por um lado apregoa-se que todos os dicadãos são iguais, mas

Continua na pág. 12

Nacional

«Enquanto existir o modo de produção capitalista será absurdo pretender resolver isoladamente a questão do alojamento, ou qualquer outro problema social referente à sorte do operário» Engels

Os despejos em questã

QUEM É G QUER CAS

Texto de LOURDES FÉRIA

O retrato de Sidónio de Pais e as imagens de santos já não fazem milagres

Somos onze milhões. Mais de meio milhão de famílias, número que já deve estar ultrapassado com a avalancha de retornados vive em condições indígnas: casas degradadas, bairros de lata, ilhas, partes de casa e quartos.

Em 1970, cerca de três milhões de pessoas viviam em casas sem electricidade. Três milhões não tinham retrete. Quatro milhões e meio não tinham água. Seis milhões não tinham casa de banho. É caso para dizer que dois terços dos portugueses faziam as «necessidades» na rua.

Milhares de pessoas vivem, por esse País fora, como (e com) os animais, desconhecendo as mais elementares regras da higiene... Em 1976 a situação não melhorou. Pelo contrário: talvez se tenha agravado.

Entretanto a Constituição Portuguesa diz que «todos os cidadãos têm direito a uma habitação digna». Mas o que se tem feito (antes e agora) para resolver o problema da habitação? Muito pouco. Apareceu o SAAL que com todos os «obstantes» conseguiu avançar. O que é pouco. Precisam-se de casas com urgência...

Para cúmulo, a carregar ainda mais a nota, os despejos passaram a estar na ordem do dia. As tentativas de despejos (concretizados ou não) tornaram-se notícias de rotina nas páginas dos jornais.

Uma nuvem carregada ameaça o equilíbrio da sociedade democrática neste País à beira da «reconstrução».

Os moradores das casas ocupadas estão a ser atirados para a rua com a maior das naturalidades. É evidente que as vítimas de tais processos, apoiadas pelas forças de esquerda que acham que *todos têm direito a uma habitação digna*, reagem contra a lei que garante a protecção dos senhorios em detrimento dos inquilinos pobres. O Comité de Luta dos Ocupantes e Moradores Pobres (CLOMP) despendeu esforços junto do ministro da Habitação e do Governo no sentido de que sejam suspensos os despejos. Até agora a sua proposta foi recusada. Organizaram-se manifestações que acabaram por ser dispersas pelas forças policiais.

Julho, foi um mês fértil em despejos. Um descalabro! Raro era o dia em que não havia despejos, sendo os moradores agredidos pelas forças da Polícia. No Porto, a sede de uma comissão de moradores é desocupada pelo senhorio armado e verificou-se também o despejo de 13 famílias sublocatárias, na Rua Barros de Lima. Em Lisboa houve despejos no Bairro da Pena, Pontinha, Cacém, Av. de Roma, Monte Estoril, Rua Gomes Freire. Umas vezes o motivo do despejo coincidia com a ocupação. Outras era por falta de pagamento da renda (aconteceu, por exemplo, com uma família desempregada). Na generalidade, no entanto, era porque tinham sido pisados os riscos *daquilo* que reza o Código fascista de Antunes Varela.

Algumas vezes deu-se a reocupação. Temos o caso de Vila Meã (Amarante) em que 50 praças da GNR desalojaram uma família de uma casa que habitavam há sete anos. Centenas de trabalhadores e pequenos agricultores deram uma tareia no advogado do senhorio e recuperaram a casa formando piquetes para garantir a segurança da família. Em Belém, o GDUP da zona recuperou uma casa de onde tinha sido desalojada uma família. O oficial de deligências que se colocara ao lado dos ocupantes, recusando-se a efectuar o despejo, sofreu um processo disciplinar.

Sindicatos, partidos políticos, organizações populares protestam contra a onda de despejos. As manifestações estão a ter um desfecho desagradável.

Como se pode chamar socialista a um Governo que faz descarregar a fúria da Polícia contra pessoas que pedem casas, que querem pagar as rendas das casas que ocuparam, casas que estavam entregues aos ratos, vazias há 10 ou 20 anos? Interroga um comunicado do Movimento Revolucionário Marxista-Leninista.

DESPEJO-AMEAÇA ARTILHARIA UM

Se em algumas ocasiões se conseguiu evitar que o despejo se consumasse, pelo menos até Outubro, altura em que abrem os tribunais, noutras as famílias foram mesmo para a rua. Ainda recentemente, nas Patameiras, deu-se uma tentativa de despejo reveladora da prepotência do senhorio, da cobertura das autoridades, da corrupção de certos funcionários.

Na Rua Artilharia Um também se trava uma luta dura. Um prédio de construção sólida, não muito antiga, foi ocupado em Março de 1975. Um mês antes da saída do decreto-lei que proibia as ocupaçoes. Moram lá 12 famílias. Ao todo umas 50 pessoas. Já receberam ordem de despejo.

Chamaram-nos ao tribunal e disseram-nos para abandonar o prédio até ao dia 20 do mês passado. Se não saíssemos a bem, saíamos a mal — conta um dos moradores.

As famílias ainda permanecem na Artilharia Um. Até quando? Talvez a sua luta tenha feito recuar as autoridades. Mas a ameaça pesa sobre elas — elas que precisam mesmo de um tecto para habitar...

Maria Luísa, viuva, vivia, nas Mercês, como dois filhos, uma rapariga de 11 anos e um ra paz de 16. Num quarto. Dor miam todos na mesma cam A mulher é ajudante de cozi nha numa escola primária. Ga nha 4600$00 — o dinheiro par o seu sustento. E sustento do seus filhos. Não recebe ner mais um tostão.

Os moradores de um certo prédio da Rua Artilharia Um estão ameaçados de despejo

"RESTA-NOS O VINHO"

Casal, mal instalado na vida, há cinquenta anos atrás procurava casa por essa Lisboa. Sem grandes esperanças. Conformado com a sua sorte foi viver para uma barraca no bairro da Curraleira. Ainda hoje lá está: ele descarregador reformado do porto de Lisboa, 71 anos de idade, atacado de reumatismo; ela, de uma gordura balofa, suja, coberta de farrapos, desiludida.

O álcool serve de lenitivo à sua miséria. Uma miséria de dois contos — a reforma.

O casal vive em duas exíguas divisões, atafulhado em porcaria. No meio de trastes velhos. Muitos santos nas paredes. Um retrato de Sidónio Pais sobre a cama de ferro.

O frio do Inverno é atenuado pelo calor das galinhas que com eles dormem na cama. No ar pesado da barraca há suor, cheiros misturados, irritação, pesadelos...

Os cinquenta anos de vida daquele casal resume-se neste quadro: dinheiro, pouco; comida, pouca; alegria, nenhuma; trabalho, muito; fé, muita.

E o sonho de sempre: uma casa.

Agora desistiram de tudo. Nem os santos fazem milagres. Nem os Sidónios resolvem os problemas dos pobres. Resta-lhes o vinho...

Ele — Dois contos não dão para viver. Come-se do que há...

Ela — Gasto 30 escudos por dia em comida. A gente está habituada...

Eis o retrato do casal, Francisco Rodrigues e Emília Vieira.

DAR O NÓ

Casal bem instalado na vida, em vésperas de «dar o nó», procura casa por essa Lisboa: ele, um fato de bom corte, sem gravata visível; ela, enfiada num modelo de «boutique», os cabelos de que eles gostam, o perfume que a faz mais desejada ...

Um casal — imagem de marca — procura casa. Quem casa quer casa. É gente séria. Respeitam as instituições, a lei, a ordem. Moderados em política (Ele é.) Ela segue-o como uma sombra sentem-se confiantes face ao rumo da actual situação política.

Acabam por encontrar o «doce lar». Quatro assoalhadas, duas casas de banho, num imóvel de seis andares (direito, frente, esquerdo), ali para os lados do Lumiar. Oito mil escudos de renda não é muito quando as comodidades compensam. A casa tem acabamentos de luxo, aquecimento central, garagem. Um mimo!

Através da telefonia do automóvel que transporta o casal, com os contratos no bolso, um locutor convencional na voz (e não só) transmite as últimas: *Manifestantes que exigiam a suspensão dos despejos são dispersos pelas forças policiais ... patati, patatá.*

Diálogo breve:

Ela — Que disparate, querido! Felizmente que se começa a meter esta gente na ordem...

Ele — Assaltam a propriedade privada, o que é que eles queriam?

Tem de se acabar com a anarquia. Ordem, ordem...

Trabalho

«O princípio da inviolabilidade da correspondência foi sempre seguido pelos trabalhadores»

O sigilo da correspondência e "certas mensagens"

. «Nós, trabalhadores dos CTT, estamos sujeitos, pelo desempenho normal das nossas funções, a ficar a conhecer o teor de certas mensagens. É evidente que, se através de alguma delas tivermos conhecimento de qualquer atentado à democracia e ao socialismo não poderemos ficar calados.»

. Esta afirmação, produzida ontem durante uma conferência de Imprensa no Sindicato Nacional dos Trabalhadores dos Correios e Telecomunicações, visava aclarar o significado da alínea d) da cláusula 21.º do projecto de Acordo Colectivo de Trabalho proposto por aquele Sindicato, feito pretexto para alguma Imprensa e, de modo curiosos, para a Radiodifusão Portuguesa fazerem violentos ataques ao referido projecto de ACT.

Embora não seja hábito, os mesmos órgãos da Informação evocaram insistentemente o consagrado na Constituição da República: «O sigilo da correspondência e dos outros meios de comunicação privada são invioláveis» — citaram.

Durante a conferência de Imprensa foi referida a dificuldade de interpretação do Art.º 34.º, n.º 4 que, por sua vez, consagra: «É proibida toda a ingerência das autoridades públicas na correspondência e nas telecomunicações, salvo os casos previstos na lei em matérias de processo criminal».

Toda a tempestade de palavras, ou de interpretação de palavras levantada à volta deste caso é, segundo um dirigente sindical, «manobra que visa criar dificuldades ao Sindicato e às negociações a encetar com a administração».

Relativamente ao conjunto da matéria a negociar e à posição assumida pela administração, a qual propõe negociações com sindicatos, classificados de paralelos por um elemento da mesa, foi dito que «através do pluralismo sindical, a administração está a caminhar para o que se passava nos CTT nos «outros tempos».

Para além disso, consideram os dirigentes do SNTCT que a contraproposta apresentada pela administração retira direitos já alcançados pelos trabalhadores, ao mesmo tempo que alarga o leque de vencimentos, com prejuízo dos trabalhadores com salários mais baixos.

CONGRESSO SINDICAL

"O que nos une é mais do que aquilo que nos divide"

. «As divergências que nos separam são menos importantes do que aquilo que nos une» — afirma-se num manifesto aos trabalhadores portugueses subscrito pela Comissão Nacional Organizadora Provisória (CNOP) do próximo Congresso dos Sindicatos, ontem divulgado.

«Sem unidade nos nossos locais de trabalho e nos nossos sindicatos não teríamos conseguido muito do que conquistámos, e o patronato poderia impor-nos a sua vontade» — acrescenta-se, naquele documento.

Da comissão provisória, eleita na reunião geral de sindicatos do passado sábado, fazem parte 24 sindicatos, além do secretariado da Intersindical, representando diversas correntes de expressão no seio do Movimento Sindical. No entanto, dois deles — Sindicato dos Empregados de Escritório do Distrito de Lisboa, Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas — recusaram integrar-se nos trabalhos que, fundamentalmente, visam a elaboração do projecto de regulamento do Congresso, a submeter à aprovação de uma próxima reunião geral de sindicatos, a realizar em Outubro. Estes dois sindicatos, redactores da «Carta Aberta», discordam da composição da comissão organizadora provisória, que entendem deveria ser composta em termos paritários, afirmando-se dispostos a não transigir neste ponto.

A comissão iniciou já os seus trabalhos, sabendo-se que tem entre mãos, neste momento, três projectos de regulamento, apresentados pelos Sindicatos dos Rodoviários de Setúbal, Têxteis de Lisboa, e Secretariado da Intersindical. Os textos serão postos à discussão durante cinco semanas, debatendo-se em alternativa os pontos sobre os quais se não obtiver consenso no sentido da sua fusão.

MELHORAR O PODER DE COMPRA

No documento ontem divulgado salienta-se que «O Congresso de todos os sindicatos vai-nos permitir debater em conjunto os nossos problemas e traçar a orientação para a nossa luta. Por isso, todos estamos interessados na sua realização; por isso os nossos inimigos tentam dificultá-la». E acrescenta-se:

. «Todas as questões do movimento sindical têm de ser amplamente discutidas na preparação e realização do Congresso, no qual participarão todos os sindicatos portugueses, filiados ou não na Intersindical. Temos de garantir a discussão democrática na estrutura sindical para que o Congresso seja obra de todos nós trabalhadores e reflexo da nossa vontade».

O manifesto aponta como objectivo unitário fundamental dos trabalhadores a luta «por uma política salarial e de contratação colectiva que melhore o nosso poder de compra». Para tal, é necessário a unidade nos locais de trabalho, que «só pode ser defendida se também estivermos unidos nos nossos sindicatos».

Contesta-se, por isso, o pluralismo sindical, visto que, desse modo, «os nossos inimigos conseguirão mais facilmente derrotar-nos porque estaremos divididos». Assim, «a preparação e realização do Congresso é também luta pelo reforço da unidade dos trabalhadores».

O manifesto deixa claro que «a Comissão Organizadora não surge para decidir, seja o que for, em vez dos trabalhadores e dos seus sindicatos mas para criar condições em que todos os trabalhadores e todos os sindicatos possam participar na preparação do Congresso assegurando o reforço da democracia sindical».

Adianta ainda, no que respeita à sua composição, que, «apesar de algumas direcções sindicais que contestam a forma de organização do Congresso, não terem estado presentes, a Reunião Geral de Sindicatos elegeu-as para fazerem parte da CNOP, o que demonstra o espírito aberto e amplamente unitário dos sindicatos presentes que esperam que essas direcções venham a contribuir activamente dentro da estrutura sindical para a preparação do Congresso».

Solidariedade portuguesa para com o povo chileno

. A Intersindical Nacional aproveita a presença no nosso país de três dirigentes da Central Única dos Trabalhadores do Chile (CUT) para promover a divulgação junto da opinião pública portuguesa, da luta dos trabalhadores do Chile e das formas de organização do movimento sindical chileno «nas duras condições de clandestinidade que lhe foram impostas pela ditadura».

No ambito dessa divulgação, realiza-se no próximo dia 10, no Sindicato dos Rodoviários, uma conferência de Imprensa que será antecedida da projecção de um filme da R. D. A. realizado por Heynowski e Schenmann Peter Helmich, intitulado «Eu fui eu, eu sou, eu serei».

A delegação da C. U. T. do Chile encontra-se em Lisboa desde ontem e é constituida por Humberto Helgueta que a chefia e Agustin Munoz e Benjamim Fredes. A recebê-la estiveram Betriz Santana do Secretariado da Intersindical e Augusto Silva e José Manuel Carinhas da secção internacional.

MORREU LUÍS FIGUEIROA PRESIDENTE DA CUT

Entretanto, a Intersindical divulgou, ontem, a notícia da morte, no dia 7, de Luís Figueiroa, presidente da Central Única de Trabalhadores do Chile um grande dirigente da classe operária daquele país, que logo após o golpe de Pinochet esteve preso num campo de concentração, sendo mais tarde expulso do seu país.

Figueiroa um dos construtores da CUT do Chile, foi um grande lutador não só ao lado dos trabalhadores chilenos como de todos os trabalhadores latino-americanos.

A Intersindical Nacional saudou «emocionada a memória deste grande combatente e amigo dos trabalhadores portugueses». E afirma «Caiu um grande lutador. Mas o combate que Luís Figueiroa travou até à morte continua até à vitória final.

SINDICATO DOS TÊXTEIS SOLIDÁRIO COM O POVO CHILENO

A Direcção do Sindicato dos Trabalhadores Têxteis, Lanifícios e Vestuário do Sul «certa de interpretar a vontade da esmagadora maioria dos seus associados» decidiu associar-se «militantemente à semana de solidariedade internacional com o povo chileno, promovida pela Intersindical».

Aquele Sindicato descreve a actual situação no Chile como justificação da solidariedade dos trabalhadores portugueses: «O assassinato de milhares e milhares de patriotas e antifascistas, a prisão e a tortura indiscriminada, a miséria, o terror, a angústia permanente são hoje o dia-a-dia de milhões de camaradas chilenos, cujo único crime foi lutarem por uma nova sociedade».

MULTINACIONAL VIDREIRA

Operários ainda lutam apesar das cedências

. O facto da administração da vidreira multinacional Ingrid Hutte Kurt Wokan se ter recuasdo, em negociações ontem efectuadas da delegação do Ministério do Trabalho de Leiria, a pagar os salários correspondentes aos períodos de paralisação, fez prolongar a situação de impasse naquela empresa que, por via da greve na secção de produção se vê impossibilitada de funcionar noutros sectores em que os trabalhadores se encontram presentes no serviço.

No entanto, a administração da Wokan, multinacional com sede na Alemanha Federal, aceitou efectuar o pagamenteo dos seus débitos aos trabalhadores, correspondentes aos subsídios de férias, retroactivos respeitantes à entrada em vigor do Contrato Colectivo dos Trabalhadores Vidreiros e a parte ainda não paga do 13.º mês que está por pagar. Esse pagamento, acompanhado pelo compromisso de arquivar todos os processos disciplinares existentes contra os trabalhadores, deverá ser feito ao fim de cinco dias de a fábrica se encontrar em completa laboração.

Os trabalhadores do sector reuniram-se ontem, depois de concluídasnasnegociaçõescom a administração da empresa; para analisarem; em plenário; a sua actuação imediata: Os 80 operários resolveram não retomar o trabalho enquanto não houvesse o compromisso da entidade patronal para efectuar o pagamento do tempo de laboração, correspondente ao mês de Maio e agora a este período de greve, que dura desde há quase dois meses.

Por outro lado, a administração da multinacional terá afirmado que por sua vontade pagaria os salários correspondentes ao período de greve mas que outros trabalhadores se oporiam a semelhante atitude. No entender do presidente do Sindicato dos Trabalhadores Vidreiros da Marinha Grande, trata-se de uma manobra do patronato no sentido de lançar trabalhadores contra trabalhadores.

No entender do mesmo porta-voz daquele sindicato, outro plenário ontem efectuado na Wokan, e conduzido pelo mesmo indivíduo que levou os trabalhadores do sector do acabamento a terminarem a greve apresentando-se ao trabalho e isolando-se do sector de produção, terá concluído que «não se sabia se seria preferível estar em greve ou, como eles fazem no seu local de trabalho» Da mesma boca terá saído a conclusão de que a razão está do lado dos manipuladores do vidro.

Por esse motivo, aquele dirigente sindical deslocou-se hoje à fábrica de Pousos, onde deverá consultar os trabalhadores sobre o conflito e possibilidades de o resolver

EM MATOSINHOS

Motoristas marítimos em greve

. Malogradas as negociações sobre o C.C.T. dos motoristas marítimos, estes entraram imediatamente em greve não se tendo feito ao mar, a noite passada, as traineiras de Matosinhos e Aveiro.

As negociações contratuais arrastam-se desde Abril, centrando-se nos salários o pomo da discórdia. Os trabalhadores pretendem 7.500 e 7.000 escudos, respectivamente para motoristas e ajudantes, vencimentos que o patronato não aceita pagar. Actualmente os salários são de 5.000 e 4.500 escudos.

Matosinhos é o porto de maior concentração de traineiras do País, tendo por isso maior número de trabalhadores.

Página sindical do comércio

- «Página Sindical» é o nome do órgão informativo mensal que o Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa agora começou a editar.

O novo jornal pretende ser um elo de unidade, um meio de comunicação, um espaço de diálogo possível e desenvolvel entre todos os trabalhadores do Comércio do distrito de Lisboa» afirma-se no editorial do primeiro número. «Pretendemos ser a expressão viva da classe, formando e informando».

No número de Agosto destacam-se os artigos que relatam a luta pela obtenção do CCT do ramo retalhista e «A missão dos delegados na mobilização dos trabalhadores».

Trabalho

C.C.T. DA INDUSTRIA HOTELEIRA

As negociações vão adiantadas apesar do boicote patronal

. Prosseguem, no Ministério do Trabalho, as negociações (já em segunda fase) para o «contrato colectivo de trabalho vertical» do sector de hotelaria. Esta segunda fase envolve a discussão dos enquadramentos, das tabelas salariais e das condições específicas das profissões não hoteleiras. Desde 5 de Agosto, data em que foram iniciadas as negociações, foram acordadas todas as definições técnicas das categorias profissionais (algumas não existentes no contrato anterior) e redigida a quase totalidade do clausulado, nomeadamente o respeitante a aprendizagem, férias e subsídio de férias, descanso semanal, direito à alimentação, horas extraordinárias, processo disciplinar e direitos sindicais. Não havendo, nestas matérias, alterações de fundo, relativamente ao contrato denunciado em Janeiro passado, as negociações — conforme informação que colhemos junto do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Hoteleira do Sul — têm decorrido em bom ritmo, embora seja de prever que surjam, na segunda fase, algumas dificuldades.

Entretanto, da parte patronal, apenas têm comparecido às negociações os representantes da Empresa Nacional de Turismo e de um grupo de empresas concessionárias de cantinas e refeitórios, apesar de o Governo, em nota oficiosa, ter considerado as ausências como injustificadas, depois de desenvolver esforços no sentido de trazer as associações patronais ao diálogo com os sindicatos. Relativamente a esta questão, os dirigentes sindicais vêm de há muito a verberar a actual Lei da Contratação Colectiva, a qual, segundo eles, não serve nem os trabalhadores nem tão pouco os advogados da «paz social», pois apenas deixa aos trabalhadores como processo de defesa do seu direito à contratação colectiva, a greve. Efectivamente, a lei em vigor não impõe a presença da parte patronal na mesa das negociações. No entanto, a ausência, em princípio, não colherá, já que o Ministro do Trabalho, conforme afirmou recentemente, fará aplicar o contrato por via administrativa a todos os sectores «faltistas».

«EFEITOS ELEITORAIS»

«Que este processo contratual, que diz respeito a patrões (ausentes ou não) e trabalhadores, não venha a ser instrumentalizado por manobradores ao serviço de interesses partidários. É isso que nós desejamos» — Este voto expresso pelo dirigente sindical que contactamos relaciona-se com o recente aparecimento de um panfleto, profusamente distribuido, cujos autores insinuam que a actual Direcção do Sindicato dos Trabalhadores Hoteleiros do Sul estaria interessada em protelar as negociações, para tirar efeitos eleitorais ao mesmo tempo que fazem «insinuações caluniosas, chegando a falar em desvios de fundos, quanto à gestão financeira do Sindicato por parte de uma Direcção que foi eleita há dois anos e está prestigiada dentro da classe». No entender do dirigente sindical já referido, o aparecimento do panfleto está ligado a outro tipo de manobras que revelam estar a Associação muito interessada nas eleições para a nova direcção do Sindicato, a realizar no dia 22 de Outubro próximo:

. «Sabemos que em certas empresas está a acontecer uma coisa inédita: são os próprios patrões que andam, muito diligentes, a averiguar se os trabalhadores têm as suas quotas para o Sindicato em dia. Quanto à acusação de estarmos a procurar prolongar as negociações, uma coisa é certa: se há protelamento ele só seria atribuível ao Ministério do Trabalho, pois nós tudo temos feito, desde Janeiro, para que o processo avance. Também da parte do ministro não nos tem parecido que haja a intenção de adiar. Se existe realmente essa intenção, nesse caso não há dúvida que os autores do panfleto mantêm estreitas relações com o Governo no poder. De outro modo não conseguiriam estar tão bem informados.»

"MANIFESTAÇÃO CONSEQUENTE DE SOLIDARIEDADE"

Trabalhadores dos Cabos Ávila elogiados pela Guiné-Bissau

. A atitude dos trabalhadores dos Cabos Ávila que, estando em luta pela assinatura do acordo colectivo de trabalho, abriram uma excepção para permitir a saída de material urgente para a Guiné-Bissau, acaba de merecer um comentário oficioso no jovem País africano e a caracterização de *marco importante nas nossas relações com o povo português.*

Após referir os princípios ideológicos que sempre nortearam o PAIGC e que lhe mereceram a confiança das forças progressistas do Mundo, o editorial da Agência Noticiosa da Guiné-Bissau, publicado com destaque no jornal oficioso e lido nos noticiários da Radiodifusão local, recorda que a defesa intransigente da linha ideológica traçada permitiu sempre *caracterizar os nossos inimigos mesmo quando eles se apresentaram mascarados e reconhecer os nossos verdadeiros amigos e companheiros de luta com os quais desenvolvemos laços de solidariedade e de amizade.*

Foi assim que o nosso imortal lider, camarada Amilcar Cabral — continua a ANG — *afirmou na sessão plenária de 5 de Outubro de 1965 da CONP (Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas) que o nosso inimigo não é o povo português nem tão pouco Portugal. Para nós, combatentes da liberdade das colónias portuguesas o inimigo é o colonialismo português representado pelo Governo colonial-fascista».*

O editorial da Agência Noticiosa da Guiné-Bissau conclui com a expressão do sentimento do Governo guineense sobre o comportamento dos trabalhadores dos Cabos Ávila:

. «O que se passou na primeira quinzena do corrente mês com os trabalhadores portugueses dos Cabos Ávila vem provar que o povo português compreendeu perfeitamente a nossa linha de orientação. Esses trabalhadores que se encontravam em greve como forma de luta com vista à conclusão rápida e satisfatória de um novo acordo colectivo de trabalho, ao terem conhecimento, junto da representação diplomática do nosso país em Portugal, da urgência da entrega do material constante de uma encomenda feita à fábrica Diogo de Ávila pelo nosso país, a comissão de trabalhadores e os delegados sindicais convocaram uma assembleia geral de trabalhadores a qual decidiu, por grande maioria, fazer seguir a encomenda em causa, abrindo assim uma excepção no programa da luta operária para satisfazer o pedido de um país com cuja luta se sentem solidários.»

. «Esta posição é uma manifestação consequente de solidariedade com o nosso povo e é também uma demonstração profunda da consciência da classe dos trabalhadores dessa fábrica. Ele constituirá, de certeza, um marco importante nas nossas relações com o povo português e no espírito de solidariedade que deve existir na luta comum para a construção, na paz e na independência de um futuro de progresso para os nossos povos.»

PUB

SINDICATO
DOS PROFESSORES
da Grande Lisboa
CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os candidatos a estágio do ano lectivo 76/77, para um plenário a realizar na sexta-feira, dia 10, pelas 17.30 horas, na Rua das Gaivotas, 2, com a seguinte O. T.:

- Situação dos candidatos abrangidos pelo despacho n.º 79-B/76 de 20 de Julho (que não puderam apresentar a certidão de habilitações académicas).

NOTA: Atendendo à urgência e importância de que este assunto se reveste, a direcção considera necessário abreviar o prazo para a convocação deste plenário e apela para a participação massiva de todos os candidatos a estágio.

O SECRETARIADO DO SECTOR

PUB

SINDICATO DA INDÚSTRIA
METALÚRGICA
DO DISTRITO DO PORTO

Convidam-se os delegados sindicais para um plenário a realizar no dia 8/9/76, pelas 16 horas no Círculo Católico à Rua Duque de Loulé, 202 — Porto, sobre o CONGRESSO DOS SINDICATOS.

Mais se convidam os delegados da zona da Trofa para um plenário a realizar no mesmo dia e hora na Delegação da Trofa, com o mesmo fim.

A DIRECÇÃO

Trabalhador despedido pára "Moura Basto"

. Cerca de 80 trabalhadores da Sociedade Agrícola Moura Basto, de Amarante, encontram-se desde segunda-feira em greve, em virtude de a entidade patronal não autorizar a readmissão de um empregado dos escritórios, Manuel Rodrigues, que se manifestara contra os despedimentos. Este funcionário goza da confiança da maioria dos trabalhadores.

Nas negociações que têm decorrido no Ministério do Trabalho, no Porto, foi também colocada a questão relacionada com a falta de pagamento dos salários de acordo com as normas contratuais para o sector. O patronato admitiu, entretanto, que poderá pagar até ao próximo dia 10 os subsídios de férias em atraso.

Quanto à readmissão do trabalhador despedido, parece que apenas o sócio maioritário se opõe à sua readmissão.

S. R.

MINISTÉRIO
DA INDÚSTRIA
E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL
DOS SERVIÇOS
ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto - Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/58151, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Moselos, concelho da Feira, da linha aérea a 15 kV, com 321 metros, do apoio n.º 39 da linha Rio Meão-Vergada, ao posto de transformação de Moselos-Vergada, da Câmara Municipal da Feira.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 20 de Agosto de 1976

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO
DA INDÚSTRIA
E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL
DOS SERVIÇOS
ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto - Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/53061, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Santiago de Cacém da modificação, com aumento de comprimento de 111 metros, da linha mista a 30 kV do poste n.º 11 da linha Santiago-Sines ao Posto de Transformação dos Correios e Telecomunicações de Portugal sendo alterado o traçado da parte aérea entre os postes n.os 7 e 9 e de parte do troço subterrâneo.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 27 de Agosto de 1976.

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO
DA INDÚSTRIA
E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL
DOS SERVIÇOS
ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto - Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/50583, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Vendas Novas da linha aérea a 30 kV, com 243 metros, do poste n.º 100 da linha Pegões-Vendas Novas (LI-30-75) ao poste n.º 12 da linha Vendas Novas-Vendas Novas (Vila) (LI-30-78), (RA 30 - 75 - 6) VARIANTE DE VENDAS NOVAS.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 26 de Agosto de 1976.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

Trabalhadores suspensos da RTP a caminho da reintegração?

Parece que a razão e o bom senso acabarão por prevalecer na questão das suspensões ordenadas pela anterior Administração da RTP, na sequência dos acontecimentos do 25 de Novembro. Tal foi a impressão que colheram delegados dos suspensos, respectivas direcções sindicais e advogados, num encontro ontem havido com o ministro do Trabalho, dr. Marcelo Curto, e por este convocado.

Embora tivesse acentuado a necessidade de um melhor estudo do assunto, em conjunto com a Secretaria de Estado da Comunicação Social e, naturalmente, através desta, com a própria Administração da RTP, o ministro do Trabalho foi categórico ao afirmar que «a incriminação disciplinar não tem qualquer viabilidade, a não ser que se fundamente em factos diferentes daqueles que, em relação aos trabalhadores visados, foram objecto de averiguação pela Comissão Nacional de Inquérito do 25 de Novembro».

Ora, como se sabe, a Comissão Nacional de Inquérito (inteiramente constituída por militares), quando concluiu a parte das investigações relativas aos acontecimentos então ocorridos na RTP, considerou ilibados de responsabilidade criminal aqueles trabalhadores.

Na ocasião, um membro qualificado daquela Comissão comunicou oficialmente a representantes dos suspensos que não havia qualquer razão pera as suspensões se manterem, e que isso mesmo fora transmitido à Administração da RTP, única responsável pela medida tomada e pela sua manutenção.

Entretanto, aliás, sendo ainda ministro do Trabalho o capitão Tomás Rosa, este e o dr. Marcelo Curto já se tinham debruçado sobre o problema, ouvindo as razões de ambas as partes: trabalhadores suspensos e Administração da RTP. Ficou nessa altura definido que a questão era política e não laboral, a não ser que houvesse matéria para procedimento disciplinar autónomo, isto é, responsabilidade dos trabalhadores em factos não cobertos pelo **estado de necessidade derivado da ocupação militar da empresa** (tal foi a expressão ontem usada pelo dr. Marcelo Curto). Foi a Administração da RTP quem insistiu e garantiu que tal matéria existia, mandando instaurar então os processos disciplinares, e requisitando, mais tarde, ao Ministério do Trabalho um juiz instrutor.

Simplesmente, quando a nota de culpa foi enviada aos trabalhadores suspensos já ia longe o termo do prazo legal para instauração desses processos. Mais: as notas de culpa e toda a matéria contida nos processos nada adiantou ao material incriminatório já anteriormente carreado (e considerado irrelevante!) pela Comissão Nacional de Inquérito. Quer dizer: embora as autoridades militares encarregadas da investigação não julgassem os factos alegados suficientes para acusar os suspensos de cumplicidade ou participação na «conjura», a Administração da RTP insistia em convertê-los num pretexto disciplinar para o despedimento.

Contra esta transformação artificial de uma questão política numa questão laboral estava já nessa altura e continua a estar agora, segundo garantiu o dr. Marcelo Curto — o Ministério do Trabalho.

Os trabalhadores, dirigentes sindicais e advogados presentes na reunião alertaram ainda o ministro do Trabalho para a forma como os processos foram conduzidos e concluídos pelo juiz instrutor, dr. Azevedo Soares, o qual, para além de várias irregularidades processuais que teria sancionado e várias afirmações chocantes que lhe são imputadas, fez a extraordinária **pirueta** de dar como provados todos os factos anteriormente julgados irrelevantes pela Comissão Nacional de Inquérito, transferindo assim o **ónus da prova** para os trabalhadores.

O dr. Marcelo Curto convocou os trabalhadores visados e os dirigentes sindicais para uma nova reunião, dentro de oito dias, a fim de lhes dar parte das diligências que, entretanto, irá efectuar.

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA FUNÇÃO PÚBLICA
ZONA SUL

CONVOCATÓRIA

Convoca-se a ASSEMBLEIA REGIONAL DE DELEGAÇÕES para uma reunião a realizar no próximo dia 16, pelas 20.30 horas, no Laboratório Nacional de Engenharia Civil com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS :

1 — **Informações**
2 — **Problemas relacionados com a eleição dos corpos gerentes do Sindicato.**

Lisboa, 7 de Setembro de 1976

A MESA DA ASSEMBLEIA REGIONAL DE DELEGAÇÕES

NOTA : A C.D.R.P. apela para as delegações sindicais no sentido de apresentarem nesta A.R.D. propostas sobre os problemas relacionados com a eleição dos corpos gerentes do Sindicato, de forma que a mesma, conforme o já aprovado pelos trabalhadores, se realize o mais rápidamente possível e segundo as normas do Estatuto aprovado.

Dado que o Estatuto do Sindicato (já publicado no «Diário da República» de 3/9/76 — III Série) no seu Capítulo XI que regula o processo eleitoral é, nalguns artigos, insusceptível de aplicação na situação presente, as propostas a apresentar pelas delegações deverão contemplar, nomeadamente, os seguintes pontos :

— Data do acto eleitoral;
— Sindicalização com vista à participação no acto eleitoral;
— Adaptação do regulamento eleitoral estatutário (Cap. XI dos Estatutos) nos pontos insusceptíveis de aplicação na situação actual;
— Calendário integrado das datas de termo de sindicalização, elaboração e afixação dos cadernos eleitorais, apresentação de candidaturas e campanha eleitoral, referidas à data das eleições.

Pel' A C.D.R.P.
Adriano Agostinho Jesus Azevedo

CARLOS VALBUENA AO "DL":

"A resposta da juventude espanhola à morte de Javier Verdejo"

Na madrugada de 18 de Agosto, quando escrevia numa parede as palavras Pão, Trabalho, Liberdade, era assassinado a tiro pela Guarda Civil de Almeria o jovem Javier Verdejo.

Javier, de 18 anos, militante da JGR (Joven Guardia Roja), fundador da Associação Democrática da Juventude espanhola e delegado do seu curso na Faculdade de Biologia, era querido e respeitado pelos companheiros que o consideravam um amigo honesto e corajoso. Digno expoente da juventude de Espanha, tinha plena consciência de que só com a unidade e a luta de todos os jovens pelas liberdades democráticas e nacionais se poderá atingir a Espanha livre e democrática por que anseiam os jovens castelhanos, galegos, bascos, catalães.

Desde a sua morte que o grito «Javier, irmão, não te esquecemos» percorre a Espanha na boca de milhares de jovens que fazem sua causa pela qual Javier deu a vida. Na Andaluzia, na Catalunha, na Galiza, no País Basco, em Castela sucedem-se as manifestações, as greves, as marchas de protesto, com a adesão pública de centenas de democratas e de todas as forças políticas juvenis.

Actualmente, estão presos mais de 60 membros da Associação Democrática da Juventude, mas mesmo assim é cada vez maior o número de jovens que aderem à organização para a defesa dos direitos democráticos.

Carlos Valbuena, secretário-geral da Jovem Guarda Vermelha, a organização onde militava Javier, em resposta a uma pergunta do «DL» sobre o significado da morte de Javier e a reacção da juventude espanhola ao assassinato, fez as seguintes declarações:

— Antes de responder a essa pergunta gostaria de lembrar as palavras que Javier escreveu há alguns meses a um dirigente da JGR da Andaluzia: «Tenho consciência de que preciso dar-me ainda mais à luta. Quero a sociedade socialista, e estou pronto a dar tudo, mesmo a vida, por ela». Estas palavras têm uma ressonância profética. Meses depois, em Almeria, Javier dava a vida pelo pão, pelo trabalho e pela liberdade. Não é por acaso que isto é assim. Javier vivia em contacto com a sua gente, com as massas populares, via como

Javier Verdejo, militante da I.G.R.

são explorados, como carecem dos mais elementares direitos democráticos; e foi para acabar com esta situação que veio engrossar as nossas fileiras, onde aprendeu que todos os sacrifícios não são demais perante a tarefa de acabar com a exploração do homem pelo homem. O seu nome foi juntar-se ao de tantos outros que têm dado a vida para que a Espanha livre e socialista possa ser um dia uma realidade.

Mas a morte de Javier não foi em vão: levantou um poderoso movimento juvenil de protesto em toda a Espanha, ela primeira vez a juventude de todas as regiões espanholas é protagonista exclusiva de uma luta pela democracia, dando uma ideia do grande papel que a juventude desempenha e vai desempenhar. Esta luta não tem sido espontânea e sem perspectivas políticas; pelo contrário: a coordenação de esforços a nível de todo o país demonstra uma grande maturidade política e organizativa, o que confirma a importância destas lutas. — *Como tem reagido a juventude após o assassinato?*

A juventude espanhola, numa total repulsa pelo crime, tem exigido com toda a sua força e de mil maneiras diferentes Justiça e Liberdade, para que aquilo por que Javier deu a vida seja uma realidade na nossa pátria.

O objectivo das lutas, além do protesto pelo assassinato e da exigência de justiça, tem sido apoiar a comissão de inquérito formada para esclarecer os factos (composta por um advogado, um jornalista e os presidente e vice-presidente da ADJ a nível nacional) e exigir a legalização da ADJ e a libertação dos presos.

Desde Barcelona a Cádis, passando por Burgos, Toledo, Baleares, Canárias, País Basco, Valência, Madrid, etc., não há praticamente nenhum sítio onde a juventude não tenha feito acto de presença lutadora nestes últimos dias, manifestando, através da sua mobilização, a sua consciência revolucionária e o seu espírito combativo. Mas tem ido mais além: ganha a convicção clara de que para a morte de Javier não ter sido inútil é preciso organizar e unir todos os jovens como um só punho e, juntamente com o resto do povo, em torno da COORDENAÇÃO DEMOCRÁTICA, conquistar a liberdade.

Como passo as minhas férias de verão

Ski-aquático! É o único desporto de Verão que realmente me faz sentir viva e enérgica.
É excitante! Eu não o perderia um único dia que fosse.

E é por isso que eu conto com os tampões Tampax. Porque não quero ficar em terra só porque estou no período. Quero manter-me sempre activa, quer seja fazendo ski ou nadando.

E os tampões Tampax permitem-me fazer tudo isto. Eles são invisíveis, não irritam. Usam-se internamente, nem se sentem. E eu sei que a sua protecção absorvente me permite fazer ski todos os dias das minhas férias de Verão.

A protecção interna em que mais mulheres confiam

APROVADO POR UM MÉDICO AGORA USADO POR MILHÕES DE SENHORAS

PROTECÇÃO HIGIÉNICA PARA USO INTERNO

PEÇA UMA AMOSTRA A:
ANTÓNIO PACHECO AGOSTINHO, LDA.
R. RODRIGUES SAMPAIO, 15-2.º-LISBOA

Sindicato dos Trabalhadores da Indústria e Comércio Farmacêuticos

Sede: Rua Joaquim António de Aguiar, 66, 3.º — LISBOA

ASSEMBLEIA DE DELEGADOS SINDICAIS

CONVOCATÓRIA

De acordo com os Estatutos do Sindicato convoca-se a Assembleia de Delegados Sindicais (aberta às Comissões de Trabalhadores) para a próxima sexta-feira, dia 10, pelas 21.00 horas, a realizar na Sede do Sindicato à Rua Joaquim António Aguiar, 66, 3.º Esq.º, Lisboa, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1 — Congresso dos Sindicatos
2 — Comissão de Reestruturação da Indústria Farmacêutica (Despacho do Secretário de Estado da Indústria Ligeira)
3 — Contrato Colectivo de Trabalho
4 — Caso Lilly — Farmoquímica Indiana, Lda.
5 — Informações

Lisboa, 6 de Setembro de 1976.

Pel'A DIRECÇÃO
Manuela Pontes de Sousa
Lourdes António

Nacional

Quem quer tirar o quartel aos bombeiros de Nelas?

Nos primeiros meses do ano corrente, o corpo activo da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários da vila de Nelas enviou ao Presidente da República uma exposição para que lhes fosse restituído o edifício do seu antigo quartel.

Em Maio, por intermédio do Governo Civil de Viseu, foi a mesma exposição endereçada à Comissão Administrativa da Câmara Municipal do respectivo concelho, para esta se pronunciar sobre o assunto.

Ainda no decurso do mesmo mês, a Comissão Administrativa deu o seu parecer *a favor* do corpo activo dos Bombeiros Voluntários. Esse parecer favorável mereceu dos Bombeiros Voluntários uma outra exposição, mais completa e pormenorizada do que a primeira. Atente-se que ambas as exposições foram assinadas pelo corpo activo dos Bombeiros Voluntários, a começar pelo seu comandante, tenente Mário Amaral Chaves.

Como até hoje ainda ninguém superiormente se dignou vir ao local ver a razão que levou os Bombeiros a tomar tal atitude — o que é que, efectivamente, se está a passar?

QUEM PAGA A SISA?

Ora tudo começou (segundo nos conta pessoa de confiança) por o sr. António Rodrigues Lopes propagar que havia comprado ao sr. vigário António da Costa a casa onde o mesmo reside (antiga casa paroquial), bem como a casa que é da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários desta vila, contígua à casa onde reside o mesmo sr. vigário.

Tempos depois, o mesmo sr. António Rodrigues Lopes requereu à Câmara Municipal licença para obras nas duas casas como se fossem propriedade de sua, muito embora não tivesse qualquer sisa paga nem se encontrasse feita a respectiva escritura. Felizmente que a Comissão Administrativa da Câmara Municipal não só indeferiu o pedido, como respondeu à letra a tais manobras...

E isso porque a Casa dos Bombeiros está em litígio, e porque se sabe publicamente que os prédios em questão não são do requerente.

Evidentemente que a atitude da Comissão Administrativa não caiu bem em certas pessoas. E é assim que...

UM ESTRANHO PROPÓSITO...

E é assim que o sr. padre António da Costa, proprietário e director do jornal local «O Planalto», escreve, entre outras coisas, o seguinte:

. *Francamente, se aquilo das 30 assinaturas não é para troçar de tudo e de todos (...) Não sabemos para que mais há-de servir...*

Lamentável. Lamentável porque o sr. vigário não esclarece que as trinta assinaturas são dos homens que formam o corpo activo dos Bombeiros Voluntários de Nelas, incluindo (como já se disse) a do seu comandante.

Que propósitos levaram o sr. padre António da Costa a elaborar uma notícia naqueles termos? Certamente que qualquer propósito que exige que as trinta assinaturas sejam tidas pelo público como de pessoas desacreditadas, não representativas. Mas as assinaturas são, efectivamente, dos homens que tantas provas de sacrifício têm dado, levantando-se das suas camas a qualquer hora, passando fome e frio para defender os bens alheios... E sem receber qualquer recompensa são assim considerados? Que gratidão é esta? Será porque tudo isto se passa assim pelo facto do corpo activo ser constituído por operários, agricultores, gente modesta...?

. Bombeiros Voluntários de Nelas: por informações de homens de bem que nos foram chegando sobre o presente caso, tem o «DL» ainda muito a dizer. Caso a *manobra* vá para a frente, caso tirem mesmo a casa aos Bombeiros, sem dúvida que poremos todo o preto no branco.

Casa de Camões vendida por 60 contos

. ABRANTES, 8 — A Câmara Municipal de Constância adquiriu por 60 contos, o terreno onde se encontra implantado e entulhado todo o primeiro andar da Casa em que nasceu Luís de Camões. Assinaram a escritura da compra do imóvel, além do presidente do Município e dos vendedores, entre outros, pela Comissão Executiva para a Reconstrução da Casa de Camões, Manuela de Azevedo e Jorge Segurado.

Entretanto, os trabalhos de desobstrução das ruínas vão recomeçar dentro de semanas. Recorde-se, a propósito, que o IV Centenário da morte do Poeta terá lugar em 1980.

Adiada a entrega de uma reserva

. Ficou adiada a entrega da reserva a uma família inglesa, ex-proprietária da Herdade do Passareiro, perto de Montemor-o-Novo, porque os beneficiários não compareceram à hora marcada na reunião com os representantes do CRRA e do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas. E não apareceram porque, segundo informaram mais tarde, a viatura em que se transportavam avariou pelo caminho.

O governador civil, todavia, já marcou nova reunião para resolver o mais breve possível a questão da entrega da reserva aos cidadãos estrangeiros, na medida em que este caso foi objecto de uma tomada de posição do Governo britânico junto das autoridades portuguesas.

EM PORTUGAL NO ANO 2000 Teremos um milhão e 200 mil idosos

. No ano 2.000 haverá em Portugal cerca de um milhão e 500 mil pessoas idosas é o que se depreende de um estudo sobre 25 países levado a efeito pela Associação Internacional de Segurança Social, com se de em Genebra.

O estudo revela que, no final deste século, a Europa poderá ser um continente de idosos inadaptados a menos que a sociedade altere rapidamente as suas atitudes para com os velhos. Assim prevê-se que quase um quarto da população em alguns países europeus terá 65 anos ou mais ao voltar do século.

A média de vida esta a aumentar e as baixas taxas de nascimento automaticamente aumentam a proporção de pessoas idosas, segundo o aludido estudo.

A conta social dos países será daca vez maior no que respeita a pensões, tratamento médico e hospitais e com populações idosas, lentas nas alterações, aqueles países poderão tambem ser menos competitivos face ao progresso tecnológico.

Outro problema será o descontentamento social entre os velhos, cujos rendimentos decrescem acentuadamente após a reforma na maioria dos países.

EXCURSÕES CP

● MELGAÇO – CASTRO LABOREIRO
Um passeio de inegável interesse aos confins do Alto Minho (Serra da Peneda)... Com o conforto do comboio (1ªclasse) até ao Porto, e "auto-pulman" no resto do percurso. Engloba atractivos paisagísticos raros, uma ceia-festa e artesanato.
TRÊS DIAS – Setembro: 11/12/13 e 25/26/27
Lisboa: 2.200$ Coimbra: 1.900$ Porto: 1.550$

● "NOVAS FÉRIAS" NO ALGARVE
Com reduções a partir de 16/9.
Hotéis de 3 e 4 estrelas em regime de pensão completa.
Preços: De Lisboa,desde 890$ De Porto,desde 1.490$

● FÉRIAS NA URGEIRIÇA
Local privilegiado para descanso. Hotel de 1ª
Preços: De Lisboa,desde 980$ De Porto,desde 730$

● FÉRIAS NO MINHO
Viana do Castelo, com o aliciante de uma ceia-festa minhota; ou Vila Praia de Âncora, em Hotel famoso pela sua suculenta cozinha.
Preços: De Lisboa,desde 1.250$ De Porto,desde 650$

● MADRID
Partidas diárias nos comboios Lusitânia-Expresso e Ter.
Estadias de 3 dias na capital espanhola. Excursões facultativas a Toledo, Vale dos Caídos, Escorial e Segóvia. Supl. de prolongamentos (para mais dias). Assistência e transferência das estações de Madrid para os Hotéis, todos centrais.
Preços: Lisboa, desde 1.580$ De Porto, desde 1.750$

DISTRIBUIÇÃO DE PROGRAMAS
LISBOA: Secções de Informações das estações do Rossio e Sta. Apolónia
PORTO : Secção de Informações da estação de S.Bento

INFORMAÇÕES – BILHETES
LISBOA: EGT – Rua do Arsenal, 124 – T. 367529
PORTO : EGT – Rua Justino Teixeira, 469 – T.57061

RETORNADO TROUXE LIAMBA PARA "ENGORDAR FRANGOS"

. BRAGANÇA, 8 — Dezanove pés de liamba acabam de ser arrancados e apreendidos pela GNR. A erva crescia a olhos vistos no quintal de Manuel António Flores, retornado de Angola.

Em declarações às autoridades, o retornado disse ter chegado há dez meses de Bula Atumba (Angola), e pretendeu que ali utilizavam a liamba com frequência na alimentação e engorda de frangos e outros galináceos. Continuando a criar galinhas, agora no seu quintal de Vale de Lamas (Baçal-Bragança), era «natural» que lhes desse a mesma alimentação: liamba.

A erva apreendida atingia já cerca de três metros de altura. O retornado defende-se: não sabia que era droga e tão pouco que era proibida pelas leis portuguesesas.

Alguns dias antes da intervenção da GNR, o António Flores fora alertado por vizinhos para o perigo de ali ter plantado aquilo. Respondera que a liamba do seu quintal valia umas centenas de contos...

A liamba apreendida num quintal da povoação de Vale de Lamas

Geral

Miguel Torga, poeta e escritor

Grande Prémio de Poesia para Miguel Torga

Depois de Octavio Paz e, entre outros, Leopoldo Senghor, coube a vez a Miguel Torga de ganhar o Grande Prémio Internacional de Poesia de 1976 das Bienais Internacionais de Poesia de Knokke-Heist.

Coube a David Mourão Ferreira traçar o perfil do poeta transmontano que, para usarmos a expressão do secretário de Estado da Cultura, «por causa do seu humanismo essencial e muito consequente, conheceu a prisão sob o regime de Salazar, viu muitos dos seus livros proibidos pela censura ou apreendidos pela polícia política, e se encontra hoje ao lado de quantos se esforçam em edificar um Portugal renovado, sem cair nas armadilhas da demagogia ou do totalitarismo, respeitando o sentido da liberdade e da sabedoria do nosso povo».

A obra de Miguel Torga, que resiste a qualquer tentativa de catalogação literária com objectivos políticos e que, por isso mesmo, não pode ser usada como bandeira deste ou daquele partido, adquire assim, uma projecção internacional que honra as letras portuguesas.

DE SANTANDER PARA LISBOA?

Universitários espanhóis pedem audiência a Mário Soares

. Conforme foi largamente divulgado pela Imprensa, o governo português não autorizou a realização, em território nacional, da «Semana de Solidariedade dos estudantes europeus com os universitários espanhóis». Não obstante, os organizadores do festival desconhecem oficialmente a proibição, tendo dela tomado conhecimento, apenas, pelos jornais. Face às circunstâncias, aguardam uma audiência com o Primeiro-Ministro, Mário Soares. Renasce nos jovens universitários espanhóis a esperança de Lisboa abrir as portas a um diálogo de estudantes de toda a Europa: «Europa tambien está con nosotros...»

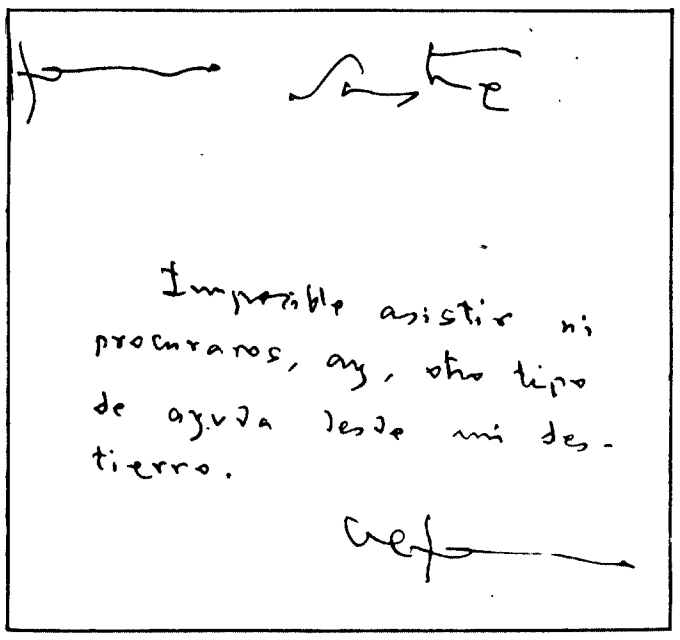
. Entretanto, a especulação que se vem fazendo à volta da posição do Governo traduzida na não-autorização do festival em Lisboa aponta para uma espécie de «troca»: a proibição do festival à «câmbio» da expulsão de Alpoim Calvão do território espanhol. Tratar-se-á, obviamente, de pura especulação, já que nem os universitários espanhóis mereceriam ser vítimas de semelhante pacto, nem a presença de Alpoim Calvão é mais nociva em Madrid que em Paris, por exemplo.

Curiosamente, a proibição do festival em Santander, por parte do governo espanhol, revestiu-se de uma forma mais «sofisticada»: razões técnicas. Em Portugal, as razões invocadas foram expressamente políticas.

Reconheça-se, por outro lado, que o Governo presidido por Mário Soares não podendo, até por questão de coerência, aplaudir a repressão que se abate sobre os estudantes espanhóis (acrescente-se: sobre o povo em geral) limita-se a assumir atitude semelhante à do Governo chefiado por Vasco Gonçalves, quando de um projectado encontro dos escritores espanhóis antifascistas, e que também não foi autorizado. As próprias condições geográficas têm aqui um peso tremendo.

Ainda assim, e no conhecimento de todas estas razões condicionantes, os organizadores da «Semana de Solidariedade» não desanimam. Eles querem dizer ao Governo português que a iniciativa que se propõem é eminentemente cultural e de aproximação dos povos, nomeadamente do povo português com o povo espanhol. Aproveitam para denunciar este facto: o governo do seu país não tem autoridade para invocar «a não ingerência» nos assuntos internos dos outros países, quando afinal «toda a gente em Espanha sabe onde se reúnem os «pides», e os restaurantes que frequentam os salazaristas portugueses e fascistas italianos».

Algumas razões que levaram os estudantes espanhóis a acreditar na hospitalidade portuguesa: primeiro, o convite que lhes foi endereçado pelos estudantes portugueses; depois, a forte solidariedade de inúmeros trabalhadores e intelectuais portugueses; por último, e não menos importante, a circunstância de Portugal ter acabado de se libertar de um regime fascista, tendo o povo experimentado na carne, ao longo de 48 anos, a força da repressão.



Um recado de Alfonso Sastre para os universitários espanhóis

Festival dos Pobos Europeos

Paralisação de solidariedade no Dia Internacional do Jornalista

. Comemora-se hoje o Dia Internacional do Jornalista tendo a Federação Latino-americana de Jornalista (FLP), com sede no México, dirigido um apelo para que se realize, às 19 horas de hoje em todo o continente latino-americano, uma paralisação simbólica em todas as redacções.

«Cinco minutos, nada mais, colega: paralisa a tua máquina de escrever» lê-se no apelo da FLP que se estende a todos os jornalistas do Mundo, às organizações internacionais de jornalistas e às agências de notícias.

Os cinco minutos de paralisação traduzem a solidariedade para com os jornalistas que sofreram a perseguição, o exílio, ou a morte, em defesa da liberdade de Imprensa e da independência nacional dos seus povos.

Geral

TRIBUNA LIVRE

ARLINDO OLIVEIRA

ALERTA, TRABALHADORES

. Já lá vão vários meses em que o problema da unicidade (unidade na lei) e do pluralismo sindical serviram para que as forças reaccionárias interessadas, como é lógico, na divisão dos trabalhadores por multi-sindicatos, levantassem uma onda de protestos tudo fazendo para que a unidade dos trabalhadores não ficasse expressa na lei — o que não levaram de vencida.

Mas que as forças reaccionárias tudo fizessem para criarem divisão nos organismos de classe dos trabalhadores para assim reinarem à vontade, não me surpreendeu de forma alguma, até é natural, surpreendeu-me sim (hoje já não) que forças ditas consequentemente democráticas e ditas também representativas dos trabalhadores alinhassem no mesmo batuque, actuando como autênticos cavalos de Tróia no interior dos trabalhadores e escandalosamente em nome da liberdade e do socialismo.

Alguns políticos do nosso país que constantemente apregoam a todos os ventos a liberdade, possuem por vezes um conceito absoluto do seu significado e digo por vezes, porque na verdade nem sempre lhes convém essa concepção optando uma ou outra conforme as conveniências dos seus ideários políticos e nunca em defesa do povo trabalhador. Assim, é sempre em nome das liberdades democráticas de certos grupos que se lança propositadamente a confusão nos trabalhadores, ainda presa dócil mais ou menos dos seus desígnios, quando pelo contrário era necessário esclarecimento honesto e objectivo, porque se aos trabalhadores é legítimo produzirem, aos políticos que os dizem representar, legítimo seria definirem com clareza, sem ambiguidades e sem jogos metafísicos libertinos o que pretendem na prática com as suas tomadas de posição, que mais parecem servir os interesses do patronato e de uma forma mais ampla os interesses do imperialismo e subimperialismo.

O patronato tem a sua organização de classe que o defende e ninguém o impede de se organizar na legalidade constitucional. Que interfiram aí os políticos adeptos dos pluralismos sindicais, que se entretenham, dividindo a CAP, a CIP, etc., etc., se realmente querem defender os trabalhadores.

Deixem os trabalhadores escolherem em **liberdade** a forma de se organizarem para se defenderem dos seus inimigos de classe e tenho a certeza que se assim for, escolherão acertada e inteligentemente a via correcta para a sua unidade, decepcionando assim muitos daqueles políticos que nunca souberam o que era trabalhar no duro, sempre na mira de reivindicar mais uns tostões pelo seu trabalho, na esperança ilusória de melhor poderem fazer face ao constante aumento do custo de vida. E isto porque, quer queiram quer não, os políticos, na sua grande maioria, nunca pertenceram à classe explorada deste País, nem hoje nem ontem, podem quando muito ter origem na classe explorada mas se apregoam em nome da liberdade a divisão dos trabalhadores, estão prestando um péssimo contributo à sua libertação, estão traindo os seus pais, os seus antepassados.

É sabido de todos as enormes somas gastas pelo imperialismo na divisão dos sindicatos europeus no pós-guerra, especialmente em Itália e em França, etc., etc., para não fazermos aqui toda a história relacionada com a luta dos trabalhadores europeus. É sabido que tendo sido Portugal um País dócil em relação aos seus parceiros capitalistas do Ocidente deixou de o ser a certa altura do processo revolucionário (hoje não direi o mesmo), criando-lhes problemas, cujo rastilho poria em perigo a chamada ordem democrática estabelecida europeia.

Aquele pequeno País, que para muitos nem existia, que, colonizando, era e é colonizado pelos seus «amigos» de ontem e de hoje, passou a ser foco de atenções para muitos, uns para apreenderem com o Povo português mais uma forma de luta pela emancipação de um povo e outros, que tendo aprendido noutros países a travarem revoluções patrióticas, a todo o custo lutam para travar a nossa caminhada para o socialismo.

Por tudo isto é preciso que fique bem claro que as pressões políticas exercidas por certos países ao longo do fascismo (já que no plano económico se entendiam) e as pressões políticas e económicas ao longo destes dois anos, nunca tiveram por base a libertação do nosso Povo, mas sim quando muito à integração do nosso país e do nosso Povo na ordem económica, política e social ditada por eles, única solução para não criar muitos problemas ao capitalismo europeu, já decadente — pois se o fascismo lhes era em parte negativo, mais negativo o é o nosso propósito de seguir a via socialista conforme reza a nossa Constituição, muito mais progressista e como tal mais humanista que a dos seus próprios países. A liberdade apregoada por eles é a liberdade para as multinacionais ditarem as condições de exploração (de ajuda?) do nosso Povo. Convém aqui lembrar as condições em que vive quase um milhão de trabalhadores portugueses nos países europeus, fazendo os trabalhos que os de lá não querem fazer, a forma como são explorados, por vezes sem quaisquer direitos e regalias, e isto dentro das mais amplas liberdades da social-democracia. Ironia do destino: eram estes que ainda aguentavam economicamente o fascismo de pé.

Posto isto, lanço um alerta aos trabalhadores de uma forma enérgica, para que estejam atentos às manobras provocatórias internas e externas que atingem em cheio as suas organizações de classe, em nome das liberdades, como se as liberdades dos exploradores fossem as liberdades dos explorados. Alerta, pois, trabalhadores na **unidade**, as tuas liberdades não são as mesmas daqueles que vivem das mais-valias produzidas pelo teu trabalho, porque se fossem as mesmas, essas mais-valias pertenciam-te. Assim é necessário combater tudo o que ameaça a unidade sindical, numa central única de trabalhadores eleita por todos democraticamente, porque essa unidade é a verdadeira liberdade dos trabalhadores face aos inimigos de classe que nada fazem, a não ser apoderarem-se da riqueza produzida pelos trabalhadores — a única riqueza existente — **o trabalho**.

Alguns, os que apregoam a divisão, apoiam-se no artigo 57.º da Constituição, mas cuidado! Esse artigo, embora não consagre a unicidade, não nega a possível e necessária unidade dos trabalhadores numa só central única.

Ataques contra a O.N.U.

dos e os países socialistas os que têm hoje em dia a iniciativa histórica. É claro que é difícil avançar, pois o poder económico e militar dos países capitalistas é enorme, custa muitos bens, custa tempo e sobretudo custa vidas, mas perante essa concepção desumana e retrógrada o mundo progressista (como o demonstra o sóbrio diagnóstico de Pham Van Dong) tem um poder moral que não é menor e que serve para multiplicar a sua força e a sua eficácia militares. De outra maneira teriam sido virtualmente impossíveis vitórias como as do Vietname ou de Angola, onde povos pequenos mas corajosos derrotaram de forma decisiva aqueles que se pretendiam invencíveis.

É certo que pouco a pouco os países progressistas vão constituindo a maioria na ONU, mas também é certo que na Carta das Nações Unidas ficou estabelecida a regra da maioria de votos, substituindo assim a unanimidade, que tinha virtualmente impedido o funcionamento e a viabilidade da vetusta Sociedade das Nações. Também é certo que hoje o voto de uma nação que acaba de obter a sua independência pesa tanto (pelo menos na Assembleia) como o de um Estado «de cultura pluricentenária». Mas acontece que, geralmente, esses estados de cultura pluricentenária foram (ou são ainda) pluriexploradores e, graças à sua implacável acção colonialista, tinham impedido até hoje o desenvolvimento político e cultural e também a independência desses países que hoje inauguram a sua liberdade, ganha à custa de muito sangue.

As potências imperialistas e ex-imperialistas, às metrópoles colonialistas e ex-colonialistas, cada vez lhes agrada menos esta presença da ONU de povos que até há bem pouco tempo tinham administrado e/ou explorado sem maior problema. Convém contudo recordar que, quando essas poderosas nações e os seus satélites estavam em maioria, deram o seu entusiástico acordo ao critério de maioria parlamentar na Carta das Nações Unidas. Contudo, agora que a maioria vai sendo conquistada pelos povos, a essas potências não lhes agrada a fórmula. Esse desagrado serve pelo menos para uma demonstração patente: que os poderes e as metrópoles colonialistas não têm agora nenhuma esperança de voltar a ser maioria. Sabem-no e dói-lhes, claro. Também os povos o sabem, mas (e é esta a pequena diferença) gostam muitíssimo de o saber.

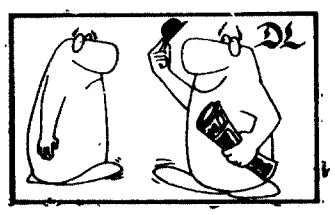
Reformados alertam contra divisionistas

SETÚBAL, 8 — Para reorganização da Comissão de Setubal da Associação Sindical dos Reformados da Previdência reuniram-se ontem nesta cidade, nas instalações da INATEL, cerca de três centenas de reformados. No decorrer dos trabalhos foi salientada a necessidade de desmascarar os individuos que andam entre os reformados a lançar boatos com o intuito de cavar a sua desunião.

No final da reunião foi apoiada uma moção a enviar ao Presidente da República e ao Primeiro-Ministro, onde é exigida uma tomada de posição para com as centenas de trabalhadores que não recebem qualquer pensão embora tenham labutado ao longo de toda a sua vida.

SETÚBAL

Máquina de costura **Bernina** e de tricotar **Toiota.** Cursos grátis, corte, bordados e tricot. Praça do Exército, 16 (Antigo L. St.ª Maria).



S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Ponte da Barca, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal EDP (ex.: União Eléctrica Portuguesa) a que se refere o processo 8 57370, arquivo 4, para o estabelecimento nas freguesias de Grovelas e Boivães, concelho da Ponte da Barca, de uma linha aérea a 15 kV, com 1454 metros do apoio n.º 26 da linha para o posto de transformação de Boivães ao posto de transformação de Grovelas da Câmara Municipal de Ponte da Barca.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 23 de Agosto de 1976.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Setúbal e Palmela, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal EDP (ex.: UEP) a que se refere o processo 8 55956, arquivo 4, para o estabelecimento nas freguesias de S. Sebastião, S. Julião, S. Pedro e Quinta do Anjo (concelhos de Setúbal e Palmela), da linha aérea a 30 kV, S. Sebastião-Coina (L1 30 2) com 15.900 metros, entre as subestações de S. Sebastião e de Coina, integrando dois troços, um com 13.758 metros e outro com 1205, já licenciados.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 27 de Agosto de 1976.

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

PUB.

SINDICATO DOS METALÚRGICOS DE LISBOA

PLENÁRIO GERAL DE DELEGADOS SINDICAIS

CONVOCATÓRIA

NO DIA 9 DE SETEMBRO, AS 17 HORAS
NA CANTINA DOS TRABALHADORES
DA C.P. (caminhos de ferro, junto a est. ROSSIO,
CALÇ. DO DUQUE n.º 20 - lisboa)

ordem de trabalhos:
1 - CONGRESSO dos SINDICATOS
2 - INFORMAÇÕES

NOTA: CAMARADA, ao abrigo do Decreto-Lei nº215/B/75, tens direito no mínimo a 5 horas por mês, para exercício das tuas funções, que serão obrigatòriamente remuneradas. GOZA ESSE DIREITO!

LISBOA 2 SET 1976 A DIRECÇÃO

post-scriptum

A um certo Doutor

Se os saneamentos acabaram
Como explica Doutor:
Para colocar o parente
Para o pôr um pouco à frente
Sem o mais leve pudor
Atropela a outra gente
que não é da mesma *cor?*

Se o Doutor é socialista
Democrata
Pluralista
E de esquerda,
(como diz ...)
Não faça aquilo que faz
Mas faça aquilo que diz!

M. Ventura
MONCHIQUE

Bombas para «salvar» o 25 de Abril?

Os democratas de sempre, com meio século de resistência no corpo e no espírito, viram agora, finalmente, uma acção empreendida contra o crime e terrorismo — que é a forma mais covarde daquele.

A vaga de assaltos e terrorismo, a que os governantes em 1975 não conseguiram pôr cobro, por falta de força ou de decisão, parece que foi agora encarada com a devida autoridade. Já não era sem tempo.

Mas começam a surgir dúvidas nos nossos espíritos quando os inimigos da democracia pretendem confundir tudo e todos, dizendo que os crimes e covardes ataques às pessoas e aos bens, repetidos e continuados, em ondas crescentes, tinham o intento de conjurar «o perigo comunista», estafado «slogan» do fascismo. Em face disto, temos de perguntar: será que os elementos mais reaccionários de uma sociedade contrataram criminosos e marginais para matar e incendiar com a intenção de **salvar** ou defender as conquistas da Revolução do 25 de Abril? Ou pretendiam, antes, eliminar sucessivamente todos aqueles que a permitiram ou fizeram?

. Quando, bem recentemente ainda, se arrasaram os postes de alta tensão de Vila Franca, precisamente no dia da tomada de posse do Presidente da República eleito, também se atacavam os comunistas? Ou queria, antes, fazer-se uma covarde e insidiosa exibição de força e de pressão contra as autoridades democraticamente escolhidas?!

. Afinal, desde o incêndio do Reischstag até aos nossos dias, já se podia mudar de táctica e de processos!

. O que se tem passado entre nós nem sequer pode considerar-se como crimes políticos. São graves e desprestigiantes delitos de direito comum, ordenados e praticados por criminosos comuns, que não tiveram pejo em envolver, em golpes covardes, funções e fardas a que ninguém devia ser permitido desprestigiar.

O que se tem passado neste País, nesse aspecto, é simplesmente vergonhoso. Que as demissões e desprestígios a que se assistiu durante cerca de um ano seguido terminem de uma vez para sempre.

A. Lopes da Silva
— PORTO

Amnésia

No café da vila.

Assunto da cavaqueira: o já desmentido convite a Agostinho Neto, para visitar Portugal.

A reacção local assestou as suas baterias a esse «insulto» ao «bom povo» português.

« — Se ele cá pusesse os pés, não tinha muitos minutos de vida! Seria bem mais conveniente, patriótico e democrático convidar o Holden Roberto ou o Savimbi! Esses sim, que são verdadeiramente amigos dos portugueses; a eles deveríamos dar todo o apoio de que necessitassem.»

. — Homem, agora até já o Holden Roberto te serve!... Sentes-te em dívida? Por isso o queres apoiar ? Lá pretenderes recuperar os teus privilégios de branco, voltar para Angola e viver à tripa forra, à custa do preto ... sou capaz de compreender...

«Mas que queiras «canonizar» o Holden Roberto que, em 1961, em Ambriz, te assassinou mulher e filha, isso já é demais! Olha, o Agostinho Neto nunca mandou chacinar civis!» — foi a resposta magoada de um cunhado, ainda não esquecido da sorte da irmã...

Joaquim da Silva Santos
— COIMBRA

Palavras «eventualmente chocantes»

Também a RDP deveria anunciar, antes dos seus noticiários, que estes poderão conter não cenas, mas palavras «eventualmente chocantes». Pois foi chocada que me senti ao ouvir no noticiário das 9 horas de domingo, dia 5, um elemento do Hospital Curry Cabral dizer muito claramente que as pessoas não tinham nada que acorrer àquele Hospital *só* por suspeitarem de difteria, e que a culpa tinha sido da informação de alguns jornais que alarmaram a população, etc. etc..

Quer dizer que para essa senhora doutora ou enfermeira, se um indivíduo estiver com difteria mas não tiver a certeza de o estar, não deve ir ao hospital, já que irá incomodar os Exmos. Srs. Drs. Vá, portanto, só se tiver a certeza de estar com a doença.

Será já isto uma aplicação do «socialismo» à medicina? Bem original ela é ... aliás, como todo este processo «revolucionário»...

Helena Tomé
— LISBOA

O REFÉM LIBERTADO

MAURICE DUVERGER

A Imprensa francesa continua a dar grande destaque às alterações surgidas no poder com a substituição do primeiro-ministro gaullista, Jacques Chirac, pelo tecnocrata Raymond Barre. O artigo que hoje publicamos é da autoria do conhecido sociólogo Maurice Duverger e traz um novo contributo para a análise da política francesa e suas incidências num futuro próximo.

Ao bater com a porta, Jacques Chirac reforçou a sua personalidade política e enfraqueceu a de Giscard d'Estaing. Isto seria rentável numa eleição presidencial em que se voltasse à tradição das «primárias», inaugurada em 1974. O candidato UDR teria então algumas possibilidades de êxito. A Imprensa e as principais forças sociais que apoiam a maioria, a maior parte dos seus eleitores, desejam visivelmente que a linha governamental seja mantida com firmeza. O estilo Luís XV agrada menos do que o gaullista.

Isto também poderia ser rentável nas eleições legislativas. Este «o partido da fidelidade ao general de Gaulle» e «o partido do presidente da República», as eleições inclinam-se naturalmente para o segundo, porque em geral prefere-se o presente ao passado. Entre «o partido de Jacques Chirac» e «o partido de Valéry Giscard d'Estaing», as preferências talvez divergissem. A UDR poderia enfrentar as «primárias» legislativas, desde que soubesse impor essa imagem. Ele libertar-se-ia também da sua dependência do chefe do Estado, que distribue as investiduras em caso de candidato único da maioria. Ao exibir um homem do gaullismo histórico, o novo governo espera impedir uma tal mutação.

O dinamismo do ex-primeiro-ministro não é o único trunfo do seu partido. A diferença das plataformas políticas também tem um papael importante com o qual Giscard d'Estaing nada ganha. O projecto de alargar a maioria na direcção do centro esquerda não é sério. É possível arrastar nessa caminho este ou aquele amigo de Robert Fabre, como aconteceu com Pierre Brousse. Isto porém, não modificaria coisa alguma. A ideia de atrair os socialistas será perfeitamente utópica antes das eleições de 1978. Ela só poderia tomar corpo se os comunistas tentassem um dia lançar os seus aliados num governo de programa comum. De momento isso parece simples ficção política.

O reformismo também continua a ser um tema mítico. A sua clientela não consente que Giscard vá longe nessa via, chamando a si um apreciável número de eleitores potenciais de esquerda. Para modificiar o conservadorismo tradicional da direita francesa, seria necessário um intenso esforço educativo, prolongado pela rádio e pela televisão, e isso durante muito tempo. Desde claro está, que, alguém resolvesse caminhar nesse sentido.

O choque directo foi evitado nos últimos dois anos porque Jacques Chirac servia de refém ao presidente da República. Ele garantia a submissão da UDR, acalmando as suas impaciências, refreando os seus impulsos de independência, dominando-a quando ela se irritava demasiado. Hoje, o refém está liberto. Se os seus amigos políticos fizerem bloco tem possibilidades de ter peso no Eliseu. Não esqueçamos que o domínio do chefe de Estado não está inscrito na Constituição. Esta não estabelece um regime presidencial mas um sistema misto em que a soberania pertence igualmente ao presidente e à Assembleia Nacional, ambos eleitos por sufrágio universal directo. Não é possível governar sem a concordância do partido que domina a maioria.

O presidencialismo de Giscard d'Estaing, tal como o dos seus predecessores, repousa totalmente na docilidade da maioria parlamentar. Se esta docilidade desaparecer, a Assembleia Nacional torna-se aquilo que a Constituição dela fez, o segundo pilar do regime, sem o qual nenhum governo pode agir nem mesmo subsistir. As referências às interpretações gaullianas não serão obstáculo.

Se o general não tivesse tido a maioria, não teria podido governar livremente. Georges Pompidou teve de suportar alguns problemas em 1967-1968 quando a sua maioria dependia de Giscard d'Estaing. Este, teria de suportar alguns muito maiores se a U. D. R. levantasse a cabeça. Ao libertar-se das amarras, Jacques Chirac permite-lhe que a levante.

Durante os próximos meses, depende dela e não do chefe do Estado que o regime se torne claramente presidencialista ou menos do que o é actualmente. Ela tem nas mãos a sorte do governo, a data das eleições, o voto das leis e do orçamento. E, mais ainda, o seu próprio destino. Também depende dela que o gaullismo entre, como uma grande recordação, no museu da história, ou que tenha um futuro. Nem mesmo está preocupada em manter a coesão da maioria a fim de resistir à pressão da esquerda. Se a facção de Chirac surge mais atraente do que a de Giscard, devido ao seu leader e ao seu programa, o seu dinamismo daria mais possibilidades de vitória ao conjunto da maioria.

Nada garante que a U. D. R. aproveite a ocasião que lhe é dada. Ela não parece disposta a fazer bloco à volta do primeiro-ministro demissionário. Não vai desembaraçar-se fácilmente do presidencialismo que desde sempre a impregna, e arrisca-se a ficar anquilosada por um longo hábito de baixar a cabeça, no momento em que deveria levantá-la. Tudo isto pode terminar com uma morna submissão ao Eliseu ou com uma guerrilha parlamentar sem glória (os debates sobre a imposição das mais-valias deram disto um triste exemplo), justificando assim as palavras amargas do presidente ao referir-se ao regresso ao regime dos partidos.

Uma só coisa é certa. Se a U. D. R. não desencadeia agora o combate, nunca mais poderá desencadeá-lo. Chirac pode fazer uma longa travessia do deserto. Não o seu partido. Os deputados gaullistas podem salvar individualmente o seu lugar, passando sob as forças caudinas do presidente da República. Mas eles destruirão ao mesmo tempo a sua organização, que já não terá razão de ser, e será uma espécie de associação de ex-combatentes. A sua presença no parlamento ou no governo não salvará nada da herança do general. Giscard d'Estaing só aparentemente é indolente. Com extrema perseverança e notável habilidade ele continua num lento e paciente mastigar do gaullismo, que chega agora ao seu último acto. A solução não é certa. Mas está próxima.

© LE MONDE

OS ATAQUES CONTRA A O.N.U. TRADUZEM O DESESPERO DAS ANTIGAS MAIORIAS

MARIO BENEDETTI (IPS)

. MÉXICO (IPS) — Nos últimos tempos, e apesar dos seus bem cumpridos 31 anos, a Organização das Nações Unidas foi objecto dos mais duros ataques de toda a sua história. Os ataques provêm, evidentemente, da reacção mais descarada. Governos que diariamente violam os direitos humanos que a ONU, como tal, tem a obrigação de defender, pois assim o exige a sua carta, são geralmente os críticos mais severos da gestão desse organismo. Estes governos têm de manter uma certa compostura nos seus julgamentos sobre uma organização de que fazem parte, mas já não se sentem obrigados a essa moderação alguns meios de comunicação ou associações de carácter privado, que há já algum tempo (e alguns mesmo desde as suas origens) se demonstram abertamente favoráveis às causas mais retrógradas.

Os ataques à Unesco por parte de Germán Ornes, que não só preside comissões de liberdade de Imprensa mas que também é director de «El Caribe», jornal de São Domingos fundado nada menos que por Rafael Leonidas Trujillo (ditador que se tornou famoso sob muitos aspectos, mas não precisamente por defender a liberdade de Imprensa), assim como por parte do brasileiro José Almeida de Castro, presidente da Associação Interamericana de Radioemissoras (AIR), inscrevem-se nesta campanha que, para cúmulo, têm um fiel aliado no ex-Presidente uruguaio Juan Maria Bordaberry, em cujo obscuro **curriculum** figuram inumeráveis encerramentos de jornais (sendo um deles «Marcha» de bem adquirido prestígio continental), assim como permanentes acusações à ONU de estar infiltrada pelo marxismo. Com base nas suas divergências com o organismo plurinacional, o ex-mandatário propunha esta comparação, que parece extraída da «Cantora careca» enquanto a ONU se preocupar com a sociedade com o objectivo de o limitar aos seus negócios e à família, Bordaberry sente-se realizado.

Mais recentemente, um jornal oficioso de Montevideu, «El Diário», num artigo de fundo para comemorar a festa nacional da República da África do Sul, em que afirma que «tanto a União Sul-Africana como a nossa pátria fazem face à perseguição internacional, a que o nosso governo tem feito referência em memoráveis (sic) documentos», declara que «o ataque se centra na cada vez mais contestável ONU, a Torre de Babel nova-iorquina, onde, numa loucura extrema, tanto pesam os votos de nações que carecem de toda e qualquer preparação política, social e económica, como os estados de cultura pluricentenária», e faz referência para reforçar a sua ideia, «o impagável critério que em 1962 foi defendido pelo português Arnaldo Cortesão, quando este denunciou a importância que se dava nas deliberações da ONU aos 29 votos africanos que «representam 245 milhões da habitantes, bárbaros na sua maioria».

Ainda que nesta fase do século XX seja quase inconcebível que alguém possa esgrimir semelhantes argumentos paleolíticos, a verdade é que esta é a plataforma ideológica daqueles que apoiam os Pinochet, os Vorster, os Ian Smith. Estes ideólogos de um fascismo colonial (que baseia a sua força na constante violação dos direitos humanos e no emprego sistemático da tortura) verificam com compreensível alarme que as suas posições, a nível mundial, vão sendo paulatina mas firmemente derrotadas. Em 1975, quando se comemoraram os 30 anos da ONU, o seu actual Secretário Geral, Kurt Waldheim, disse estar «convencido de que as Nações Unidas continuam a constituir a maior esperança de paz para o mundo». Logicamente, esta esperança de paz incomoda aqueles que têm a guerra como objectivo prioritário, como instrumento da sua expansão colonialista e **(Last but not least** — o último mas não o menos importante) como o mais produtivo dos seus negócios.

«A vitória final corresponde-nos, é nossa», disse recentemente e sem rodeios Pham Van Dong, primeiro-ministro da República Socialista do Vietname, no decurso da V Conferência Cimeira dos países Não-Alinhados, realizada em Colombo, acrescentando ainda que são os países Não-Alinha-

Continua na pág 4

Nacional

Política de A a Z

O PERIGO DA DIREITA

De uma capital europeia chega-nos, pelas ondas e pelos despachos das agênciae, a palavra do dr. Diogo Freitas do Amaral. Citamos de ouvido, e entre a frase proferida e a transmissão que dela nos dá fé, existem intermediários, evidentemente. Mas o sentido da opinião emitida pelo presidente do C. D. S. será, **mutatis mutandis,** o de uma advertência que indica que, nas presentes circunstâncias, em Portugal é predominanteo perigo da «direita». Segundo uma agência noticiosa internacional mais concretamente, o dr. Diogo Freitas do Amaral, falando aos jornalistas em Viena de Áustria, teria afirmado que «a extrema direita está a ganhar força» e que constituiria uma mais grave ameaça do que os «extremistas de esquerda». Seria fácil comentar: Se o dr. Freitas do Amaral o afirma, ele saberá as razões que lhe permitem fazer tal afirmação. Mas é mais conforme com o contexto e com a própria gravidade da afirmação, pensar que para o presidente do C. D. S. com o avanço de uma «direita» que se situa à direita do C. D. S., e que nalgumas áreas regionais terá infiltrado o C. D. S., poderá coincidir uma alterosa vaga de dificuldades económicas e de conflitos socio profissionais. O C. D. S. fala-nos do perigo de uma «direita» que conspira activamente para o «regresso» e para a «desforra», mas, pelo seu lado, espera o fracasso do Governo socialista. Um dirigente do C. D. S. disse já que se não tratava de um «Governo de salvação nacional», mas de um «Governo de crise nacional». Um eventual insucesso do Governo socialista e o dr. Freitas do Amaral deu bem a entender que o previa abriria caminho a uma fórmula de Governo diferente. Para o dr. Freitas do Amaral, segundo as informações que nos chegaram da sua conferência de Imprensa em Viena, não seria de excluir a possibilidade de um Governo imposto pelos militares. Governo esse que viria a revestir, naturalmente, uma das seguintes fórmulas: a) Governo da maioria presidencial; b) Governo dirigido por uma personalidade civil independente e composto por militares e tecnocratas civis; c) Governo dirigido por um militar e com a presença de ministros «cedidos» pelos partidos e de tecnocratas independentes. A questão fundamental, e a esperança de toda a «direita», reside no peso das dificuldades económicas e nas repercussões das medidas que forem adoptadas para as enfrentar. A «direita» aposta na «crise». E a «esquerda»?

Qual é a política da «esquerda»?

UMA POLÍTICA DA ESQUERDA

Consideramos a divisão da «esquerda» como um dado da actualidade política portuguesa. Chore, quem queira, o leite derramado. Mas, está derramado. Contudo, embora dividida, a «esquerda» não poderá deixar de empreender um certo número de acções convergentes e não poderá deixar de proclamar orientações que imediata ou mediatamente serão confluentes. Se a «direita» tanto a «direita legalista» e parlamentar, como a «direita subversiva» golpista e terrorista aposta no fracasso do Governo socialista, na desestabilização, no caos, a «esquerda» terá que ter outra política. A «esquerda» não poderá ter, obviamente, uma política que favoreça a estratégia da «direita». Não falamos de alternativa futura, de propostas, de projectos. Falamos da necessidade de proceder de modo que, sem abdicação da atitude «crítica» e de «oposição», se evitem os sucessos tácticos da «direita» no dia e na hora. E para isso é preciso reflectir e trabalhar. Dizia Gramsci: «A resolucão tem necessidade, para além do heroismo generosos, também e especialmente de tenaz, minuciosos, perseverante trabalho». A politica não é uma improvisação é uma prática social.

DIAGNÓSTICOS

O Primeiro-Ministro fará, para conhecimento e esclarecimento dos Portugueses, um «diagnóstico» da situação política, económica e social do País. A expressão «diagnóstico» (surge numa comunicação oral) é de Manuel Alegre. Não significa, forçosamente, que o País esteja «doente», ou que, «doente», padeça de mal incurável. Não significa, evidentemente, que não existam energias nacionais para restabelecer este País em «crise política». Não esqueçamos que este velho Portugal tem a experiência de vencer «crises históricas».

Mas voltemos aos «diagnósticos». O do Primeiro-Ministro será feito em Lisboa. Em Londres, o secretário-geral do P. P. D., dr. Francisco Sá Carneiro falou da situação portuguesa. Foi pessimista o seu «diagnóstico».

Não fazemos ao dr. Francisco Sá Carneiro a injúria de dizer que preferiu Londres ao Porto, ou a Lisboa, para «diagnosticar» a difícil situação em que se encontra o nosso país. Mas a escolha de Londres não terá sido a mais feliz quando o actual Governo avança para a Europa e se prepara para ter assento e voz nas suas instituições. Não terá sido este «diagnóstico» londrino a única diligência para isolar internacionalmente o Governo socialista, bem sabemos. Também, em Viena, o dr. Diogo Freitas do Amaral falando, aliás, dos progressos da «extrema direita» fez o possível para deixar bem vincada a sua muito reduzida ou nenhuma esperança na «gestão socialista minoritária». Porque, é disso que se trata: procura-se nacional e internacionalmente criar dificuldades a um Governo que poderá não ser insensível à necessidade de falar com a «direita» uma linguagem antifascista. Veremos, em Outubro próximo, como irá o «grupo parlamentar socialista» abordar, mandatado pela Comissão Nacional, o escândalo das libertações e das reintegrações. Será esse, também, um «diagnóstico».

A F.S.P. abandona os G.D.U.P.

. «A F.S.P. entende não dar cobertura por mais tempo a situações que só contribuem objectivamente para a divisão dos trabalhadores e para atrasar e comprometer o êxito de uma verdadeira unidade das massas populares», sublinha a Frente Socialista Popular num comunicado lido, esta manhã, durante a conferência de Imprensa em que este partido anunciou a decisão de abandonar o movimento dos G.D.U.P.

No seu extenso e significativo documento, lido por Rui Carneiro a F.S.P. citando Samora Machel: «a unidade não pode existir a qualquer preço; a unidade tem de ser autêntica, mas quando a base é falsa, não funciona, pode haver muitos debates, muitos papéis e documentos assinados, mas nada acontece» reafirma que a «unidade de todas as forças verdadeiramente interessadas num projecto anticapitalista de transformação da sociedade portuguesa contará sempre com a solidariedade e empenhamento militante da Frente Socialista Popular», e reitera «às organizações e militantes que projectaram reforçar o movimento popular atraveps de uma unidade que aprofundasse o trabalho conseguido durante a campanha eleitoral de Otelo, a sua firme disposição privilegiar a unidade na luta pela democracia dos trabalhadores, pela independência nacional e pelo socialismo».

GOLPISMO CONSTANTE

Historiando as razões que levaram a tal decisão, o documento depois de lembrar as advertências feitas pela F.S.P., antes das eleições para a Presidência da República, quanto a tentativas de «hegemoizar o movimento ou de retirar dividendos eleitorais e políticos a partir do esforço unitário de massas», refere que tal posição se dirigia muito concretamente à UDP/PCP(R) que sob a sigla de UDP integrava os GDUP.

Salienta depois «as tentativas de manipulação e de instrumentalização do processo unitário, por parte daquela organização» que já durante o período eleitoral «se autodefinia como a vanguarda única da classe operária e que nas relações com as demais forças políticas, representava a reaccionária estratégia da China».

«A defesa desta política — afirma a FSP — era expressa na defesa de posições como, por exemplo, no que respeita à política e à luta que o MPLA travava e trava, em Angola, contra as forças do imperialismo e à solidariedade militante do povo cubano para com o povo angolano e a sua vanguarda, o MPLA, a UDP/PCP(R) caluniava e calunia essa luta e essa solidariedade, tentando impor no seio dos GDUP sem o conseguir, essa posição contra-revolucionária».

Fazendo notar que apesar de todos os esforços feitos as suas reservas eram fundamentadas, a FSP afirma abster-se «por ora, de enumerar a lista infindável de atropelos à democracia no seio dos GDUP e ao espírito unitário do movimento, praticados pela UDP/PCP(R), através do comportamento constante do golpismo, de manipulação, de demagogia, fazendo frequentes apelos à democracia e à unidade quando, por todas as formas mais sectárias, sabotavam conscientemente a democracia e unidade, e considera ser necessário «explicar porquê, com uma frequência inusitada, militantes e responsáveis da UDP/PCP(R) impediram a acção e trabalho unitário entre as organizações, entre os militantes antifascistas (com ou sem partido) e as massas populares».

EXEMPLOS

«Há cerca de um mês continua o documento (precisamente no passado dia 3 de Agosto) a FSP impôs, em reunião plenária da C.N.P.U.P., uma crítica pública dessa Comissão, face às tentativas grosseiras, de instrumentalização do movimento por parte da UDP/PCP(R). Com efeito, os órgãos centrais dessa organização, «Bandeira Vermelha» e «Voz do Povo», em prolixos editoriais, resoluções, comunicados e conferência de Imprensa, bem como através de discursos na Assembleia da República, tentavam impor nos GDUP a estratégia e a táctica das cúpulas da UDP/PCP(R) e arvoravam-se em porta-vozes dos GDUP e em sua direcção política.

É assim que, em editorial do «Bandeira Vermelha» de 22.7.76 se escrevia:

. «Hoje somos a mais poderosa força política de esquerda e a nossa linha táctica comprovou a sua justeza ao conseguirmos, de uma assentada lançar as bases da Frente Popuar... etc.», para mais adiante, com a mesma falta de humildade que só tem paralelo com a grandiloquência da frase, proseguir:

. «A vitória das forças populares teve outras duas consequências, que marcam a viragem de uma página decisiva na história do Movimento Revolucionário Português e Europeu: É a desagregação do partido revisionista como força hegemónica do movimento popular em Portugal e o consequente reencontro da vanguarda da classe operária portuguesa com o seu partido, o PCP(R)...».

Depois de citar outros casos idênticos, a FSP recorda que apesar da crítica da Comissão Nacional Provisória de Unidade Popular à UDP/PCP(R) para «uma derradeira e sincera tentativa de rectificaçao de uma prática incorrecta e sectária aquela organização «não só não aceitou a crítica, justa e necessária, que os camaradas e organizações representadas na CNPUP unanimemente subscreveram como, pelo contrário, intensificou a prática anterior, privilegiando em todas as circunstâncias a sua obsessão hegemónica, em prejuizo de um trabalho de autêntica unidade».

CONGRESSO SERÁ «FRAUDE»

Frisando que «entende não dar cobertura por mais tempo a situações que só cintribuem objectivamente para a divisão dos trabalhadores e para atrasar e comprometer o êxito de uma verdadeira unidade das massas populares», a FSP considera a sua atitude como «imperiosa e inevitável, «embora não desejada pela FSP, que em tempo oportuno e por diversas vezes, alertou o movimento para os perigos de instrumentalização que a autoproclamada» vanguarda do movimento popular «UDP/PCP(R), parecia apostada em consoman».

Sublinha ainda a FSP que «o actual caos organizativo e a desmobilização existente no seio dos GDUP, que nem a avalanche de agitação nível de comunicados consegue disfarçar, são o reflexo das contradições graves e profundas no seio do movimento dentro do qual o debate e a superação das contradições fundamentais têm sido sistematicamte adiados na esperança de uma nova direcção fabricada «democraticamente» no anunciado congresso, venha a dispensar tal necessidade», e conclui que «tudo indica que o chamado congresso dos GDUP venha a ser uma monumental fraude».

O documento termina com uma saudação a Otelo, «a quem o povo português deve em boa parte a libertação do pesadelo fascista, e cuja libertaçao total deve representar imperativo de justiça para todos os portugueses», e com a reafirmação pela FSP da sua «determinação inalterável de lutar contra a exploração capitlista contra o imperialismo, pela construção de uma sociedade socialista libertadora e soberana».

Frente Polisário promove "comité" de solidariedade

Membros da Frente Polisário que se encontram em Portugal revelaram à Anop que «a generalização da guerra de guerrilhas a todo o território nacional do Sara e aos países vizinhos» é um dos objectivos daquele movimento, relatando alguns dos êxitos já obtidos na luta do povo Sahauri contra a invasão do país prepetrada pela Mauritânia e por Marrocos, apadrinhados pela Espanha.

Referindo-se à situação interna no seu país, os dois dirigentes da Frente Polisário, Bilal Mohamad e Magih Ibrahim, referiram: «Podemos dizer que se verifica hoje um grande desgaste entre as tropas inimigas, tanto no plano humano como material. Esse desgaste é reconhecido pelos próprios governantes de Marrocos e da Mauritânia, como é o caso de Hassan II, que, num dos seus ultimos discursos, reconheceu a existência de uma grande crise económica no país, a qual disse ser devida, na sua maior parte, às perdas sofridas no Sara.

Os dois dirigentes da Frente Polisário, Frente Popular de Libertação do Sara e de Rio do Ouro, encontram-se em Portugal para conversações com partidos e grupos políticos nacionais e para dar a conhecer ao povo português as realidades do seu país.

Um dos objectivos dos contactos estabelecidos é também a criação de um comité de solidariedade com a sua luta, no qual participem forças políticas e personalidades independentes portuguesas.

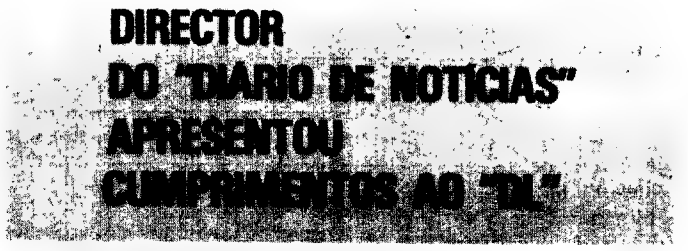
Reunião do Grupo Parlamentar do P.S.

. LISBOA, 8 — (ANOP) — O Grupo Parlamentar do Partido Socialista reuniu-se ontem, para escolher os seus delegados às comissões especializadas da Assembleia da República, tendo incumbido o seu Secretariado de transmitir oportunamente as escolhas efectuadas à Assembleia da República.

O Grupo Parlamentar Socialista aprovou ainda uma moção congratulando-se pelos resultados obtidos pela delegação chefiada pelo Presidente do PS, António Macedo, na sua visita à República Popular de Angola, formulando os seus votos de que em breve se normalizem as relações entre os dois Estados, na base da amizade entre os seus povos.

Azeredo vai para o Norte

. PORTO, 8 — O brigadeiro Carlos Azeredo, que exerceu as funções de presidente da Junta Regional da Madeira, será colocado brevemente, a seu pedido, numa unidade militar do Norte, o Regimento de Cavalaria do Porto. Este oficial, que é natural do Norte, será desgraduado e retomará o seu posto de tenente-coronel após o período de férias em que agora vai entrar.



O jornalista João Gomes, que recentemente tomou posse do cargo de director do «Diário de Notícias» esteve ontem nas nossas instalações a fim de apresentar cumprimentos ao director do «DL», tendo sido recebido pelo dr. António Ruella Ramos. Na imagem, um pormenor da visita de cortesia

Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

ANO 56.º/19 150 6$00

QUARTA-FEIRA 8 SETEMBRO 1976

"DIAGNÓSTICO": O PAÍS TEM SALVAÇÃO

Vencer a crise com os trabalhadores

É grande a expectativa criada à volta da comunicação que esta noite pelas 21 horas o Primeiro-Ministro, dr. Mário Soares, fará ao País e que versará principalmente a crise económica e a situação financeira, bem como as medidas a adoptar para resolver os urgentes e inadiáveis problemas que se põem ao Governo e em relação aos quais o próprio Presidente da República manifestou já a opinião de que o povo português não aceita esperar muito mais tempo.

No decorrer de uma longa reunião ontem efectuada em S. Bento, Mário Soares expôs ao Conselho de Ministros as grandes linhas da sua comunicação. Dessa análise, que se pensa tenha sido exaustiva, nada transpirou, havendo no entanto a ideia de que as medidas a anunciar pelo Primeiro-Ministro não sejam tão drásticas como se pensa em alguns meios.

Que existe uma crise económica profunda já o País sabe, mas que estejamos numa situação catastrófica, irreparável sem uma entrega submissa ao grande capital nacional e internacional para este resolver a crise em seu benefício reservando para os trabalhadores as migalhas do costume e a exploração já conhecida, neste ponto é que as discordâncias são grandes.

A interrogação principal que se apresenta é esta: em que sentido vai actuar o Governo? Numa perspectiva socialista de economia planificada ou na subordinação principal aos interesses dos grandes capitalistas?

. Os trabalhadores compreenderão medidas de austeridade que revertem a favor, do Projecto Constitucional Socialista e se as tomar o Governo P. S. sairá a muito curto prazo prestigiado. Não aceitarão no entanto medidas de recuperação capitalista mesmo que surjam baseadas em artifícios de ciência económica dos mais competentes e habilidosos tecnocratas do capitalismo.

Não será ousado afirmar que existe da parte dos trabalhadores portugueses, na sua grande maioria, o sincero desejo de apoiar o Governo, mas há limites que este não pode ultrapassar. O Governo P. S. tem a chave principal para resolver a crise. Essa chave são os trabalhadores. Bastará pôr-se claramente a seu lado.

Há 40 anos no Tejo

Faz hoje precisamente 40 anos que a cidade de Lisboa acordou ao som de tiros disparados dos fortes de Almada e do Alto do Duque, na sequência dos acontecimentos que passaram à história com o nome de «Revolta dos Marinheiros».

O fascismo de Salazar, então todo poderoso, acabava de ser desafiado por um punhado de marinheiros do «Afonso de Albuquerque» e do «Dão» que, enfrentando a morte, levantaram no Tejo a bandeira da liberdade. Dos marinheiros que se revoltaram nesta primeira batalha contra o fascismo, doze perderam a vida entre o Terreiro do Paço e a barra, e os restantes deram-na, de outra forma, nas masmorras da P. I. D. E. e no campo de concentração do Tarrafal. A «Revolta dos Marinheiros» foi um símbolo da resistência antifascista, um símbolo que veio a frutificar anos mais tarde, na manhã de 25 de Abril.

Ao lembrar, hoje a «Revolta dos Marinheiros», prestamos uma homenagem não apenas aos homens do «Afonso de Albuquerque» e do «Dão», mas também a todos os que enfrentaram a adversidade e a própria morte, batendo-se contra o fascismo durante 50 anos.

A REDE BOMBISTA

Mortos em Monsanto eram do E.L.P./M.D.L.P.

. Começam hoje as reinquirições de elementos ligados à rede terrorista-bombista, nomeadamente com a recolha de novos depoimentos do comandante da PSP do Porto, major Mota Freitas. Entretanto, parece fora de dúvida que este «cidadão acima de toda a suspeita» se encontrava profundamente metido na ofensiva bombista que era, aliás, apenas uma das frentes de um plano mais geral visando a desestabilização e o caos.

Entretanto, e a partir das notícias insertas nas duas últimas edições do «DL», chegam-nos novos elementos, concretamente sobre a explosão de Monsanto (26/9/75): pertenciam ao ELP os dois indivíduos mortos no carro que transportava explosivos. Este facto, ontem posto em dúvida numa das edições do Telejornal, é confirmado pelo próprio ELP numa brochura semipirata à venda nas livrarias de bairro. Neste livro, «ELP, MDLP — o que são:», lamenta-se «a morte de dois militantes nossos» (do ELP) em Monsanto, atribuindo-se a ocorrência aos riscos naturais da militância (V. págs. 109. 110 e 111).

Outros factos: o envolvimento de Ângelo Ramos do Nascimento, o «Ângelo da peixeira», que desempenhou a tarefa de guarda-costas do general Galvão de Melo. Este Ângelo era conhecido contrabandista e foi «passador» de emigrantes durante vários anos. Foi ele, aliás, quem raptou ou ajudou a raptar do Hospital da Marinha (Agosto de 1975) Barbieri Cardosos (filho) e dois «pides» relativamente importantes. Na ocasião o «Ângelo da peixeira» saiu do País por Vilar Formoso (com os «pides» dentro do carro) iludindo a vigilância

Continua na pag 20

F.S.P. abandona G.D.U.P.

A F. S. P. anunciou esta manhã em conferência de Imprensa a decisão de abandonar os G. D. U. P. (Grupos Dinamizadores de Unidade Popular). No documento lido durante a conferência a F. S. P. fundamenta a sua atitude, sobretudo pela «incorrecta prárica política da U. D. P./P. C. P. (R) que pelo seu sectarismo obssessivo e hegeminista comete constantes atropelos à democracia dos trabalhadores impedindo assim um trabalho em clima de confiança e lealdade entre militantes com ou sem partido e as massas populares» (Página 2)

Judiciária queima liamba para desfazer boatos

Funcionários da Polícia Judiciária queimaram, esta manhã, no forno crematório do Instituto Superior de Medicina Veterinária, 750 pés de liamba que tinham sido apreendidos, em Agosto, numa plantação detectada em Poceirão, nas proximidades de Setúbal. Na operação foram utilizados 30 litros de gasóleo.

«A liamba agora queimada e a que ainda possuímos referente a outros processos em fase de instrução, estão a criar-nos problemas, ao ocuparem garagens e outras instalações absolutamente necessárias para a nossa actividade diária», referiu ao «DL» o inspector Bessa Monteiro, que fez questão em frisar que a convocação da Imprensa para assistir à queima do produto, tem como finalidade desmantelar os boatos ultimamente postos a circular «de que os agentes da Judiciária fariam tráfico com a liamba apreendida».

A VENDA DOS JORNAIS

O Governo não altera posição e ardinas não cedem

. «Não há alterações na posição do Governo quanto à taxa de venda de jornais a atribuir aos ardinas» informaram-nos esta manhã do gabinete do secretário de Estado da Comunicação Social, após ter sido conhecida a contraproposta dos vendedores de jornais, aprovada ontem à noite em assembleia geral.

Manuel Alegre declarara que o Governo não cederia ao boicote e reafirmara que os aumentos autorizados se destinavam, exclusivamente, a minorar os saldos negativos das empresas e não a redistribuição parcial aos trabalhadores. Por isso se insiste na taxa de 1$00 por unidade vendida. Os vendedores, após a reunião de ontem, fizeram chegar a sua proposta ao Governo e nela se continua a reivindicar taxa superior, agora admitida em 1$20, ou seja 20 por cento do custo total de 6$00 dos jornais estatizados.

Em função disto «O Século» e o «Diário de Notícias» não foram levantados esta manhã na casa da venda e é muito provável que os três jornais da tarde estatizados ou com intervenção do Estado, «Capital», «Diário Popular» e «Diário de Lisboa» também não sejam vendidos pelos ardinas.

. Os vendedores de jornais, reunidos ontem em Assembleia Geral do seu sindicato, decidiram recusar as propostas governamentais que apontavam para a fixação de uma taxa de 1$00 por unidade vendida, e continuar a não levantar os matutinos e vespertinos estatizados.

Como contrapartida à proposta do Ministério da Comunicação Social foi aprovada na Assembleia e será hoje entregue ao Governo uma proposta pela qual se fixaria em 1$20 por unidade a taxa a cobrar pelos vendedores de jornais o que corresponderia à percentagem de 20 por cento sobre o preço total dos jornais. Anteriormente ao aumento de quatro para seis escudos, os vendedores recebiam $92, o que corresponde à percentagem de 23 por cento. As reivindicações iniciais dos ardinas apontavam para a manutenção dessa percentagem apesar do aumento substancial dos jornais estatizados, autorizado apenas para reduzir os elevados «deficits» da exploração actual.

A proposta aprovada pelos ardinas diz, ainda, que a luta se deverá manter durante 30 dias em torno da exigência dos 20 por cento (1$20 por unidade) e se passado esse tempo não se chegar a acordo os ardinas bater-se-ão pelos 23 por cento, sendo a diferença de três por cento aplicada numa Caixa de Previdência a constituir. Uma das queixas mais ge-

Continua na pag 20

20 PÁGINAS

Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

ANO 56.º / N.º 19149 6$00

TERÇA-FEIRA 7 SETEMBRO 1976

OBJECTIVO: A DESESTABILIZAÇÃO E O CAOS

Falsários de dólares ligados aos bombistas

• O comandante da P.S.P. avisava os terroristas (o local e a hora) das operações "stop"

A emissão de notas falsas de cem dólares (os «dólares algarvios») visava objectivos mais vastos que o lucro imediato resultante das operações de câmbio. Daquela organização ultimamente desmantelada (sete presos e seis em fuga) fazia parte Guilherme da Silva Lopes, industrial retornado de Angola e que ali era conhecido pela sua grande fortuna. A participação deste indivíduo várias vezes milionário, conhecido por «O Rei de Malanje» num negócio deste tipo, faz supôr que os falsários pretendiam isso sim, a desestabilização económica e o caos no País.

Por outro lado, as circunstâncias fazem crer que o fabrico das notas estaria, de algum modo, «associado» à disseminação de droga (liamba) pelo País e aos atentados à bomba um pouco por toda a parte.

Recorda-se, a propósito, que por altura da detenção dos seis elementos da organização, esta tinha fabricado «apenas» um milhão e setecentos mil dólares, dos quais 300 mil se devem encontrar em plena circulação.

Conforme referimos, Guilherme da Silva Lopes, de 60 anos, natural de Canedo do Mato, Mangualde, é homem de grande fortuna, a maior parte depositada em bancos da Suiça. Foi ele quem financiou a compra das máquinas e do material necessário ao fabrico dos dólares, tendo avançado imediatamente com 800 contos. Pessoas que o conhecem dizem-nos que «ele não tinha necessidade de se meter nisto» e não acreditam, tão pouco, que a ganância o empurrasse para tão arriscada operação.

Tudo aponta para objectivos políticos, na intenção de se arruinar a débil economia nacional, com o lançamento de dólares e outras notas: já iam adiantados os preparativos para o fabrico de notas falsas de mil escudos e de cem francos franceses.

Outras informações fazem crer que a organização do «Rei de Malanje» estaria ligada a grupos de direita no objectivo comum de arruinar a economia, por um lado, permitindo-se, por outro, dar vazão ao ódio de alguns pela Revolução que permitiu a independência de Angola a 11 de Novembro.

Continua na pág. 20

IÇADA A BANDEIRA DA FLAMA NO AEROPORTO DO FUNCHAL
Pág. 20

Eduardo Prado Coelho entrevistado pelo DL
Páginas centrais

20 PÁGINAS

«1822 — Independência ou Morte. Independência formal do Brasil. 1976 — Brasil — gendarme do imperialismo para a América Latina. Colónia norte-americana. Povo escravizado. Pedro! teu gesto foi inútil. Patriotas brasileiros.» Esta a inscrição de uma coroa de flores colocada, esta manhã junto ao monumento a D. Pedro IV, no Rossio, pelo almirante Cândido de Aragão — antigo comandante nacional dos fuzileiros e hoje refugiado político, acompanhado por um grupo de patriotas brasileiros, para comemorar o 154.º aniversário do «grito do Ipiranga», ponto de partida da luta dos brasileiros pela independência.

IMPASSE NA ÁFRICA AUSTRAL

Terminou o encontro de Zurique

• Continua a cimeira de Dar Es-Salam

A Polícia sul-africana está hoje de prevenção em Soweto, «cidade» satélite de Joanesburgo reservada a negros, a fim de se opor a qualquer movimento reivindicativo que se transforme em greve. Segundo o chefe da Polícia de Choque, o general Kriel, desde há vários dias que circulam boatos sobre um novo surto grevista. A greve aliás, teria começo hoje, feriado público na África do Sul. Convém acentuar que pela primeira vez jovens mestiços parecem aliar-se aos negros, quer em Soweto, quer em outras regiões para além da Cidade do Cabo. Ainda de acordo com o general Kriel, «a nova greve seria de duas semanas e verificar-se-ia em todo o país.» Entretanto, ontem, a Polícia abriu fogo sobre negros que tentavam (segundo informações oficiais) sabotar uma linha de caminho-de-ferro precisamente no bairro africano de Soweto. Resultado: um homem morto e um outro ferido.

RODÉSIA: «OPERAÇÃO MÃO DE OURO»

Nesta tensão que se vive na África do Sul, provocada pela oposição branco-negro, uma vez que o primeiro domina o segundo minoritariamente, chegou a Joanesburgo, procedente de Zurique, o primeiro-ministro sul-africano John Vorster, que naquela cidade suiça, travou conversações com Henry Kissinger, sobre o futuro da África Austral.

Vorster afirmou a repórteres no aeroporto que o encontro obtivera êxito, màs que as questões em discussão eram «muitíssimo complicadas».

Por sua vez, Kissinger, que hoje se encontra já em Paris para conversações com Giscard d'Estaing, declarou aos jornalistas que o encontro com Vorster tinha sido «frutífero».

O secretário de Estado norte-americano consulta hoje a França (Giscard) e a Alemanha Ocidental (Helmut Schmidt), procurando apoio (segundo a Reuter) «para um fundo destinado a dar uma «mão de ouro» aos rodesianos brancos que não desejem permanecer sob um regime negro». Esse fundo ajudaria um eventual Governo maioritário na Rodésia a adquirir as propriedades dos brancos que desejassem partir.» De notar que já ontem à noite, terminado o encontro de Zurique, Kissinger consultou com o

Continua na pág. 20

Venda de jornais estatizados

BOICOTE DOS ARDINAS PODE ACABAR HOJE

Ontem, nas bancas dos ardinas de Lisboa, faltaram os jornais «Diário de Notícias», «Século», «Diário Popular», «A Capital» e «Diário de Lisboa». Para hoje, espera-se já a resolução do problema

No prosseguimento das diligências que têm vindo a ser efectuadas para resolver o problema da venda, por ardinas, dos jornais estatizados, membros da Direcção do Sindicato Português dos Vendedores de Jornais e Lotarias estiveram reunidos durante a noite com o subsecretário de Estado da Comunicação Social, dr. Soares Louro. No decorrer da reunião, acordou-se que a direcção do sindicato convocaria hoje uma Assembleia Geral Extraordinária destinada a permitir que todos os seus associados tomem conhecimento da proposta do Governo sobre a percentagem em litígio.

Apesar de não ser possível prever em que termos concretos é que o problema vai ser resolvido, tudo leva a crer que será solucionado ainda hoje, e que os leitores dos jornais da tarde já os poderão adquirir da forma habitual.

Ontem, apesar das dificuldades que alguns leitores tiveram em encontrar o nosso jornal, a venda processou-se em termos quase normais sem que se tivesse verificado a quebra que alguns previam. Muitas tabacarias duplicaram as suas vendas e recorreram várias vezes aos serviços de expediente do jornal, a fim de obterem mais exemplares para os clientes que, aqui e além, formaram «bichas» à porta.

De um modo geral, a venda dos jornais ditos estatizados processou-se normalmente em todo o País, embora se tivessem verificado incidentes sem gravidade em Coimbra.

Nesta cidade, onde a venda dos jornais da manhã se processou normalmente, grupos de ardinas reuniram-se junto à Estação Nova para impedir a distribuição dos jornais da tarde, tendo alguns deles tentado impedir que as carrinhas de distribuição os descarregassem. Convocada, a PSP conseguiu dispersar os grupos que se tinham formado sem incidentes de maior e os jornais foram postos à venda nas tabacarias, tendo alguns ardinas saído para a rua como é habitual.

Sindicato Português dos Vendedores de Jornais e Lolarias

CONVOCAÇÃO

Nos termos dos Estatutos convoco a Assembleia Geral Extraordinária do Sindicato para uma reunião a realizar hoje, dia 7, pelas 21 horas, na sede dos Vendedores de Jornais Futebol Clube, na Rua das Trinas, n.º 55 (Telefone 673955), próximo do Palácio de S. Bento, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1.º — Tomar conhecimento da proposta do Governo relativamente á percentagem dos jornais estatizados.

Lisboa, 7 de Setembro de 1976.

O Presidente da Mesa

Assinatura ilegível

O Sindicato dos Vendedores de Jornais convocou uma reunião extraordinária para hoje à noite, na qual deverá ser tomada uma decisão final sobre a venda dos jornais estatizados

Nacional

RAMALHO EANES NA POSSE DO M.R. NA MADEIRA:

"A regionalização é um imperativo político"

. «A regionalização do país, com a implantação das correspondentes estruturas locais, é uma nota constitucional que traduz uma vontade profunda do nosso povo. É portanto um imperativo político — afirmou Ramalho Eanes no uso da palavra durante a cerimónia de empossamento do coronel Lino Miguel, como ministro da República no arquipélago da Madeira, que se realizou ontem no Palácio de Belém. — Mas é também exigência para uma administração democrática e consistente, que terá de concretizar o difícil equilíbrio entre as necessidades de um real desenvolvimento acelerado a curto prazo e a escassez dos recursos disponíveis — prosseguiu o Presidente da República. — Só a aceitação da voz política das regiões permitirá ao Poder central uma aplicação eficaz e equilibrada dos recursos de que Portugal dispõe, encontrando na diferenciação regional os laços orgânicos que reforçam a unidade nacional. Assim ficará mais forte a nação que somos».

Presidida pelo general Ramalho Eanes, à cerimónia estiveram presentes, além do empossado, o Primeiro-Ministro Mário Soares, o presidente da Assembleia da República, Vasco da Gama Fernandes, o indigitado chefe do futuro Governo Regional da Madeira, Ornelas Camacho e o presidente da Assembleia Regional desta região autónoma, Emanuel Rodrigues.

«As instituições regionais, cuja expressão mais evoluída se encontra nas regiões autónomas da Madeira e dos Açores, expressarão, de forma directa e autêntica, as necessidades mais urgentes das populações, porque com elas têm contacto permanente — palavras ainda do P. R., no uso da palavra e a propósito da regionalização. — Mas a sua função decisiva, neste momento de reconstrução nacional, será a procura e a proposta de soluções eficazes e ajustadas». Ainda sobre o tema: «Será na articulação permanente entre estas instituições, na íntima conjugação dos projectos existentes — disse Eanes — que se conseguirá a concretização dos verdadeiros objectivos nacionais.»

. O general Ramalho Eanes começara por falar do significado da cerimónia. «Em si mesma, esta cerimónia é apenas um acto formal — disse. — Mas no seu significado profundo é também uma abertura de esperanças a que terá de ser dado um conteúdo prático. Qualquer formalismo, mesmo quando tem a dignidade de ser constitucional, exige obras e actos políticos para que se converta em participação efectiva das populações. A normalização democrática estará garantida quando a cada uma destas cerimónias corresponder o arranque efectivo para novos programas e para novas acções».

Cõmparou as cerimónias de ontem com as cerimónias de hoje: «O regime corrupto, derrubado em 25 de Abril serviu-se das cerimónias e do falso formalismo para tentar ocultar o seu vazio político, a sua incapacidade de mobilizar o Povo Português num projecto colectivo. Também no período de instabilidade que se seguiu, houve quem se quisesse servir de oportunidades idênticas para defender objectivos próprios ou interesses ideológicos que não correspondem à vontade dos portugueses» — disse.

«Hoje, com a legalidade democrática claramente definida no voto e no texto constitucional, as cerimónias são apenas o acto que inicia uma missão a transmissão de uma responsabilidade política que se assume perante o povo que nos escolheu — acrescentou.

. A normalização democrática impõe instituições democráticas; mas exige também que os responsáveis pela actuação dessas instituições assumam integralmente o dever de respeitar a vontade popular, fazendo de cada missão que se inicia resposta concreta às esperanças legítimas dos portugueses.»

. Usou depois da palavra o coronel Lino Miguel para falar dos trabalhos que o esperam como ministro da República na Região Autónoma da Madeira.

QUEM É LINO MIGUEL

Actualmente coronel-piloto-aviador, Lino Dias Miguel começou a sua carreira militar em 1955, ingressando no corpo de alunos da Escola do Exército. Em 1958 tinha concluído o curso de Aeronáutica (diz o «curriculum» de le divulgado que com alta classificação). Tem o «Advance Safety Program Management Course» da Força Aérea dos Estados Unidos da América. Foi promovido a alferes em 59, a tenente em 61, a capitão em 63, a major em 68, a tenente-coronel em 72 e ao actual posto em 74. Durante alguns anos foi professor na Academia Militar. Do seu «curriculum» faz parte ainda o desempenho de vários cargos de comando e direcção designadamente em missões cumpridas nas antigas colónias de Cabo Verde, Guiné e Moçambique. Até à sua nomeação como ministro da República na Madeira era professor na Escola Superior da Força Aérea em Sintra. Tem 46 anos de idade, é oficial louvado e condecorado. Natural de Almada de Ouro, freguesia de Azinhal, concelho de Castro Marim.

GOVERNO DOS AÇORES

Entretanto, realiza-se amanhã no Palácio do Governo em Ponta Delgada a tomada de posse do Governo Regional dos Açores.

O Governo Regional é chefiado por João Bosco da Mota Amaral do P. P. D. À cerimónia, a que preside ministro da República nos Açores, deverão estar presentes as diversas autoridades civis e militares do arquipélago e bem assim elementos do Secretariado Nacional do P. P. D., que para o efeito se deslocam expressamente aos Açores.

Desconhece-se ainda a data em que tomará posse o Governo Regional da Madeira. Antes disso, ainda o coronel Lino Miguel deve chegar ao Funchal e convidar oficialmente o P. P. D. (na pessoa de Ornelas Camacho nome já indigitado) a formar o elenco governamental.

AÇORES

Mota Amaral faz contactos para Governo Regional

. O dr. Mota Amaral, antigo deputado da ANP agora investido nas funções de chefe do Governo Regional dos Açores, teve contactos com grupos parlamentares da Assembleia Regional com vista à formação do futuro Governo.

No mesmo sentido Mota Amaral contactou elementos dirigentes de Sindicatos, Cooperativas e autarquias locais, na Horta, Ponta Delgada e Angra do Heroísmo.

Nesta última cidade a União dos Sindicatos de Angra, através dos seus representantes, expôs ao dr. Mota Amaral algumas das suas preocupações, especialmente no que se refere ao respeito e aplicação da Constituição na defesa dos legítimos interesses dos trabalhadalhadores.

Entre as questões apresentadas apontou-se o facto de o Tribunal do Trabalho não funcionar desde 1969 e a disparidade entre o salário mínimo nacional fixado no Continente em 4000 escudos, que continua a ser de 3300 escudos nos Açores.

Entretanto reuniu a Assembleia Regional dos Açores sob a presidência do dr. Álvaro Monjardino, para se pronunciar sobre a estrutura orgânica do Governo Regional, no sentido permitir a nomeação e posse dos seus membros, concretizando portanto o pleno funcionamento da autonomia político-administrativa do território, nos termos previstos pela Constituição.

Antes da ordem do dia e depois de lido o expediente usaram da palavra os deputados Fátima de Oliveira (PPD), José Manuel Betencourt (PS), Emanuel Botequilha (PPD) e João Luís Medeiros (PS).

Procedeu-se depois à discussão e votação do projecto do diploma que foi aprovado na generalidade, iniciando-se depois a análise na especialidade.

ALTINO DE MAGALHÃES DESPEDE-SE

O general Altino de Magalhães, comandante militar dos Açores e presidente da Junta Regional apresentou ontem cumprimentos de despedida no gabinete de Imprensa de Ponta Delgada.

Altino de Magalhães chegará a Lisboa na próxima sexta-feira.

PARA FREITAS DO AMARAL:

"A extrema-direita está a ganhar força"

. «A extrema direita está a ganhar força» — afirmou o presidente do C.D.S., Diogo Freitas do Amaral, falando aos jornalistas durante uma conferência de Imprensa dada ontem em Viena. Freitas do Amaral encontra-se na capital da Áustria a convite do Partido Popular Austríaco, na oposição e presidido por Josef Tausn. Todavia — e segundo a Reuter, que veicula a informação relativa às afirmações de Diogo Freitas do Amaral, o presidente do C.D.S. crê que não há perigo imediato de um golpe de Estado — o que não o impede de acrescentar que o crescente número de extremistas da direita representa uma ameaça de golpe maipr do que o número de extremistas da esquerda.

Ainda de acordo com a mesma fonte, Freitas do Amaral pronunciou-se acerca da actual situação política, económica e social portuguesa tendo admitido que a crise económica que o País atravessa pode conduzir a dificuldades políticas. «Quando forem aplicadas restrições para resolver a crise (económica) pode ser que as pessoas estejam prontas a aceitar um Governo imposto pelos próprios militares» — declarou o dirigente centrista.

Mais tarde, noutro encontro com a Imprensa, Freitas do Amaral voltou a bater os mesmos pontos congratulando-se no entanto com o rumo que a presente evolução política no nosso País está a tomar. Para o presidente do C.D.S., segundo a mesma agência, «o povo português, na sua luta contra o comunismo, deu uma grande vitória à democracia». Congratulou-se também com o facto de não haver, em Portugal e do outro lada da fronteira, o Exército soviético. «Se Portugal tivesse tido a desventura de ter o Exército soviético do outro lado da fronteira — imaginou Diogo Freitas do Amaral —, o estabelecimento de uma ditadura comunista teria sido efectuado em poucas semanas».

Só Carneiro visita "núcleos" do P.P.D. em Londres

. Sá Carneiro, secretário-geral do PPD, partiu ontem para Londres, para uma visita de dois dias, acompanhado do dr. Francisco Balsemão, director do semanário «Expresso». Segundo um porta-voz do PPD a viagem tem como objectivo contactar com «os núcleos» que aquele partido tem na capital inglesa, além de um encontro com o ministro dos Negócios Estrangeiros.

Dentro de dias Sá Carneiro terá nova viagem. Trata-se do convite que a administração da TAP entendeu fazer-lhe para o voo inaugural daquela companhia entre Lisboa e Caracas.

PUB

COMISSÃO SINDICAL NEGOCIADORA DO CCTV INDÚSTRIA QUÍMICA

MOÇÃO

Reunidos nos dias 2 e 3 respectivamente em Lisboa e no Porto para analisar a situação criada pelo boicote patronal ao CCVT INDÚSTRIAS QUÍMICAS, os Sindicatos abaixo-assinados decidiram:

1 REPUDIAR as manobras patronais que vêm impedindo há vários meses o início das negociações;

2 DENUNCIAR o aproveitamento que o patronato vem fazendo do D. L. 164-A/76 para estrangular a Contratação Colectiva, bem como as provocações lançadas aos Sindicatos para adopção de formas de luta que visam responsabilizar os trabalhadores pelas crises criadas pelo patronato;

3 - ALERTAR todos os trabalhadores para que se mantenham em íntimo contacto com os seus Sindicatos de forma a que seja possível obrigar o patronato a negociar o nosso Contrato.

Sindicato dos Químicos do Norte
Sindicato dos Químicos do Centro
Sindicato dos Químicos do Sul
Federação Nacional dos Metalúrgicos
Federação dos Escritórios do Sul
Sindicato dos Rodoviários de Setúbal
Sindicato dos Telefonistas de Lisboa
Sindicato dos Electricistas do Sul
Sindicato dos Técnicos de Vendas
Federação do Comércio de Lisboa
Sindicato dos Electricistas do Centro
Sindicato dos Electricistas do Norte
Sindicato dos Metalúrgicos do Porto
Sindicato dos Metalúrgicos de Aveiro
Sindicato da Construção Civil de Leiria
Sindicato dos Escritórios do Porto
Sindicato dos Tanoeiros de Portugal
Sindicato dos Trabalhadores de Serviços de Portaria

Pires Veloso em breve de muletas

. O brigadeiro Pires Veloso comandante da Região Militar do Norte está a recuperar em bom ritmo das múltiplas fracturas originadas pela queda do helicóptero em que seguida há cerca de três meses.

Neste momento, só a perna esquerda se encontra engessada e, se tudo correr bem, os médicos prevêem que o doente possa começar a andar de muletas a partir do final deste mês.

CONCURSO DE CANDIDATOS PARA A ACADEMIA MILITAR

. A Academia Militar vai abrir concurso para a admissão de candidatos até 21 de Setembro.

Todas as informações sobre as condições de admissão estarão disponíveis na Academia Militar (Paço da Rainha), nos Quartéis-Generais das Regiões Militares, comandos territoriais independentes dos Açores e Madeira, nos distritos de recrutamento e nos estabelecimentos de ensino secundário.

P.S. de Aveiro debate marxismo

A Secção de Aveiro do P. S. no âmbito das suas iniciativas de formação política e cultural, vai realizar nas próximas sextas-feiras de cada semana, pelas 21 e 30, na sua sede uma série de sessões de reflexão e estudo crítico sobre o Marxismo.

D. Maria do Carmo de Pinho Maia Fernandes

. Após prolongado sofrimento, faleceu esta madrugada D. Maria do Carmo de Pinho Maia Fernandes, natural de Ovar, mãe de Maria José de Pinho Fernandes das Neves de Sousa e sogra do nosso camarada de Redacção Neves de Sousa.

A extinta era avó dos meninos José Manuel, Fernando José, Maria da Conceição, Maria José, Elisabete Fátima, Carlos José, Maria João, Maria Margarida, José Pedro e Mário José das Neves de Sousa.

O corpo encontra-se na capela de Oeiras, de onde o funeral se efectuará, amanhã, pelas 10 horas, para o cemitério local.

Ao nosso camarada Neves de Sousa e à família da defunta as condolências do «Diário de Lisboa».

post-scriptum

Passeio à Ilha da Madeira

Aproveitando o período de férias, desloquei-me à Madeira.

A paisagem é maravilhosa: as águas cristalinas do Oceano de uma transparência fantástica; as encostas bordadas verde das videiras e das bananeiras, e de toda uma vegetação exuberante, salpicadas aqui e ali de casinhas de tectos vermelhos ou pequenos aglomerados populacionais com a sua escola e a igreja; as montanhas agrestes, donde se abrangem montes e vales, as estradas em curvas sinuosas e o mar imenso.

Contrastando, porém, com toda esta beleza, há o lixo. Por toda a parte. No Funchal, as ribeiras que atravessam a cidade e que nesta época se encontram secas, servem de montureiras. Apesar de propositadamente cobertas de buganvílias, é fácil adivinhar-se o que encobrem pelos odores que exalam.

E em Porto Moniz? Dos miradouros, os nossos olhos são pequenos para abranger todo o soberbo panorama.

As rochas de lava negra sobressaem do mar azul orlado de espuma branca. Mas quem pode demorar-se a admirar a paisagem se os cheiros que vêm até nós são insuportáveis? — detritos em putrefacção e excrementos humanos.

Levados pela curiosidade e atraídos também pela beleza da paisagem e o colorido dos barcos de Câmara dos Lobos aí nos deslocámos num domingo, depois do almoço.

Pequenos barcos ancorados na baía, outros em terra. Por aqui e por ali, magotes de pescadores gozando a folga de domingo. É difícil entendê-los na sua pronúncia característica.

Rodeou-nos, de mãos estendidas, um grupo de crianças entre os 5 e os 12 anos. Descalços, mal vestidos, um ar de deficiente e insuficiente alimentação Adivinha-se o nível mental daquelas crianças. Este de 10, aquele de 11 ou de 9 anos, mas todos na 1.ª ou na 2.ª classe. Apenas um, de 12 anos, tinha feito a 4.ª classe. Já anda na pesca. O pai morreu. São 9 irmãos.

A um dos do grupo perguntei: Gostas de andar na escola? — Gosto. Dão sopa! (E os seus olhitos sorriram...)

. Esta resposta tão rápida e elucidativa veio desmentir a afirmação do guia de que «na Madeira o nível de vida é bastante elevado, não há barracas, não há gente com fome».

Por ali deambulámos algum tempo e fomos surpreendidos pelo que os nossos olhos nunca tinham visto com tamanha falta de higiene: uma praça de peixe e um matadouro.

Nuvens de moscas pousavam por toda a parte: nas bancadas, no chão, nas paredes. Tudo imundo. Nos restos do edifício onde se lê «Matadouro» há janelas largas mas sem vidros, buracos que foram portas, ferragens enferrujadas donde pendem bocados de sebo da última matança (matam às 6.ªs feiras) e as paredes... é impossível descrever!

. Aquilo é um atentado à saúde pública!

. Fica-nos um nó na garganta ao pensar no atraso em que aquela gente ainda vive (e como aceitam viver em tal atraso...)

. Fica-nos um nó na garganta ao pensar nas entidades responsáveis pela saúde pública, pela administração, pelos assuntos sociais, pelo turismo, etc., etc., que parecem desconhecer tão graves problemas.

Será que os sociais-democratas irão mesmo consciencializar aquela gente, torná-los cidadãos responsáveis conhecedores dos seus direitos e deveres?

. Será que aquelas crianças poderão vir a ter uma alimentação conveniente e ser assistidas nas suas necessidades primárias, poderão ser educadas e continuar os seus estudos?

. Será que aquelas viúvas virão a receber uma pensão que lhes possibilite a sobrevivência sem que seja necessário que um menino de 12 anos vá ao mar para ganhar (?) uma parte do sustento do agregado familiar?

. Será que os guias continuam a referir apenas os hotéis de 4 e 5 estrelas e a dizer que «na Madeira o nível de vida é bastante elevado, não há barracas, não há fome»?

Maria Laura M. Ventura
— MONCHIQUE

V.Ex.ªs permitem?

Procurando racionalizar ao máximo os meus juízos, leio com frequência o «DL». Vem isto a propósito de Democracia e Liberdade (de informação). Ontem (28/Agosto/76) comprei o meu «DL» (o que nem sempre acontece, para tranquilidade de alguns!) e meti-o debaixo do braço. Pouco depois passam por mim dois sujeitos, que só fazem este comentário, em tom... divertido: «Só vejo gajos com o DL»; claro que não teria reparado, não fora o gracejo. Posso dizer que iam bem «atentos», bem aprumados bem engravatados, bem independentes e, pelos vistos, bem pluralistas. Ainda estava perto o ardina, e sempre quis ver qual era o «bom» o escolhido por sumidades tão ajuizadas... e preocupadas. Tinha de ser... o jornal pluralista, socialista e independente; era caso para dizer: V. Ex.ªs permitem que eu não compre esse jornal?

. Continuem, amigos do «DL», continuem a fazer um jornal para nós, os que temos uma escolha tão estranha para muitos «pluralistas» e «independentes»; eles cheiram-no ao longe. Que será que tanto os preocupa: a liberdade, o pluralismo... ou a 1.ª página do nosso jornal 28/8/76?

Um leitor devidamente identificado

SERÁ O CANAL DO PANAMÁ DE INTERESSE VITAL PARA OS E.U.A.?

GREGÓRIO SELSER — IPS

. CIDADE DO PANAMÁ, (IPS) O jornal «Southern Command News» publicação autorizada das Forças Armadas Norte-Americanas que, apesar de não-oficial, é editado na base Quarry Heights, da zona do canal — apresenta, na sua edição de 20 de Agosto, um artigo intitulado «The Panamá Canal-Still Vital to US» (O Canal do Panamá continua a ser vital para os EU).

O artigo vem acrescentar-se aos que, nos últimos anos, participam da controvérsia em torno da soberania do canal e das suas zonas adjacentes. A partir do título, coloca-se numa posição dissidente, em relação a outra que no seio das Forças Armadas americanas afirma justamente o contrário, isto é, que a «via por água» deixou de ser essencial, em termos de segurança, para a nação que hoje a detém, em virtude de um tratado, cuja legitimidade e alcance são repudiados, quer pelo povo, quer pelas autoridades da República do Panamá.

O «Southern Command News», que representa a ala dura do Pentágono, assinala na sua crónica que «os EU consideram o canal importante para a sua defesa, na medida em que permite deslocar rapidamente forças navais de um oceano ao outro». Prossegue afirmando que: «continuará a ser um bem valioso para os EU nos próximos anos e cremos que deve funcionar com eficácia. A maior preocupação dos EU nas presentes negociações de um novo tratado é assegurar que o canal seja operacional, seguro, eficaz e esteja aberto à navegação mundial, sem discriminação alguma».

Baseado nestas determinações, o governo dos EU, segundo o jornal, procurará subscrever um novo tratado mutuamente aceitável, norteado pelo conceito de associação definida entre as partes contratantes. E seria sob esta nova relação que os EU «teriam o direito de operar e defender o canal, por um período de tempo razoável».

Mas convém explicar por que razão os observadores estão a estudar a importância destes parágrafos, pois eles contrariam recentes e conhecidas posições de homens públicos americanos, tanto no campo civil, como no militar, os quais, em síntese, punham em dúvida o valor que teria em termos de defesa e segurança, o canal e suas instalações.

Assim recorda-se que, em 1975, por ocasião de uma visita ao Panamá em companhia de Willians Clemans, subsecretário da Defesa Norte-Americano, o general George S. Brown, Chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas dos Estados Unidos, declarou que: «o Canal do Panamá não é vital para a segurança dos EU e a sua importância primordial reside na sua contribuição para o bem-estar económico de alguns países da América do Sul». Prosseguindo, disse que «qualquer tentativa de reter o Canal pela força requeriria cem mil homens, e muitos outros seriam necessários adicionar, para manter as linhas de abastecimento. Estaríamos a envolver-nos numa luta contra homens que não poderíamos identificar, e no momento e lugar que eles escolhessem. Ao meu ver, esta não é a maneira de assegurar a manutenção da operacionalidade do canal».

As declarações de Brown reflectiram posições similares tomadas por outros dirigentes de alto nível, inclusive o Presidente Ford, que em Abril passado, durante uma conferência de Imprensa em Houston, Texas, declarou que «num contexto geral, o Canal do Panamá é hoje tão importante como no passado, e por isso estou a tentar manter a sua utilidade, sem derramamentos de sangue, e sem guerra de guerrilhas. Se rompessemos as negociações existiria, então, a possibilidade de que o canal fosse inutilizado».

Por seu lado, o Contra-Almirante Gene Laroque, reformado, manifestou a sua convicção de que «o canal é de pouca importância para os EU do ponto de vista militar, dado que é muito vulnerável em tempos de paz. Por exemplo, somente dois mil barcos americanos uitlizaram o canal no ano passado e, destes, apenas treze pertenciam à Marinha de Guerra».

Chama-se a atenção para que objecções deste calibre tenham sido mencionadas no extenso artigo do «Commanders Digest» (25 de Março, volume XIX, número 7), publicação especializada do Departamento de Defesa, no qual de maneira alguma se retira o valor militar do canal, nem a sua significação bélica:

. «Historicamente, o Canal do Panamá representou uma importante contribuição militar à segurança do nosso país. Continua a ser um ponto estratégico importante, cujo uso favorece a capacidade de reforço e abastecimento oportuno para as Forças Armadas dos EUA. A sua vantagem estratégico-militar repousa na economia, e na flexibilidade, que proporciona, para acelerar a deslocação de forças militares e o apoio logístico por mar entre os oceanos Atlântico e Pacífico, para outras áreas do Ultramar».

A análise insiste em que «para um futuro previsível o canal continuará a ter valor económico e militar para os EU e, por tanto, cremos que deva continuar a funcionar eficientemente», pois o «objectivo principal» que a União persegue nas actuais negociações é o de «assegurar» que o canal «continue operante, seguro, eficiente e aberto, sem discriminação, para a navegação mundial». De acordo com este interesse básico dos EU, o governo «está a tratar de formalizar um novo tratado, mutuamente aceitável, baseado numa associação».

Aqui salienta-se que o texto do «Southern Command News» foi extraído do «Commanders» Digest», impressão que se confirma ao comparar ambos os artigos. O fundamental, em ambos os casos, é o destaque dado à necessidade de um po-

. Continua na pág 4

MOÇAMBIQUE HOJE (VI)

A REVOLUÇÃO VERDE EM MOÇAMBIQUE

Por WILFRED BURCHETT

. A medida mais audaciosa tomada pela direcção da FRELIMO em Moçambique, é a de tentar reestruturar totalmente o campo, reagrupando o campesinato em aldeias comunais. Para os camponeses isto representa uma ruptura total, tanto com o antigo estilo de vida como com os velhos métodos de produção. Como qualquer outra das novas medidas adoptadas, esta apenas pode ser parcialmente considerada como nova, uma vez que é também consequência das experiências realizadas nas Zonas Libertadas. O presidente Samora Machel descreve estas zonas como «um laboratório político, científico e de ideias, onde ocorre não apenas a libertação física do território, mas ainda a libertação de um certo tipo de mentalidade e de sistema...»

. O êxito desta iniciativa que bruscamente modifica a vida de mais de 90 por cento da população, é um teste severo de confiança — quase um milagre — depositada na chefia da Frelimo. Mas, os encarregados dos pontos-chave que eu visitei, já tinham anteriormente conseguido milagres ainda maiores de persuasão entre o campesinato, há uma década, ao empreenderem a luta de libertação.

Na província do Niassa (que embora seja a província maior do país é a menos populosa), uma das primeiras áreas onde se iniciou a guerrilha, chefiando este programa, em Mataca, está o Comandante Laitone Dias, de 37 anos, um veterano de constituição física poderosa e de poucas palavras, mas de uma grande energia. Quando veio para a área em 1965, a sua tarefa consistiu, segundo as suas palavras, na «mobilização política do povo» para a luta armada. O que é que isso significa?, perguntamos.

«Primeiro tivemos que convencer as pessoas da nossa vontade séria de iniciar a luta armada. Muitos não acreditaram em nós. Depois, não só da nossa firme e séria vontade de lutar, mas também que iríamos ganhar. Muitos mais não acreditaram nisso. Levou-me muito tempo — mais do que um ano. Aqueles que se tinham convencido que iamos para a luta — e que ganhariamos — tinham então que ser persuadidos a abandonarem as suas aldeias e a retirarem para a floresta, longe das estradas e dos centros administrativos. Alguns estavam convencidos que a luta armada ia ser empreendida, mas não que a iamos ganhar — esses fugiram para a Tanzânia, Malawi, Zâmbia e Rodésia. Outros vieram para a floresta. A luta armada teve início quando emboscámos as patrulhas portuguesas que estavam a tentar perceber porque os habitantes das aldeias tinham subitamente desaparecido».

Nas florestas, aqueles que eram mais corajosos tiveram que modificar os próprios métodos de trabalho em favor da produção colectiva. Portanto, agora, trata-se de tentar persuadi-los a sairem das florestas e a construir uma nova aldeia comunal. É obviamente uma brincadeira de crianças comparado com a original «mobilização política». Em Mataca, dúzias de famílias voltaram do exílio e deitaram-se ao trabalho de construir uma nova aldeia e uma nova vida, demonstrado um entusiasmo considerável.

A primeira definição que ouvi do que é uma aldeia comunal foi durante uma paragem numa estrada remota da província da Zambézia, onde um grupo de pessoas estavam a construir umas casas o que, na fase em que as vi, significava que atavam vigas umas às outras com fios de casca de árvore formando esqueletos que mais tarde seriam cobertos com terra lamacenta. Na maioria eram pessoas de meia-idade, de caras enrugadas e deformadas, como se tivessem sido esculpidas no carvão: descalços, em tronco nu, as calças esfiapadas...

«O que é que vocês estão a fazer?» — perguntei quando se nos juntaram todos.

«Estamos a construir qualquer coisa de bom para o povo».

«Mas o quê, exactamente?»

. *«Uma aldeia comunal.»*

. *«O que é isso?»*

. *«É uma aldeia onde vivemos todos juntos, temos o nosso hospital, uma escola, um balneário, uma maternidade, um pequeno orfanato, uma loja do povo, uma torre de água e uma grande sala para as reuniões públicas»*, respondeu-me um velho engelhado que ia enumerando pelos dedos os vários projectos.

Ouve uma gargalhada geral quando perguntei se antes não tinham tido nenhuma destas coisas:

. *«Para qualquer destas coisas tinhamos que andar 15 km a pé até Namacurra (o centro de distrito mais próximo). Se transportavamos alguém seriamente doente esperavamos horas no hospital até todos os brancos terem sido tratados mesmo se eles só tivessem os*

Continua na pág. 9

Geral

Moçambique hoje

Continuação da pág. 3

dedos magoados».

O grupo de cinquenta pessoas actuava nessa semana como «brigada de construção», as outras brigadas estavam na colheita do arroz. Este ano ainda fizeram «machambas» individuais; só no próximo ano terão campos cooperativos. Mas mesmo assim os trabalhos das colheitas estavam já a ser realizados colectivamente.

Foi só há três meses que o Comité Central da Frelimo publicou um decreto impulsionando a formação das aldeias comunais. A ideia parece ter começado rapidamente a deitar raízes nas antigas Zonas Libertadas, como o fui confirmar quando visitei as províncias de Tete, Niassa e Zambézia que juntamente com a província de Cabo Delgado foram as áreas pioneiras da resistência. A situação agrícola anterior à independência foi-me resumida pelo Ministro da Agricultura, Joaquim de Carvalho, outro dos chefes veteranos da resistência:

. *«Quando os portugueses vieram só se instalaram em terras que consideraram férteis. Nessa época — Século XV — Portugal não se encontrava ainda completamente desenvolvido para poder colonizar grandes territórios como Angola e Moçambique. Mais tarde fizeram concessões enormes às companhias majestáticas que tinham o direito de explorar não só a terra mas as pessoas que nela habitavam, tornando-as assim em propriedade tributária da companhia. Em tempos mais recentes Salazar pretendeu colonizar pela intervenção directa do Estado, começando por reduzir o tamanho das terras arrendadas pelas companhias e enviando colonos. Quando estes chegavam, podiam procurar e escolher quais as terras que queriam e pura e simplesmente expulsar os «nativos». Esta era a situação quando nós aparecemos em cena e iniciamos a luta armada.*

«De cinco milhões de hectares de terra cultivável, 50 por cento estava nas mãos dos colonialistas, dando uma média de 20 hectares a cada — e como se sabe estes eram de longe os melhores 50 por cento. 9,2 por cento da população possuía 49,9 por cento da terra e 76,2 por cento da população possuía 23,7 por cento da terra com possessões inferiores a 2 hectares cada, os outros 23,6 por cento com possessões entre 2-20 hectares tinham 26,4 por cento da terra.

«Os camponeses moçambicanos foram desviados para as regiões estéreis e os portugueses nada fizeram para os ajudar a desenvolver novas técnicas. Deixaram-nos como os tinham encontrado 500 anos antes, privados da evolução normal das técnicas do cultivo pela sua própria presença. Actualmente o cultivo ainda é feito pelos meios tradicionais, seminómadas, em que os membros da clã se movimentam na mesma região, desbravando e queimando clareiras na floresta, mudando-se quando o solo está exausto. As aldeias comunais são o método mais correcto de resolver muitos problemas — fazendo alternar as culturas em vez dos campos, trazendo facilidades sociais à população rural e introduzindo a ciência e a técnica na agricultura.

«Temos que prever que à medida que a situação se vai desenvolvendo a mecanização será introduzida, e isto tem de se tomar em conta no planeamento das aldeias comunais, assim como o espaço de armazenamento para as colheitas, facilidades para as trocas comerciais, o fornecimento de sementes seleccionadas e adubos exactos...»

. O estado primitivo da agricultura em Moçambique tem de ser visto para se poder acreditar. Enquanto viajei milhares de quilómetros só vi duas charruas — uma puxada a cavalo, outro por gado. Era sintomático que um pedido de ajuda à ONU para ajudar o país a tornar-se auto-abastecido em alimentos, depois da imposição de sanções contra a Rodésia, não era uma lista de tractores, mas de um milhão de enxadas, 500 000 facas de mato, 200 000 foices e 100 000 pás!

. Em Matacua, uma das 3 aldeias piloto que os peritos do Ministério da Agricultura ajudaram a desenhar, tudo está planeado na base da vinda, um dia, de tractores e por isso os campos chegam a atingir os 250 hectares, nivelados e limpos de pântanos. Uma brigada de fabrico de tijolos trabalhava batendo a terra húmida dentro enquanto outros tentavam secar o solo. No local marcado para a área residencial, os tijolos secos estavam a ser utilizados na construção de casas como nenhum aldeão jamais antes sonhou vir a ter — cada casa tem 4 quartos e uma sala com capoeiras atrás para os coelhos e as galinhas, e tudo o espaço livre entre cada casa. Nas construções foram previstas medidas para o dia em que a electricidade e a água canalizada fossem montados. E, de acordo com o decreto do Comité Central, em cada aldeia comunal foi também previsto o espaço para ser construída uma pista de aviões ligeiros ou pelo menos para um helicóptero pousar. Filas de mulheres jovens, cantando ao ritmo do trabalho, quase todas elas com os filhos às costas, capinavam de forma a duplicarem o tamanho de uma pequena horta de vegetais de um hectare onde as velhas regavam as alfaces, cenouras couves e feijões — os primeiros vegetais resultantes do seu trabalho colectivo. Os estudantes da Universidade do Maputo, discutiam planos com Inácio Muava, o responsável por toda a produção da nova aldeia, para represarem um riacho que corria aos pés das hortas de vegetais, de forma a que se processasse a irrigação nesta área de vegetais que cresciam rapidamente. Era evidente que a aldeia comunal da Mataca tinha tido um começo com êxito. Havia organização e entusiasmo.

De acordo com o decreto do Comité Central, a formação das aldeias comunais tem de ser voluntária, e isto significa que o sucesso das aldeias pioneiras nas antigas Zonas Libertadas será um factor crucial no estímulo da sua formação e crescimento noutros locais. É característica dos camponeses de todo o mundo a sua fraca adesão à modificação de hábitos; têm de ser convencidos pela prática ou por exemplos para decidirem a avançar mais um passo. Mas uma vez o passo dado, geralmente não há retrocesso. A ideia de libertar um país inteiro de um tipo de agricultura arcaica de desbravamento e queimadas com sementes a serem largadas dentro de buracos feitos por um pau ponteagudo, para criar um país de grandes campos estáveis que cedo serão arados por tractores e helicópteros sobre o horizonte, representa um salto tremendo para o futuro. A ideia de casas com janelas, aldeias com água corrente, creches para arrancarem os filhos das costas das mães trabalhadoras, clínicas, celeiros, lojas, nem mesmo em sonhos aparecia à maioria dos camponeses de Moçambique há menos de um ano. Mas estão-se a tornar numa realidade em cerca de meia dúzia de aldeias pioneiras que indubitavelmente se tornarão pontos essenciais para as delegações de curiosos de todo o país quando começarem a funcionar. É necessário uma chefia confiante e arrojada para projectar tais empreendimentos e para os concretizar.

«Apesar de sermos um país onde os recursos agrícolas do solo e da água são superabundantes», disse o presidente Samora Machel num discurso proferido a 25 de Outubro de 1975 «pre anunciando» o decreto sobre as aldeias comunais — *«somos forçados a importar produtos agrícolas e a maioria dos nossos camponeses vive numa miséria atroz, privados das principais conquistas da Humanidade...».* O decreto desenvolve este ponto e declara: *«Os colonialistas conheciam esta realidade, utilizaram e agravaram o isolamento do campesinato para impedir trocas de experiência e a coordenação, a unidade do campesinato mais explorado. O facto é que, se as massas campesinas exploradas se organizarem, se viverem e trabalharem em conjunto nas aldeias comunais, podem coordenar e unir os seus esforços, criando bases sólidas para o seu desenvolvimento político, social, cultural e económico — enfim, em breves palavras um melhoramento a todos os níveis nas suas condições de vida».* Se os camponeses de Moçambique se convencerem disto e actuarem nesse sentido, a Frelimo ganhará uma batalha, que ficará em segundo lugar depois da luta contra os colonialistas portugueses. Um factor vital passa pelo objectivo primordial nesta etapa de formação das aldeias comunais: melhorar a dieta diária dos aldeões, ajudando-os a produzir o suficiente para que cada família tenha três refeições diárias adequadas. A próxima etapa é a de assegurar que possam receber o justo valor pelo excedente que produzam na próxima estação ou nas outras que se seguem.

Visitei uma aldeia comunal — a uma hora de Lichianga, capital da província do Niassa — onde, objectivamente falando, o material humano era o menos prometedor. Estava inteiramente habitado por famílias que tinham fugido para o Malawi para evitarem a luta armada. A vitória convenceu-os que os organizadores da Frelimo de há uma década tinham então razão e portanto também a deviam ter agora. As suas primeiras culturas estavam a rebentar: as plantas de girassóis, eram de má qualidade de visto a estação já ir avançada quando deitaram mãos ao trabalho, mas as hortas de vegetais estavam viçosas. Uma das activistas mostrou-me orgulhosamente os molhos de couves e de alfaces excelentes de onde já outras tinham sido colhidas: *«Estas são as melhores»* disse-me ela, *«e estamos a deixá-las espigar para o próximo ano».* Nessa aldeia não havia muita comida e a tentação de comê-las deve ter sido forte. *«Trabalhamos todos juntos em grandes plantações, parecia-nos difícil de princípio»,* disse-me ela. *«Mas os resultados foram óptimos. Estamos a comer os nossos primeiros alimentos aqui produzidos. É mais divertido, trabalhar-se em conjunto. Vemos que as dificuldades são temporárias e que a vida ser-nos-á mais fácil em cada estação que vai passando».*

Este tipo de modificação de mentalidade justifica a confiança de Samora Machel e dos seus camaradas na direcção da Frelimo em que o programa das aldeias comunais iria deitar raízes.

Canal do Panamá

Continuação da pág. 3

vo tratado, atendendo a algumas reclamações e reivindicações do Panamá, como um modo mais adequado de não renunciar ao usufruto do Canal, que continuam a considerar como indispensável à segurança dos EU. Neste sentido são importantes os parágrafos, abaixo citados, da publicação do Departamento da Defesa:

. «Se julgamos necessário um novo tratado, vemos que se trata menos da natureza da nossa posição legal na zona do canal, do que da melhor maneira de assegurar a protecção contínua do nosso interesse fundamental no canal. Mais especificamente, devemos considerar o custo de perpetuar o exercício da jurisdição total dos EU sobre a zona do canal Isto permitirá que os EU continuem a proporcionar forte protecção para o canal.

«Temos de ter sempre em mente que o interesse fundamental, que temos no canal é o de mantê-lo aberto, seguro, eficiente e neutro. Qual a melhor via para o conseguir? O exercício da jurisdição geral sobre a zona do canal não tem sido um fim em si mesmo, mas sim um simples **meio** de assegurar esse interesse fundamental.

Actualmente, a nossa habilidade para proteger os nossos interesses, mediante o exercício desta ampla concessão de autoridade jurisdicional, está a ser seriamente posta em dúvida. E é por isso que cremos que um novo tratado, baseado no conceito de associação, e similar a outros convénios, com os nossos aliados em todo o mundo, oferece o melhor meio de proteger os nossos interesses básicos.

«Depender hoje do exercício perpétuo de direitos soberanos, converteu-se numa fonte de tensão desnecessária. Está claro que nenhuma relação internacional, negociada na mais de 70 anos, poderia durar para sempre sem um substancial reajuste. Aderir ao conceito de perpetuidade no mundo actual sujeito a rápidas mudanças, não só é irreal, como perigoso. Com efeito, uma relação que não oferece a possibilidade de uma revisão e de ajustes periódicos, produziria uma espécie de ambiente hostil, que colocaria em perigo o próprio interesse, que com a perpetuidade se julgava defender.

Resumindo, um novo tratado baseado numa associação, «daria aos EU os direitos de que necessita, restituiria o direito de intervir ao Panamá e fortaleceria os interesses mútuos num canal bem administrado e seguro».

A divergência, nos aspectos de política e de estratégia internacional, não são nos EU uma «simples questão de opinião». No entanto chama atenção, no caso do Canal do Panamá, para a forma tão contraditória como surgiu, uma vez que a defesa e segurança nacional exigem uma identificação de ideias, especialmente nos quadros militares. A incógnita sobre estes aspectos só se revelará a partir do resultado das próximas eleições na União. Então se saberá quem são os «duros».

SALDOS

50 %

VÉRTIGO

Av. Roma, 17-B
Edifício Castil — R. Castilho
LISBOA

UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

CURSO DE INTERVENÇÃO SOCIAL

Avisam-se todos os interessados que pelo Despacho n.º 74/76 do Secretário de Estado do Ensino Superior passa a funcionar a partir de Outubro próximo, na Universidade Técnica de Lisboa o CURSO DE INTERVENÇÃO SOCIAL, com a duração de 4 anos, que confere o Grau de Bacharel em Intervenção Social.

As condições de acesso e frequência ao referido Curso são idênticas às processadas em outras Escolas Superiores Universitárias.

Este Bacharelato vem suceder aos antigos Cursos de Serviço Social ministrados nos Institutos Superiores de Serviço Social, que, para este efeito, cessam a sua actividade.

Quaisquer informações relativas a Matrículas, Inscrições, ou outras poderão ser obtidas na Secretaria do Curso, Largo do Mitelo, n.º 1, Lisboa-1, ou pelo telefone 57 07 10, às horas normais de expediente.

O Conselho Directivo

Delegação moçambicana na Hungria

. O ministro dos Negócios Estrangeiros de Moçambique encontra-se em visita oficial à Hungria, encabeçando uma delegação do Comité de Libertação da Organização de Unidade Africana (OUA).

Chissano, presidente daquele Comité, chefia a delegação numa viagem de boa vontade à Europa Oriental.

A delegação procedia de Sofia, onde conferenciou com o ministro búlgaro dos Negócios Estrangeiros, Perar Mladenov.

Perar Mladenov declarou à delegação que a Bulgária «continuaria a dar auxílio moral político e material para ajudar os movimentos nacionais de libertação» — segundo a agência noticiosa búlgara BTA.

REABERTURA DO RESTAURANTE 7 MARES

NO DIA 12/8/76

EM PORTIMÃO

RESTAURANTE
1.ª Categoria

ABERTO
das 19.00 às 2.00 h.

Cozinha Portuguesa

No BAR

Pianista privativo

Organizações FERNANDO BARATA

Nacional

Trabalhadores agrícolas de Beja reúnem-se em plenário

Delegados sindicais de concelho, freguesia e herdade, comissões de trabalhadores e comissões directivas das unidades colectivas de produção estiveram reunidos, no Estádio Municipal de Beja, em plenário promovido pelo Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas.

Durante a reunião foram objecto de análise os mais prementes problemas com que os trabalhadores se debatem, nomeadamente a questão da entrega de reservas aos agrários, indemnizações, estatuto da terra, crédito e previdência rural e contratação.

Quanto às reservas o texto onde se inserem as conclusões sublinha que **os representantes livremente eleitos pelos trabalhadores que se encontravam presentes, manifestam-se favoráveis à não atribuição de reservas sem que antes fossem completamente expropriadas todas as explorações agrícolas abrangidas pela Lei**. No que diz respeito às indemnizações as conclusões do plenário apontam para a crise económica vivida pelo País, que é incompatível com o pagamento de elevadas somas aos agrários. No texto afirma-se que **apesar de o Governo ter chamado várias vezes a atenção para a crise económica tem desencadeado uma política habilidosa, possibilitando, pela calada, o pagamento das indemnizações aos ex-agrários, alimentando e melhorando, em alguns casos, a situação desses parasitas.**

Sobre o estatuto da terra, os trabalhadores, reunidos em plenário, reivindicam que a terra seja património nacional **concedendo-se às unidades colectivas e cooperativas agrícolas o usufruto perpétuo dessa terra**. Os trabalhadores pronunciaram-se também sobre a questão dos créditos manifestando discordância com a atitude do ministro em fazer pagar às unidades colectivas, rápidamente, os montantes levantados através do crédito de emergência.

O problema da Previdência foi também debatido. Salienta-se nas conclusões do plenário que **pagando o juro de 6,5 por cento, é verdadeiramente escandaloso a quantia que mensalmente as unidades e herdades colectivas pagam à Previdência**. A questão da contratação não chegou a ser discutida porque não havia dados suficientes para se chegar a uma conclusão. Ficou, portanto, decidido que se iriam realizar plenários em todas as herdades e freguesias que funcionariam como plenários preparatórios de encontros a efectuar mais tarde.

As datas dos encontros já estão, porém, marcados. Assim terão lugar amanhã plenários em Beja e Castro Verde; depois de amanhã em Odemira, Vidigueira e Almodôver no dia 10 em Cuba e Mértola; no dia 11 em Ourique e Aljustrel.

Delegação do M.D.M. regressou da U.R.S.S.

A convite do Comité das Mulheres Soviéticas, organização que congrega milhões de trabalhadores da indústria, da agricultura e do sector de serviços, esteve na União Soviética uma delegação do Movimento Democrático de Mulheres (MDM), composta por Maria Isaura Vieira, Luisa Ramalho, Julieta Galop, Eleonor Lourinho e Josefa Guerreiro.

As visitantes portuguesas, naturais ou residentes em diferentes terras portuguesas, estiveram em Moscovo, Kiev e Leninegrado, tendo visitado fábricas, cooperativas agrícolas, creches e jardins de infância, etc.

Comentando a viagem, Isaura Vieira diria à Novosti que «o objectivo da viagem foi tomar conhecimento da experiência soviética na organização do trabalho das mulheres soviéticas, do seu descanso, educação dos filhos, assistêcia médica à mulher e à criança». O «que vimos ... disse foi para nós novo e muito interessante».

Descrevendo os encontros com mulheres soviéticas das mais diversas profissões, a representante do MDM diria ainda que causou admiração à delegação portuguesa o facto de as mulheres na URSS, «quando exectam o mesmo trabalho que os homens, recebem salário igual» e concluiu que naquele país «as mulheres não são apenas o belo sexo, não são apenas mães e esposas, mas também personalidades sociais e participantes de pleno direito da vida do país».

DESASTRE DE AVIAÇÃO NAS LAJES

Última homenagem aos cantores de Caracas

ANGRA DO HEROÍSMO, 7 — Partiu esta madrugada da base das Lajes o avião «C-141» da Força Aérea dos E.U. cedido pelo Governo norte-americano ao Governo venezuelano para transportar para Caracas os corpos das vítimas do trágico acidente que, na passada sexta-feira, enlutou 68 famílias venezuelanas. Ontem à tarde, a maioria dos corpos já fora identificada, aguardando-se que uma brigada da Polícia Judiciária venezuelana chegada às Lajes por volta das 16 horas, completasse a identificação dos restantes, tarefa extremamente complicada porque apenas um dos corpos está inteiro.

HOMENAGEM EM CARACAS

Depois de três dias de luto nacional decretados pelo presidente da República, Carlos Andres Perez, Caracas prepara-se para receber o avião que transporta os corpos dos estudantes e da tripulação do avião sinistrado, com uma homenagem em que participarão milhares de estudantes e grande parte da população da capital. À hora de fecharmos o jornal previa-se que o avião fosse aguardado no aeroporto de Maiquetia por uma enorme multidão e que o cortejo fúnebre fosse um dos maiores da história da Caracas.

De acordo com declarações prestadas pelo chefe do Estado-Maior do Comando da Zona Aérea dos Açores, o controle do aeroporto fez tudo o que lhe era possível para garantir a aterragem do avião venezuelano que poderia ter-se processado em termos normais, apesar das más condições atmosféricas. O estudo da fita magnética em que ficou registada a conversa entre o piloto e a torre do comando revela que o piloto se encontrava calmo no momento da aterragem, tudo levando a crer que julgava estar sobre a pista quando o aparelho se desfez no solo, numa zona rochosa situada a dois quilómetros do aeroporto. Admite-se que o erro do piloto tenha sido causado por uma deficiência momentânea do circuito-rádio do avião, provocado pelas condições atmosféricas, já que os Açores estavam, no momento do desastre, sob a influência do furacão Emmy.

REFORMA AGRÁRIA

Festas da Colheita em Montemor-o-Novo

Estão a decorrer com grande animação as Festas da Colheita em Montemor-o-Novo, integradas na tradicional Feira da Luz, que se inaugurou no sábado passado.

As festas que terminaram no dia 12, começaram com um concerto pela banda da Sociedade Filarmónica Montemorense, e à noite o grupo de teatro da mesma colectividade, apresentou a peça «Mortos sem Sepultura» de Jean-Paul Sartre. O mais significativo do programa foi um imponente cortejo agrícola que desfilou pelas ruas da vila, ostentando mais de uma centena de máquinas agrícolas e alfaias pertencentes a 25 unidades colectivas de produção.

O «arsenal da Reforma Agrária» ao passar pelas ruas de Montemor deixou nas pessoas a impressão de que essa conquista dos trabalhadores tem de ser mantida a todo o custo.

Entretanto, os frutos da R[illegible] forma Agrária também estav[illegible] patentes ao público nos p[illegible] lhões das unidades colect[illegible] de produção. E não eram para vista. Podiam ser com[illegible] dos, a preços aceitáveis, b[illegible] tas, tomates, melões, feijã[illegible] de, pimentos, cebolas, g[illegible] alh[illegible]s, frangos, alfaces, p[illegible] etc.

A festa das colheitas foi iniciativa do Secretariado [illegible]s Intercomissões de Morado[illegible] e Trabalhadores, Unidades [illegible]o-lectivas de Produção e S[illegible]dica[illegible]s. As brigadas «Alfa» que se [illegible]contravam no conc[illegible]lho ta[illegible]m contribuiram com uma aj[illegible]a para realização da f[illegible]s-t[illegible]

ASSEMBLEIA POPULAR DE LOURES

Defendida a participação das bases nas eleições para as autarquias

Desalojamentos, eleições para as autarquias locais, e situação actual da org[illegible]nização popular constituiram a ordem de trabalhos do plen[illegible]rio das organizações de base e autarquias do concelho de Loures, o qual foi convocado pela Comissão Coordenadora da Assembleia Popular.

Estiveram presentes os conselhos de moradores de Caneças, Odivelas e Bucelas; os conselhos de trabalhadores de Odivelas e Bucelas; representantes de 42 comissões de moradores; 24 comissões de trabalhadores; 20 colectividades e associações diversas e ainda dirigentes daquela Câmara Municipal e de 13 juntas de freguesia.

Um dos documentos aprovados por maioria propõe que as organizações populares do concelho de Loures, realizem amplos debates com as populações com vista à discussão das eleições para os orgãos de poder local e que «estes d[illegible]tes sejam convocados e dirigidos pelas organizações populares de base e autarquias locais».

O plenário condenou ainda os saneamentos no MEIC, o terrorismo, e exigiu que sejam tomadas medidas energicas que levem à prisão de Spínola e dos «pides».

Em marcha a reestruturação da Anop

A reestruturação da Agência Noticiosa Portuguesa (ANOP) terá a «colaboração íntima dos órgãos representativos dos trabalhadores», garantiu ontem o subsecretário de Estado da Comunicação Social, Soares Louro, ao receber a Comissão de Trabalhadores daquela agência do Estado que lhe foram apresentar um relatório sobre a situação actual.

Soares Louro, anunciou, também, que será brevemente nomeada uma comissão de técnicos para proceder à reestruturação da Anop referindo espressamente, segundo o telegrama da agência noticiosa, juristas, financeiros e economistas. Não se fala no telegrama da intenção de fazer participar jornalistas nesta reestruturação.

Muito em breve vão ser nomeados dois administradores interinos para substituir os que terminaram funções um a seu pedido e o outro suspenso por determinação do Conselho de Ministros.

Armazém de cordoaria destruído pelo fogo

PORTO, 7 — As autoridades continuam a desconhecer as causas de um violento incêndio que, esta madrugada, destruiu um armazém de cordoaria em Leça de Palmeira, propriedade de uma empresa de cordoaria com sede em Matosinhos.

Dada a qu[illegible]tidad[illegible] de produtos infl[illegible]m[illegible]veis ali armazenados, o fo[illegible] tomou logo de [illegible] proporções. Os [illegible] a largas [illegible]

DE FÉRIAS COM O
Diário de Lisboa
Aceitam-se assinaturas de férias
pelo período mínimo de 10 dias,
ao preço de 6$00 por exemplar
NÃO SE ENVIAM RECIB[illegible]S À COBRANÇA

SINDICATO DOS TR[illegible]BALHADORES DAS INDÚSTRIAS DE CELULOSE PAPEL, CARTONAGEM E AFINS
ZONA SUL

Rua Silva Carvalho, 184, 1.º, Dt.º — Lisboa

CONVOC[illegible]TÓRIA

Ao abrigo do AR[illegible] [illegible]9.º dos Estatutos convoco a Assembleia [illegible]ral para o próximo dia 25, pelas 15 horas [illegible] Rua Victor Cordon, 1, 2.º, Lisboa, com [illegible]eguinte ordem de trabalhos:

Eleição da Mesa da [illegible]embleia Eleitoral, fundamentada no ART. [illegible], do Anexo dos mesmos Estatutos.

Lisboa, 6 de Setemb[illegible] de 1976

O Presidente da Mesa da Assembleia [illegible]eral

Manuel J[illegible] Cardoso Pires

PUB

INTERCAL

Companhia Nacional de Construções S.A.R.L.

ACTA DE APROVAÇÃO

Aos vinte seis dias do mês de Maio de mil novecentos e setenta e seis, reuniu-se pelas onze horas, a Comissão Administrativa nomeada para a INTERCAL — Companhia de Construções S. A. R. L. por resolução do Conselho de Ministros de 10 de Dezembro de 1974.

A reunião teve lugar nos escritórios da TORRALTA — Club Internacional de Férias S. A. R. L., em Lisboa, na Avenida Duque de Loulé n.º 24-6.º andar e a ela compareceram todos os membros da Comissão Administrativa em exercício, dr. Carlos José de Almendra Rodrigues, dr. José Martins, dr. Francisco Pires Margarido e senhor Fernando Igrejas Ferreira Gouveia.

Foi a presente reunião convocada para apreciação das contas sociais relativas ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1975, pelo que a Comissão Administrativa assume para tal fim, a plenitude dos poderes da Assembleia Geral da sociedade, como resulta dos n.ºs 1 e 2 do art.º 10.º do Decreto-Lei 222/B/75 de 12 de Maio, visto o teor da supra citada Resolução do Conselho de Ministros.

Tendo os presentes entrado na apreciação do relatório e contas que aqui se dão como reproduzidos e que foram aprovados por unanimidade.

E nada mais havendo a tratar, deram-se por findos os trabalhos pelas doze horas, deles se lavrando a presente acta que depois de lida e aprovada, foi assinada por todos os presentes.

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA

Dr. José Rodrigues Martins
Dr. Carlos José Almendra Rodrigues
Dr. Francisco Pires Margarido

RELATÓRIO

1 — Por resolução do Conselho de Ministros de 10 de Dezembro de 1974 foi determinada a intervenção do Estado para a Intercal — Companhia Nacional de Construções S. A. R. L., ao abrigo do Decreto-Lei 660/74, tendo sido nomeada para gerir a empresa a Comissão Administrativa então nomeada para o Grupo Torralta.

2 — O ano de 1975 foi um ano de recessão do sector com fortes repercussões nas actividades dele dependentes.

3 — Apesar disso, a estrutura financeira da empresa não apresenta desiquilibrios acentuados, uma vez que dispõe de um capital circulante da ordem dos 107 800 contos para fazer face a um exigível a curto e a médio prazo de 119 700 contos.

A situação financeira poderia ter expressão diferente se a venda do Imovel afecto à Secretaria de Estado do Turismo já tivesse sido concretizada, bem como o recebimento correspondente às obras do Hospital Egas Moniz e do Instituto Ricardo Jorge, cujas negociações se vêm arrastando há muito tempo.

4 — Esta situação, como é evidente, criou fortes estrangulamentos de tesouraria que nem o recurso aos circuitos bancários foram bastantes para anular as dificuldades havidas.

5 — O exercício de 1975 fechou com um resultado positivo de 149 120$32.

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA

Dr. José Rodrigues Martins
Dr. Carlos José Almendra Rodrigues
Dr. Francisco Pires Margarido

GANHOS E PERDAS

31-12-75

DEBITO		CRÉDITO	
Despesas c/Pessoal Administrativo	3 205 657$00	Receitas Financeiras	20 409$39
Contribuições e Impostos	463 995$80	Exploração - Carpintaria	
Encargos Financeiros	741 697$01	- Lucro de exploração	164 197$60
Consultores e Auditores	23 400$00	Exploração - Construção Civil	
Despesas Gerais de Gestão	1 237 238$50	- Lucro de exploração	6 960 383$26
Exploração - Equipamento			
- Prejuízo de exploração	205 989$30		
Amortizações			
- Amortizações não imputáveis às explorações	213 351$20		
LUCRO NO EXERCÍCIO	1 053 661$44		
	7 144 990$25		7 144 990$25

O TÉCNICO DE CONTA
Alberto Sancho Relvas

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA

BALANÇO EM 31/12/75

ACTIVO			PASSIVO		
DISPONÍVEL			EXIGÍVEL A CURTO PRAZO		
Caixa	197 176$30		Fornecedores	5 886 168$08	
Bancos	371 543$70	568 720$00	Organismos Oficiais	11 617 635$70	
			Clientes C/Adiantamento	10 785 375$90	
REALIZÁVEL			Credores p/ Depósitos Garantia	385 596$80	
Existências	4 231 948$40		Letras a Pagar	37 278 050$80	
Clientes	25 780 206$80		Aceites Bancários Descontados	31 420 000$00	97 372 827$28
Devedores e Credores diversos	4 710 804$90				
Letras a Receber	385 432$10		EXIGÍVEL A MÉDIO PRAZO		
Devedores p/ depósitos garantia	901 925$20		Mont. Geral - C/ Empréstimo hipotecár.	17 000 000$00	
Contas de Regularização - produção não facturada	71 793 233$90	107 803 551$30	Caixa Geral Depósitos - C/ Empréstimo hipotecário	5 400 000$00	22 400 000$00
IMOBILIZADO			ACCIONISTAS		20 000 000$00
Equipamento - Construção Civil e Carpintaria	11 663 344$40		PROVISÕES E AMORTIZAÇÕES		
Viaturas	768 912$30		Provisões diversas	141 683$40	
Instalações	281 792$70		Amortizações		
Móveis e Utensílios	919 829$40		- nos exercícios anteriores	7 756 020$90	
Terrenos			- neste exercício	1 412 043$80	9 309 748$10
- A. A. A. Aguiar	10 075 000$00				
- Av. do Brasil	8 957 200$00		SITUAÇÃO LÍQUIDA		
- Cruz Quebrada	9 943 662$00		Capital	5 000 000$00	
Apartamento da Penina	765 495$00		Fundo de Reserva Legal	116 273$40	
Estaleiro Fabril	3 206 058$80		Reservas Livres	700 000$00	5 816 273$40
Activo Incorpóreo	94 403$20	46 675 697$80	GANHOS E PERDAS		
			Lucro no exercício	1 053 661$44	
			Saldos dos exercícios anteriores	904 541$12	149 120$32
		155 047 969$10			155 047 969$10
CONTAS DE ORDEM			CONTAS DE ORDEM		
Devedores p/ Garantias entregues		35 171 332$60	Garantias entregues		35 171 332$60
Letras a receber - descontadas		37 085 389$20	Credores p/ letras a receber - descontadas		37 085 389$20
Empreitadas adjudicadas		83 000 000$00	Credores por empreitadas adjudicadas		83 000 000$00
		310 304 690$90			310 304 690$90

O TÉCNICO DE CONTAS
Alberto Sancho Relvas

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA

Nacional

PORTO

Estudantes de Economia contra o regresso do Seabra

. A reintegração do antigo director da Faculdade de Economia do Porto provocou uma forte reacção da Direcção da Associação de Estudantes da faculdade pois, segundo se afirma em comunicado ontem distribuido, o antigo director, Fernando Seabra, «desempenhava as suas funções de garante da ordem fascista com uma animosidade e zelo que não permitem colocá-lo na situação de funcionário que se limitava a cumprir ordens».

A ordem de reintegração, abruptamente comunicada pelo Poder aos estudantes, «põe em causa as mais elementares conquistas alcançadas após o 25 de Abril» na Escola de Economia do Porto, segundo o texto distribuido pela Associação. Em função disso, a AEFEP apela à população estudantil da Faculdade de Economia aos professores e funcionários para, através de posições activas de repúdio, impedirem que «todos os que tiveram papel proeminente no uso da repressão jamais consigam ministrar uma única aula ou assumir qualquer cargo nesta faculdade».

Missão cubana visita Lisnave e Setenave

. A missao cubana que se encontra em Portugal para estabelecer contratos de compra de uma doca e de unidades navais, nomeadamente rebocadores, visitou ontem, como noticiámos os estaleiros de S. Jacinto, em Aveiro, onde manteve contactos com a respectiva administração. Registe-se que os orçamentos pedidos pela delegação de Havana, chefiada pelo ministro da Marinha e dos Portos, poderão representar para o nosso país a entrada de divisas no valor de várias centenas de milha de contos.

Hoje a missão cubana visitará os estaleiros da Setenave e da Lisnave, além da Equimetal (Barreiro) especializada no fabrico de equipamentos metálicos e contentores. Na Setenave, a delegação negociará a compra de uma doca flutuante, de valor estimado em cerca de 300 mil contos, e debaterá com a respectiva administração a possibilidade de trabalhadores cubanos poderem vir a estagiar no Centro de Formação Profissional do estaleiro. Quanto à Lisnave tratar-se-á de conversações sobre a possibilidade de reparação de navios cubanos naqueles estaleiros.

A delegação regressa amanhã a Cuba, enquanto que no mesmo dia chega a Lisboa o vice-ministro cubano do Comércio Externo que deverá celebrar um convénio comercial com os representantes portugueses.

Detectadas mais plantações de liamba

. OMBAL, 7 — Foram enviados a tribunal dois plantadores de droga detidos pela GNR, respectivamente nos lugares de Usuguete e de Venda da Cruz. Na primeira destas localidades, a plantação foi apreendida numa propriedade de Carlos Luís da Silva e Sousa, que confessou ter adquirido as sementes a um amigo que não identificou. A plantação de Venda da Cruz era propriedade de António Luís Baptista das Neves, um jovem de 18 anos que afirmou não ter tido nada a ver com a plantação mas que é, ainda, acusado de ter tentado injectar um produto denominado reludium no braço de um jovem de 16 anos.

200 PÉS APREENDIDOS NAS CALDAS

CALDAS, 7 — A GNR desta cidade acaba de localizar uma plantação com 200 pés de «erva» na aldeia de Santa Catarina, numa propriedade de José Bernardino Ramalho, retornado, industrial de sapataria. O proprietário da plantação foi entregue às autoridades judiciais e reposto em liberdade depois de prestar uma caução de 80 contos.

CURSOS COMPLEMENTARES
DO ENSINO TÉCNICO
(PARA ALUNOS C/ CURSOS GERAIS TÉCNICOS)
ACESSO DIRECTO AO ENSINO SUPERIOR

EXTERNATOS

MARQUÊS DE POMBAL
Rua Morais Soares, 93
Tel. 820221/834658

ÁLVARES CABRAL
Avenida Grão Vasco, 1
(Benfica) Tel. 706974/5

PREPARATÓRIO-LICEAL
(GERAL E COMPLEMENTAR)
ADM. UNIVERSIDADE
(EXAMES «AD HOC» — Maiores de 25 anos)

Imagem da abertura do Congresso da A. I. C. A., que ontem teve lugar na Fundação Gulbenkian

Congresso A.I.C.A. discute influência da arte negro-africana na arte moderna

. Os trabalhos do Congresso da Associação Internacional dos Críticos de Arte (A.I.C.A.), que este ano se realiza pela primeira vez no nosso País, iniciaram-se ontem na Fundação Gulbenkian com o apoio do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Secretaria de Estado da Cultura e Fundação Gulbenkian.

Durante cinco dias, os congressistas de vinte e dois países dissertarão sobre as relações recíprocas entre a arte moderna e a arte negro-africana a qual, segundo a A.I.C.A. «tem um papel determinante na vida período em que a África joga um papel determinante da vida mundial e se define corpo continente de esperança».

Serão discutidas cinco comunicações: «A Arte Moderna e a Descoberta da Arte Negro-Africana»; «Natureza e Função da Arte na Europa e em África: Transformação do Conceito de Arte»; «A Arte Europeia do Ponto de Vista Africano»; «Mutação da Etnologia»; e «Caminho de Uma Abertura Antropológica».

Entre as várias manifestações artísticas programadas salienta-se uma exposição dedicada às relações entre a arte moderna e a arte negro-africana para a qual já se encontram em Lisboa, vindos do «Museu do Ermitage de Leninegrado dois quadros de Picasso: «Mulher com um Leque» e «Ni numa Floresta».

Esta exposição é inaugurada, hoje no novo Museu de Etnologia, em Belém, na Av. Ilha da Madeira, que assim abre pela primeira vez, as portas ao público. Além dos quadros de Picasso já referidos, os visitantes podem ainda tomar contacto entre outras com obras de Modigliani e Nolde.

Entretanto, conforme noticiámos a Sociedade Nacional de Belas Artes decidiu acompanhar a realização do Congresso da A.I.C.A. com uma Exposição de Arte Actual Portuguesa que é inaugurada hoje à noite. A exposição no salão principal engloba um grande número de obras, representando praticamente todas as tendências de expressão seguidas entre nós.

Aeroporto de Faro vai ser ampliado

A ampliação do Aeroporto Internacional de Faro eleva-se a cerca de nove mil contos, segundo anuncia o semanário algarvio «Barlavento», que se edita na cidade de Portimão.

Segundo o mesmo jornal, o início dos trabalhos está previsto para o próximo mês de Outubro, devendo os mesmos estarem concluídos no prazo de 180 dias.

IRLANDESES NO ALGARVE

Por outro lado, um outro semanário — o «Jornal do Algarve» — afirma estar previsto de Abril a Outubro do próximo ano um considerável aumento da corrente turística irlandesa em direcção ao Algarve.

Espera-se que durante aquele período haja, com uma frequência quinzenal, vários voos fretados entre Dublin e Faro.

Festival internacional de folclore em Gouveia

. Numa iniciativa do rancho folclórico de Gouveia, e com o patrocínio Secretaria de Estado do Turismo, realiza-se no próximo dia 18, naquela vila da Beira-Alta, o primeiro grande festival internacional de folclore de Gouveia.

No festival, que compreenderá desfile etnográfico e do trajo, participarão dez agrupamentos representantivos das províncias portuguesas do Minho ao Algarve, o grupo de balet basco de Bayonne de França, e o grupo folclórico de Salamanca, de Espanha.

Congresso Havas em Albufeira

. Albufeira será, em Janeiro do próximo ano, o quadro no qual se realizará o Congresso Anual da Havas — a mais importante rede de agências de viagem da França.

O Congresso durará cinco dias, participando nele cerca de 400 pessoas entre as quais representantes de duzentos postos de vendas do grupo Havas em toda a França, principais operadores turísticos, jornalistas, representantes de turismo estranteiro em Paris e delegados das companhias de aviação.

As mulheres excluídas da Academia Brasileira de Letras

. As mulheres continuam excluídas da Academia Brasileira de Letras, uma vez que esta recusou fazer qualquer alteração nos estatutos que legalizam o sexismo. Contra a alienação dos seus pares levantou-se a voz do escritor e académico Osvaldo Orico que considerou o sucedido como «uma vergonha». Os círculos intelectuais brasileiros manifestaram também o seu protesto lembrando que recentemente a vizinha Argentina concedeu o grau de académica a Victória Ocampo, superando assim a discriminação até então existente.

A marginalização no domínio cultural é apenas um dos aspectos da repressão que se abate sobre a mulher brasileira reduzida essencialmente ao papel de dona de casa, sem estruturas de apoio nem planeamento familiar que ponha termo à clandestinidade da contracepção e à proibição do aborto.

O caso do Brasil é mais um exemplo da manipulação capitalista da mulher dado que através da subalternização desta se cimenta uma opressão geral.

Mais turistas em Macau

. O número de turistas estrangeiros exhXacau atingiu em Junho passado, o recorde de 39.118 turistas. No que se relaciona com o número global do primeiro semestre do ano, a quantidade de turistas vindos a Macau foi da ordem de 249.607.

Quanto às nacionalidades, o Japão vem em primeiro lugar depois da China e de Hong-Kong.

Recorda-se que nos primeiros semestres dos anos de 1973, 1974 e 1975, Macau recebeu respectivament4, 239.428, 230.071 e 206.062 turistas.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS DE CERÂMICA CIMENTOS E SIMILARES DO DISTRITO DE LEIRIA

CONVOCATÓRIA

Os sindicatos abaixo indicados convocam todos os trabalhadores do sector de cerâmica de **BARRO BRANCO E BARRO VERMELHO** para o plenário a realizar no **CINEMA DE ALCOBAÇA** no próximo dia 11-9-76 pelas 14 HORAS COM A SEGUINTE ORDEM DE TRABALHOS :

1.º CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO VERTICAL
TABELAS SALARIAIS

— A proposta da A.P.C. é a constante na **página 11** do boletim informativo da Comissão Negociadora Sindical **n.º 5.**

— Face à decisão da A.P.C., os TRABALHADORES devem resolver se a C.N.S. deve assinar o C.C.T. Vertical ou não deve!

— O CONTRATO SÓ SERÁ ASSINADO DESDE QUE OS TRABALHADORES O DESEJEM!

—— (o) ——

— No caso de os trabalhadores decidirem não aceitar a proposta da A.P.C., cabe aos trabalhadores pronunciarem-se sobre a forma de luta a encetar para superar a situação crítica em que se encontram as negociações.

A TUA PRESENÇA É MUITO IMPORTANTE! COMPARECE!

NOTA : As decisões tomadas neste plenário só serão consideradas desde que estejam presentes mais de 10 % dos associados dos sindicatos signatários.

Pelos sindicatos de: Cerâmicos, Metalúrgicos, Construção Civil, Químicos, Rodoviários.

Leiria, 2.3-8-1976.

Nacional

DUZENTOS CONTOS DE DESTRUIÇÃO

Marginais da Brandoa assaltam escola primária

Brandoa cresceu de súbito. É uma zona de construção clandestina, sem arruamentos, dormitório de quase 40 mil pessoas. A província que emigra está condenada a habitar nos subúrbios das grandes capitais; também os marginais e os que fazem do expediente e do biscate a sua sobrevivência.

No último fim-de-semana de Agosto (noites de 26, 27 e 28, correspondentes a sexta, sábado e domingo) a Escola Primária n.º 1 da Brandoa foi assaltada, saqueada, sobretudo destruída. Mais que o móbil do roubo o que se pretendeu foi a destruição gratuita.

Tempo de férias, a escola não tinha nenhum funcionário de serviço.

Dos assaltos foi dada ocorrência à GNR. Supôs-se que a PJ tomasse conta das investigações. O assunto não será de importância para tal — depreende-se do relatório redigido em quadriplicado pelo chefe do posto da GNR local. No entanto, os prejuízos (materiais, já que há outros, em consequências, de maior monta) elevam-se a 200 contos.

Foram 12 as salas assaltadas: os «nocturnos da Brandoa» destruiram lâmpadas, carteiras, mesas, portas, secretárias e crucifixos. Destruiram, rasgaram, inutilizaram e fizeram desaparecer documentos de matrículas, registos de transferência e ficheiros das diversas actividades da escola. As aulas não poderão abrir em Outubro — temem e afirmam preocupadas as professoras. Com é que, por exemplo, uma criança vai provar que passou da terceira para a quarta, e desta fez o exame para poder ingressar no ciclo preparatório, se a documentação comprovativa foi destruída ou desapareceu?

Para este ano está prevista uma frequência de 1400 alunos, da primeira à quarta classes. Ao todo, o corpo docente — exclusivamente feminino — é constituído por 34 professoras. As normas pedagógicas têm que pertencer necessariamente ao reino da utopia — turmas houve o ano passado com mais de 50 alunos.

VISITA GUIADA À VIOLÊNCIA GRATUITA

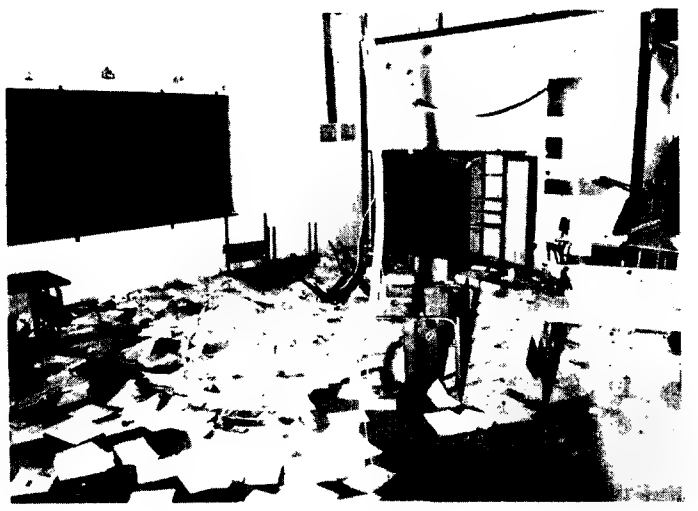
Na Brandoa há uma «boite». Fala-se que o assalto das três noites de Agosto tem atrás de si a prostituição sobretudo, e a droga também. Na visita guiada à violência gratuita que fizemos acompanhados por parte do corpo docente e funcionárias auxiliares — as suspeitas ganharam maior credibilidade.

A sala 10 (a dos arquivos) estava completamente destruída. Pisadas e rasgadas viam-se espalhadas pelo chão guias de transferência de alunos e documentação vária.

«Como vamos começar o ano?» Interrogava-se o presidente da comissão de gestão.

Já não era a primeira vez que assaltavam a escola — mas nunca com estas dimensões. Houvera já mesmo tentativas de assalto ao posto médico que confina com os pavilhões escolares. Daqui à suspeita de procura de droga vai um instante.

Na sala sete («esta **era** a minha sala» — diz a professora ao lado, face a uma realidade que a ultrapassa) arredaram o material (mesas e cadeiras), defecaram dentro das gavetas da secretária da professora, com algumas carteiras fizeram uma cama, servindo de lençol papel grosso de embrulho. Destruiram as lâmpadas fluorescentes, ficaram apenas à vista restos de casquilhos. De outra sala chaves nunca foram encontradas. Os assaltantes fizeram um enorme buraco na parede e transformaram o que fora espaço de crianças num amontoado de madeira e vidros estilhaçados. Na sala um, além de destruirem material didáctico fruto do longo trabalho, em conjunto, do professor aluno, acenderam uma fogueira. Pela sala quatro tinham passado as patas dos cavalos de Átila. Só a ardósia se mantinha intacta. Na sala cinco, em contrapartida, nem o menor sinal de destruição. Tudo bem arrumadinho — carteiras e cadeiras. A sala de tacos, com pontas de cigarro no chão, mais parecia o que fora um salão de baile. Ao centro: apenas duas cadeiras, alinhadas lado a lado.



A sala 10: a sala dos ficheiros da escola. Muita documentação inutilizada, muita criança sem boletim de matrícula, carteiras pelo chão. Das lâmpadas apenas os suportes suspensos e inutilizados

QUANDO CHOVE CALÇAM-SE GALOCHAS

Fizemos uma visita guiada por cicerones oscilando entre a indignação e o medo. Não houvera roubo; destruira-se a esmo.

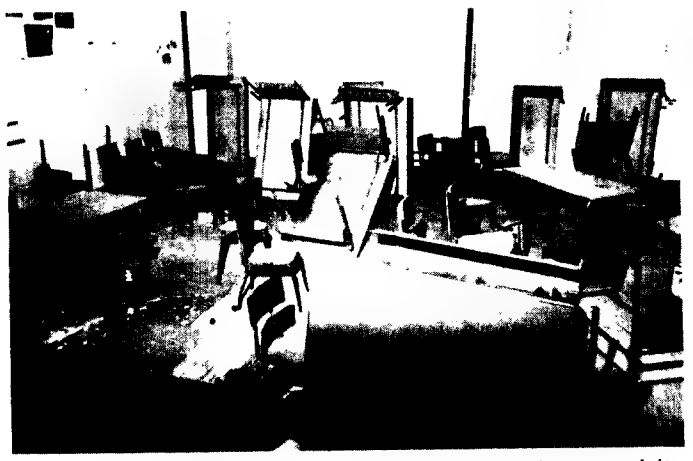
«Que segurança é que nos garantem?» — reflectiam as professoras e funcionárias.

A escola fica à entrada da Brandoa. Não se pode dizer, com propriedade, que esteja isolada. As relações do corpo docente com os pais e vice-versa têm sido exemplares. A escola, porém, não oferece condições de segurança e funcionamento cabal. Os pavilhões prefabricados estão no interior de uma cerca de arame. As terras, em declive, quando chove, transformam os pátios dos prefabricados num autentico lamaçal. As próprias professoras para darem aulas têm de usar galochas.

As crianças patinham na lama. (Em parte lembramo-nos da história «daquele» professor de uma escola industrial que, trabalhando em condições deficientissimas, quando chovia, mandava entrar os alunos para a sala de aulas apenas para escrever invariável (— e mandar sair depois — o sumário: Inundação).

Além da lama que as professoras atravessam em galochas, não há luz nos pátios, e quando as crianças no Inverno saem da escola já é quase noite, e a criminalidade existe neste elo «desfavorecido» da cintura de Lisboa — o ano passado uma criança foi violada, este ano elevam-se já a dois os crimes por homicídio.

As professoras e funcionárias estão compreensivelmente preocupadas. Os assaltantes destroem mais que roubam, a prática da prostituição na escola, pelos «nocturnos», ultrapassa já os domínios da hipótese. E interrogam-se: «Quem nos protege? Quem nos garante que não haverá mais nenhum assalto? Que nenhuma criança, que nenhuma de nós será atingida?» A escola é essencialmente um centro de liberdade criadora, não um espaço de formação na insegurança e no medo: na ausência de liberdade.



Sinais de destruição gratuita sucedem-se nas salas que visitamos: trabalhos escolares rasgados, mesas e cadeiras partidas, tacos levantados, armários arrombados, lâmpadas estilhaçadas. Destruição sob impunidade durante três noites de Agosto numa escola primária da Brandoa

POR UM CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS PARA A UNIDADE

APELO A TODOS OS TRABALHADORES PORTUGUESES

A unidade é possível. Foi assim que no 1.º de Maio de 1976, o representante do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas Adjacentes, na linha traçada pela Carta Aberta, exprimia publicamente perante milhares de trabalhadores de diferentes opiniões sindicais, a necessidade da realização de um Congresso de todos os Sindicatos filiados ou não na Intersindical, para a Unidade.

A Unidade é possível. É assim que hoje nos exprimimos, perante o ímpasse que alguns teimam em perpetuar, recusando uma Comissão Nacional Organizadora do Congresso onde estejam apresentadas paritariamente as correntes de opinião com expressão no Movimento Sindical Português.

É preciso falar VERDADE, CAMARADAS.

A Verdade é uma arma ao Serviço dos explorados na luta pela sua emancipação. A mentira, a deturpação da realidade, não ajudam os trabalhadores a libertarem-se, afundam-nos mais.

Hoje os trabalhadores constatam, dolorosamente, nos seus locais de trabalho, à escala local, regional e nacional, que a **UNIDADE SINDICAL** não existe. Esta é a realidade. Afirmar o contrário é negar obstinadamente a realidade, é querer, consciente ou inconscientemente, impedir a transformação dessa mesma realidade.

Mas os trabalhadores portugueses sentem também diariamente que a **UNIDADE SINDICAL** é uma necessidade. Muitos e importantes passos foram dados depois do 25 de Abril. Nenhum trabalhador o pode contestar. O caminho da emancipação definitiva está no entanto longe de ser alcançado.

Dificuldades e obstáculos subsistem. Provam-no o dia-a-dia dos trabalhadores nas empresas e nos locais sindicais. Provam-no as tentativas por parte das forças reaccionárias de, na sociedade política portuguesa, quererem inverter a marcha iniciada com o 25 de Abril. Provam-no a libertação dos Pides e o regresso de Spínola.

As pesadas tarefas que esperam ainda os trabalhadores portugueses exigem pois a **UNIDADE DO MOVIMENTO SINDICAL PORTUGUÊS**.

Os trabalhadores portugueses não podem conpreender, nem podem aceitar, que em nome de uma pretensa hegemonia no Movimento Sincial, em nome da Aritmética da maioria, o Secretariado da Inter seja contrário à Paridade na Comissão Organizadora, condição e garante da democracia, para ultrapassar a situação de divisão actualmente existente.

Os trabalhadores portugueses não podem compreender nem podem aceitar que o Secretariado da Inter queira discutir os problemas dos trabalhadores, que são no fundo os problemas da Sociedade, fora dela e dos meios de comunicação social com que essa sociedade conta num dado momento.

Sob que pretexto? Que os órgãos de informação não são os melhores?

Eles, representam, como outras estruturas da Sociedade, uma determinada fase da sua evolução. Não deverão os trabalhadores utilizá-los? Estranha política, camaradas!

As divergências entre os trabalhadores não devem ser discutidas publicamente? Quando elas existem? Quando toda a sociedade portuguesa sabe que elas existem? A política da avestruz de esconder a cabeça na areia nunca serviu a avestruz, nem tão pouco servirá os trabalhadores portugueses!

O exercício da democracia é o único método que os trabalhadores conhecem para ultrapassar as divisões e construir a unidade indispensável.

Não querer assegurar através da Paridade, as condições de democracia num Congresso de todos os Sindicatos para a Unidade é querer perpectuar a divisão, e mais do que isso, é cavar a descrença e o descontentamento entre largas camadas de trabalhadores, abrindo a via para que a C.A.P., a C.I.P. e organizações congéneres possam vir a fomentar organizações sindicais por eles tratados.

CAMARADAS. **A UNIDADE É NECESSÁRIA!** **A UNIDADE É POSSÍVEL!**

Começámos esta batalha, e levá-la-emos até ao fim.

Estamos seguros de exprimir as aspirações profundas dos trabalhadores.

Por isso apelamos para todos os Trabalhadores, para fazer circular este apelo, em todos os locais de trabalho, nas fábricas, nos campos, nos escritórios, de Norte a Sul do País, discutindo e subscrevendo-o, individual ou colectivamente.

A vontade dos trabalhadores expressa na maneira maciça, deve poder fazer decidir aqueles que estão renitentes no Caminho da Unidade, o Secretariado da Intersindical.

Não fazemos apelo para o Estado, para o Governo ou para Lei para impor a Unidade.

Fazemos apelo para a força que reconhecemos: a vontade dos trabalhadores livremente expressa.

Por um Congresso preparado em data que garanta a sua democracia.

Pela paridade na Comissão Nacional Organizadora.

Pelo livre acesso dos órgãos de informação ao Congresso de todos os Sindicatos para a Unidade.

Pela CENTRAL ÚNICA, AUTÓNOMA, DEMOCRÁTICA E INDEPENDENTE.

A COMISSÃO DE REDACÇÃO DA CARTA ABERTA

Sindicato dos Trab. de Escritório de Lisboa
Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas
Sindicato dos Escritórios do Porto
Sindicato dos Motoristas do Porto
Sindicatos dos Metalúrgicos de Aveiro
Sindicato Nacional Trab. Correios e Telecomunicações.
Sindicato Livre dos Escrirórios, Caixeiros de Faro

NOTA: As subscrições deste apelo devem ser dirigidas àqueles Sindicatos.

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais

TINTURARIA GUANABARA

DEPART. DE CONFECÇÕES

Av. João XXI, 5-D—R. Infantaria 16, 55-C—LISBOA

Trabalho

Setenave denuncia manobras

. Uma proposta aprovada, em Assembleia Geral, pelos delegados sindicais e comissão de trabalhadores da Setenave, denuncia as «manobras empreendidas pela administração da empresa e pelo Governo, com o objectivo de criarem condições sociais e salariais diferentes daquelas que são dadas aos camaradas da Lisnave».

Noutro ponto dessa proposta, aponta-se para a convocação de uma conferência de Imprensa para denúncia pública das posições assumidas «por aqueleas entidades que mais não visam senão uma tentativa de recuperação capitalista e fazer notar aos trabalhadores que as nacionalizações são contrárias aos seus interesses».

Proposta dos delegados sindicais e da C.T. da Setenave: «que sejam mandatados o grupo do leque salarial, o secretariado dos delegados sindicais e a comissão de trabalhadores para discutirem com os operários da Lisnave, meios unitários de luta contra esta tentativa de divisão no seio da classe operária».

Continua o impasse na multinacional vidreira

. A situação na fábrica de vidros Wokan, uma multinacional, de Pousos, Leiria, continua caracterizada pelo impasse, continuando parado o sector de produção de vidro, o que determina o não funcionamento de outros sectores, como o de acabamento, onde duzentos trabalhadores continuam a apresentar-se nos seus postos de trabalho.

Os motivos apontados pelos trabalhadores em greve são o não pagamento de retroactivos a partir do mês de Abril por consequência do novo Contrato Colectivo de Trabalho, parte do 13.º mês e o subsídio de férias.

No entanto, de acordo com notícias veiculadas pela Anop e recolhidas junto de um elemento da administração, a empresa estaria em dívida apenas no que respeita ao mês de Abril «porquanto em Maio estiveram em greve e a partir de Junho, inclusive, já os salários foram elaborados de acordo com a nova tabela salarial». Das mesmas declarações conclui-se que os oficiais vidreiros auferiam «há mais de um ano, vencimentos superiores à tabela salarial».

Por outro lado, o Sindicato dos Vidreiros da Marinha Grande informou-nos, esta manhã, que poderá ser verdade que os salários tenham sido elaborados de acordo com as novas tabelas salariais, mas o certo é que não foram pagos. Segundo o nosso informador, os trabalhadores que se encontram em greve há cerca de dois meses, pretendem receber não só os vencimentos correspondentes a este último período de greve, como o que respeita ao mês de Maio em que, igualmente, estiveram paralisados.

Outro ponto controverso: nas declarações do porta-voz da administração afirma-se que o «subsídio de férias já foi pago em 31 de Agosto», mas, contrariamente, o informador sindical afirma que tal se terá passado com os operários do sector de acabamentos que se encontram «ao serviço».

Quanto a uma carta enviada aos trabalhadores em greve, pondo-lhes a alternativa de «ou trabalho ou despedimento», o membro da administração que falou à Anop afirma que isso não aconteceu «nem acontecerá, sem a conclusão dos processos disciplinares que irão ser feitos de acordo com o preceituado na lei».

Para o representante do Sindicato dos Trabalhadores Vidreiros da Marinha Grande, tal carta existiu, «só que os trabalhadores não a tiveram em consideração porque não foram cumpridos os trâmites legais».

Hoje mesmo deveriam prosseguir na delegação do Ministério do Trabalho de Leiria os contactos entre as duas partes interessadas, havendo neste momento a garantia de pagamento do subsídio de férias.

Enquanto tal, prossegue na Marinha Grande o movimento de solidariedade para com os trabalhadores da Wokan, estando praticamente assegurados novos postos de trabalho em fábricas de vidro daquela vila, para os trabalhadores em conflito na multinacional.

De acordo com as declarações do sindicalista, o industrial Wokan tem uma outra empresa na Alemanha, onde grande parte dos trabalhadores ligados à produção são naturais da Marinha Grande. De acordo com essas declarações, um processo semelhante ao que se desenrola em Portugal ter-se-á verificado naquela unidade, onde o patronato recusava o pagamento do subsídio de férias, 13.º mês e pretendia a expulsão de dirigentes sindicais. A questão teria sido julgada na última quinta-feira, tendo o industrial Wokan sido condenado ao pagamento das suas dívidas para com os trabalhadores.

Mais uma questão: a venda de produtos da fábrica de Pousos no mercado interno, o que até aqui não foi autorizado, pois a construção da fábrica, antes do 25 de Abril, foi condicionada pela exportação de toda a sua produção. A colocação no mercado nacional poderia fazer perigar os postos de seis mil vidreiros, já que se trata de uma unidade muito moderna, com grandes possibilidades num mercado de concorrência.

Afirma o porta-voz da administração: «O que a empresa pretende vender em Portugal é apenas uma pequena percentagem da sua produção, da qual grande parte dos artigos não são produzidos em outras fábricas portuguesas.

Bombeiros não cumprem portaria dos Rodoviários

. São 19 as Associações de Bombeiros Voluntários do distrito de Lisboa que não estão a cumprir a portaria de 15 de Novembro de 1975 que, de acordo com esse mesmo diploma, se deverá aplicar a todos os trabalhadores representados pelos Sindicatos dos Rodoviários e Garagens e respectivas entidades patronais, quer sejam pessoas singulares ou colectivas, de utilidade pública ou privada, com ou sem fim lucrativo, desinteressado ou altruístico, desde que não abrangidos por regulamentação específica do seu sector de actividade, bem como aos motoristas particulares e respectivas entidades patronais».

O problema foi objecto de uma entrevista com o secretário de Estado da Administração Interna em que estiveram presentes representantes da comissão de luta das Associações de Bombeiros Voluntários do distrito de Lisboa e do Sindicato dos Trabalhadores Rodoviários.

Bordadeiras da Madeira reivindicam segurança de emprego e regalias da Previdência

. As bordadeiras da Madeira, sector desfavorecido em relação à generalidade dos trabalhadores no que respeita à segurança de emprego, remunerações e regalias sociais, aprovaram um caderno reivindicativo consagrando as suas pretensões fundamentais.

Assim, na parte que toca às Associações dos Industriais de Bordados, as operárias exigem que se ponha fim ao pagamento das linhas; aumento do pagamento dos bordados (branco, cem por cento, tapeçaria, cinquenta por cento); e subsídio de Natal correspondente à média dos ordenados de três do ano em que houve mais trabalho.

Quanto à Previdência, reivindicam o alargamento do regime geral, com todos os benefícios, as bordadeiras, costureiras e filteiras, nomeadamente:

. abono de família e subsídios complementares; nascimento, aleitação, funeral e subsídios vitalícios;

. acção médico-social e subsídios de previdência; acção médica e medicamentosa, subsídio de doença, maternidade e tuberculose;

. benefícios diferidos; subsídio de morte, pensão de sobrevivência, pensão de invalidez e velhice.

No decurso de uma recente assembleia geral do seu Sindicato, no Funchal (Sindicato Livre dos Empregados e Operárias da Indústria de Bordados e Tapeçarias da Madeira), estas trabalhadoras decidiram exigir aos governos regional e nacional não só o alargamento do regime da Previdência, mas ainda, legislação imediata que as proteja do desemprego e do subemprego.

Reafirmam, a propósito, a «firme disposição de lutar, e usar todos os meios que considerarmos legítimos e necessários para atingir os nossos objectivos, que são: direito ao pão, à protecção na velhice, na maternidade, na doença para nós e para os nossos filhos, e ao subsídio de desemprego — direitos esses que a grande maioria dos trabalhadores já possui».

ARTE FINA: JUNTA INTERVÉM

A crise no sector é exemplificada pelo caso da fábrica de bordados Arte Fina, encerrada pelos patrões em Julho, como noticiámos. Estão em risco de desemprego 83 trabalhadoras, podendo ser directamente afectadas, cerca de 850 bordadeiras (que executam o trabalho em casa, em regime de tarefa) no caso do encerramento se concretizar em definitivo.

O caso deverá ser analisado hoje, no decurso de uma reunião entre os representantes das trabalhadoras e a Junta Governativa da Madeira, por esta convocada na sequência de sucessivos pedidos de audiência feitos pelo Sindicato.

Moradores e sindicato reintegram porteira expulsa pelo senhorio

. A colaboração entre o Sindicato dos Trabalhadores de Serviços de Portaria, Vigilância, Limpeza e Actividades Similares e Comissão de Moradores da Boa Hora (Ajuda) permitiu, recentemente, a reintegração de uma porteira, irregularmente expulsa do andar que habitava pelo senhorio de um prédio daquele bairro.

Noticiando o facto, o Sindicato revela os antecedentes: tentativa de espancamento da trabalhadora em causa, por esta ter exigido o ordenado legal. A porteira tentou, nessa ocasião proceder contra o senhorio, mas retirou a queixa, «pressionada por ameaças de morte do mesmo».

Desta vez, as coisas passaram-se de outro modo. Relata o Sindicato:

. «Ela, viúva, com quatro filhos, pediu-lhe um dia de licença para os ir buscar à terra. Ele prontificou-se de imediato a ir buscá-los, pois **ia para aqueles lados**.

«Durante a viagem fingiu avarias no carro, para ganhar tempo, enquanto os capangas, em Lisboa, arrombavam a porta e mandavam as mobílias pela escada abaixo, para cima de uma camioneta.

«Todas partidas, foram despejadas no meio de um monte do Alentejo, a cinco quilómetros da trabalhadora porteira, enquanto na sua habitação se instalava uma sobrinha do senhorio com as respectivas mobílias.»

. Seguiu-se a luta pela reintegração da trabalhadora expulsa, que mobilizou os moradores da zona, o Sindicato e a Comissão de Moradores. O objectivo foi atingido, e a nova locatária forçada a desocupar o andar que indevidamente decidira habitar. «De realçar que os agentes da P. S. P. intervenientes no caso (esquadra do Calvário) tiveram um procedimento correcto» — assinala o Sindicato.

A Comissão de Moradores e o Sindicato concluem que «mais uma vez se prova que a unidade e espírito combativo de trabalhadores e moradores em torno de objectivos justos e concretos conduz à vitória e ao reforço do poder popular».

"BOUTIQUE" VITÓRIA
Faltam medidas enérgicas contra o "lock-out"

. Mantendo-se em piquetes desde quinta-feira passada, as 25 trabalhadoras da «Botique Vitória», no Porto, aguardam a reabertura da firma, já que o MT prometeu, através da sua delegação naquela cidade, obrigar a entidade patronal ao cumprimento da Constituição, que proíbe o «lock-out».

Estranham, porém as trabalhadoras que ainda não tenha sido tomada uma posição enérgica contra tal ilegalidade, que ameaça lançar no desemprego mães e encarregadas de família. De algumas que não continham a sua revolta, ouvimos: «se fossemos nós que cometessemos qualquer ilegalidade estava aí a polícia toda...»

. Algumas trabalhadoras têm mais de dez anos de casa, filhos menores e familiares ao seu cuidado. Outras, mais novas, estão grávidas e têm os maridos desempregados. O que vamos fazer? Não há nada a nosso favor. Não fomos avisadas, e não há maneira de obrigarem a patroa a cumprir a Lei».

Contaram-nos ainda as trabalhadoras que, ao pedirem à PSP a presença de um polícia junto das instalações da «boutique» quando ali faziam piquete na primeira noite, lhes fora dito que para ir um polícia guardar as empregadas tinham de mandar outro para defender as costas do patrão.

TRABALHADORES DOS "CABOS ÁVILA" CONTRA MANOBRA DA ADMINISTRAÇÃO

. A Comissão de Trabalhadores da fábrica de condutores eléctricos Diogo d'Ávila acaba de denunciar aquilo que considera mais uma tentativa da administração «visando objectivamente a divisão e a desmobilização dos trabalhadores da empresa, no preciso momento em que a luta pela defesa dos seus direitos e postos de trabalho se agudiza».

Refere-se a C.T. dos «Cabos Ávila» a um documento da administração, distribuído em largas quantidades, chamando «válidos» aos trabalhadores mais antigos, qualificando de «elementos estranhos» os mais novos. Quanto a estes, acusa-os de «oportunismo», de estarem à espera de «recompensa pelo partido político em que militam», de criarem «poderes paralelos dentro da empresa». Entretanto, no mesmo documento, e em linguagem bem característica, a administração diz-se identificada «com os interesses da economia nacional», interessada na «reconstrução do país» e disposta a salvar «mais uma vez a crise, à semelhança das verificadas nos anos de 1939 e 1949».

Em resposta, a C.T. evoca os despedimentos ilegais (mòrmente pelo Natal) praticados habitualmente pela administração e as pressões exercidas sobre as organizações dos trabalhadores. «Quanto aos poderes paralelos, continua a C.T. — eles não existem. Só a gerência gere (mal) esta empresa. A C.T. apenas defende os interesses dos trabalhadores «e a sua recompensa estará em «conseguir vencer as lutas contra aqueles que nos exploram».

S.T.C.P.
Subsídios arrastam-se

. Gorada a hipótese de conciliação entre os motoristas e a gerência do S.T.C.P., o contencioso sobre os subsídios de alimentação transitou para a esfera exclusiva do M.T.

A última tentativa de conciliação realizou-se na manhã de ontem, com representantes da gerência, e delegados sindicais, na presença de 60 trabalhadores. O contencioso gera-se, como se sabe, à volta dos 75 escudos de subsídio de refeição a que, contratualmente, têm direito, embora a gerência só esteja a pagar 40 escudos.

Nacional

A cultura como reflexo daquilo que concretizamos e do que não podemos concretizar, é talvez o melhor índice para detectar o ritmo a que se vai processando a transformação das estruturas. Por isso, a contemplação da cultura deverá ser necessariamente acompanhada de criação cultural.

Mais de dois anos após o processo de transformação mais importante da política portuguesa deste século, a reflexão cultural é necessária para a orientação da acção futura. A presente entrevista com Eduardo Prado Coelho, director geral da Acção Cultural na Secretaria de Estado da Cultura é um contributo para trazer a público algumas das questões fundamentais no domínio da Cultura.

As relações da Cultura com o Poder, a Revolução Cultural a situação dos intelectuais portugueses, identidade e descentralização culturais são alguns dos temas abordados nesta entrevista.

EDUARDO PRADO COELHO:

A cultura foi vi de uma maneira

. «DL» No programa do Governo, relativamente à Cultura, fala-se em estimular as diversas formas de criatividade colectiva, através da concretização das modernas concepções de animação cultural. Como define a questão da «animação cultural»?

. Eduardo Prado Coelho — Procura-se dar uma certa animação à cultura no sentido de fazer com que ela se integre de uma forma muito mais visível na transformação do quotidiano. A animação cultural corresponde, por um lado, a uma certa dessacralização da cultura, e, por outro, a um esbater de fronteiras entre a revolução cultural e a revolução política.

Do ponto de vista da animação cultural, interessa menos a qualidade e nível estético muito elevado que as coisas possam atingir do que o grau de envolvimento, de investimento, que cada um pode ter em relação à cultura, quer recebendo-a quer distribuindo-a aos outros.

Este ano tem sido muitíssimo incerto do ponto de vista cultural

a cultura, parece-me muito importante mas prioritário. Numa sociedade classista permanece o problema do acesso à cultura...

E.P.C. — Quanto ao acesso à cultura,a questão hoje consiste fundamentalmente em criar frentes culturais que tenham relação com os vários níveis e estratos sociais existentes, com os vários tipos de preparação e sensibilização à cultura.

Neste aspecto, há duas ideias fundamentais a ter em linha de conta. Em primeiro lugar, é extremamente importante considerar a cultura desligada, no plano imediato, de relações políticas. Quer dizer, não privilegiar esta ou aquela forma de cultura, pelo facto das pessoas que a fazem estarem ligadas, por razões de ordem política, às posições com que eu possa simpatizar. É o que se chama um trabalho de isenção. Parece-me que o trabalho que nos fazemos aqui é plenamente isento. Procuramos valorizar toda a expressão

> Não me parece que seja possível uma dinamização cultural sem uma dinamização interna da própria cultura. Esta dinamização é relativamente inútil se ela não fôr uma transformação da cultura em contacto com outras realidades sociais, políticas e económicas. Nesse sentido, estou convencido que não houve uma revolução cultural em Portugal, nem há condições para que ela se verifique.

Nessa medida, a cultura não funciona apenas como um tesouro recebido de uma forma mais ou menos sugestiva, mas como um lugar de encontro, de contacto, de alteração subjectiva de cada um. Portanto, um lugar de transformação do quotidiano a um ritmo particularmente acelerado e inovador.

«DL» — Pôr a tónica no grau de envolvimento, de investimento, de cada um em relação cultural, desde que ela seja portadora de uma certa força de inovação e sensibilidade.

Em segundo lugar, é difícil levar as populações a descobrirem o interesse pelo bom cinema se elas não estão sensibilizadas ao cinema pura e simplesmente, e têm ainda uma leitura meramente primária de projecção de fantasmas pessoais de violência e sexo em relação ao cinema. Fazer distinguir o bom do mau cinema é inútil perante pessoas que não tenham o mínimo de alfabetização neste domínio.

Aquilo que me parece importante e nem sempre conseguido é procurar delimitar para cada iniciativa, para cada projecto cultural, o público que ele visa. Quando fazemos um plano de apoio às bandas musicais e depois pedimos aos compositores portugueses que criem reportórios organizados e preparados para a renovação das bandas, estamos de facto a actuar para um público específico, muito amplo, muito impreparado, relativamente insensível a um determinado número de outras actividades.

Quando, por outro lado, fazemos um espectáculo de envolvimento audiovisual com Jorge Peixinho e Ernesto de Sousa, estamos necessariamente a dirigir-nos a um público específico, com uma dada preparação musical, com uma capacidade de abordar um acontecimento deste tipo de uma maneira particular.

Parece-me que devemos procurar ter iniciativas que abranjam tanto quanto possível o leque de público existente e que calculem muito cuidadosamente o público que vão atingir e qual a melhor maneira de o atingir.

DIRIGISMO EM QUESTÃO

«DL» — O que continua a estar em causa, é a necessidade de ter presente os efeitos de uma longa ocultação e repressão da cultura. Como coloca, o problema do dirigismo cultural?

. EPC — Creio que ou há orientação, ou há ausência dessa orientação. Havendo orientação, há sempre à partida o risco dela ser dirigista. Ela só não será dirigista, se pela prática que tiver o não for. Isto é, se souber ser suficientemente ampla, diversificada, rica e justificada, para que se não possa dizer que há um critério dirigista. Pode haver da parte de um responsável dirigismo se ele subordinar as suas opções de ordem estética a critérios de ordem estritamente política.

Ou poderá ainda haver dirigismo se o responsável subordina as suas opções de ordem estética aos seus gostos estritamente pessoais. O importante é que o responsável não procure uma subordinação aos seus gostos estritamente pessoais ou as suas convicções políticas mas tenha cultura suficiente para poder ser sensível a toda a produção de qualidade e reconhecer o seu interesse, mesmo que dela não goste, mesmo que ela nada lhe diga.

O risco de dirigismo é tanto menor, quanto mais as opções forem tomadas com consultas aos grupos mais significativos, mais reconhecidos do ponto de vista cultural. Por muito que se faça, quando se escolhem personalidades para uma comissão ou grupo, existe uma certa escolha. O problema não está em haver escolha, opção, mas em saber se na prática essas opções são suficientemente significativas para escapar ao risco de serem acusadas de dirigismo.

«DL» — Referiu-se à necessidade de valorizar a expressão cultural desde que ela seja portadora de uma certa força de inovação e sensibilidade. Qual o critério adoptado para detectar estes valores?

. EPC — O critério não é propriamente a qualidade do que se produz, mas o grau de investimento daqueles que produzem, no que produzem. O que me interessa não é a qualidade estética mas a afirmação libidinal que essa criatividade tem, mesmo na criação colectiva.

Não me interessa que essa criação seja relativamente efémera, que não produza obras que fiquem. Interessa que ela seja uma afirmação muito forte e irradiante de uma certa ligação libidinal, de envolvimento, de desejo, com as coisas, com as pessoas, com a vida.

A cultura em sentido tradicional aparece extremamente dessexualizada. A escola, aliás, tende a acentuar esse aspecto acéptico e assexuado. Quanto a mim, a experiência estética tem sempre a ver com uma certa definição sexual da nossa relação com o mundo e, se não for assim, é desinteressante, menor, secundária e medíocre.

Toda a transformação das relações sexuais, libidinais entre as pessoas, tem muito que ver com a apropriação da cultura, com o assumir da cultura.

CULTURA COMO VIVÊNCIA

«DL» — Em consequência do que acaba de dizer, podemos concluir que um grupo que desenvolva uma acção cultural seja necessariamente levado a criar novas formas de relacionamento?

. EPC — É nesse sentido que o primeiro trabalho de uma Direcção-Geral de Acção Cultural deverá ser a criação das próprias relações do grupo que nela trabalha. Se essas relações forem de tipo funcional, administrativo, burocrático, nunca permitirão um trabalho a sério.

A acção cultural começa na própria transformação das relações de trabalho. Para mim, esse é um dos aspectos mais interessantes e positivos do trabalho aqui realizado. Por um lado, as relações que se estabelecem entre as pessoas, por outro, a relação que elas estabelecem com o trabalho que vamos produzindo, o modo como elas o vivem, o sentem, o defendem.

«DL» — Não raro a Cultura foi utilizada como pretexto em que o alvo era o poder que nada tinha a ver com a necessidade de facilitar o acesso das populações às questões culturais...

EPC — De facto, a cultura foi normalmente utilizada como um instrumento de acesso ao poder. Nessa medida, cometeram-se grandes equívocos e fizeram-se grandes concessões. Esses erros são nesta altura devidamente aproveitados pela direita que não poderá impor uma cultura, mas poderá, de facto impor uma versão mais ou menos domesticada de uma cultura de esquerda. Isso poderá acontecer, se a direita se tornar dominante.

> Creio que ou há orientação, ou ausência dessa orientação. Havendo orientação, há sempre à partida o risco dela ser dirigista. Ela só não será dirigista, se pela prática que tiver o não fôr. Isto é, se souber ser suficientemente ampla, diversificada, rica e justificada, para que se não possa dizer que há um critério dirigista.

REVOLUÇÃO CULTURAL

«DL» — A questão da Revolução Cultural praticamente não foi levantada ao longo destes dois anos e sempre que se fizeram alusões a ela esteve frequentemente presente o sentimento de culpa de quem não se sente à vontade no terreno da heresia. Quanto a si, quis são as principais ideias subjacentes à questão?

. EPC — Quando se fala de Revolução Cultural há três ideias que importa ter em conta. Em primeiro lugar, procura-se que as transformações realizadas a nível socioeconómico sejam acompanhadas de transformações a nível da superestrutura, isto é, no plano da consciência.

Num segundo sentido, a Revolução Cultural é uma revolução feita através da cultura, que serve de veículo de difusão de ideias, posições, etc. Trata-se de uma visão estritamente ideológica.

Numa terceira acepção, existe a noção de revolução no interior da própria cultura. Quer dizer, a Revolução Cultural é uma transformação da cultura em que esta se contesta, se põe em causa, se destrói, se reconstrói, se problematiza, se inova e se altera.

Não me parece que seja possível uma dinamização cultural sem uma dinamização interna da própria cultura.

Esta dinamização é relativamente inutil se ela não for uma transformação da cultura em contacto com outras realidades sociais, políticas e económicas. Nesse sentido, estou convencido de que não houve uma Revolução Cultural em Portugal, nem há condições para que ela se verifique.

Houve, obviamente, uma

A cultura foi utilizada como um in

vida
a culpabilizante

Entrevista de Helena Balsa

transformação de hábitos, de mentalidades, de leituras, de valores, de formas de vida e de convívio, de ritmos do quotidiano. Não sei até que ponto isto não é a própria transformação mais generalizada, mais actualizada do que se está a viver nas sociedades industrializadas com aspectos específicos quer nas sociedades socialistas, quer nas capitalistas.

Em Portugal, estes problemas sofreram uma espécie de agitação, de efervescência muito grande mas no final, porque não houve uma Revolução Cultural de facto, não se verificou uma mutação radical, não foram dadas respostas nem soluções. Neste aspecto, os partidos políticos raramente souberam desligar-se das concepções mais religiosas e tradicionais que traziam.

Havia aspectos de religiosidade e estalinismo em quase todos os partidos políticos portugueses, o que os limitou muito e por isso mesmo a questão da Revolução Cultural é-lhes relativamente inacessível. Alguns partidos de esquerda muito preocupados com a cultura tiveram apenas uma visão da cultura em termos estritamente instrumentais.

RELIGIOSIDADE POLÍTICA

«DL» — A que conclusões podemos hoje chegar sobre o modo como a política foi vivida depois do 25 de Abril?

. EPC — Quanto a mim, a política viveu-se de uma forma extremamente religiosa e esse é o ponto a que falta a capacidade de invenção, de desenvolvimento mental, de ousar pensar, de sentido de humor.

Curiosamente, essa religiosidade é mais acentuada nos sectores de esquerda que nos sectores de direita, na medida em que a direita é menos teórica é mais pragmática intervindo de uma forma mais prática no próprio plano da luta de classes e instintivamente até mais lúcida por vezes.

Essa religiosidade verificou-se em relação aos textos sagrados da doutrina revolucionária ou às figuras ou arquétipos ou situações, o que foi de facto bloqueante.

Nós hoje sentimos isso através de um sentimento de importância de que tudo aquilo que se fez, sentiu, gritou, discutiu, se revela relativamente inoperante perante um processo que tem a sua lógica e que avança com uma determinada força bastante esmagadora.

Este aspecto de religiosidade, de falta de humor, traduz-se na tendência para dramatizar de forma absolutamente absurda um certo tipo de situações ou confrontos que afinal conduzem a um determinado vazio.

Poucas vezes a reflexão política foi capaz de auscultar e sincronizar com aquilo que se estava a viver. Um determinado número de erros e equívocos a que a esquerda se foi deixando conduzir deriva dessa incapacidade, dessa frustação.

A CULPABILIDADE DO INTELECTUAL

«DL» — Penso que os intelectuais têm uma parte importante de responsabilidade na compreensão do aspecto que acaba de referir. Como explica a automarginalização a que se votaram os nossos intelectuais?

EPC — O campo da cultura foi vivido de uma maneira quase sempre culpabilizante. Quer dizer, em vez do intelectual se assumir com os aspectos negativos e positivos de ser intelectual, tende muitas vezes, numa reacção estritamente intelectual, a hiperculpabilizar-se e a fazer disso a sua única e obsessiva temática.

Revelou-se nos intelectuais, inclusivamente nos intelectuais orgânicos dos partidos políticos, uma enorme falta de preparação para a dinâmica social mais actual, uma falta de imaginação e de capacidade teórica.

Ao longo destes dois anos, a uma espantosa e ainda não inteiramente realizada transformação e agitaçao de ordem social e política, não correspondeu, a não ser por vezes em formas demasiado estereotipadas, uma capacidade de análise, de imaginação e conceptualização.

Não deixa de ser curioso que uma das individualidades que mais apaixonada e lucidamente seguiu o processo português, Eduardo Lourenço, seja considerado entre os intelectuais como um especulativo. Contudo, ele foi um dos poucos que conseguiu ter uma perspectiva pessoal, original, e fortemente actuante da compreensão do processo da evolução social portuguesa.

Que o caso de Eduardo Lourenço com mais dois ou três exemplos permaneça isolado, traduz uma espécie de fracasso da inteligência portuguesa em geral. A este fracasso, correspondem diversos tipos de reacção seja a meramente esteticista, a defesa da cultura em si, seja a reacção estritamente ideológica que é uma espécie de fuga para a frente mais ou menos histórica, um radicalismo ideológico por vezes perfeitamente desinteressante e improficuo.

Do ponto de vista cultural, estes dois anos deixaram-nos uma sensação de frustração que pode evidentemente ser recompensada pela ideia de qué aquilo que não se pensou, escreveu ou pintou, foi vivido. Mas, por outro lado, há que ter em conta que provavelmente teria sido vivido de outra maneira e com outros prolongamentos, se tivesse sido mais pensado, escrito, dito, pintado, tocado, etc.

É possível que apesar da sensação de que nada poderá voltar a ser como antes, muito da vida cultural tenda hoje, quando se chega a um processo de normalização da vida política, a recomeçar relativamente inalterado e indiferente aquilo que entretanto se passou.

Os aspectos culturais são praticamente recalcados ou esquecidos

«DL» — O interesse suscitado pela cultura não é uniforme. Ao lado de uma corrida urbana para apanhar a última moda cultural, assistimos ao conservar de valores ancestrais em muitas zonas do País...

EPC — Há de facto um desfasamento entre os vários tempos culturais. Existe um tempo cultural ultra-actualizado e outro ultra-arcaico entre os quais não se estabeleceu um discurso comunicável, pelo contrário, acentuaram-se certas incomunicabilidades e certos divórcios.

Tenho a impressão de que consegue muito mais ser a cultura de massas a estabelecer um discurso em comum do que ser uma cultura revolucionária a estabelecê-lo. Estou convencido de que a cultura de massas acabará por aparecer como vencedora e ocupar o lugar do que seria um discurso de transformação, um discurso dito revolucionário eo teroos culturais.

IDENTIDADE CULTURAL

«DL» — Parece-me que uma das graves heranças deixadas pelo fascismo se traduz num desconhecimento da nossa História e cultura. Como explica hoje o bloqueamento do acesso a uma identidade cultural?

. EPC — Quanto a mim por três tipos de movimentos. Por um lado, o movimento da cultura de massas, que é uma espécie de indiferenciação dos valores culturais, o que explica que em plena província, num festival popular, se ouça a canção «Emmanuelle» cantada em francês.

Por outro lado, pela cultura erudita que tende a ser uma cultura niveladora, colocando-se como alta cultura. Por último, embora com aspectos mais compreensivos, por uma visão estritamente ideológica da cultura que tende por vezes, com maior ou menor generosidade mas quase sempre com uma margem de erro político bastante grande, a precipitar-se, a ser demasiado impaciente em relação aos valores culturais específicos das populações.

É neste aspecto que se inserem os problemas suscitados pelas chamadas Campanhas de Dinamização Cultural. Tende-se, num esquema um pouc primário, a fazer cultura numa perspectiva ideológica, utilizando a cultura erudita como forma de legitimização e a cultura de massas como forma de aliciamento.

«DL» — Em relação a um levantamento cultural do País o que é que está a ser feito?

. EPC — O mapa cultural do País estava a ser feito de modo disperso em muitos sectores.

A Secretaria de Estado da Cultura, em colaboração com Fundação Gulbenkian, está a organizar um projecto de levantamento cultural do País através de um trabalho que passa pelo dr. Pedro Tamen, por Carlos Wallenstein e por mim e que se processa em várias fases.

Numa primeira fase, procede-se à uniformização do múltiplos ficheiros existentes quer a nível particular, quer oficial. Em segundo lugar, deverão utilizar-se os sectores culturais dos municípios para um inquérito que permita fazer, distrito por distrito, o levantamento cultural do País.

Numa terceira fase, os dados obtidos são tratado de modo a constituir um ficheiro de base. Em penúltima fase, proceder-se-á ao envio de brigadas de 3 ou 4 pessoas para as regiões, a fim de se verificar até que ponto os dados obtidos correspondem à realidade, estão actualizados, são incompletos ou são inexactos.

Por último, para além do tratamento em termos de informática de todo o material inventariado, é necessário encontrar mecanismos constantes de actualização dessas informações porque se não corre-se o risco de no fim do trabalho estarmos já desactualizados.

«DL» — Atendendo a que as populações preservaram a sua cultura por vezes de uma forma bastante original e complexa, evidenciando uma espantosa capacidade de resistência, como é que a Secretaria de Estado da Cultura pensa desenvolver o apoio que essas populações podem dar para o levantamento do património cultural?

EPC — Tenta-se obter a colaboração das próprias administrações locais e de um determinado tipo de figuras, algumas desconhecidas outras conhecidas que têm uma espécie de papel de **leader** da opinião dessas regiões que vão desde o professor de instrução primária ao médico, ao padre e que são pessoas, que, por vezes, têm uma espécie de conhecimento amoroso extraordinariamente intenso da vida cultural, das tradições, e do património das regiões.

Uma das coisas a fazer é identificar essas individualidades que nós em determinadas regiões conhecemos e noutras não conhecemos e que são quelas que nos vão servir de guias para a descoberta, numa segunda fase, de muitas outras coisas.

SENTIDO DA DESCENTRALIZAÇÃO

«DL» — Há pouco, referiu-se a ritmos culturais diferentes. Gostava agora que abordasse o problema da descentralização cultural tendo em conta os obstáculos reais que se levantam à sua efectivação.

EPC — A descentralização faz-se no INATEL, no FAOJ, na Direcção-Geral de Educação Permanente e aqui. É necessário haver uma espécie de polo centralizador destas iniciativas, de modo a conjugá-las, o que não tem acontecido.

Em segundo lugar, uma descentralização a sério implica inicialmente um investimento de fortes verbas. Parece que as condições orçamentais não são, por agora, as mais propícias nesse sentido. Num terceiro ponto, não há da nossa parte uma experiência muito grande na criação dessa individualidade específica que é o animador cultural.

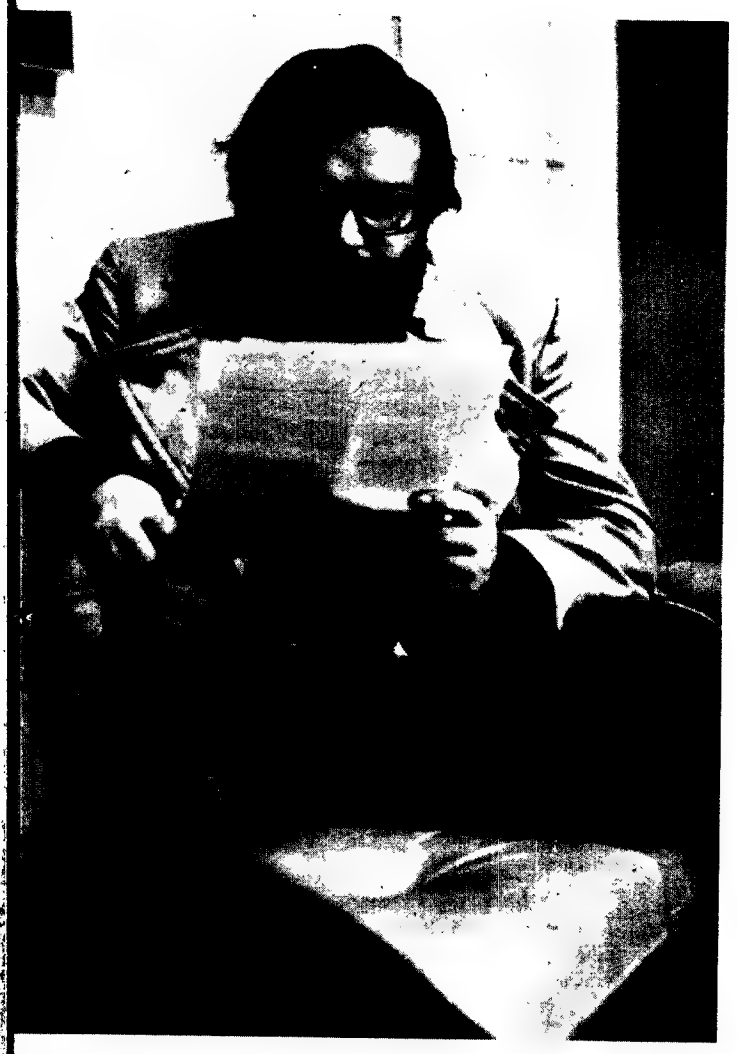
Grande parte dos animadores culturais são pessoas que gostam da cultura e po so se julgam animadores. A eriência de saber despert bilizar as capacidades e lores culturais de uma é muito complexa, exig cas de aproximação, m pecíficas e cautelosas c maior parte dos casos, n possuimos. Algumas riências neste sentido sã tas vezes desastrosas po experiência, precipitação e ciência.

A descentralização só tem sentido se houver descentralização coincidente de todo o País. Fora disso, a descentralização cultural é sempre qualquer coisa de extremamente superficial e que tende a desaparecer mal uma nova personalidade ou tendência surgem. Trata-se de uma movimentação que tem de ser de ordem global se não falha necessariamente.

«L» — O desenvolvimento cultural passa também pela intercolaboração daqueles que se interessam pela Cultura. Neste aspecto, que importância pode revestir um Conselho Nacional de Cultura preconizado no programa do Governo?

. EPC — A necessidade de conselhos parece-me extremamente importante desde que esses conselhos tenham por função definir linhas gerais, problemas de fundo. Ao pretender transformar esses conselhos consultivos, como por vezes se quis fazer, numa espécie de consultores constantes para todas as questões de nível muito diverso, verifica-se que não é possível conjugar a dinâmica de uma actuação com a relati-

(Continua na pág. 12



instrumento de acesso ao poder

> O campo da cultura foi vivido de uma maneira quase sempre culpabilizante. Quer dizer, em vez do intelectual se assumir com os aspectos negativos e pósitivos de ser intelectual, tende muitas vezes, numa reacção estritamente intelectual e hiperculpabilizar-se e a fazer disso a sua única e obsessiva temática.

Estrangeiro

O VULCÃO "LA SOUFFRIERE"

Querelas científicas e políticas em Guadalupe

DOMINIQUE POUCHIN ("Le Monde")

POINTE-A-PITRE — O La Soufrière despiu finalmente o véu. Despojado do seu halo de bruma cinzenta, ei-lo que surgiu no horizonte, na manhã de 22 de Agosto. Quem iria então recear essa plácida montanha que parecia desafiar os que dela fugiam, saudando-os com o fumo branco saído das suas entranhas? As palavras do presidente da Câmara, que nesse mesmo instante prometia **«um dia difícil depois de uma má noite»**, pareciam exageradas. Onde ia ele buscar os seus augúrios ameaçadores, quando tudo estava tão sereno?

Mas desta vez o destino parecia encarniçar-se sobre Guadalupe. E como o vulcão retinha o seu enxofre, a ilha ia afrontar o dilúvio. A tempestade, severa depressão regular, aproximava-se das Caraíbas. Na Câmara transformada em quartel-general do plano Orsec-Vulcao, tira-se dos armários o plano Orsec-Ciclone. As pessoas, mesmo sem excesso de pessimismo, estão receosas. É costume nas Antilhas que a população ameaçada pelos ventos devastadores e pelas trombas de água, abandone as suas barracas de madeira e se refugie nas igrejas e nas escolas porque estão bem construídas. Hoje, porém, o lugar já estava ocupado.

Felizmente, no fim da manhã, a depressão modifica o seu percurso e dirige-se mais para o norte. Guadalupe, anuncia-se, só deve sofrer pálidos efeitos da tempestade durante a tarde. Essa oportuna viragem tranquilizará algumas consciências inquietas.

Mas o vulcão, indiferente à concorrência, recomeça a rugir sob a vigilância obstinada dos seus guardas, alerta por detrás das muralhas medievais do forte Saint-Charles.

«NÃO SOMOS ADIVINHOS»

Nessa manhã de domingo, sábios e técnicos, últimos ocupantes da zona interdita, resolveram dar o alarme. Durante a noite, as agulhas do seu sismógrafo tinham desenhado um traço contínuo: dez minutos de trepidação incessante, três minutos de saturação.

A convicção dos cientistas, transmitida ao meio dia por Aurusseau, presidente da região, é simples: após um período de acalmia, a actividade sísmica retomou um ritmo e uma actividade constantes. A cratera lança gás e vapor de água.

Após oito dias de alertas e paragens sucessivas, todos se tornaram mais circunspectos. Afirmam simplesmente que **«a evolução continua a aumentar»** e que **«o fenómeno poderá ser de longa duração»**. Por sua vez, Aurusseau resume a situação comparando o La Soufrière a um boxeur **«que dá um soco e tem que dobrar o braço antes de dar outro»**. **«Estamos,** acrescenta, **em frente, e só podemos tentar evitar o knock-out»**.

No entanto, estes dias que passam sem que se produza nada de definitivo, começam a dar aso a algumas perguntas. Claro que ninguém pensaria em censurar às autoridades a responsabilidade que razoavelmente tomaram a 15 de Agosto, ao ordenar a evacuação das comunas ameaçadas por uma erupção eventual. Mas alguns — nem sempre os mais competentes — peguntam agora se não terá havido um engano. A vulcanologia, respondem os cientistas, não tem nada a ver com um horóscopo a que fanáticos ou ingénuos dão um crédito absoluto. «*Não somos* **adivinhos»**, respondem eles em coro, quando lhes pedem que lhes digam o dia e a hora do esperado cataclismo.

No entanto, parece que as declarações repetidas — e às vezes um pouco contraditórias — feitas desde que o vulcão acordou, nem sempre têm tido a concordância total e unânime daqueles que perscrutam as intenções do La Soufrière. As diferentes maneiras de encarar a actividade vulcânica deram por várias vezes origem a apreciações divergentes sobre a proximidade, a forma e a intensidade da erupção. O momento não é para querelas de escola, mas parece, em todo o caso, que os princípios de análise adoptados pela equipa de Haroun Tazieff e os métodos de investigação de outros, principalmente do professor Brousse, puderam chegar ao enunciado de conclusões por vezes não concordantes. Uns dão a prioridade à análise dos gases, considerada essencial para toda e qualquer tentativa de previsão, os outros apoiam-se sobretudo na evolução do magna e das cinzas.

Na ausência de Tazieff, o professor Brousse aceitou responder — com certa coragem — às perguntas que lhe foram feitas, e deu uma espécie de diagnóstico quotidiano do vulcão.

MOVIMENTO E AGITAÇÃO

Em quem acreditar? Os especialistas, conscientes dos limites dos conhecimentos adquiridos, são prudentes e admitem a sua impotência em prever quando e como se dará a catástrofe. A única certeza é que ela sucederá um dia.

Os «partidários» de Haroun Tazieff recordam o prognóstico do vulcanólogo que, chegado a Guadalupe no mês de Julho, se foi imediatamente embora assegurando que não havia perigo imediato. Os mesmos dizem hoje que as autoridades não parecem ter pressa de o chamar ao forte Saint-Charles. Acusação injusta quando se sabe que muito se fez para chamar de novo Tazieff que participava numa expedição no Equador.

Mas o célebre especialista não parece, na verdade, gozar de grandes simpatias na Câmara de Guadalupe, onde há quem lhe censure o facto de **«ter partido atrás dos três britânicos perdidos na Cordilheira dos Andes, quando estava em jogo a vida de setenta e dois mil franceses»**. Palavras imprudentes mas não totalmente gratuitas. Tazieff terá mais uma vez falado de mais ou demasiado alto?

Nem todos esqueceram em Guadalupe as palavras incisivas que ele pronunciou no passado mês de Abril, por altura de uma visita ao «La Soufrière». **«Pedem-me um trabalho de adivinho»**, disse ele então. **«Mas o que é preciso é exigir ao governo os meios necessários para vigiar com eficácia a actividade vulcânica. E quem deve exigir esses meios é a gente de Guadalupe, que vive sob uma ameaça latente. Escrevi ao Ministro do Interior de França, Poniatowski, para lhe expôr a situação e dizer-lhe, com a maior clareza, o porquê da imperiosa necessidade de criar lugares de investigadores e técnicos, para conseguir saber o que vai aqui passar-se. Fizeram-me promessas, mas nenhuma foi cumprida»**. Terão achado, em certos meios, que há verdades que não se devem dizer em público?

Os cientistas, talvez aborrecidos com as más interpretações dadas às suas opiniões, recusam-se agora a dar o flanco a controvérsias a que seriam estranhos. Mas a política retoma hoje os seus direitos. Ninguém se aventura a criticar abertamente as medidas administrativas impostas pela situação, as órdens e as contra-ordens tornadas inevitáveis pela incerteza no amanhã. Todos estão de acordo com Stirn para pensar que **«mais vale viver o dia a dia do que morrer de noite»**.

Os «satisfecit» governamentais, a vaidade ostensiva de um secretário de Estado que foi ao local delicitar-se pelo êxito de uma **«grande estreia mundial»** (a evacuação de 72 000 pessoas antes de um sismo que se esperava), as incessantes menções feitas à solidariedade nacional, provocam agora alguma agitação e uma irritação perceptível nas fileiras dos partidos de oposição, sobretudo da parte do partido comunista de Cuadalupe, que as considera uma **«autêntica campanha de intoxicação»**. O presidente da Câmara, porém, continua a referir o **«extraordinário consenso dos deputados de todas as tendências, ligados pela solidariedade do destino»** e guarda preciosamente no bolso o telegrama que lhe enviou um deputado do P. C. G. da ilha, que presta homenagem à sua acção. Num longo comunicado que contesta em primeiro lugar a importância do auxílio que o Governo pretende ter dado aos refugiados, ataca violentamente a **«propaganda mistificadora que se desenvolve»**.

E o partido comunista acrescenta:

«A desgraça do país é literalmente explorada pela propaganda colonialista. Chega a ser indecente».

De momento, porém, nada disso tem grande influência numa população que tem o olhar fixo nas volutas do vulcão.

C) **Le Monde**

O ministro e uma das convidadas apreciam o sabor dos alimentos do futuro

Um banquete do futuro num restaurante de Bona

Um restaurante de Bona foi recentemente cenário dum banquete, que nos nossos dias é novidade, mas que será moeda corrente no futuro. Os alimentos em si não eram do domínio da ficção científica, mas a forma como eles foram produzidos estaria muito certa nos romances que falam imaginativamente do futuro.

O banquete, promovido pelo ministro da Investigação e Tecnologia da República Federal Alemã, Hans Matthöfer, obedecia ao seguinte lema: «A investigação científica prepara o menu de amanhã».

O «hors d'oeuvre» era composto de iguarias relativamente vulgares (mexilhão, enguia, salmão, trutas) e outras pouco conhecidas para o leitor português (krill e peixe *tilapia*). Mas esses alimentos foram todos produzidos em aquacultura, que possibilita um crescimento muito mais rápido. Os peixes são criados independentemente do seu meio natural, graças ao aproveitamento da água utilizada para arrefecer as instalações nucleares.

O krill é um crustáceo da Antártida, que pode ser aproveitado como sopa ou como pasta e cujo teor proteico o converte num alimento de eleição. Os investigadores estudam presentemente as mil e uma aplicações que o krill poderá vir a ter na alimentação humana.

O prato seguinte foi um peixe da Antártida — «dissostichus» — acompanhado de uma salada de feijão de soja e batatas. Ambos os legumes foram produzidos pelo processo de «agrotherm», que é um aproveitamento do calor das instalações nucleares. O «calor excedente» dessas instalações é aproveitado para aquecer o solo, que assim se torna utilizável para novas culturas. Num solo assim mantido podem ser criadas plantas tropicais e plantas de zonas frias, independentemente da estação do ano.

Mas, voltando ao banquete de Bona: o café servido no fim do repasto foi absolutamente normal. Os biscoitos que o acompanharam eram, porém, produto de investigações: a farinha e os ovos foram parcialmente substituídos por proteína bio-sintética.

Entrevista com Eduardo Prado Coelho

Continuação da pág. 11

va inoperância do funcionamento desses conselhos consultivos que tendem a ter os vícios das assembleias de tipo parlamentar.

Portanto, vejo grande vantagem nos conselhos consultivos para uma definição de linhas gerais, achá-los-ia inúteis e até prejudiciais, se pretendessem transformar-se em órgãos de controlo constante sobre a actividade desenvolvida, porque esta acaba sempre ou por os ultrapassar ou por ser paralisada.

São estes conselhos sectoriais que deverão futuramente constituir um Conselho Nacional de Cultura, juntamente com outros organismos e personalidades. Este conselho nacional deverá reunir, pelo menos duas vezes por ano.

«DL» — Quais são as principais dificuldades que a Secretaria de Estado da Cultura enfrenta neste momento ao prosseguir os trabalhos planeados?

EPC — Nós funcionamos com uma equipa extremamente reduzida em instalações extremamente precárias. A planificação e o mínimo de fôlego que estas coisas exigem não pode ser feita sem espaço, luz, convívio, e convicção.

Portanto, necessitamos de instalações e do mínimo de pessoal técnico habilitado para podermos planificar e organizar todas as actividades. Por outro lado, temos imensas dificuldades de ordem administrativa, na medida em que a Administração do Estado não está preparada para uma acção cultural que implica respostas e decisões a curto prazo. Neste ponto, as perspectivas são desanimadoras. Não sabemos quem acabará por vencer: se o administrativo, e o que nele se encobre, se o cultural, e o que nele emerge.

Este ano tem sido muitíssimo incerto do ponto de vista cultural e os nossos problemas neste domínio raramente estiveram na preocupação imediata das forças políticas. Quando se trata da discussão pública de programas de Governo, os aspectos culturais são praticamente ou esquecidos ou esquecidos.

Apelo à vigilância na capital etíope

ADIS ABEBA, 7 — (F.P.) — Um apelo à vigilância foi lançado à população de Adis Abeba pelo Conselho Militar Administrativo Provisório (D.E.R.G.) a poucos dias das cerimónias que devem comemorar, em 12 de Setembro, o segundo aniversário da revolução etíope, anuncia na terça-feira o diário em língua inglesa «Ethiopian Herald».

Durante um comício das Associações Urbanas da Adis Abeba, membros do D. E. R. G. convidaram as Associações a estar prontas a enfrentar «elementos anti-revolucionários, alguns dos quais chegados recentemente à capital para desencadear acções subversivas» e duvidas a «assegurar a segurança e o bem estar dos habitantes».

As Associações foram também avisadas contra a infiltração nas suas fileiras de «anarquistas e reaccionários» que procuram «sabotar a economia do país», e foram convidados a prosseguir o combate contra estes «elementos destruidores».

O segundo aniversário da revolução etíope deve ser assinalado no domingo em Adis Abeba por uma importante manifestação pública na Praça da Revolução e por um discurso do general Teferi Bante, presidente do D. E. R. G.

Desde há vários dias que as medidas de segurança foram reforçadas na capital, e, logo que anoitece, Jipes armados percorrem as ruas de Adis Abeba.

A C. P. INFORMA

SERVIÇO INTERNACIONAL

Para transporte de trabalhadores destinados ao estrangeiro, é estabelecido entre Porto (Campanhã) e Paris-Austerlitz a seguinte circulação, até 19 de Setembro de 1976:

20302/21201

2a. classe

		H M	
Porto (Campanhã	P.	14-10	
Gaia	P.	14-18	
Espinho	P.	14-34	
Ovar	P.	14-48	
Estarreja	P.	14-59	
Aveiro	P.	15-11	
Pampilhosa	C.	15-45	
Pampilhosa	P.	16-10	
Mortágua	P.	16-36	
Santa Comba Dão	P.	16-51	
Nelas	P.	17-26	
Mangualde	P.	17-37	
Gouveia	P.	17-53	
Celorico da Beira	P.	18-15	
Vila Franca das Naves	P.	18-43	
Guarda	(C.	19-12	
	(P.	19-22	
Cerdeira	P.	19-42	
Vilar Formoso	(C.	20-09	
	(P.	20-27	
Fuentes de Oñoro	(C.	20-30	
	(P.	22-05	(H.E.)
Irun	(C.	8-35	
	(P.	8-40	
Hendaye	(C.	8-45	
	(P.	9-40	(H.F.)
Paris-Austerlitz	C.	17-29	

Estrangeiro

Asilo político nos E.U.A. para o piloto do Mig-25

TOQUIO, 7 — (FP e R) — Os Estados Unidos concederam asilo político ao piloto soviético do «Mig-25» que aterrou no Japão, segundo anunciou o ministro nipónico dos Negócios Estrangeiros, Kiichi Miyzawa.

O piloto do caça soviético que aterrou ontem no aeroporto de Hakodate tinha sido autorizado pelo Governo japonês a iniciar os contactos com os Estados Unidos para solicitar o asilo politico.

O Mig-25 soviético — o avião mais rápido e que atinge maior altitude no mundo — esteve durante a noite debaixo de uma cobertura de lona, enquanto a policia se manteve de guarda ao aeroporto de Hakodate, no Norte do Japão.

O Ministério japonès dos Negócios Estrangeiros informou, entretanto, a Embaixada soviética em Tóquio que o tenente Viktor Ivanovich Belenko, que pilotou ontem o avião da Sibéria até ao Japão, desejava fixar-se nos Estados Unidos.

O piloto, de 29 anos, afirmou que não queria encontrar-se com funcionários da Embaixada Soviética — revelou o Ministério.

A Embaixada soviética solicitara uma entrevista com o oficial e acesso ao avião, assim como pedira que o Mig fosse devolvido à U. R. S. S. — disse um informador do Ministério.

O ig-25 é chamado de «Morcego» por peritos militares ocidentais por causa do seu focinho aguçado e asas quase quadradas.

Detém o recorde mundial de velocidade para aviões de combate com 2981,5 quilómetros por hora. Em 1973, o entao secretário da Força Aérea dos Estados Unidos dr. Robert Seamans, descreveu-o «como provavelmente o melhor caça interceptor que se fabrica hoje no mundo».

Técnicos militares ocidentais disseram que a fuga do piloto soviético ofereceria uma oportunidade única para avaliar, em primeira mão, tal avião.

Contudo a polícia no aeroporto civil de Hakodate comunicou que não permitiria que autoridades militares japonesas ou norte-americanas se aproximassem do avião.

Um informador da GÊNCIA DE Defesa disse que alguns peritos se tinham deslocado ao aeroporto de Hakodate prontos para cooperar com a polícia.

Jornais publicam também notícias de que dois outros Migs poderiam ter perseguido o avião do tenente Belenko quando fugiu para o Japão. Contudo, não se conseguiu obter qualquer comentário de funcionários da agência da Defesa.

O incidente com o «Morcego» suscitou também questões acerca das defesas aéreas japonesas.

O director-geral da Agência de Defesa do Japão, Michita Sakara, declarou que a aproximação do Mig, sem ser detectado, até ao aeroporto revelara que o país não estaria seguro na hipótese de um ataque a baixa altitude.

Dois caças Phantom F-4 japoneses descolaram quando o Mig-25 foi localizado pelo radar, a cerca de 300 quilómetros a noroeste de Hakodate. Contudo, os caças e os sistemas de radar em terra perderam o rasto do «Morcego» que se aproximava.

Um aspecto da cimeira da oposição espanhola, cujos dirigentes se reuniram no sábado em Madrid, pela primeira vez em 40 anos. Por outro lado, durante o fim-de-semana, o primeiro-ministro Adolfo Suárez avistou-se com Tierno Galvan, dirigente do Partido Socialista Popular, que participou na cimeira de sábado. Suárez mostrou-se disposto a continuar as conversações com a oposição sobre uma fórmula aceitável para restabelecer a democracia em Espanha. (Foto F.P.).

O "New York Times" volta à antiga

NOVA IORQUE, 7 — (R) — O «New York Times», cuja apresentação de oito colunas na primeira página lhe grangeou o epíteto de «a velha senhora grisalha», voltou hoje ao arranjo original, que tinha em 1851, de seis colunas por página.

O jornal tinha uma primeira página de oito colunas desde 1913, um arranjo considerado por críticos como uma salgalhada e por admiradores do periódico como um compêndio das principais notícias do dia.

As páginas interiores do diário têm frequentemente apenas uma só coluna de noticiário, sendo as restantes destinadas a publicidade. Isso significa que, com seis colunas, um pouco mais de espaço será agora dedicado a notícias.

O editor Arthur Ochs Sulzberger observou que a mudança fora feita para «dar ao leitor um arranjo mais aberto e mais fácil de ler e para poupar papel, a fim de baixar as despesas e minimizar futuros aumentos nas taxas de publicidade».

Possível aliança no Atlântico Sul

. BUENOS AIRES, 7 (FP) — A fase final das operações navais «Unitas XVII», que se desenrolam actualmente ao largo das costas da Argentina, com a participação de Unidades dos Estados Unidos, e da maioria dos países da América do Sul, começa hoje e terminará no sábado — soube-se em Buenos Aires.

A operação «Unitas», segundo a agência oficial Telam, consiste em manobras de treino, nas quais participam desde 1960 tropas, barcos e aviões das marinhas de guerra da Argentina, Brasil, Chile, Peru, Uruguai, Venezuela e Estados Unidos da América do Norte.

Este ano a Trindade e o Tobago juntaram-se aos outros países. Nota-se também, entre as unidades norte-americanas, a presença de um submarino atómico. As unidades navais dos Estados Unidos seguirão no fim destas manobras para o Chile, e depois para o Peru e a Venezuela, a fim de efectuarem exercícios semelhantes, antes de regressarem à sua base em Porto Rico, em 19 de Novembro próximo.

Os observadores notaram, na segunda-feira, a chegada do chefe da marinha de guerra sul-africana, o vice-almirante James Johnson, à base naval de Puerto Belgrado, situada a uns 700 quilómetros a sul de Buenos Aires.

Esta visita, feita a convite do chefe da marinha de guerra argentina, reactivou os rumores duma possível aliança intercontinental do Atlântico Sul. Segundo estes boatos, retransmitidos pela Imprensa e nunca desmentidos oficialmente, tratar-se-ia de um acordo defensivo entre os Estados Unidos, a Argentina, o Uruguai, o Brasil e a África do Sul para fazer frente à presença soviética no Atlântico Sul.

Em PORTIMÃO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na CASA INGLESA

Completam-se hoje 154 anos de independência do Brasil

. Completam-se hoje 154 anos de independência do Brasil. O novo Estado nasceu com o célebre «grito do Ipiranga», de 7 de Setembro de 1822. Aquele que viria a ser D. Pedro IV de Portugal foi proclamado o primeiro imperador do Brasil pouco mais de um mês depois da proclamação do novo Estado.

Depois da independência dos EUA no século anterior, a América do Sul e Central passava então pela época revolucionária da libertação do jugo colonial hispano-português. O sentimento nacionalista brasileiro, patente desde o século anterior, e que tivera em Tiradentes e na conspiração mineira uma das suas heróicas manifestações, cristalizara-se em torno da estadia da Família Real Portuguesa no Rio. Tendo Portugal sido invadido e ocupado pelas tropas napoleónicas, a família real tomara o calinho da fuga para o Brasil. Os grandes proprietários locais encontraram em D. Pedro a solução para a libertação do país sem arriscar os tumultos demasiado revolucionários de uma guerra de independência. O regime criado em 1822 manteve-se até 15 de Nobembro de 1899. Com a proclamação da República, o Brasil enceta nova fase da sua história. A economia brasileira gira em torno do cacau, borracha e café. Numa extensa área de 8.514.000 quilómetros quadrados, com uma população em aumento constante (80 milhões nos nossos dias), com um contante afluxo de emigrantes das mais diversas origens geográficas e raciais, o Brasil surge por altura da primeira guerra como a grande potência económica do continente. O seu desenvolvimento foi sempre marcado, porém, pela dependência. A princípio e já desde os tempos de Pombal, a dependência em relação à Grã-Bretanha. Depois, dócil instrumento da «doutrina Monroe», o Brasil, como os restantes países da sua área, vai sendo neocolonizado pelos EUA.

As suas instituições republicanas puderam no entanto manter-se sem alterações. Mas o encerramento dos mercados europeus, o afundamento da cotação da borracha e, sobretudo, do café precipitam o país numa crise a todos os níveis. O regime republicano afunda-se. O primeiro mandato de Getúlio Vargas marca a ruptura com as instituições herdadas do século XIX. A década de 60 foi de grande agitaçao no Brasil. Depois do período desenvolvimentista de Kubitschek de Oliveira, recentemente falecido, surgem os graves conflitos nascidos da força crescente do movimento de massas «Jango» (João Goulart) consubstancia as esperanças de progresso e justiça social, que serão inteiramente esmagas com o golpe militar, que enceta uma ditadura ainda hoje no poder.

O petróleo vem criar novas possibilidades ao desenvolvimento económico do país. Mas, apesar do «milagre brasileiro», tão propalado, a economia da antiga colónia portuguesa, muito embora tenha registado até 1975 indices de desenvolvimento, caiu agora no impasse. Aliás o desenvolvimento tão propagandeado nada adiantou para a esmagadora maioria da população. Mais de 60 por cento das famílias brasileiras não chegam a receber sequer o salário mínimo legal, que se situa no miserável quantitativo de dois mil escudos mensais.

Cinquenta por cento dos rendimentos são distribuidos por 5 por cento da população. Quarenta milhões de analfabetos. 23 biliões de dólares de dívida externa, uma crise sem precedentes nas exportações, entrega do petróleo às grnades companhias estrangeiras, aliança com as forças mais reaccionárias do subcontinente — eis um pequeno balanço da situação brasileira no fim de 154 anos de independência.

Contudo, a oposição ao regime vai crescendo. Em Novembro de 1974, apesar de todas as restrições, o único movimento tolerado de oposição — o MDB — conseguiu averbar uma vitória eleitoral de 62 por cento dos sutrágios expressos. Mais recentemente o funeral de Kubitschek de Olibeira, o último presidente eleito, deu azo a uma gigantesca manifestação pela liberdade. Os nomes hoje proibidos no Brasil, Luís Carlos Prestes, Francisco Julião (verdadeiras lendas vivas de luta pela justica social) não estão esquecidos pelos seus compatriotas. A 154 anos do «grito do Ipiranga», novos Ipirangas se perfilam no horizonte, por mais sombria e imutável que a realidade possa parecer.

M.S.

ÁFRICA DO SUL

Desastre com um comboio transportando moçambicanos

. JOANESBURGO, 7 — (R.) — Morreram ontem pelo menos 29 pessoas e ficaram feridas 70 quando um comboio suburbano foi esmagar-se contra a retaguarda de um Expresso em Benoni, a cerca de 24 quilómetros a sul de Joanesburgo.

Um informador dos caminhos-de-ferro sul-africanos disse que o Expresso transportava trabalhadores moçambicanos das minas de ouro de Joanesburgo para a cidade de Maputo, capital de Moçambique.

Notícias não confirmadas diziam que tinham morrido 35 pessoas.

Os bombeiros utilizaram equipamento de corte de oxi-acetileno para libertar os mortos e feridos dos destroços retorcidos dos comboios. O informador dos caminhos-de-ferro disse que investigadores estavam a examinar os destroços, mas que havia sido posta de parte a hipótese de sabotagem.

Testemunhas declararam que o Expresso estava parado num sinal vermelho quando se deu o desastre.

Um sobrevivente do comboio que se dirigia para o bairro negro de Benoni declarou aos jornalistas que a força do impacto o projectou a vários metros de distância.

Matthews Mashabane disse: «A única coisa que me lembro depois do desastre foi estar ao lado do comboio observando um braço cortado, a meus pés, na poeira.

«As pessoas saiam por portas e janelas de ambos os comboios e todos gritavam ou gemiam acrescentou.

Caleidoscópio

■ BEIRUTE, 7 — (ANOP) — Os esforços de paz do presidente eleito Elias Sarkis voltaram a complicar-se e a luta entre as duas facções continua acesa.

Os combates, os mais duros das últimas semanas, nas várias frentes incluindo Beirute, causaram ontem pelo menos 100 mortos, embora as tropas da Liga Árabe mantenham uma pequena zona-tampão entre cristãos e muçulmanos.

Tanques , morteiros e outras armas sofisticadas flagelaram o sector comercial e os subúrbios de Beirute.

■ WASHINGTON, 7 — (ANOP) — O candidato à vice-presidência dos Estados Unidos pelo Partido Republicano, o senador Robert Dole, desmentiu categoricamente que tivesse recebido qualquer contribuição ilegal do antigo agente da Gulf, Claude Wild.

Dole respondia assim a acusações publicadas na Imprensa de ontem segundo as quais Dole teria recebido da Gulf um cheque de dois mil dólares, e um dos seus colaboradores directos mais cinco ou seis mil dólares em 1973.

■ LONDRES, 7 — (R.) — O Paquistão pediu à Grã-Bretanha a devolução do famoso diamante Koh-I-Noor que é a pedra central na coroa da rainha consorte e se acha na posse dos britânicos desde 1849.

Um informador governamental revelou hoje que o pedido fora feito numa carta pessoal ao primeiro-ministro James Callaghan do seu homólogo paquistanês Zulfikar Ali Bhutto: «Estava a ser estudado» disse.

A pedra preciosa, de 109 carates, agora guardada na Torre de Londres, é considerada como o diamante mais fino do Mundo

Espectáculos

"SEMANA DO ESPECTÁCULO"

A grande maratona dos artistas portugueses

MANUEL GERALDO (texto) **RUI PACHECO (fotos)**

. «Esta nossa iniciativa, para além de pretender ser, acima de tudo, uma festa de chamada à unidade da gente do espectáculo, visa a obtenção de um fundo de maneio que permita minorar de futuro as dificuldades dos nossos camaradas reformados, a maioria a viver com pensões muito abaixo do salário mínimo nacional, e ainda para fazer face às despesas de construção da nossa sede, num terreno cedido pela Câmara Municipal de Lisboa», afirmou-nos Maria Dulce, referindo-se à realização em todo o País, de 13 a 27 de Setembro, da «Semana do Espectáculo».

Segundo Maria Dulce «o problema dos artistas reformados é verdadeiramente dramático, pois por falta de esclarecimento ou porque foram joguetes nas mãos de empresários sem escrúpulos, assinaram ao longo de anos contratos muito abaixo do seu real valor, prejudicando deste modo as suas pensões de aposentação e vivendo hoje em péssimas condições, quando não na mais aviltante miséria». «Daí — disse-nos — a obrigação moral que este Sindicato sente em pôr termo, através de todos os meios ao seu alcance, a tão injusta situação, fruto de um passado recente. Quanto à necessidade de uma nova sede, fixa-se, sobretudo, em possuirmos, de futuro, instalações que integrem uma ou duas salas com condições para a efectivação de plenários ou assembleias gerais de associados, sem o recurso a salas emprestadas como ora acontece, com a existência de uma creche onde as artistas, costureiras e auxiliares de cena possam deixar os seus filhos durante as horas de trabalho, e ainda um salão para espectáculos, que não precisa de ser muito grande, destinado aos artistas de variedades, os mais sacrificados ao longo dos últimos anos, de forma a que ali possam actuar periodicamente, fugindo a espectro angustiante do desemprego».

CARÊNCIA DE VALORES REAIS

O problema do desemprego no sector dos espectáculos concita, como é natural, viva polémica. Para António Machado, actor inactivo por falta de colocação, assiste-se ao aparecimento de numerosos desconhecidos, não sindicalizados e com outras profissões, enquanto artistas profissionais com provas dadas são preteridos, numa marginalização selectiva e necessariamente premeditada. Isto devido a uma manobra oportunista de alguns empresários, à qual vem juntar-se o encerramento de alguns teatros, como o S. Luís, o Trindade , a ser utilizado apenas em meio tempo e o Villaret que, em breve irá funcionar como estúdio privativo da Radiotelevisão Portuguesa. «O que não entendo — frisa António Machado — uma vez que a TV abandonou o Maria Matos sob a alegação de não possuir verba suficiente para a sua manutenção».

Quanto ao coreógrafo Carlos Alberto, o desemprego que ora atinge as bailarinas portuguesas deve-se «a uma invasão maciça de bailarinas inglesas, na sequência do que já vinha acontecendo com profissionais de origem espanhola e francesa».

Já para José Viana o problema é um facto a que estão ligadas causas bem mais profundas. E especifica o seu pensamento: «A falta de ajudas concretas do Estado, a falta de estruturas motivaram carências de tal ordem que, hoje em dia, não se poderá falar concretamente numa crise de trabalho, mas sim numa crise de valores. É impossível, por exemplo, levantar aqui em Portugal peças com 30 ou 40 figurantes, pagando a cada um deles ordenados justos e suficientes. Isso só será viável quando o Estado cumprir a sua obrigação, criando elementos como deve ser, neste panorama de tremenda confusão em que actualmente vivemos. Se pensassem em formar agora uma companhia para o Teatro Nacional, com o «naipe» de artistas necessários, todo o restante teatro em Portugal ficaria paralisado. A qualidade dos actores é confusa. A qualidade é má, porque as pessoas não têm (são as tais sequelas do fascismo) técnica suficiente para formar uma companhia Nacional. Por isso, falar de desemprego é uma coisa muito complicada, porque penso que as pessoas se podem organizar perfeitamente em cooperativas, e algumas experiências positivas já foram feitas neste capítulo».

Depois de referir que, no sector dos espectáculos, vivemos ainda com estruturas iguais às do passado, não se recordando até de que antes do 25 de Abril, à semelhança do que está a acontecer, o Estado tenha subsidiado companhias profissionais de empresários, José Viana advoga a necessidade dos trabalhadores ultrapassarem certos condicionalismos, certos individualismos, certas formas erradas, viciadas de convivência. «Além disso focou os trabalhadores têm de ser ouvidos sempre que se trate de legislar. Depois, a atribuição de subsídios constitui outra matéria em que temos de ter participação activa. E a Lei de Teatro? O que é feito da Lei de Teatro, em que andámos meses e meses a trabalhar, a discutir? Lei que podendo não ser perfeita, representava, contudo, o consenso da maioria dos trabalhadores ligados ao Teatro. Que é feito dela? Que é que neste momento o Governo, as pessoas que legislam, estão a pensar acerca da Cultura em Portugal, ao serviço de quem deve estar essa cultura no nosso país. Não se poderá falar no sector teatral, desligando-o de toda uma panorâmica cultural, de um projecto futuro. E nós, como povo, como cidadãos, como profissionais do espectáculo, teremos sempre uma palavra a dizer, e, se isto está a acontecer, ainda não demos por isso».

Maria Dulce: «Lutamos por uma nova sede, mas acima de tudo pela unidade da nossa classe, e por uma melhoria na situação dramática da grande maioria dos artistas reformados»

ULTRAPASSAR DIVERGÊNCIAS

Ao abordar o tema relacionado com a «semana de Espectáculo», que terá como momento fulcral a «Grande Maratona», a realizar no Coliseu dos Recreios, Maria Dulce voltou a integrá-la na tarefa prioritária que presentemente mobiliza os artistas de todas as tendências, em busca da unidade necessária e urgente. Nesta luta que estamos a travar — realçou Maria Dulce, temos encontrado a solidariedade de todos os trabalhadores, através da União dos Sindicatos, bem como da Direcção-Geral dos Espectáculos e do Governo Militar de Lisboa».

Carlos Coelho que, nas últimas eleições sindicais integrava uma das listas vencidas, aparece na organização desta Semana como um dos elementos mais activos, porque, de acordo com as suas palavras «os trabalhadores dos espectáculos precisam, acima de tudo, de se encontrarem, de unirem as mãos, de ultrapassarem divergências, pois só assim poderão formar uma grande força, uma força indestrutível, dando assim solução aos seus problemas mais prementes».

Durante a Semana, para além dos espectáculos já programados, haverá manifestações, incluindo bancas de venda de autocolantes e outro material, em todas as casas de espectáculo em actividade.

José Viana, pergunta: «O que é feito da Lei do Teatro, em que andámos meses e meses a trabalhar?»

«ALAVANCA»

A TODOS OS TRABALHADORES :

O «Alavanca», semanário da Intesindical Nacional é um órgão de informação político-sindical que tem como principais objectivos contribuir para a organização dos trabalhadores, **elevar a sua consciência de classe e armá-los ideo**lógicamente contra os seus inimigos.

Pretende também dar melhor cobertura informativa das lutas dos trabalhadores.

Atendendo às características próprias do «Alavanca», torna-se necessário que os trabalhadores enviem cada vez mais notícias das lutas que no dia-a-dia travam nos locais de trabalho.

A leitura do «Alavanca» pode contribuir para o reforço da unidade dos trabalhadores. Todos os activistas sindicais, todos os trabalhadores devem de estudar o seu jornal, fazer críticas e enviar sugestões para que ele melhore o seu conteudo, aspecto gráfico, etc.

O «Alavanca» passa a sair às terças-feiras. E distribuido pela CDL-Central Distribuidora Livreira. Hoje dia 7 de Setembro, encontra-se já à venda nas bancas comerciais.

Os trabalhadores podem encontrá-lo nos seus sindicatos, às terças-feiras e quartas-feiras de cada semana.

Trabalhador lê e divulga o teu Jornal o «Alavanca», na tua mão defende a Revolução.

PUB

SINDICATO DA INDUSTRIA METALURGICA DO DISTRITO DO PORTO

Convidam-se os delegados sindicais para um plenário a realizar no dia 8/9/76, pelas 16 horas no Círculo Católico à Rua Duque de Loulé, 202 — Porto, sobre o CONGRESSO DOS SINDICATOS.

Mais se convidam os delegados da zona da Trofa para um plenário a realizar no mesmo dia e hora na Delegação da Trofa, com o mesmo fim.

A DIRECÇÃO

MADEIRA

VIAGENS ESPECIAIS em AVIÃO FRETADO

desde 3 040$ 4 noites

1 a 5 OUT 3 noites

29 OUT a 1 NOV 3 noites

30 NOV a 8 DEZ 8 noites

(feriados de OUT·NOV·DEZ)

Europeia

a experiência ao serviço do turismo

Em SILVES o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFÉ D. SANCHO I

Cinema amador

. CANNES, 7 — Uma candidatura austríaca, «Gott in Togo» conquistou o grande prémio este ano no Festival Internacional de Cinema Amador em Cannes.

O filme foi dirigido por Kurt e Inka Keil.

JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL

II FESTIVAL DE MÚSICA DA COSTA DO SOL

Quarta-feira, 8 de Setembro de 1976 às 21.30 horas

PAVILHÃO DE CONGRESSOS-ESTORIL

RECITAL BACH

PAUL TORTELIER * Violoncelo

PROGRAMA : J. S. BACH — Suites n.os 1, 5 e 6, para violoncelo

PREÇO ÚNICO: 30$00

Televisão

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

MAS O QUE É QUE A GENTE TEM A VER COM AQUILO?

. Mandava o regulamento consultudinário que uma rubrica passasse do primeiro programa para o segundo. Para o segundo programa iam as repetições, o «foi o êxito na TV», as rubricas da televisão à hora do almoço, na sua quase totalidade. UHF não possuía (como não possui) qualquer espécie de autonomia face ao seu irmão VHF.

Nos últimos tempos temos assistido a algumas estreias no segundo programa. Como exemplos mais perto de nós, recordarei a *Mandrágora,* e uma emissão de *Cantigamente.*

. Espera-se que pelo interesse, a vários títulos, de ambas as rubricas a grande maioria dos telespectadores que são os do primeiro programa não se vejam privados delas. Lembro sem excessivos alarmismos, que a peça *Mandrágora,* grande êxito artístico de actores portugueses, já chegou a estar anunciada para o primeiro programa — tendo sido, à última hora, substituída por uma destas sessões de teatro francês — *Au Théâtre ce soir,* uma das emissões mais populares em França.

Nesta rubrica tivemos ontem uma peça de André Roussin *Os ovos da avestruz.* É uma amostra típica de cultura «ocidental» em regime de social-democracia: o beco sem saída da falsificação das relações humanas e a resignação generalizada, de acordo com a inércia das plateias burguesas; a degradação da vida familiar ao mesmo tempo que a árvore podre se mantém de pé; a degenerescência da juventude burguesa, filha da ausência de um sentido para a vida, aceite como uma coisa natural, com a qual se mercadeja em plena paz da consciência...

Peças deste calibre não contribuem nada para a formação cultural do nosso povo. Face ao interesse que o teatro está a merecer por esse país fora, através do trabalho de novos grupos de amadores, não me parece que «os ovos de avestruz» possam constituir um incentivo, uma resposta adequada, uma simples sugestão de repertório. Haver, por um lado, a democracia a construir e a defender; adiantar para seu consumo ideológico elementos que não participam nessa luta — antes distraem dela — eis como, no processo se enquadra hoje a Televisão Portuguesa.

Muito «original», concorde-se. Mas muito perigoso.

Bom. O rapazinho mais novo continua chulo, o mais velho continua maricas, e alto costureiro, a mulher continua com um amante à espera, o marido continua, pacificimente, com a testa disponível para os cornos — e perante tão grande confusão, o Povo Português ameaçado de tantos lados, que não é informado pela Televisão dos grandes perigos e da arte e da urgência em vencê-los...

O EXEMPLO VEM DO SEIXAL

Os verdadeiros problemas nacionais como os trata a Televisão? Relega-os para as horas escandalosas, boas para morcego ver, nada indicadas para o público a que mais interessariam. O Telejornal agarra neles e transforma-os em manta de retalhos cerzida à pressa.

Está neste caso, por exemplo, o sucedido em Vale de Milhaço, no concelho do Seixal. Lá proliferam as construções clandestinas, o que levanta sérios problemas à organização dos múltiplos serviços. Muitas situações foram já resolvidas **sem repressão**...

Aqui está a lição, aqui está a grande novidade para o Portugal de hoje e sem a qual não haverá Portugal de amanhã. A Comissão Administrativa do Seixal pôs de lado a repressão e utilizou o diálogo. Posição correcta. Não pode ser doutra maneira. Se o que se tem em vista se dirige no sentido do interesse das populações, estas compreenderão, haverá sempre formas de as levar a compreender sem o recurso à força; a repressão é o recurso de quem opta pela imposição contra os interesses do povo.

Neste sentido falou Eufrásio Filipe, ao sublinhar a necessidade de serem as próprias populações a interferir na elaboração dos planos; Rafael Cardoso, da comissão de moradores, lembrou que os moradores compreenderão a necessidade de ajustamentos que em nada feremos seus direitos, e no mesmo sentido se pronunciou Brioso Gala, coordenador do plano, que enumerou os vários melhoramentos que transformarão um bairro de clandestinos, num bairro de gente consciente dos seus direitos, com zonas verdes, escolas, jardins infantis, posto de assistência médica, centros de convívio — enfim, tudo o que representa qualidade de vida, que representa o mesmo é dizer a palavra socialismo...

António Matos, membro como Eufrásio Filipe, da Comissão Administrativa ia contar-nos a raiz daquela decisão. Lembrou que, durante o fascismo, 25 por cento do solo do concelho fora vendido clandestinamente; que éstava em jogo o interesse de dezenas de milhares de pessoas; que uma posição realista mandava considerar, ponderar este problema.

Evidente que sim. Enveredar por especulações legalistas corresponderia a amontoar dificuldades de ordem social e humana que nada aproveitariam à colectividade. Assim se abre caminho ao diálogo; assim se condena a repressão.

Infelizmente, a intervenção de António Matos foi abruptamente cortada. A experiência do elemento da Comissão Administrativa seria de grande utilidade para a educação do nosso povo através da Televisão.

Mas a Televisão não joga a fundo nessas preocupações...

ANIMAÇÃO NO ALGARVE

Exposição de cartazes polacos inaugurada em Silves

. Com espectáculos de música e teatro prosseguiu neste fim-de-semana, simultaneamente em Silves e Tavira, o Calendário de Animação do Algarve.

Cerca das 19 horas de anteontem foi inaugurada na Câmara Municipal de Silves uma exposição de cartazes da Polónia, à qual estiveram presentes o embaixador da Polónia e sua esposa, o almirante Pinheiro de Azevedo e Esposa, vários presidentes de câmaras municipais do Algarve, o representante do turismo sueco e um representante da Cooperação com a República Federal da Alemanha. Seguiu-se um jantar oferecido aos convidados e finalmente às 21,30 horas no Castelo de Silves decorreu um espectáculo pelo agrupamento coral «Vértice» e um espectáculo de teatro pela «Casa da Comédia», que estreou no Algarve «As Lendas Portuguesas».

Esteve ainda presente o presidente da Comissão de Turismo do Algarve, que representou o director-geral do Turismo.

No castelo de Tavira também às 21.30 horas decorreu um recital de música instrumental pelo Agrupamento de Metais de Lisboa.

Cinema japonês de combate será apresentado em Leipzig

. «O documentário japonês — suas tradições democráticas e de combate» — é o tema de uma retrospectiva do cinema japonês que será apresentada no XIX Festival de Leipzig, de 20 a 27 de Novembro deste ano. Até agora já foram escolhidas 40 películas para a retrospectiva: 12 anteriores a 1945, 16 que abrangem o período de 1945 a 1960, e as restantes que tratam de acontecimentos recentes.

As películas são dedicadas, acima de tudo, às lutas da classe operária japonesa pelos seus direitos sociais e políticos, ao movimento contra a guerra atómica e à luta dos trabalhadores japoneses contra a contaminação do ambiente pelos monopólios.

Esta retrospectiva, organizada pelo Arquivo Cinematográfico Estatal da República Democrática Alemã, dará à opinião pública a oportunidade de conhecer, pela primeira vez, uma linha cinematográfica japonesa praticamente desconhecida no estrangeiro.

Morreu o pai de Sophia Loren

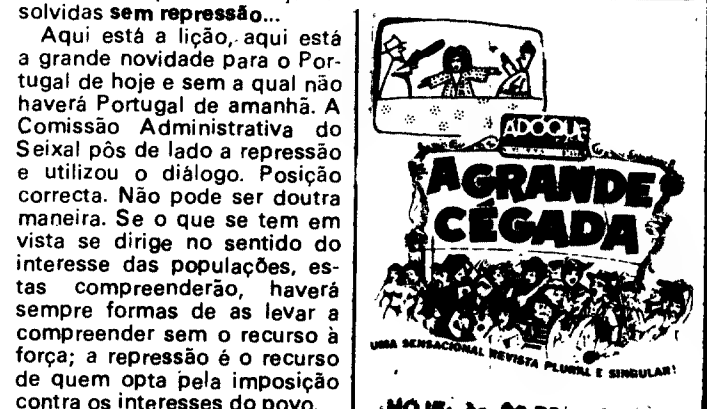
. ROMA, 6 — (R.) — O pai da actriz cinematográfica Sophia Loren morreu anteontem à noite, uma semana depois de um encontro, no leito da morte, com sua filha.

Sophia Loren havia jurado há muitos anos que não voltaria a ver seu pai, Riccardo Scicolone, porque este a abandonou quando ela tinha seis anos de idade.

No domingo passado, quando aquele já se encontrava moribundo, Sophia foi visitá-lo. Com ela foram seus dois irmãos e sua irmã Maria, que está divorciada de Romano Mussolini, pianista de jazz, filho do falecido ditador italiano.

Ricardo Scicolone contava 64 anos de idade. Morreu de uma doença de fígado num hospital de Roma.

Em LAGOS o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no QUIOSQUE de LAGOS



Hoje

Joaquim Letria em Terça-Feira à Noite

I PROGRAMA

19.00 Abertura e **«A Pedra Branca»**
19.25 **Corpo Musical**
19.55 **Com Todas as Letras**
20.30 **Telejornal** — 1.ª edição
21.05 **«O Grande Amor de Balzac»**
22.05 **Terça-Feira à Noite** — programa de Joaquim Letria.
23.00 **Telejornal** — 2.ª edição
23.15 Fecho

II PROGRAMA

20.00 **«Wickie, o Viking»**
20.25 **Relax, Relax**
21.50 **Telejornal** — em diferido
22.20 **Concerto Polaco**
22.40 Fecho

Amanhã

I PROGRAMA

. . . . **19.00**: Abertura e «Volta ao Mundo em 80 Dias»; **19.25**: **Guerra Junqueiro**; **19.55**: Educação Permanente; **20.10**: Vamos Jogar no Totobola; **20.30**: **Telejornal** — 1.ª edição; **21.05**: «O Anjo»; **22.50**: Telejornal — 2.ª edição; **23.10**; Fecho.

II PROGRAMA

. . . . **20.00**: Abertura; **20.20**: Fronteiras do Amanhã; **20.40**: **Da Saúde e da Vida**; **21.00**: «Sweeney»; **21.15**: Telejornal — em diferido; **22.25**: **Sabe** que há um Museu dos Fósforos?; **23.10**: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS - CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 722786-834271
Avenida S. João de Deus 12-B - Rua Macau 9

Nacional

TRIBUNA LIVRE

Carta de luta ao meu país

. «Povo português, nosso e meu povo:

. Escrevo-te como quem te procura. Como quem se quer reencontrar e reconhecer, reaprendendo os teus problemas, o caminho da tua força, da tua acção necessária.

Ontem, na ditadura, no terror, no fascismo, na exploração sem freio dos grandes, foi fácil encontarmo-nos. É que na tragédia foi mais simples que todos nos unissemos. A vida era, claramente, a opressão e a liberdade por conquistar. A vida era o povo que recriava a liberdade e um país.

Nós, homens, mulheres, jovens — que em ti, melhor ou pior, repetindo e recomeçando a história do nosso país, nos tínhamos formado instruíamos, sabíamos, aprendíamos dolorosamente, hora a hora e ano a ano, que tudo afinal se reconduzia à liberdade de quem tudo fizeram, isto é, à tua liberdade trabalhadora. E nela nos reconhecíamos como destino democrático de bem-estar, de progresso e de paz.

Em ti e contigo entendemos, sob a ditadura monopolista e estrangeira, o sentido e o futuro infinito da palavra liberdade: em ti era contigo sabíamos que vencermos, que termos um poder do povo, que termos democracia, era não termos mais guerras, contra nós e contra outros povos, era desde logo, imediatamente, varrermos, derrotarmos e banirmos as guerras coloniais, reconhecendo, a nós tal como a outros povos e homens, do direito à independência e ao bem-estar; era não termos mais, contra as nossas cabeças e as nossas vidas, a lei da opressão, que é a lei da nossa condenação a uma existência limitada e absurda; era a real independência da Pátria e de cada português, emigrado que não fosse, nem mais devesse continuar a ser; era vivermos melhor as nossas vidas, descobrindo o destino ainda mais livre e pleno dos nossos filhos — alargando-as, florescendo-as, desbravando-as, sendo-as desde hoje. Afinal, tudo visto, era, na nossa história, nos nossos dias, o caminho, de, até onde pudéssemos, não deixarmos de pé a exploração de alguns contra todos. Contra a Pátria. Contra o Povo. Contra a vida.

Isso era. Isso começou a ser. Isso foi e é a nossa luta. Isso foi e é a nossa vitória. E de que maneira... Com cravos e massas populares... Tal era e é a força do povo.

E hoje, que vemos? Oh! Em primeiro lugar, por vezes em dominante lugar, o que é notório é que nestes nossos dias, mais do que a linguagem do nosso movimento, dos nossos problemas reais, do nosso destino, o que é certo é que muitos, em Portugal e sem povo, falam «política». Vitória do povo, da liberdade e do progresso? Certo. Mas vitória que os opressores derrotados procuram utilizar em seu proveito. De facto, de que política falam? Por que acção política agem? A política que traduz e realiza a vida, o país e o mundo que queremos? Ou a política da ilusão das nossas reais conquistas, a tradução nos nossos dias da política burguesa e imperialista, que ignora e combate a liberdade e o povo? Que afinal é o reverso do gume da liberdade que rasga o nosso futuro? E que assim nos ameaça atingir e fazer perder?

. Em tempos passados, acumulados, sofridos e, assim, criadores, cada um de nós aprendera, até em dias sem parente amanhã, que o bê-á-bá da democracia e do socialismo era o reino do povo que trabalha e que luta. E dos seus interesses. O domínio do homem sobre a Natureza, sobre o Estado e não contra si mesmo; um domínio que, tudo transformando em seu proveito, por isso mesmo serve o mundo material e vivo: a nova lei da Humanidade incarnada principalmente pelos seus sectores mais trabalhadores, explorados e progressivos, que pode, deve e consegue abolir a lei histórica da exploração e os seus odiosos ditames e regulamentos. E que, desse modo e infinitamente, semeia e cultiva a lei da sua nova, libertadora e libertada unidade popular.

E hoje? E hoje? Em que obstáculos tropeçamos, alheando-nos do nosso caudal revolucionário?

. omens, companheiros, amigos e irmãos de temp e de destino: a verdade é que muitas vezes cada um de nós vacila na herança vivida, pensada e mental que aprisiona os nossos passos de liberdade. A verdade é que, na nossa divisão, ainda pesa a lei de quem, explorando-nos no nosso trabalho, nos soube sobretudo, secularmente, *dividir. Isolar. Reduzir.* Roubar-nos o sentido popular da nossa marcha para a liberdade. A verdade, doa-nos pouco ou muito, é que muitos de nós, trabalhadores, não querendo a opressão nem querendo servi-la, acabámos por nos deixar corromper contra a nossa liberdade, contra o nosso progresso e a nossa felicidade. A verdade é que o teu confinamento a qualquer partido, seja ele qual for, seja ele o teu — fora de uma acção social, à margem de uma acção diária, deliberada e persistente, contra a exploração e a opressão — nunca poderá ser a tua história toda, toda a tua luta, a tua liberdade e a tua felicidade. Toda. E futura. E certa. A verdade é que quem assim, sendo vivo, está, apenas assiste; não participa na liberdade; não é democracia. Porque não as faz. Porque contra elas naufraga e se atraiçoa.

A verdade, homem, mulher, jovem, companheiro, é que a lei da hora da vitória, do futuro, do progresso, da liberdade, é a lei de quem trabalha, ou quer fazer, ou age em favor de quem o faz.

Essa e a tua lei. Essa é a lei da liberdade. Essa é a lei popular e patriótica dos nossos dias. Essa é a lei que luta e que vence. Não a deixes confundir. Não a percas. Usa-a. A fundo. Como lei da tua acção. Da tua consciência. Da tua verdade. Do teu triunfo. Do povo que és tu.

Essa é a lei que comanda a tua luta, a tua unidade e a vitória actual da revolução antomonopolista e anti-imperialista, que é o prefácio da revolução socialista, da revolução da liberdade, do triunfo para sempre de quem não explora nem oprime, e gera o progresso do homem. Usa-a. Vence. Avança. Sê em ti, na tua vida e no que fazes, a vida e o caminho da liberdade. Clarividentemente. E assim na acção. E na união popular.

Pedro Ramos de Almeida»

Água a pulso e balde no prédio 43 do Bairro da Liberdade...

. Os 23 inquilinos deste prédio de ar sombrio e frontaria destroçada, sito no Bairro da Liberdade, continuam sem possuir água canalizada, apesar dos constantes apelos dirigidos à Câmara Municipal de Lisboa, entidade proprietária. Daí o recurso a um chafariz das imediações, localizado numa curva apertada e sinuosa, o que coloca os seus moradores, a maioria de idade já avançada, em perigo constante de serem atropelados pelos autocarros da Carris.

Mas outras carências atingem os inquilinos do prédio 43: os telhados repletos de goteiras, as janelas apodrecidas e desmanteladas, as casas de banho, exteriores e em madeira, reduzidas a uma pia para os despejos. — **Se não fosse aproveitar todos os minutos que tenho livres para tapar os buracos, colocando telha aqui reboco acolá, já me tinha caído a casa em cima**, afirmou-nos apreensivo um dos moradores. E entre outros desabafos, o de uma septuagenária, ali residente há cerca de 50 anos: — **Para me arranjarem as janelas, o mês passado, tive de fazer dezenas de exposições à Câmara, ao longo de dez anos ou mais. Quanto à água já esteve cá um canalizador a tirar medidas, mas como conteceu noutras deve ter sido só fogo de vista.**

Perguntamos: será que sobre os inquilinos do prédio 43 do Bairro da Liberdade paira a ameaça de carregarem eternamente a água a pulso e balde e a suportarem a chuva dentro de casa no Interno e os cheiros pestilentos no Verão? O novo Portugal em construção exige à Câmara de Lisboa que assim não seja...

Em Sever do Vouga

Toda a noite na "bicha" para consulta médica

. Aveiro, 7 — Começam por volta das duas horas da madrugada as «bichas» para as consultas médicas no posto da Caixa de Previdência de Sever do Vouga. Inúmeras pessoas tomam vez a partir daquela hora porque é a única possibilidade de se avistarem com o médico. Ainda assim, o número de pessoas admitidas à consulta é em regra inferior aos doentes que tomam lugar na «bicha» pelo que novas noites de espera os aguardam. O referido posto médico depende da Caixa de Previdência de Aveiro e não dispõe de meios para resolver este caso estranho em que os próprios doentes têm de passar a noite na rua para serem observados.

PUB

AOS SINDICATOS AOS TRABALHADORES PORTUGUESES:

A reunião geral de sindicatos, realizada no passado dia 4 com a participação de 170 sindicatos, decidiu por unanimidade:

1 — Ser dado à Comissão Nacional Organizadora Provisória um prazo de 8 dias, a partir de ontem, segunda-feira, dia 6, para — em face dos vários projectos de regulamento já apresentados ou a apresentar — elaborar o projecto de regulamento do congresso.

2 — Que durante o período de um mês se leve à discussão dos trabalhadores o referido projecto de regulamento.

3 — Que findo esse prazo, seja convocada uma reunião geral de sindicatos para aprovação definitiva do regulamento e para marcação da data de realização do congresso.

No cumprimento do ponto 1 desta decisão, convida-se todos os trabalhadores a apresentarem sugestões ou projectos de regulamento, enviando-os para os seus sindicatos que os remeterão, até à próxima segunda-feira, dia 13 para a Comissão Nacional Organizadora Provisória do Congresso Rua Victor Cordon, n.º 1 - 3.º em Lisboa.

Lisboa, 6 de Setembro de 1976

A Comissão Nacional Organizadora Provisória do Congresso

A TELEVISÃO AMERICANA no CASINO ESTORIL

8 e 9/SETEMBRO * SALÃO RESTAURANTE, 23h.

TONY MARTIN & CYD CHARISSE SHOW VEDETAS MUNDIAIS DO CINEMA E DA TV

NICHOLLS & HONEY BLACKWITS "BLUEBELL GIRLS"

500$00 (I.S.C.) p. pessoa c. direito a 100$00 de consumo (bebidas) **JANTARES AOS PREÇOS NORMAIS**

TODAS AS NOITES

ATÉ 7/SETEMBRO

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE AS 23.30 H.

LOVE TOGETHER (Não acons. a m. 13)

LIDIA RIBEIRO BLACKWITS

"BLUEBELL GIRLS' SHOW"

NO WONDER BAR A 1.0 H.

LES KAYATS além das restantes atracções

(Interdito a m. 18 anos)

BALLET — PROFESSOR/A

Que esteja interessado em leccionar no Porto (PARNASO) procure F. C. Oliveira na Estalagem do Cavalo Branco (Lisboa) hoje, dia 7.

Desporto

COM VISTA AO "MUNDIAL"

Preparação no Jamor mete bola e alegria

Esta manhã o relvado do Jamor sentiu o peso e o empenho dos convocados portugueses com vista aos jogos preliminares, na fase do apuramento, das equipas que se poderão qualificar para o «Mundial» de 1978, a realizar na Argentina. À hora a que o nosso jornal sai das máquinas, co o fundo desejo de uma recepção, por parte dos seus vendedores, diferente da de ontem, os vinte e seis convocados para esta primeira fase de trabalhos da selecção nacional evoluem no Estádio Nacional, completando, assim, o esforço e as normas da sessão de desentorpecimento esta manhã processada.

No horizonte desenham-se, como é do conhecimento dos amantes do couro, encontros reputados como decisivos e, portanto, transcendentes, centralizados em torno da vivacidade dinamarquesa e do peso e categoria, além de prestígio, dos polacos. A Polónia e a Dinamarca, simplificando as expressões e o momento, são os próximos e mais perigosos adversários da nossa equipa, que muito humanamente aspira a estar presente na Argentina de Videla, do retorno ao fascismo, da repressão sobre os trabalhadores, e que, com a decisão de manter o «Mundial» marcado para o seu território, procura mascarar toda a espécie de exageros cometidos sobre os seus explorados.

Os jogadores do Benfica, faltosos na sessão marcada para a semana finda, estiveram esta manhã no Jamor, onde dos vinte e seis as únicas ausências se limitaram a Isidro (Belenenses), ao «leonino» Fraguito e a Vítor Baptista (os quais não foram chamados) e aos futebolistas do F.C. do Porto, que amanhã, como noutro local se refere, terão árdua tarefa, a nível «uefeiro», com os germâncicos do Schalk 04.

Hoje ainda, os jogadores convocados retornam aos seus clubes, aguardando a convocação prevista para 20 do corrente, que levará ao Porto, de acordo com o programa anteriormente estabelecido, os presentes para a segunda sessão de trabalhos.

Entretanto, foram estes os jogadores convocados para a sessão de hoje: Costa (Académico de Coimbra); Melo, Cardoso, Sambinha, Isidro e Amaral (Belenenses); Botelho, Artur, Carolino e Francisco Mário (Boavista); José Mendes, Laranjeira e Manuel Fernandes (Sporting); Bento Pietra, Artur, Barros, Vítor Martins, Toni,, Shéu, Nené e Moinhos (Benfica): Marinho e Chico Faria (Sporting de Braga); Rebelo (Vitória de Setúbal) e Pedroto e Rui Lopes (Vitória de Guimarães).

PORTUGAL

CARDIA COM HOQUISTAS

O dr. Sottomayor Cardia, ministro da Educação e Investigação Científica, recebeu, ao princípio da tarde de ontem, no seu gabinete de trabalho, a embaixada de Hóquei em Patins que dentro de dias parte para Oviedo, onde vai defender o título de Campeão do Mundo

A embaixada hoquista cefiada pelo presidente da Federação Portuguesa de Patinagem, dr. José Castel Branco, e dos jogadores que fazem parte da representação portuguesa, que poucos momentos antes tinham ido apresentar cumprimentos de despedida ao secretário da Juventude e Desportos, foram acompanhados por este ao ministro Sottomayor Cardia.

PONTEVEL

Florentino Monteiro, do Bombarralense, venceu o Circuito de Pontével perto do Cartaxo, destinado ao escalão de amadores-populares e disputado num traçado que compreendia 10 voltas àquela localidade ribatejana e passagem por Vale da Pinta e Cartaxo. Na penúltima volta, já com alguns dos 66 participantes fora da corrida, Florentino Monteiro arrancou, deixando os seus adversários àtrasados, os quais se classificariam por esta ordem (depois do vencedor): Lima Fernandes (Bombarralense), Arsénio Paixim (idem) e Benedito Ferreira, ainda do (Bombarrelense).

F.C. DO PORTO NA LUZ

Homens do Schalke (04) aguentarão o "choque"?

O F. C. do Porto despoleta amanhã, no Estádio da Luz, por interdição do seu campo a nível uefeiro, a participação portuguesa nas provas europeias, defrontando o Schalk 04, uma das mais poderosas equipas germânicas, justamente classificada na 6.ª posição do campeonato daquele país na temporada passada. Equipa que é, relativamente, uma incógnita para este «Porto-de-Pedroto» que não esteve presente, sábado, nas Antas, ante o Portimonense, mas que é, sem qualquer espécie de dúvida, uma das equipas com que o público português conta para alcançar a eliminatória que se segue na Taça UEFA.

Os portistas descerão, amanhã, ao relvado da Luz sem quatro dos seus melhores elementos (Dinis, Gabriel, Tibi e Oliveira), punidos pela Comissão de Disciplina da UEFA após os execráveis incidentes verificados, para a mesma prova, com o Hamburg, significativamente uma das equipas do «campeonato» do Schalk 04. Apesar dessas ausências, e até porque, no fundo, o encontro de amanhã poderá ser, no bom sentido, uma espécie de «ajuste de contas», os portuenses são favoritos, mesmo tendo em conta a incógnita acerca do verdadeiro valor da equipa germânica, e, também, a forma como os pupilos de Pedroto evoluirão fora do seu ambiente, sem o típico calor das Antas.

A caravana portista já se encontra em Lisboa e, à procura de «vingança», não esquecerá (Pedroto, claro) que o «association» germânico pertence ao tipo de futebol no qual não nos encaixamos com proveito, além do Schalk ter nas suas fileiras um terrível rematador de nome Klaus Fischer, além de outras que se situam ao mesmo nível do «enfant gaté» que é nas hostes «schalkianas» Fischer.

LÁ FORA

CLAY SEM MULHER

A mulher de Mohamed Ali, Halila, está prestes a divorciar-se do campeão mundial de pesados, acusando-o de crueldade mental e de abandono do domicílio conjugal. Casados desde 1967, Mohamed e a mulher separaram-se recentemente, tendo o advogado de Halila revelado que esta solicitara o divórcio, em tribunal, a semana passada. O boxeur foi informado do pedido de divórcio quando se encontrava em Shoxlow, no Arizona, treinando-se para o seu combate de 28 de Setembro, contra Ken Nogtom.

PALOMO

O espanhol Victor Palomo, em Yamaha, ganhou o Grande Prémio da Holanda de Motociclismo, na classe de 750 centímetros cúbicos, penúltima prova do Campeonato do Mundo da categoria, disputada no circuito de Assen.

Com esta vitória, Victor Palomo passou para o segundo lugar na classificação mundial. No primeiro lugar continua o norte-americano Gary Nixon, com 47 pontos, contra 42 de Palomo.

O francês Michel Rougerie está na terceira posição com 40 pontos.

RECORDES

Alexander Grebenyuk, da União Soviética, foi o vencedor do Decatlo Internacional de Talence, conseguindo 8468 pontos, marca que constitui novo recorde europeu.

O anterior recorde europeu pertencia ao seu compatriota Nikolay Avilov, com 8454 pontos.

Neste decatlo participou pela primeira vez o francês Guy Drut que estava em segundo lugar depois de nove provas. Nos 1500 metros, última prova do decatlo, Drut caiu esgotado quando faltavam cerca de 800 etros para o final. O atleta francês levantou-se e auxiliado por alguns espectadores desistiu da prova.

TOTOBOLA

Jogue connosco

Setúbal - Varzim	1
Boavista - Académico	1
Belenenses - Estoril	X
Benfica - Braga	1
Guimarães - Sporting	X
Portimonense - Atlético	1
Leixões - Porto	X
Beira-Mar - Montijo	1
União Lamas - Chaves	X
U. Coimbra - Peniche	X
Olivais - CUF	2
Olhanense - Juventude	X
Almada - Marítimo	X

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDUSTRIA E COMÉRCIO FARMACÊUTICOS

CASO LILLY — FARMOQUÍMICA INDIANA, LDA.

COMUNICADO

1. A poderosa multinacional Eli Lilly Co., através da sua associada em Portugal Farmoquímica Indiana, Ld.ª, continua a sua ofensiva no sentido de levar à prática o despedimento colectivo de quinze trabalhadores.

Esta acção é a última de toda uma série de chantagens, provocações, aliciamentos e coacção psicológica feitas a trabalhadores desde Março de 1975 do que resultou a saída da empresa de trabalhadores dos mais antigos, a quebra da tão necessária unidade dos trabalhadores e a extinção de alguns sectores de actividade da empresa.

Tal procedimento faz parte de todo um plano de sabotagem económica cientificamente elaborado que visa à desestabilização da vida socio política portuguesa como forma de melhor permitir à recuperação capitalista, a anulação das conquistas dos trabalhadores e ao retrocesso do processo político português iniciado em 25 de Abril de 1974.

2. A pseudo-argumentação patronal para fundamentar este depedimento colectivo foi facilmente destruída pelos trabalhadores em relatório apresentado às entidades competentes, do que resultou a proibição do despedimento colectivo por despacho emitido pela Secretaria de Estado da População e Emprego em 20 de Agosto.

3. A administração da empresa em demonstração de evidente ingerência política, que, de resto, tem caracterizado a actividade das multinacionais em Portugal, não cumpre o despacho governamental, viola a legislação em vigor e considera o despedimento como facto consumado.

4. A violação dos interesses dos trabalhadores e o total menosprezo pelos governos são posições habituais e constantes do imperialismo, do capital monopolista, das multinacionais. Os trabalhadores da Indústria e Comércio Farmacêuticos não permitirão que a Lilly continue a sua escalada em Portugal.

5. O Sindicato dos Trabalhadores da Indústria e Comércio Farmacêutico repudia esta provocação da multinacional Lilly aos trabalhadores e ao Governo Português e exige o total cumprimento da legislação em vigor como forma de defesa dos interesses dos trabalhadores e como processo elementar de fazer respeitar a independência nacional.

O governo terá que, de forma enérgica, obrigar ao cumprimento das suas deliberações.

O Governo terá que defender o cumprimento da legislação em vigor.

O Governo deverá defender os trabalhadores.

NÃO AOS DESPEDIMENTOS

Lisboa, 2 de Setembro de 1976

Pela Comissão Sindical

Pela Direcção do STICF

MOÇÃO

Em Assembleia de Delegados Sindicais (aberta às Comissões de Trabalhadores) especificamente convocada para analisar o caso Lilly-Farmoquímica Indiana, Ld.ª nomeadamente a tentativa de despedimento colectivo de 15 trabalhadores por parte desta multinacional em provocante violação da legislação em vigor e do despacho emitido pela Secretaria de Estado da População e Emprego que proibiu tal despedimento, os delegados sindicais e comissões de trabalhadores reunidos em 3 de Setembro deliberam:

1 — Não reconhecer o despedimento colectivo que é arbitrário e ilegal.
2 — Exigir o cumprimento do despacho da S.E.P.E. e o pagamento dos salários em atraso.
3 — Repudiar a manobra da entida patronal que, para além do despedimento. pretende criar condições de desestabilização e facilitar a recuperação capitalista.
4 — Manifestar toda a sua solidariedade para com os trabalhadores vítimas desta prepotência e ilegalidade.
5 — Apelar à solidariedade e unidade activa dos trabalhadores da Indústria e Comércio Farmacêuticos em torno da defesa do direito ao trabalho.
6 — Alertar os camaradas da Lilly não atingidos pelo despedimento para a inecessantemente ilegal actuação da Administração da Empresa a qual poderá tentar provocar novos despedimentos.
7 — Apoiar as iniciativas da Direcção do Sindicato tendo em vista a defesa dos interesses dos trabalhadores da Lilly.

Esta moção deve ser enviada aos associados e publicada nos órgãos de Informação.
Aprovada por Aclamação.

Lisboa, 3 de Setembro de 1976

Geral

Portos vão ser melhorados

A primeira fase das obras de desenvolvimento do porto de Viana do Castelo, cuja adjudicação foi já aprovada em Conselho de Ministros, orçará em cerca de 440 mil contos e durará quatro anos.

Consistindo na construção de um molhe exterior de 2.100 metros, esta obra irá permitir não só um desenvolvimento das instalações como um consequente aumento da capacidade comercial e pesqueira do porto, possibilitando ainda uma expansão dos estaleiros navais de Viana do Castelo.

Por outro lado espera-se que num prazo de 10 anos o porto daquela cidade possa atingir cerca de um milhão de toneladas anuais, em vez das 100.000 toneladas realizadas no ano passado.

Entretanto também já estão adjudicadas as obras do porto interior de Portimão, o prolongamento do cais comercial n.º 5 de Setúbal e melhoramentos no porto do Funchal, num montante de 350 mil contos, enquanto que, em concurso ou em vias de adjudicação e num total de 550 mil contos, se encontram os portos da ilha do Pico, cais de abrigo da Baleeira (Sagres), e as instalações portuárias interiores de Peniche, estas últimas já em estudo pelo Governo.

Por outro lado, em resultado de obras de anos anteriores prosseguem os trabalhos da primeira fase de construção do porto interior da Póvoa do Varzim e o alargamento da desembocadura do Guadiana, esta feita em colaboração com as autoridades espanholas. Em bias de conclusão encontram-se ainda a construção da doca seca no porto de Aveiro e a primeira fase do porto de recreio de Caminha.

O P.P.M. e as autarquias locais

Culminando uma série de reuniões que tem promovido com os órgãos de Informação, o PPM deu ontem uma conferência de Imprensa em que tornou públicas as posições que defende no que respeita às eleições para as autarquias locais.

Segundo afirmou o eng.º Gonçalo Ribeiro Teles, ex-secretário de Estado do Ambiente, o PPM defende como estratégia política que as eleições para as autarquias são de cariz diferente das restantes, pelo que não devem incidir sobre a escolha de um partido, mas sim de cidadãos que se mostrem competentes para defender os interesses locais. Por essa razão, o PPM apoiará listas de cidadãos independentes «que sejam alheios às manobras antidemocráticas das frentes ou dos movimentos políticos que se dizem suprapartidários», as listas de partidos coligados em que participem membros do PPM, ou, ainda, listas de coligação em que o PPM não participe.

No que se refere à legislação eleitoral, o PPM pensa que a capacidade eleitoral deve pertencer a todos os cidadãos que vivam ou trabalhem numa determinada freguesia, devemdo por isso existir um recenseamento autónomo para as eleições das autarquias. Ainda segundo foi divulgado, o PPM pensa que devaá bastar a assinatura dos candidatos para a aceitação de listas, restringindo-se assim o número de proponentes exigido na lei.

A terminar a reunião, os dirigentes do PPM reafirmaram que não concordam com a possibilidade de assembleias distritais serem eleitas no próximo mês de Dezembro.

SEIS MESES DEPOIS...
Ligações aéreas Portugal-Venezuela inauguradas este mês

Cerca de seis meses depois de se terem iniciado as carreiras da TAP para a Venezuela, efectua-se no próximo dia dezoito a viagem inaugural, que decorrerá até ao dia 22, figurando como convidados, entre outros, três membros do Conselho de Revolução, o ministro dos Transportes e Comunicações, dr. Rui Vilar, e o secretário de Estado da Emigração, dr. João Lima.

Segundo o embaixador da Venezuela em Portugal, Alfredo Baldó, na viagem inaugural Caracas-Lisboa a efectuar pela companhia aérea venezuelana, de 25 a 28 do corrente mês, viajarão como convidados o governador de Caracas, dr. Diego Arria, o presidente da Corporação Venezuelana de Turismo e o presidente da Corporação Venezuelana de Desenvolvimento.

Recorda-se que também a companhia aérea venezuelana se encontra a efectuar carreiras para Lisboa há vários meses.

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

O céu estava pouco nublado. O vento era fraco e havia neblina junto à costa a norte do Cabo Espichel.

TEMPERATURAS EXTREMAS

ALVALADE
Máxima..... 29,5º
RÉGUA
Mínima 7,5º

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu pouco nublado, podendo apresentar-se muito nublado durante a madrugada e a manhã junto ao litoral a norte do Cabo Mondego. Vento fraco, neblinas ou nevoeiros matinais junto à costa a norte do cabo Espichel

TEMPERATURAS DO AR 09.00 H.

PORTO	19º
P. DOURADAS	—
COIMBRA	21º
PORTALEGRE	22º
LISBOA	20º
FARO	25º
FUNCHAL	24º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
3.13	4,0 m	8.50	1,1 m
15.28	4,2 m	21.14	0,9 m
Dia 8			
3.41	4,1 m	9.25	1,0 m
16.06	4,3 m	21.46	0,9 m
Dia 9			
4.27	4,1 m	9.58	0,9 m
16.42	4,3 m	22.17	0,9 m

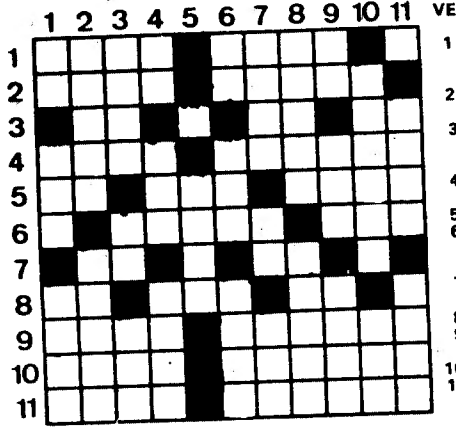
AMANHÃ

NASCER ÁS 7.12
OCASO ÁS 19.56

DIA 8 DIA 16 DIA 23 DIA 30

Palavras cruzadas
COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11464



HORIZONTAIS:

1 Aquele que. Cousa nenhuma.
2 Tecido forte de linho ou algodão. Pães de milho.
3 Brisa. Erbio (s.q). Artigo definido.
4 Anual. Versejava.
5 Laço. Agarrei. Prender com elos.
6 Caracol de cabelo. Cólera.
7 Moderato. Apelido.
8 Pronome pessoal. Executa. Letra grega.
9 Cidade do Perú. Venerar.
10 Ilha de Coral que forma um anel mais ou menos contínuo. Município.
11 Bebida do Perú. Aves repadoras.

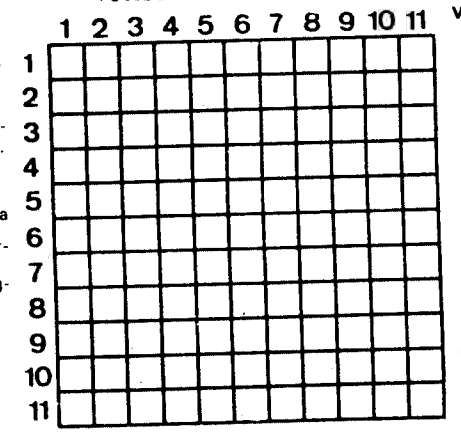
VERTICAIS:

1 Quanto baste. Espaço de doze meses. Pronome pessoal.
2 Nome de planeta. Em excesso.
3 Espécie de gato bravo. Medida japonesa igual a dois decilitros. Maior.
4 Milímetro. Pátria. Exprime por palavras.
5 O mesmo que xiva.
6 Note bem. Sistema montanhoso de Marrocos. O mesmo que zaco.
7 Lavrei. Artigo definido. Oferecer.
8 Descansa. Perfume.
9 Autores. Naquele lugar. Rezar.
10 Batera. Pedra de altar.
11 Nome de mulher. Sulcas a terra.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7624



HORIZONTAIS:

1 Ave galinácea de África. Leitos.
2 Cidade da Argélia. Ócio.
3 Em as. Amimar
4 Estrépito de desmoramento. Serra de Portugal. Miriare.
5 Estacionar. Viração.
6 Rompe. Retoca.
7 Terceiro. Que goza de boa saúde.
8 Artigo definido. Rio de Portugal. Erbio (s.q).
9 Redimis. Prefixo que designa três.
10 Branda. Irmão de Abel.
11 Vencem (fig). Tépida.

VERTICAIS:

1 Distinções.
2 O mesmo que airo. Suspiros. Pronome pessoal.
3 Em as. Letra grega. Chefe etíope.
4 Medida japonesa igual a dois decilitros. Página. Erra.
5 Encaras. Pronome pessoal.
6 Casa de campo. Transfere para outro dia.
7 Colegas.
8 Escrava egípcia de Abraão. Coisa muito ténue. Cobalto (s.q.).
9 Oceano. Dá mios. Espécie de pandeiro usado no N. de África.
10 Aparência. Ilha inglesa no mar da Irlanda. A Irlanda.
11 Falha. Montão.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11463

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 NÃO. Nuca. HÁ.	1 Nas. BONITA.
2 Animo. Anual.	2 Amares. Ripa.
3 Saro. Arma.	3 Oire. Citar.
4 Rera. Mora.	4 Mor. Arai.
5 Bem. Use. Ada.	5 Nó. Autos. Be.
6 Os. Atela. Am.	6 SEM. Pag.
7 Cromais.	7 Cá. Melão. Ua.
8 Irias. Orear.	8 Anão. Airó.
9 Titi. Onda.	9 Urra. SENÃO.
10 Apa. Baú. Ais.	10 Hamadã. Adiu.
11 Arregalou.	11 Ala. Amaras.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7623

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Tróia. Maçam.	1 Talão. Asado.
2 Aotos. Abate.	2 Roía. Cravos.
3 Lia. Nós.	3 Otária. Lias.
4 Aarão. Metes.	4 Io. Ami. Aaro.
5 Imitira.	5 As. Oiro. Ras.
6 Cair. Gama.	6 VA.
7 Ar. Ova. Dá.	7 Ma. Miga. Bar.
8 Sala. Pior.	8 Ab. Era. Porá.
9 Aviar. Borre.	9 Cantam. Irem.
10 Doara. Arena.	10 Atoe. Adorna.
11 Ossos. Ramal.	11 Messe. Areal.

PROVERBIO: Não há bonita sem senão

PUB

COMUNICADO

O QUE FAZ CORRER A COMISSÃO DE GESTÃO DA SANIMAR?

Numa altura em que os trabalhadores começavam a ultrapassar muitas das suas dificuldades e divergências, a Comissão de Gestão da SANIMAR, resolve iniciar a repressão e a ameaçar os trabalhadores e os seus representantes.

Sem qualquer motivo dá ordem de suspensão a um membro da CT.

Para se intrometerem nos assuntos que apenas aos trabalhadores dizem respeito mandam vir cerca de 100 soldados da GNR para «proteger» pouco mais de 30 dos cerca de 300 trabalhadores da empresa.

Coagem os trabalhadores, ameaçando-os com a intervenção da GNR ali presente, a declarar que não farão greve ou por qualquer outra forma deixarão de lutar pelos seus direitos.

Em todos os locais onde se encontrem, os senhores da Comissão de Gestão despeiam ameaças de suspensão.

Seria interminável o rol de provocações e desrespeito pela Lei e os mais elementares direitos dos trabalhadores, cometidos pela Comissão de Gestão nas pessoas de CMDT Marrecas Ferreira, Major Mariz Fernandes e Jansen Verdades. A nós trabalhadores, mais do que inventariar provocações, interessa-nos ver o que está por trás de tudo isto.

Será preparar o caminho ao regresso do «patrão» Virgílio Claudino Esteves?

Será que pretendem eliminar todos os trabalhadores que mais se destacaram na luta em defesa dos direitos dos mesmos?

Será preparar o caminho à suspensão dos trabalhadores que compuseram a anterior Comissão de Gestão?

Qual a próxima suspensão?

Os trabalhadores da Sanimar não toleram tais provocações. Há no entanto que reforçar a nossa unidade e ultrapassar mais esta crise provocada pelo Virgílio Claudino Esteves ou por quem está interessado no regresso deste sabotador.

Lisboa, 6 de Setembro de 1976

Pel'A COMISSÃO DE TRABALHADORES
Arnaldo Garcia Oliveira Canelas

BARES · BOITES
RESTAURANTES TÍPICOS
DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13, (Tel. 364859, 368197).**

CASINO DO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **T. 264621/264946.**

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO D-1

ATÉ ÀS 22 HORAS

AJUDA
Moura, Travessa da Memória, 55 (Telf. 630944).
ALTO PINA
Ibéria, Rua Barão de Sabrosa, 235-A (à Alameda) (Telf. 728277).
AMOREIRAS
Britânica, Travessa Légua da Póvoa 5-B (Telf. 689250).
AREEIRO
Imperial, Avenida Guerra Junqueiro, 30-B (Telf. 726860).
AVENIDAS NOVAS
Figueiras, Av. Marquês de Tomar, 20-22 (Telf. 44995).
BAIRRO DAS COLÓNIAS
Higiénica, Rua Heliodoro Salgado, 20-A (Telf. 344361)
BAIXA
Oliviera, R. da Prata, 240 (Telf. 321415).
BENFICA
Lisboa, Rua Cláudio Nunes, 73-A (Telf. 703393).
LAPA
Silva, Filhos, Rua S. João da Mata, 72 (Telf. 661010).
LUMIAR
Patuleia, Alameda das Linhas de Torres, 262-B (Telf. 790332).
OLIVAIS SUL
Nova dos Olivais, Rua Manhica, lote 469 (Telf. 316402).

TURNO D-2

TODA A NOITE

ALTO DE S. JOÃO
Dalton, Avenida Mouzinho de Albuquerque, 7-A (à Praça Paiva Couceiro) (Telf.843571).
ALVALADE
S. João de Deus, Rua Pedro Ivo, 1-A (Telf. 725140);
Cartaxo, Avenida da Igreja 21-C (Telf. 717958).
ANJOS
Castro, Avenida Almirante Reis, 76-A (Telf. 821973).
AREEIRO
Miranda, Campo Pequeno, 36-B (à Avenida Sacadura Cabral) (Telf. 770776).
AVENIDA DA LIBERDADE
Fernandes, Rua de S. José 187 (Telf. 326476).
AVENIDAS NOVAS
Universal, Rua Actor Taborda, 5 (Telf. 44158).
BELÉM
Botânica, Rua da Junqueira, 38 (Telf. 638132).
BENFICA
Alegria, Estrada de Benfica, 180-A (Telf. 780511).
CAMPOLIDE
Rualto Lda., Alto do Carvalhão, 5-A (junto ao Aqueduto das Águas Livres) (Telf. 651721).
CAMPO DE OURIQUE
Castro Fonseca, Rua 4 de Infantaria, 28-A (Telf. 688857).
MARVILA
Grijó, Rua do Grilo, 25 (Telf. 385264).
MOURARIA
Bastos Andrade, Calçada de Santo André, 107 (Telf. 860450).
S. BENTO
S. Bento, Rua Poiais de S. Bento, 73 (Telf. 679673).

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca, R.Elias Garcia, 209 (T.932485); **Lama**, R.Elias Garcia, 78-B (T.932485); **Confiança**, Av. D.Nuno Álvares Pereira, 15-A (T.938149)
DAMAIA
Damaia, P.Alexandre Gusmão, 9-A (T.970523)
VENDA NOVA
Nova, R.Elias Garcia, 10 (T.972530)
QUELUZ
Zeller, R.da República, 83 (T.950045)
CACÉM
Guerra Rico, Agualva
MEM MARTINS
Miranda Garcia, E.de Mem Martins, 173-B
S.PEDRO DE SINTRA
Valnetim (T.980456)
SINTRA
Simões, Estefânia (T.2930832)
COLARES
Abreja (T.299088)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miraflores, R.António Granjo, 2 (T.2113161)
CAXIAS
Nova, R.Bernardim Ribeiro, 1-A (T.242839)
OEIRAS
Central, R.Conde Ferreira, 29 (T.2430058)
NOVA OEIRAS
Leal
S. DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira, Av. Sabóia, 29-B (T.260085)
PAREDE
Grincho, Av. da República, 87 (T.2471204)
S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, R.9 de Abril, 24 (T.263052)
ESTORIL
Marques dos Santos, R.Ferreira J.A., 15 (T.260116)
MONTE ESTORIL
Ostende, R.de Espinho, 1 (T.260391)
CASCAIS
Cordeiro, Av. C.G.Guerra, 40 (T.280170/281419); **Nova**, E.de Alvide, Fontaínhas (T281044)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L.Coronel Ramos da Costa, 10 (T.234137)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R.Cândido dos Reis, 30 (T.204020)
ALMADA
Algarve, R.Fernão Lopes, 1 (T.2750271)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, E.Nacional, 178-B (T.2040302)
BARREIRO
Soares, Av. da República, 1 (T.2073023)
COVA DA PIEDADE
Atlântico, R.Padre Manuel Bernardes (T.2764466)
MOITA
União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T.239025)
MONTIJO
Moderna, R.Bulhão Pato, 60 (T.2310156)
SESIMBRA
Leão, Av. da Liberdade, 13 (T.22334711)
SETÚBAL
Higiene, R.Frei Agostinho da Cruz (T.22408); **Portugal**, R.Camilo Castelo Branco (T.23211)
SEIXAL
Soromenho, R.Paiva Coelho, 38 (T.2218560)

PORTO

TURNO 19

ATÉ ÀS 22 HORAS

Alves da Silva, Av. da Boavista, 1016; **Azevedo**, R.d Azevedo, 136; **Gomes Ferreira**, R.Faria Guimarães, 449; **Antas**, Av. Fernão de Magalhães, 1076; **Antiga Porta do Olival**, Campo Mártires da Pátria, 122; **Falcão**, R.de Santo Ildefonso, 61; **Lousada**, L.do Campo Lindo, 62

TODA A NOITE

Ferreira, P.D.Afonso V, 55-B; **Ordem da Trindade**, R.Heróis e Mártires de Angola; **Confiança**, R.de Santa Catarina, 960; **Nau Vitória**, R.Nau Vitoria, 723

COIMBRA

Nazaré, Rua Ferreira Borges, 135 (Telf. 22605);
Santa Isabel, Av. Sá da Bandeira, 28 (Telf. 24916);
Solum, Rua Carolina Michaelis, 20 (Telf. 72120).

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

ADOQUE
20.30 e 22.30 (18 anos)
«A Grande Cegada»

MARIA MATOS 21.30 (18 anos)
«O Director da Ópera»

MONUMENTAL
21.15 (13 anos)
«As coisas que o padre faz»

TEATRO ABERTO
21.15 (13 anos)
«O Círculo de Giz Caucasiano»

TEATRO VASCO SANTANA
21.30 (13 anos)
«Fanshen»

LISBOA/Cinemas

SATÉLITE
19.00 e 21.15 (13 anos)
«EramosDeusesAstronautas?»

CINEBOLSO
19.00 e 21.30 (18 anos)
«Salão Elizabeth»

PRAIS
21.00 (18 anos)
«As francesas e as gaivotas»

PROMOTORA
21.15 (13 anos)
«S.P.Y.S. Espiões»

JARDIM
21.15 (18 anos)
«Curandeiro de Alcova»

OLÍMPIA
21.00 (18 anos)
«Massacre em Roma»

EUROPA
21.30 (13 anos)
«Os canhões de Navarone»

CAPITÓLIO
20.30 e 22 (18 anos)
«Garganta Funda»

LUMIAR
21.15 (18 anos)
«Os homens nascem iguais»

RESTELO
21.00 (13 anos)
«Pato com laranja»

CALEIDOSCÓPIO
21.00 (13 anos)
«E Tudo o vento levou»

CINEARTE
21.15 (18 anos)
«As Insaciáveis»

RESTELO
21.00 (13 anos)
«Pato Com Laranja»

RIVOLI
21.15 (13 anos)
«O Último Adeus»

TRINDADE
21.15 (18 anos)
«História d'O»

S. JOÃO
21.15 (18 anos)
«História d'O»

VALE FORMOSO
21.15 (18 anos)
«Sexo-Porno»

BATALHA BEBÉ
21.30 (13 anos)
«Os violinos do Baile»

COLISEU
21.30 (13 anos)
«Bobby»

ESTÚDIO FOCO
21.15 (18 anos)
«Chove em Santigao»

ESTÚDIO
21.15 (18 anos)
«Restos de um Pecado»

BATALHA
21.15 (18 anos)
«Os Inocentes de Mãos Sujas»

CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«História de um Pecado»

OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«Mr. Hércules Contra Karate»

JÚLIO DINIS
21.15 (6 anos)
«Os Malucos Vão à Guerra»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Lido
21.15 (18 anos)
«Emmanuelle, a Anti-Virgem»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.15 (18 anos)
«A Espada Invencível»

OUTRA BANDA

Incrível
21.15 (18 anos)
«Disto é que eu Gosto»

ALMADA
Academia
21.15 (18 anos)
«Camille»

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (18 anos)
«Caça Grossa»

PORTO/Cinemas

PASSOS MANUEL
21.15 (13 anos)
«Trinitá cow-boy insolente»

SÁ DA BANDEIRA
22.00 (18 anos)
«Garganta Funda»

ÁGUIA DE OURO
21.30 (13 anos)
«Passado Inesquecível»

COIMBRA

S.TEOTÓNIO
21.15 (18 anos)
«Um Toque de Classe»

AVENIDA
21.15 (18 anos)
«Loucura Sexual»

GIL VICENTE
21.15 (13 anos)
«Caça ao Canudo»

cinemas

CASTIL
Tel.630194 15.00, 17.00, 19.00, 21.15
Se gostou da Helga não perca
MICHAEL E HELGA
c/ Ruth Gassmann, Felix Franchi
Não acons. menores 13 anos

IMPÉRIO
Tele. 555134/5 15.15, 18.30, 21.15
O filme imortal que lançou Barbra Streisand!
FUNNY GIRL
(Uma rapariga endiabrada)
com Omar Shariff
Um filme de William Wyler
Óscar melhor actriz — 70 mm écran gigante
Grupo C 14 anos

POLITEAMA
Tel. 323805 14.15, 16.30, 19.00, 21.30
Interdito a menores 18 anos
3.ª semana — lotação esgotada
ÊXTASE SEXUAL DE MACUMBA
ESTE FILME PODE SER CONSIDERADO PORNOGRÁFICO

ROMA
Tel. 727778 15.30, 18.30, 21.15
Não acons. menores 18 anos
HITOIRE D'O
2.ª semana
com Corine Glery, Udo Kier

MUNDIAL
Tel. 538743 15.15, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
SALÓ OU OS 120 DIAS DE SODOMA
Contém cenas eventualmente chocantes

D. JOÃO V — DAMAIA
Tel. 971794 21.15
Grupo B M. 10 anos
O PISTOLEIRO DESIGNADO POR DEUS

PALÁCIO FOZ
Cinema de animação
Filmes da
Pantera-Cor-de-Rosa
Sessões: 15.00, 18.00 e 21.00
Bilhetes: Esc.: 5$00
Iniciativa da Direcção-Geral de Acção Cultural

CALEIDOSCÓPIO
Tel. 795093 15.00, 21.00
Não acons. a menores de 13 anos
Uma história imortal!
um filme eterno!
E TUDO O VENTO LEVOU
com Clark Gable, Vivien Leigh, Leslie Howard
14.ª semana

EDEN
Tel. 320768 14.00, 16.30, 19, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
O primeiro grande filme de artes marciais e terror!
KUNG FU CONTRA OS 7 AMPIROS DE OURO
um filme de Roy Ward Baker

ODEON
Tel. 326283 15.15, 18.15, 21.15
Maiores de 14 anos
4.ª SEMANA DE ENCHENTES
Um filme que revive o drama das mães solteiras
O DIREITO DE NASCER
com Aurora Bautista e Julio Aleman
5.ª SEMANA DE ENCHENTES

APOLO 70
Tel. 763311 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. menores 18 anos
YAKUZA
4.ª semana
Hoje às 24 h (Grupo D m/18 anos)
O TRUNFO É PERDER

CASINO ESTORIL
Tel. 264521/264996 17.00, 21.15
Não acons. menores de 13 anos
DELÍCIAS FRANCESAS

S. JORGE
Tel. 554153 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. menores de 13 anos
George C. Scott
E TUVO O BANCO LEVOU
(Bank Shot) Colorido-Panavision

RESTELO
Tel. 610376 21.00
Interdito a menores de 13 anos
PATO COM LARANJA

AVIS
Tel. 47163 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
17.ª semana
BOBBY
A projecção do filme começa 5 minutos após os horários

ESTÚDIO
Tel. 535134 15.30 18.30 e 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
A INTENTONA
(O 6 de Julho)
Um grande documento histórico

ESTÚDIO 444
Tel. 779095 21.15
Interdito a menores de 18 anos
EMMANUELLE A ANTIVIRGEM
16.ª Semana

CARLOS MANUEL — SINTRA
Tel. 2930304 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
ABUTRES NA CIDADE

UNIV[illegible]L
Tel. 774402 [illegible]30, 20.30
CICLO EISENS[illegible] de Setembro a 8 d[illegible] inclusive)
14.30 (não [illegible] anos)
16.30, 22.30 [illegible] anos)
O[illegible]
20.3[illegible]
A LIN[illegible]
Dia [illegible]
Interdito [illegible]os
IREI COMO U[illegible] **OUCO**

[illegible]
Tel. 32252314 [illegible] 21.15
Não acons. [illegible]
A MULHE[illegible] **CA**[illegible]
Com Ma[illegible]

BE[illegible]
Tel. 776098 15 [illegible], 21.15
Não acons. a [illegible] 13 anos
Treine-os! [illegible]ne-os! ... Largue-os [illegible] nazi!
DOZE INDOM[illegible] **PATIFES**
um filme de [illegible] Aldrich
3[illegible]

LON[illegible]
Tel. 801313 14.00, 16[illegible] 18.45, 21.15
Não acons. a m[illegible] de 18 anos
O filme de I[illegible] Bergman
O AMANTE
(The [illegible])
com Bibi Anders[illegible] e Eliott Goul

ROXY
Tel. 48550 14.15, 16.3[illegible], 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
Edwige Senech em
A ESPOSA VIRGEM
com Carol Baker

TIVOLI
Tel. 570595 15.15, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
2.ª Semana
HISTOIRE D'O
Com Corine Clery, Udo Kier, Anthony Steel

ALVALADE
Tel. 897480 15.00, 18.00, 21.15
Para todos
O ESTRAVAGANTE DR. DOLITLE
O super espectáculo das férias em 70 mm

PATHÉ
Tel. 821933
14.15, 16.30, 18.45, 21.15, 24.00
Interdito a menores de 18 anos
O amor para além dos corpos
HISTOIRE D'O
2.ª semana
Com Corine Clerv, Udo Kier, Anthony Steel, Jean Gaven

NIMAS
Tel. 574313/574313
14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores 18 anos
8.ª Semana de lotações esgotadas
CHOVE EM SANTIAGO
O Chile de Allende a Pinochet

1.º Programa
16.00: Música variada; **17.00**: Canções da Europa; **17.30**: Conjuntos; **18.00**: Música portuguesa **18.30**: A casa e a vida, por Aquilino Ribeiro; **19.00**: Pemas e poetas, por Hermínia Tojal — música variada; **20.00**: Jornal da noite; **20.30**: Melodias; **21.00**: Contraponto — editorial; **24.00**: Fecho.

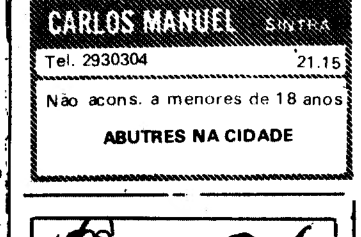
2.º Programa
15.45: Música coral sinfónica; **17.15**: Intercâmbio musical; **17.50**: Música sinfónica; **18.50**: Músicos célebres; **20.00**: Orquestras de câmara; **21.00**: Música sinfónica; **22.00**: Música de piano; **22.30**: O gosto pela música, pelo dr. João de Freitas Branco; **23.00**: «Missa de Requiem», em ré menor, K. 626, de Mozart; **23.58**: Música de órgão; **00.12**: Música sinfónica; **01.00**: Fecho.

3.º Programa
Nacional e Regional (294 m)
16.00: Emissão nacional — variante; **16.15**: Casos ao acaso, por Orlando Dias Agudo (repetição); **16.40**: Disco... rendo, por Bnernardo Brito e Cunha; **17.10**: Vamos ao médico, pelo dr. José Matildes; **17.30**: Cinema em variante, por Carlos Pina; **18.00**: Contacto; **21.00**: Música, só música; **21.30**: Quando o telefone toca; **23.03**: Nocturno; **23.06**: Novas de alegria; **00.00**: Emissão nacional; **01.00**: Emissão nacional; **02.00**: Fecho.

3.º Programa
Local (187,5 m)
16.00: Emissão nacional; **18.00**: Entardecer — de vez em quando; **19.30**: Romance de uma cidade; **20.00**: Cartas a ninguém; **21.00**: Fecho.

4.º Programama
16.00: Música variada; **17.00**: Canções; **18.00**: Apenas música; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Orquestras; **21.00**: Concerto; **22.00**: Auditório; **24.00**: Prisma: **02.00**: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA
16.05: Sequência da tarde; **18.05**: Trechos seleccionados; **18.15**: Igreja em notícia — palavra do dia; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Programa da Liga dos Amigos de Rádio renascença; **20.00**: Objectivo; **21.05**: Pentagrama; **21.30**: Ao encontro da grande música; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Temas vivos; **23.05**: Trifónico; **23.30**: Conheça e defenda a arte da sua terra; **00.00**: Meditando; **02.00**: Fecho.



DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

COINCIDINDO COM A POSSE DE LINO MIGUEL

Içada a bandeira da Flama no aeroporto do Funchal

. FUNCHAL, 7 — A bandeira azul e amarela da organização separatista FLAMA, estava esta manhã içada na placa de estacionamento do aeroporto de Santa Catarina, no Funchal.

Cerca das 9 horas (locais) a bandeira dos independistas ainda ali se encontrava, «hasteada» no alto poste de uma armação normalmente usada no trabalho de substituição de lâmpadas de iluminação da zona.

Trata-se de uma bandeira de grandes proporções, semelhante àquela que foi içada, há tempos, no Palácio de S. Lourenço.

Supõe-se que a nova proeza dos separatistas da Flama tenha sido levada a cabo ontem à noite. Foi aliás notada a presença de três indivíduos suspeitos a rondar o local. Porém, nada fazia prever a sua intenção de ali colocarem a bandeira da «Frente de Libertação do Arquipélago da Madeira».

Tudo indica que os separatistas pretendem «marcar posição» justamente no dia em que o Presidente da República conferiu posse ao primeiro Ministro da República desta região autónoma.

AÇORES

Ciclone mais forte em Ponta Delgada

. PONTA DELGADA, 7 — Milhares de contos de prejuízo é o balanço da passagem do ciclone «Frances» pelo arquipélago açoriano. Os estragos centraram-se sobretudo em Ponta Delgada, mas podem notar-se noutras ilhas dos Grupos Ocidental (Flores e Corvo) e Central (Faial, Pico, S. Jorge, Terceira e Graciosa), igualmente situadas na zona de influência do ciclone.

Nesta cidade de Ponta Delgada o «Frances» provocou vagas alterosas que galgaram o cais, danificaram a estrutura da doca destruiram guindastes, cargas e veículos e ainda arrastaram dois homens para o mar e que só a muito custo conseguiram salvar-se, sendo recolhidos por um navio. As vagas chegaram a atingir, na região, a altura de seis metros.

Segundo as últimas informações meteorológicas o ciclone já se encontra longe dos Açores, para norte, e com tendência a perder actividade.

EXPLOSÃO DE UM AUTOTANQUE

Chamas e pânico em Estarreja

● 27 feridos

. ESTARREJA, 7 — Um autotanque carregado com 38 mil litros de gasolina, que ontem explodiu perto desta vila, causou ferimentos em 27 pessoas, e prejuízos calculados em cerca de oito mil contos. O acidente deu-se na sequência de um despiste, devido a ter falhado o sistema de direcção do autotanque, que foi embater num poste de electricidade.

Eram cerca das 15 horas de ontem quando o autotanque, conduzido por Carlos Oliveira Rebelo, de 44 anos, residente da Povoa de Baixo, embateu no poste, derrubando-o. O curto circuito verificado nessa altura provocou de imediato um incêndio gigantesco que em pouco tempo destruiu o autotanque e um outro veículo pertencente a um médico que se encontrava a prestar assistência a um doente de um prédio das proximidades.

O incêndio do autotanque não se limitou à estrada, pois as casas vizinhas foram atingidas pelas chamas gigantescas que eram alimentadas por 38.000 mil litros de gasolina. Em poucos momentos e segundo as testemunhas, o local transformou-se num mar de chamas difícil de combater. Com efeito as mais variadas corporações de bombeiros que acorreram ao local, tiveram seis horas de angústia e de luta para dominar um incêndio que lhes causou 25 feridos dos quais alguns em estado grave.

Na luta contra o fogo participaram, para além dos bombeiros, dois aviões e um elicóptero da Base Aérea de S. Jacinto, bem como alguns populares preocupados com um incêndio que ameaçava de hora a hora as suas casas. Só às 21 horas é que o fogo conseguiu ser dominado não sem que às 17 e 40, e às 20 horas se tivessem registado duas explosões causadas pelo rebentamento das válvulas de segurança do camião cisterna.

Dos dólares às bombas

Continuação da pág. 1

Entretanto, e para além do Guilherme da Silva Lopes, cujo paradeiro poderá ser um país da América do Sul, donde lhe será mais fácil fazer saques sobre bancos suiços, há outros seis falsários a monte: Manuel da Silva Lopes (irmão do Guilherme) de 45 anos, natural de Canedo do Mato, Mangualde, e e também retornado de Angola; Mário Jorge Mendes Jacinto, 34 anos, natural de Lisboa, S. Sebastião da Pedreira; Filinto José Pereira Anastácio, 38 anos, natural de Azinhal, Castro Marim; João António Gonçalves Pacheco, de 40 anos, natural de Vila Real de Santo António, e Maria Henriqueta Argas Garcia Trigo Moura Belo, 36, natural de Lisboa, S. Sebastião da Pedreira.

Os pedidos de captura foram difundidos através da Interpol, com pedido de extradição.

MOTA FREITAS ALERTAVA OS BOMBISTAS

Enquanto o povo continua esperançado no prosseguimento das investigações sobre a rede terrorista, «até às últimas consequências» — apesar dos vários mandados de captura por cumprir, por terem chegado «atrasados» — novos pormenores chegam ao nosso conhecimento. É o caso dos avisos prévios das operações «stop» mandados pelo comandante da P.S.P. do Porto, major Mota Freitas, ao principal executante-bombista, Ramiro Correia.

Mota Freitas prevenia o seu «súbdito» não só dos locais como até das horas em que iriam decorrer as operações, não fosse algum imprevisto virar o balde... Tudo isto, não obstante as palavras do comandante manifestando empenho em dar caça aos terroristas.

Os factos revelam que a engrenagem estava bem montada. Como nos disseram nos meios próximos dos investigadores, «o major Mota Freitas devia estar bem apoiado». Esperemos que tais apoios não continuem no «segredo dos deuses».

Guilherme da Silva Lopes: de «Rei de Malange» a falsário

Sabe-se também que de entre as bombas imputadas aos detidos, algumas delas terão sido ordenadas por questões pessoais sem que, portanto, resultassem de um plano previamente elaborado pelos «comandos» terroristas. Neste caso se situam algumas das ordens dadas pelo industrial Abílio de Oliveira aos seus mandados. A propósito, soubemos que chegaram a esboçar-se recusas por parte dos executantes por tais ordens não terem a chancela **competente** (ELP/MDLP).

Quanto ao ambiente de segurança e confiança que reinava entre os terroristas, sabemos que a euforia era grande, nomeadamente antes das eleições para a Assembleia da República. Pormenor curioso para ilustrar esta euforia: pouco tempo após a prisão dos assaltantes da «Standard Eléctrica» — um dos braços da rede terrorista — Gonçalo Gonçalves Martins, actualmente em Caias, «prometeu» a um dos assaltantes (o José Luis, que foi da F.N.L.A.) que daí a um mês iriam jantar juntos... Estávamos em Março.

Recorde-se que José Cruz Oliveira da Silva (José Luís como é conhecido) detido em Fevereiro na Póvoa do Varzim, é apontado como o intermediário de um negócio de armas, que não se terá chegado a fazer, entre Gonçalo G.Martins (indigitado pelo C.D.S. para concorrer à presidência da Câmara de Ponte de Lima) e um engenheiro hospedado no Hotel Penta em Lisboa.

A EXPLOSÃO DE MONSANTO

Entretanto, a notícia que publicámos na nossa edição de ontem, relacionada com o possível desaparecimento do processo dos bombistas que morreram na Serra de Monsanto, suscitou controvérsia em certos meios.

Novos contactos estabelecidos pelo «DL» com uma fonte de informação responsável, levam a concluir que, ligado à explosão de Monsanto, está ainda um indivíduo de Trancoso, «acima de toda a suspeita» e que na altura (26 de Setembro de 1975) se refugiou em Espanha.

Entretanto, o «ambiente» parece-lhe agora favorável, e o indivíduo em questão tem sido visto ultimamente, com certa frequência, em Trancoso.

Impasse na África Austral

Continuação da pág. 1

mesmo objectivo («mão de ouro»), o primeiro-ministro britânico, James Callaghan.

O secretário de Estado norte-americano tenciona regressar esta noite a Washington — e se os presidentes dos cinco países da Cimeira de Dar es-Salam concordarem, irá à África na próxima semana para dar início a uma campanha diplomática entre a África do Sul e os países vizinhos.

PROSSEGUE A CIMEIRA DE DAR-ES-SALAM

Contrastando com toda esta actividade de Henry Kissinger, cinco presidentes africanos continuavam ainda hoje reunidos em Dar-es-Salam, «tentando estabelecer a paz entre os nacionalistas negros desavindos da Rodésia e aguardando um emissário do secretário norte-americano de Estado.

Os cinco chefes de Estado que participam na Cimeira São Julius Nyerere (Tanzânia), KennethKaunda(Zâmbia),Seretse Khama (Botswana), Samora Machel (Moçambique) e Agostinho Neto (Angola).

Vorster e Kissinger terminam o encontro de Zurique. «Questões complicadas, mas alguns resultados frutíferos» — declararam ambos os estadistas aos jornalistas. Entretanto, prossegue a Cimeira de Dar-Es-Salam, com a aval da O.U.A., de cujas conclusões depende aida de Kissinger à África Austral

A Organização da Unidade Africana (O.U.A.) atribuíu aos cinco presidentes responsabilidade especial para tratarem da questão da Rodésia — a colónia dissidente britânica governada por uma minoria branca (Ian Smith).

Contudo, os interlocutores têm também debatido o futuro da Namíbia (Sudoeste Africano), que a África do Sul tem continuado a administrar, desafiando as Nações Unidas.

Três grupos rodesianos estão também representados na Cimeira: a facção interna, com sede em Salisbúria, do Conselho Nacional Africano (C.N.A.), dirigida por Joshua Nkomo; uma outra facção interna do C.N.A. chefiada pelo reverendo Sithols e o bispo Abel Muzorewa; e o Alto Comando dos guerreilheiros nacionalistas em luta dentro da Rodésia, designado, por vezes, por «Terceira Força».

A certa altura, às primeiras horas da manhã de hoje, os presidentes deixaram a sós todos os grupos rodesianos, aparentemente numa tentativa para resolução dos seus diferendos. A.S.W.A.P.O.(Namíbia) encontra-se igualmente presente, na pessoa dos respectivo presidente, Sam Nujoma.

Tratamento de lixo

. PORTO, 7 — Está em estudo a criação de uma nova central de tratamento de lixos ao sul do Douro para servir o Porto, prevendo-se ainda a ampliação da existente em Ermezinde (Fertor) cuja capacidade de trabalho já não abarca as necessidades actuais. Este problema foi tratado ontem durante uma reunião que os técnicos da Comissão Nacional de Ambiente tiveram com a Comissão Instaladora da Empresa Pública de Saneamento Básico, reunião que teve por objectivo acertar medidas de apoio àquela empresa pública nos domínios de abastecimento de água e ainda de esgotos e lixos.

Nota tome

ENTREVISTA

O coronel Lino Miguel, ontem empossado como ministro da República da Madeira, concedeu uma entrevista ao jornal «O Dia», que a publicou na sua edição do dia 6. Entrevistador: António Ramos, ex-ajudante-de-campo de António Spínola, ex-preso por alegadas implicações no «11 de Março».

Na biografia, que o entrevistador publica sobre o coronel Lino Miguel, dá-se a conhecer que «no difícil período da descolonização, foi nomeado promotor de Justiça do Tribunal especial do 11 de Março», e que «devido em grande parte à sua acção esclarecida e à sua perseverança, este tribunal acabou por ser extinto, uma vez demonstrada a sua ilegalidade».

OUTRO SANEAMENTO?

Corre com insistência nos serviços ligados à Direcção-Geral de Investigação e Protecção dos Recursos Aquáticos que o respectivo director Mário Ruivo, seria em breve afastado. (Saneamento? despedimento? rescisão do contrato? substituição?) Isto acontece precisamente quando Mário Ruivo se encontra ausente. Esta em Nova Iorque, na Conferência do Mar. É também nesta altura que aparece publicada no jornal «A Luta» uma extensa entrevista com o subdirector daqueles serviços, Rui Monteiro.

Será que o Governo (da «competência») ira prescindir dos serviços de um especialista internacionalmente conhecido e respeitado?

. Será algum favor que o Governo estará a fazer a organismos internacionais, como por exemplo a FAO, onde Mário Ruivo já trabalhou e onde, eventualmente, poderia arranjar novo emprego?

Vice-governador pede demissão

. O vice-governador civil de Lisboa, Maria Luísa Salinas pediu a demissão do seu cargo por considerar que «a orientação política definida pelo Governo quanto ao preenchimento de lugares de governadores civis não lhe permite continuar com a honestidade a desempenhar as suas funções».

Maria Luísa Salinas é, membro do PPD, e teria segundo a Anop, posto já o seu lugar à disposição do tenente-coronel Costa Brás, ministro da Administração Interna.

Carlos Azeredo

. Ao contrário da notícia publicada por um matutino do Porto, o tenente-coronel Carlos Azeredo não foi nomeado comandante do Regimento de Cavalaria do Porto.

O ex-comandante militar da Madeira apresentou-se ontem no Estado-Maior, encontrando-se o seu processo em despacho, o que poderá demorar ainda uns dias.

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA NO MÊS ANTERIOR: 46.796 EXS.